

anestesiada do gosto

le das de si-
memórias

cartas escritas experiências
escrita de si

LIVRO-CASA

travessia / somas

experiência

materialidades e materiais
antrópicos

que correm
a procura

de criação
de livros

como
lembanças

encontrando
permeabilidades / invenções

narrativas de si

can

lazer da
mão

Narrativas

livros

gesto

salva

idade

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Julio de Mesquita Filho”
Instituto de Artes – Campus São Paulo

CAMILA FELTRE

**Processo de criação de livros como
travessia/formação: encontrando
narrativas de si**

São Paulo

2022

CAMILA FELTRE

**Processo de criação de livros como
travessia/formação: encontrando
narrativas de si**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes, com a área de concentração em Arte e Educação, na linha de pesquisa Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural do Instituto de Artes Universidade Estadual Paulista (Unesp) como requisito parcial para obtenção do título de doutora em Artes, sob a orientação da Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho.

São Paulo

2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

F328p Feltre, Camila, 1988-

Processo de criação de livros como travessia formação:
encontrando narrativas de si / Camila Feltre. - São Paulo, 2022.

241 f.: il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rejane Galvão Coutinho

Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes

1. Livros de artistas. 2. Criação (Literária, artística, etc.). 3.
Comunicação escrita. 4. Artesanato. I. Coutinho, Rejane Galvão. II.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 741.64

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

CAMILA FELTRE

**Processo de criação de livros como
travessia/formação: encontrando narrativas de si**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes,
do Instituto de Artes da Unesp, como requisito parcial para
obtenção do título de doutora em Artes.

Tese aprovada em: 16/12/2022.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho
Instituto de Artes/Unesp – Orientadora

Profa. Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira
A Casa Tombada

Profa. Dra. Edith Derdyk
A Casa Tombada

Profa. Dra. Hanna Talita Gonçalves Pereira de Araújo
Universidade Federal do Acre

Profa. Dra. Priscila Leonel de Medeiros Pereira
Universidade de São Paulo

*Às minhas Maria(s),
mãe e filha*

AGRADECIMENTOS

Começo este texto ecoando com as vozes que estão comigo nesta jornada. Ou seja, as minhas palavras nada seriam, este trabalho não existiria se não contasse com o coletivo de pessoas que me acompanham, suas vozes, seus gestos, seus dizeres, seus olhares, suas vidas. Nada poderia dizer sobre um caminhar compartilhado sem referenciar minha mestra Rejane Coutinho, que me ensina sobre ser professora nos imensos e sutis gestos compartilhados nos momentos em que estamos juntas, sobre o que é uma orientação generosa, sua abertura em acolher os meus processos e inquietações e sua postura que tanto me inspira na busca como orientadora das e dos estudantes que tenho a alegria de acompanhar.

Agradeço imensamente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, pelo apoio com uma bolsa nesses quatro anos de doutorado, sem a qual seria muito difícil conciliar a pesquisa com a vida.

Esta escrita nada seria sem a voz de Luiza Christov, uma voz “desumbigada”, de uma escrita-experiência, que me encoraja a escrever em primeira pessoa e a fabular um texto acadêmico. Com quem eu tive a honra da companhia durante o mestrado e na banca de qualificação do doutorado.

Esta pesquisa acontece no constante fazer que tenho com a minha grande amiga Cristiane Rogerio, com quem compartilho a experiência de ser professora, de ser coordenadora, de criar diálogos com as e os estudantes, de inventar e reinventar um curso. Que me faz “re-apaixonar” pelos livros toda vez que abre um. Uma grande parceira que a vida me deu na caminhada que escolhi percorrer.

Agradeço à Ângela, companhia-presente que me convidou a olhar para a escrita como risco e ver o fazer livro como gesto. E que me abriu horizontes para pensar no meu próprio gesto como educadora, artista e pesquisadora, estando presente na minha banca de qualificação e de defesa da tese.

À Priscila Leonel, companheira de pesquisa e frutíferas conversas desde nossa convivência no grupo de estudos do Instituto de Artes da Unesp. Agradeço por compor a minha banca e pela leitura desta tese.

À Hanna Araujo, amiga que compartilha o universo dos livros e da pesquisa desde 2012. Tive o privilégio da sua leitura e contribuição na minha banca de doutorado.

Às muitas professoras e professores que tive a honra de conviver como estudante. À Edith Derdyk, que, na minha trajetória estudando livros e livros de artista, foi sempre fonte de pesquisa, com quem tive a honra de estar mais próxima nos últimos anos por conta da pós-graduação n'A Casa Tombada e agora posso contar na finalização deste percurso, compondo a banca.

À Casa Tombada, como entidade, lugar de morada, onde encontrei quintal para florescer. Uma casa que tem lugar para café com bolo, cuidado, afeto e conversa. Agradeço ao Giuliano Tierno e à Ângela Castelo Branco por inventarem e lutarem, com amor e ética, para o mundo ter um lugar assim, em que a pesquisa e o conhecimento é experiência de mundo. À Letícia Liesenfeld, Flávia Giacomini, Rita Leite e a todos que cuidam para que esse lugar seja sempre casa.

Agradeço imensamente a todas e todos os estudantes e participantes dos cursos de pós-graduação, oficinas, encontros e percursos inventados, tendo a consciência de que esta pesquisa é uma construção coletiva daqueles que cruzaram o meu caminho e me ensinaram sobre o que pode ser esse “fazer livro” e “fazer escrita”. Agradeço a disponibilidade à experiência das propostas, por aceitarem o risco, se encontrarem com o não saber e o imprevisível que os convites convocavam.

À comunidade d'O livro para a infância e tudo o que aprendi com vocês que viraram parceiras e amigas: Liliana Pardini, Suzana Buccalon, Anna Luiza Guimarães, Mariana Amargós, Lolla Angelucci, Fernanda Ozilak, Gabriela Esteves e tantas outras. À Ananda Luz, esta amiga sabida que a pós me apresentou e que é companheira fundamental nesta pesquisa e na minha vida.

Ao Aurélio de Macedo, pela revisão do texto de forma generosa que ampliou ainda mais meu olhar para o trabalho. E à Thaís Dols, pela contribuição na elaboração do resumo em inglês.

À Fabiana Lorenzetti, pelas inúmeras conversas durante o processo de pesquisa, sempre gentil e generosa em me acolher, e que ajudou muito no processo de pensar a encadernação deste trabalho.

À Babi, Barbara Melo, que me apresentou o rasgo como linguagem artística e me ajudou a olhar para o trabalho em vários momentos.

À Marília Carvalho, educadora parceira que esteve presente em diversas situações no fazer livro em coletivo.

Aos colegas do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação (GPIHMAE): Felínio Freitas, Auana Diniz, Camila Lia, Patrícia Marchesoni, Thelma Lobel, Lucas Oliveira, Fabiana Petroni, Rodrigo Lopes, Amanda Midori, Sidiney Peterson, Valéria Alencar, Moa Simplicio, entre tantos outros, e à professora Rita Bredariolli, que em vários momentos da pesquisa mostraram caminhos possíveis.

Aos colegas que participaram do Grupo Focal: Maristela Rodrigues, Thales Vasconcelos, Líllian Araújo e Liliana Pardini e professores que cederam a entrevista: Núbia Najar e Alberto Roiphe.

À Andrea Rocha e Renata Oliveira, parceiras de tantas vivências com crianças que me fizeram artista-educadora. Às amigas Elizabeth Romani, Diana Tubenchlak e Flora Figueiredo. Às amigas de infância que não me deixaram esquecer minha história: Gabriela Furtado e Gisele Witt Said. E à família que sempre esteve comigo, torcendo: tia Mariinha, tia Salete, tia Sandra, tia Celina, Nícia, Ary, Cema, Roberto.

Este trabalho nada seria sem os afetos todos que me atravessam desde a infância, ou a partir dela. Tudo que aprendi com os gestos da minha família estão presentes de alguma forma nesta pesquisa. Dos meus avós, os gestos de amor, apoio e a nossa convivência, da minha mãe, Maria José Pulini Feltre, carrego os fazeres que compartilhamos juntas: amassar a argila, fazer a própria massinha de modelar, bater o bolo, sovar o pão. Do meu pai, Tarcísio Feltre, lembro dos gestos de trançar o cabelo com os dedos ainda a estralar. E da minha irmã, Gabriela Feltre, o abraço sempre.

Ao Arthur Arruda, meu amor, que compartilha o fazer do nosso dia a dia. Foi quem sempre esteve ali, colocando o dedo para dar o nó nas costuras para este trabalho, em vários sentidos. E que agora compartilha do nosso devir maior: sermos pai e mãe da nossa Maria.

Sempre acreditei que qualquer pessoa pode ser um artista em seu ofício, talvez porque a natureza da arte venha menos do “o que” se faz e mais do “como” se faz algo. A lavadeira ensaboando as roupas no tanque, o guarda de trânsito acenando para os carros, a secretária batucando no teclado do computador — todos podem exercer suas atividades com a mesma intensidade que caracteriza o que chamamos de arte, apenas pela maneira de se entregarem a elas.

Arnaldo Antunes

RESUMO

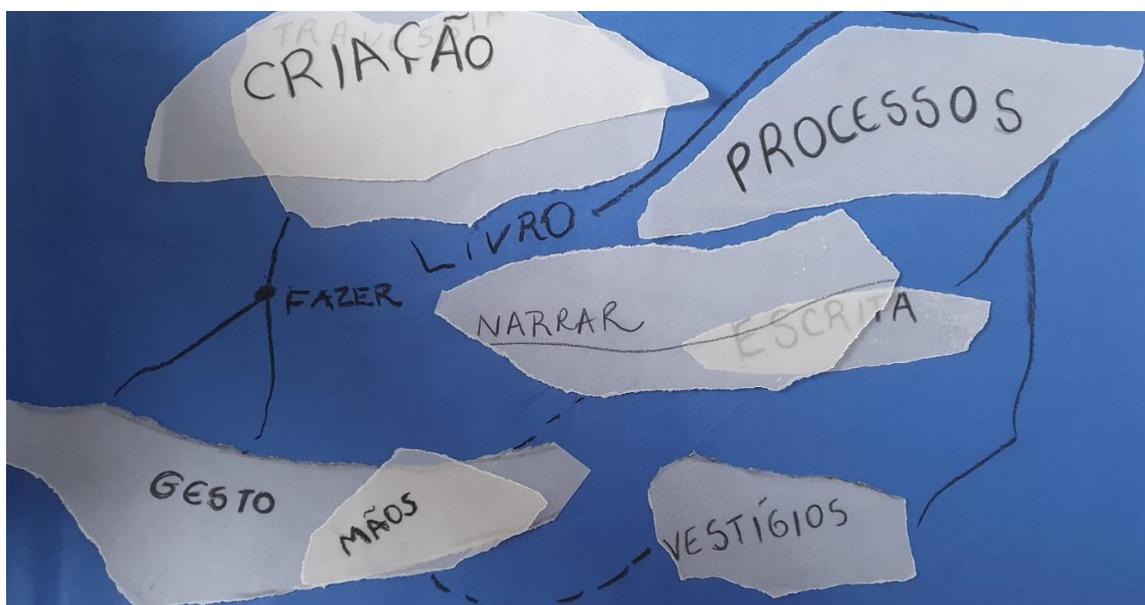
Este trabalho investiga os processos de criação de livros como espaços de formação. O que se aprende fazendo livros? A partir de encontros em contextos culturais e educativos como aulas, oficinas, ateliês, observando e atuando como educadora, convido as e os estudantes e participantes a criarem livros, passando pela experiência de um fazer que envolve as mãos e o corpo todo. Para acompanhar esses processos – do que eu via e vivia –, também passei a propor escritas para que as e os estudantes pudessem narrar suas experiências. Essas me deram a ver o processo de criação de livros sob outras perspectivas, além de perceber a própria escrita como linguagem poética. Assim, este livro-tese é construído no encontro e na costura desse coletivo de vozes – que estudam, fazem livros, escrevem sobre si – em conversa com professoras que foram marcantes na minha trajetória, além de autoras e autores e aqueles que me fizeram companhia nessa pesquisa-travessia. Ao longo do texto, apresento alguns experimentos artísticos em formato de vídeos, livros, ensaios visuais e convido à fruição das cartas escritas pelas estudantes e lidas em voz alta para esta pesquisa. Arrisco nomear o processo de criação como travessia, em que cada uma e cada um percorre um caminho em busca de encontrar a si.

Palavras-chave: processo de criação; livros; fazer à mão; formação; coletivo; experiência; travessia.

ABSTRACT

This paper investigates the processes of bookmaking as spaces of formation. What can be learned by making books? From meetings in cultural and educational contexts such as classes, workshops, ateliers, observing and acting as an educator, I invite students and participants to create books, going through the experience of a making that involves the hands and the whole body. To accompany these processes - of what I saw and lived - I also started to propose writings so that the students could narrate their experiences. These allowed me to see the bookmaking process from other perspectives, besides perceiving writing itself as a poetic language. Thus, this book-thesis is built on the encounter and the sewing of this collective of voices - who study, make books, write about themselves - in conversation with teachers who have been remarkable in my trajectory, in addition to authors and those who kept me company in this research-crossing. Throughout the text, I present some artistic experiments in the form of videos, books, visual essays, and I invite you to enjoy the letters written by the students and read aloud for this research. I venture to name the creation process as a crossing, in which each and every one travels a path in search of finding oneself.

Keywords: creation process; books; handmade; formation; collective; experience; crossing.



1

As imagens que produzi durante a pesquisa: fotografias a partir de composições, sobreposições e investigações sobre o rasgo não terão legenda ao longo do trabalho para não interromper o fluxo e a sua fruição do texto. São todas de minha autoria e falarei sobre essas composições em “Encontros com a minha escrita-criação”. Todas elas serão numeradas sequencialmente junto com as outras imagens que fazem parte deste trabalho e as informações sobre cada uma estarão em Anexos, no “Índice de imagens”.

SUMÁRIO

ABERTURAS	14
Carta à Maria José, minha mãe	14
Carta ao mundo – Declaração de amor à pesquisa e ao conhecimento como experiência de mundo	18
Carta às estudantes e participantes dos encontros	26
<i>Carta de Ana Carvalho</i>	37
ÁGUAS QUE CORREM COM A PESQUISA	40
A pesquisadora e seus movimentos nas águas da pesquisa	40
As águas e o rio como metáfora da pesquisa	47
Os encontros de criação como fonte de saberes	49
VESTÍGIOS DA PESQUISA: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS	57
Os achados da pesquisa e o que encontrei no caminho	57
As cartas	58
Os relatos	62
Cartas – Escritas trocadas	64
Vozes em choque – Grupo Focal	65
Conversa com professores propositores de criação de livros	68
Caderno de anotações	70
Produção de imagens	70
Grupo de pesquisa sobre processos de criação	73
Carta à Rejane – Companhia nesta pesquisa-travessia	75
Carta à Cris – Uma criação em parceria	78
<i>Carta de Vilma Ribeiro</i>	91
CARTA À(S) MÃO(S) – E o que eu aprendi sobre o fazer, fazendo esta pesquisa	93
<i>Carta de Fernanda Ozilak</i>	101
Entre o pensamento e a ação – Há mesmo distinção?	103
<i>Carta de Gabriela Esteves Ribeiro</i>	109

<i>Carta de Isabela Miranda</i>	112
Ancestralidade do gesto: as mãos têm memórias?	114
<i>Carta de Laizane Santos de Oliveira</i>	119
<i>Carta de Lúgia Maria</i>	121
<i>Pedaços de si – Os materiais e as materialidades</i>	122
<i>Carta de Tatiana Barreto</i>	125
Que livros são esses que as mãos são convidadas a criar?	130
<i>Carta de Nathalia Freire</i>	133
LIVRO-CASA: o que um livro pode abrigar?	135
Quando as mãos encontram livros criam narrativas de si?	138
Carta à Fabi – Ao que escapa às mãos e o que eu aprendi sobre o fazer feito com o corpo todo	138
<i>Carta de Amma</i>	143
Carta à Ângela – Escovando a palavra “gesto”	144
<i>Carta de Carol Fernandes</i>	148
Carta à Ângela nº 2 – Quando o fazer livro é gesto	150
<i>Carta de Carolina Cadavid</i>	162
ENCONTROS COM A MINHA ESCRITA-CRIAÇÃO	166
LIVRO-NUVEM e a criação no caos	169
Paredes que falam	173
Palavras nuvens	179
Palavras paisagens	182
Rasgando a escrita	184
O gesto de fazer vídeos	188
<i>Carta de Cristiana Gomes</i>	194
<i>Carta de Jaqueline Ortiz</i>	195
PROCESSO DE CRIAÇÃO DE LIVROS COMO TRAVESSIA	199
O lugar da criação – A criação como lugar	199
Atravessamentos ao fazer livros	205
INFÂNCIA, CRIAÇÃO E SEUS DEVIRES	213
<i>Carta de Claudia Malaco</i>	213

<i>Carta de Andreia Quaresma</i>	214
<i>Carta de Ananda Luz</i>	215
Carta à Luiza – Processo de criação e as infâncias	218
Carta à Maria, minha filha – Para não encerrar	222
REFERÊNCIAS	225
ANEXOS	235
Anexo 1 – Pessoas que me fazem companhia na pesquisa	235
Anexo 2 – Cartas para serem lidas com tempo	238
Anexo 3 – Índice de imagens	239
Anexo 4 – Termos de autorização	240

ABERTURAS

Carta à Maria José, minha mãe

À Maria José, minha mãe,

Conversar com você, mãe, foi o caminho que encontrei para começar esta tese. Você que foi minha primeira professora, que é mestra da minha vida e que abriu os caminhos para que eu pudesse estar aqui hoje, narrando uma trajetória de vida em torno da arte e da educação.

Sinto que o ser professora está presente há muito tempo na minha vida. Guardo lembranças das brincadeiras de infância, da grande lousa que o pai trouxe para que eu e minha irmã brincássemos em casa, dos projetos que a escola proporcionava, permitindo que eu, mesmo criança (desde a 4ª série) lecionasse para alunos de outra escola.

Essa experiência marcou para sempre o meu percurso. Com 9 anos eu dava aula de inglês e com 12, de desenho. Lembro da sensação de satisfação e alegria ao voltar para casa e desse estado de me sentir contagiada pelo que as pessoas trocavam naquele espaço de tempo. Vivi uma vida vendo você ser professora, o que me abriu caminhos de forma totalmente intuitiva, misteriosa, mas que hoje eu consigo ver o quanto de sua luta me permitiu estar aqui.

Assim, mãe, uma pesquisa em que me fortaleço como professora não poderia começar de forma diferente, sem referendar aquela que é minha mestra, e que, como mãe e mulher, me ensinou muito mais do que você podia perceber no dia a dia de sua vida.

Mãe, quando li o livro *Cartas para minha avó*¹, de Djamila Ribeiro², ele me trouxe muitas lembranças, acordou histórias envolvendo você, a minha avó, e que definiram muito quem eu sou hoje e as relações que tenho com as mulheres da nossa família. O que venho contar aqui é como toda a sua trajetória permitiu que eu escrevesse esta carta hoje a você. Nem preciso dizer que é uma forma de agradecer pela sua luta, pela sua caminhada e pela sua vida.

¹ Editora Companhia das Letras, 2020.

² Djamila Ribeiro é filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira. Em 2016 foi nomeada secretária-adjunta de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo e autora do livro *Pequeno manual antirracista*. Atualmente é colunista do jornal *Folha de S.Paulo*.

Você foi a única dos seis filhos de Maria e Pedro que conseguiu se formar em uma faculdade e vejo o quanto você tem orgulho disso. Lutou contra um mundo inteiro dizendo pra você seguir outro caminho: casar, cuidar da casa, ter filhos. Talvez você também quisesse isso, mas sempre nas suas histórias você conta com orgulho das escolhas que fez e dos sonhos que carrega. Parece que foi uma certa teimosia para conquistar o seu lugar, ou seus lugares. Uma sina das mulheres da família? Seria vislumbrar um caminho que talvez só existisse dentro de si? Vejo você com aquela força que via na vó Maria, que entre uma dureza e uma profunda delicadeza a faziam ser única: com seu típico movimento de mexer os dedos em círculos, ouvia com atenção e paciência, enquanto ficava ali, sentadinha na mesma cadeira da sala, olhando na janela todo mundo que passava, lendo e interpretando o mundo.

Lembro das histórias que você conta de uma infância simples, difícil e alegre. Das frutas e legumes que o seu pai trazia do sítio e que compunham as refeições diárias, das brincadeiras com os irmãos, das vendas de paçoca na rua para ganhar algum dinheiro...

Uma infância feliz e dura ao mesmo tempo. Com 10 anos foi destinada a cuidar dos sobrinhos para ajudar uma irmã mais velha. Uma fase que conta com tamanha seriedade que até parece fazer parte de uma outra vida, diferente daquela em que brincava de pular cercas e de fazer cócegas com o irmão. O seu tom muda quando fala dessa época e da responsabilidade para uma criança. E o que mais entristece a sua fala é a falta que a escola fez na sua vida: as ausências constantes, o aprendizado que foi interrompido e a lacuna que causou na vida de uma menina.

Vejo que tudo isso foi constituindo você, mãe, uma mulher forte, feita pelas asperezas e alegrias da vida. E não tem como falar de mim, do meu percurso como professora sem evocar quem você é. Sem pensar como você me criou e semeou todo o caminho para que eu pudesse estar aqui hoje, nesse papel de pesquisadora, escritora, artista e professora, que era muito um sonho seu também.

Para continuar essa história e costurar ainda mais os laços com os meus fazeres, quero contar o orgulho que eu sinto de toda a sua trajetória. Ainda no que chamamos de colegial, você fez curso técnico em enfermagem no período noturno enquanto trabalhava durante o dia. Depois, entrou no curso de biologia

em uma cidade próxima de Barra Bonita, onde morava, com a ajuda de algumas freiras que administravam a faculdade. Você sempre traz o que viveu lá, seja nas histórias das viagens de pesquisa de campo, seja nos nomes científicos que exhibe quando vê uma árvore.

E depois de um tempo chegou perto de fazer mestrado, e conta que amava o trabalho de pesquisa no laboratório. Mas nunca me esqueço do episódio em que você e sua amiga tinham por refeição um ovo cada uma. E você conta essa história de forma leve, como parte da vida. Demorei para perceber todos os privilégios que eu tinha e que nunca precisei passar por isso.

E você amava essa época, não é? Você sempre fala com muito entusiasmo como era bom. E depois como tudo melhorou com a ajuda de uma professora que acolheu vocês e com a oportunidade de uma bolsa de estudos.

Cursar mestrado não foi possível por não ter sido aprovada em uma prova de inglês, mas você ressalta que o professor orientador elogiava muito o seu trabalho, e sempre dizia que você ia ser professora. E assim foi: primeiro em São Paulo, onde lecionou no ensino infantil em uma escola particular, e mais tarde, depois de ter eu e minha irmã, já em Barra Bonita, no interior de São Paulo.

Este ano você se aposentou. Foram 25 anos na rede pública de ensino, 20 atuando como coordenadora pedagógica e cinco como vice-diretora de uma escola que é referência na região. Vejo que para você é muito mais que um trabalho com entrada às 7 h e saída às 17 h. Foi um projeto de vida, um lugar onde você pôde ser você ou o melhor de você. Onde pode exercer a escuta, conversar, fazer pontes, aconselhar, orientar. Você sempre diz que, como coordenadora, encontrou o seu lugar.

Mas esse caminho não foi fácil, não é mãe?

Foi muita trilha para hoje você ter esse lugar ou conquistar esse espaço.

Lembro que vi você chorar quando não foi acolhida por uma coordenadora. Lembro da sua insistência em poder trabalhar, principalmente no período da noite. O começo foi muito difícil, eu lembro mesmo sendo pequena. Acompanhamos você viajar de cidade em cidade para ter a “cadeira” da sala de aula, vimos as inseguranças no final do ano sem saber aonde iria trabalhar, sentimos o quanto de tempo era dedicado à escola, a falta de apoio,

enfim, os malabarismos que as mulheres fazem para poder ter uma vida profissional e se dedicar à família.

Quero que você saiba que o seu percurso, mesmo sem total consciência, foi traçando os nossos. Não por palavras, mas por gestos, ações, decisões, mesmo nas incertezas e percalços da vida.

Mãe, outra coisa que me pego pensando é que você sempre foi feminista, mesmo sem se nomear assim. Toda essa história é sobre isso. É sobre o lugar que você queria estar, mesmo sem discursos claros, leituras e referências. Você tinha a minha avó como sua força, que por seus meios também rompeu com algumas barreiras que eram impostas para as mulheres que faziam parte da sua sociedade.

E você é feminista quando incentiva as meninas a estudarem, quando leva a lição na casa de uma aluna que ficou grávida na tentativa de que não perca o ano, quando elege como líder da turma uma das alunas. Talvez você não tenha consciência do tanto que está fazendo neste mundo. E a gente também não tenha essa consciência, só observo uma coisa aqui e outra ali e já acho muita coisa, mas não deve ser nem metade das histórias que coleciona.

Assim eu e minha irmã crescemos, ouvindo quase que diariamente tanto de você quanto do pai: *vocês precisam ter uma profissão para não depender de homem nenhum, o estudo é o maior tesouro que alguém pode ter, porque ninguém pode tirar.*

Minha infância foi marcada por estas frases e gestos, o que estimulou que eu passasse horas na casa da minha avó estudando, no quarto, com o caderno de lição no colo. Parava para o café da tarde, regado a pão, café e muito amor. Cresci entendendo que estudar era algo bom. Que privilégio viver numa casa assim. E é para lá que eu vou, para o sofá da sala ao lado de minha avó, quando eu mais preciso de um tempo e de um silêncio para retomar a confiança.

Então, os caminhos para que eu me tornasse professora começaram há muito tempo. Com você, com a avó, as avós, e tantas outras mulheres. Esta carta é pensando sobre o percurso que me levou a estes caminhos. É um *obrigada* e é uma dedicatória deste trabalho a você, mãe.

Com amor

Carta ao mundo – Declaração de amor à pesquisa e ao conhecimento como experiência de mundo

Ao mundo,

Nesses quatro anos de doutorado vivi, e vivemos, muita coisa. Foram anos intensos. Passamos tragicamente pelo governo Bolsonaro, vimos nossa sociedade desabar, mortes, descasos, abandonos e genocídios. Ainda mais com a pandemia de Covid-19, que teve início em 2020, deixando marcas profundas em você, mundo. Vivemos uma tragédia coletiva. Como você foi maltratado e malcuidado!

Com tudo isso, nossas vidas foram atravessadas pelas consequências da pandemia e, nesse fluxo, a pesquisa se transformou. O plano de ir estudar fora do país – um sonho que eu tinha antes mesmo de ingressar no doutorado – e ter essa vivência de pesquisar em outra universidade, estar em outro território e observar outros contextos de criação e mediação, não aconteceu. Impedidos de circular, ficamos todos em casa.

E o que aconteceu nesses quatro anos, de 2019 a 2022?

Posso dizer que o primeiro ano foi bem movimentado. Parece que eu vivi – no sentido de circular, fazer, estar junto às pessoas – intensamente, sem imaginar que em 2020 estaria impedida de vivenciar espaços presenciais de troca e, principalmente, as oficinas de criação de livros, que é o coração, a fonte da minha pesquisa.

Em 2019, cursei três disciplinas presenciais em São Paulo: duas no Instituto de Artes da Unesp e uma na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Foram: “Seminários de Pesquisa”, com a professora Luiza Christov, “Histórias do Ensino de Arte no Brasil: do modernismo à contemporaneidade”, com a professora Rejane Coutinho, e “Arte da palavra e aprendizagem artística”, com a professora Regina Machado.

Nesse mesmo ano eu cheguei ao norte do país, participei de congressos sobre Arte Educação em Manaus (AM) e Rio Branco (AC), neste último

realizando a oficina de criação de livros. Propus uma oficina em Itaipava (RJ) e outra em Jacareí (SP), no Instituto Federal.

Um pouco antes da pandemia, também fiz uma oficina marcante para o meu percurso, “Diálogos com Bruno Munari: ateliê de criação de livros”, n’A Casa Tombada³ – em São Paulo, no fim do mês de janeiro de 2020. Nem imaginava que iria demorar tanto para vivenciar novamente algo assim.

Em 2019, também atuei como professora em três turmas da pós-graduação “O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação”, n’A Casa Tombada, e nos cursos “Docência na Educação Infantil” e “Artes visuais com ênfase em educação”, nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), em São Paulo. Foi intenso acompanhar os processos das estudantes⁴, receber tantas cartas, responder uma a uma. Foi um ano de muito aprendizado.

Em 2020, a pandemia veio para mudar a rota, propor desvios, pausar, transformar nossas vidas, nossas relações e nossos fazeres.

A minha atuação em unidades do Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC-SP) e espaços culturais, tanto nas oficinas voltadas ao livro-objeto, artes e literatura quanto nas intervenções artísticas que fazia junto ao coletivo BARCA⁵, com as minhas parceiras e educadoras Renata Oliveira e Andrea Rocha, pausaram. Sem tempo determinado, as atividades presenciais foram suspensas. Um vazio enorme tomou conta de nossos corpos, sem falar da dor e da saudade dos que estavam longe.

Algumas perguntas me acompanharam durante esses primeiros meses de incertezas: Como continuar sem a presença física? Como vivenciar processos de criação sem os corpos lado a lado? Seria possível ainda realizar uma pesquisa que se vale tanto do corpo que cria, da mão que faz livros, do convite da educadora e da materialidade dos livros, na incerteza dos dias? A pesquisa iria continuar? E a minha atuação como educadora, como iria se desenhar nesse

³ Inaugurada em 18 de julho de 2015 pelos artistas e educadores Ângela Castelo Branco e Giuliano Tierno, A CASA TOMBADA – Lugar de Arte, Cultura e Educação – se sustenta na convicção de que a oralidade e a escritura são urgências e necessidades humanas (site acasatombada.com.br).

⁴ Sempre ao me referir a um grupo ou coletivo vou tratar no feminino, porque a grande maioria das participantes e estudantes eram mulheres, tanto nos encontros de oficinas quanto nas turmas dos cursos de pós-graduação.

⁵ Coletivo BARCA: Brincadeira e Arte para Crianças e Afins.

tempo sem os espaços culturais para receber as propostas que realizava com frequência desde 2016?

Ao mesmo tempo que isso acontecia, a pós “O livro para a infância” abria cada vez mais espaço para a minha pesquisa, tornava-se cada vez mais casa e presença na minha vida. Desde a Turma V, a Cris, Cristiane Rogerio, coordenadora da pós, me envolvia em atuações mais próximas aos estudantes, como estar em uma aula para falarmos sobre metodologias de pesquisa, participações cada vez mais presentes nos TCCs⁶ e trocas mais intensas. Na Turma VI, que começou em fevereiro de 2019, eu estive a seu convite no primeiro dia de aula. Isso significava tanto para mim! Poder vivenciar outros processos que iam além da disciplina “O objeto livro”, que eu ministrava desde a primeira turma, em 2017. E essa era a mesma turma que se transformou nesse percurso de pandemia. Não tinha como pausar, a vida tinha que continuar. Assim, entrei para a coordenação ao seu lado, estaria presente em todos os processos de estudantes, acompanhando as aulas, fazendo as costuras dos encontros, propondo exercícios, orientando os trabalhos, enfim, cuidando e acompanhando uma turma. Aos poucos fui me dando conta desse papel, e quanto mais o tempo passa, mais responsabilidade eu percebo nessa atuação. E, assim, me sinto aprendiz todos os dias.

Nesse caminho, A Casa Tombada se reinventou e continuou como lugar de estudos e pesquisas, propiciando a partir de 2020 encontros virtuais. Surgiu A Casa Tombada Nuvem. Eu me envolvi tanto com a imagem da “nuvem” que comecei a experimentar criações em diferentes linguagens. A audiovisual surgiu sorrateira, como forma de poder dizer o que sentia, os conflitos, as dificuldades, o não saber o que fazer.

Os processos de criação em espaços virtuais tiveram o seu lugar. Fui encontrando modos de estar com as pessoas, de propor a criação de livros, de convidar as e os estudantes a olharem para os materiais que tinham em casa, a cuidarem do espaço que iriam se envolver. Assim, surgiram outras formas de fazer em coletivo na tentativa de manter a potência da proposta e de tudo o que eu acreditava que era fundamental para a experiência acontecer. A presença acontecia ali. Havia voz, textura, angústias, corpo, temperaturas, frio na barriga, incômodos, descobertas, sensações e “bagunça” nesse espaço da “nuvem”.

⁶ Trabalho de Conclusão de Curso.

Isso tudo para contar como a pesquisa foi caminhando nesse tempo e espaço que eu vivi no doutorado. Assim, como a vida, a pesquisa resistiu e:
Eu me vi cada vez mais como professora e nesse lugar para habitar.
Eu me vi cada vez mais como artista e nesse lugar para habitar.
Eu me vi cada vez mais como pesquisadora e nesse lugar para habitar.
Eu me vi cada vez mais professora-artista-pesquisadora entrelaçada nesses lugares que eu desejei e escolhi habitar.

Fui entendendo sobre o(s) meu(s) lugar(es) ao longo desses anos e descobri que esta pesquisa é também sobre isso: perceber como nossos fazeres são múltiplos e há muitos “entre-lugares”⁷ para ocuparmos. Ângela Castelo Branco, professora, poeta e educadora, me disse uma vez em uma conversa, diante do meu incômodo de não saber qual era o meu lugar: “Para que quer habitar um lugar só? É uma definição que queremos para parar e descansar?”

Por que é tão difícil ver o quanto de pesquisa compõe um encontro com as estudantes? Assim como perceber a criação presente no modo de ver e fazer pesquisa? O quanto da artista está pensando uma proposta de aula, e quanto da pesquisadora está imbricada ao escrever no papel-vegetal?

Fui vendo as minhas aulas sendo alimentadas pelos meus processos de criação, as produções artísticas sendo formas de expor as minhas experiências com as estudantes, a pesquisa acontecendo ali ao mesmo tempo, fluida em todo o meu fazer. Era eu entrelaçada nesses fazeres todos e que permitiam ser quem eu sou, nesse entrecruzamento de desejos, pensamentos e saberes. E por que não deixar aberto para o devir: outras que ainda posso ser, descobrir?

Fui percebendo como esses lugares estão imbricados, um alimentando e sendo alimentado pelo outro, como águas de um rio que corre, como pororocas que se formam pelo encontro de diferentes águas formando algo além. Penso o corpo como esse lugar de encontros, de profundidades, de caminhos e bifurcações que se expandem, se cruzam, se encontram, se distanciam. Há um movimento no curso das águas que é natural, é um mover-se constante, respeitando os fluxos, as temperaturas, os ventos. Desejo que meu corpo e meus fazeres, e as veias que correm por eles, sejam rios que encontrem seu(s) lugar(es) para estar nesse mundo. Em você, mundo.

⁷ Esse é um termo abordado pelo ensaísta, poeta e professor mineiro Silviano Santiago.

Entendi, junto a tantas outras companhias, que o desassossego faz parte, a busca é constante, o imprevisível é condição da vida e o não saber também. Ainda me encontro na tentativa de desconstruir algumas limitações que definem internamente essas três: artista, educadora e pesquisadora, para desvincular a educadora que está na aula, a pesquisadora que escreve a tese e a artista que cola e rasga.

Percebo forte a educadora que costura essa tese, que entrelaça os caminhos, que une as histórias que me acompanham e constrói essa narrativa que vou compartilhar.

Assim, este trabalho é composto por alguns territórios, mas sem fronteiras que os delimitem, compartimentem e separem. A ideia é que tudo esteja interligado, em um vaivém de pensamentos e conceitos. Esses territórios, não lineares nesta tese, são compostos por:

– *Aberturas*, aqui apresento a Carta à Maria José, minha mãe, Carta ao mundo (esta mesmo!), Carta às estudantes, convidando as e os leitores a entrar neste trabalho.

– Em *Águas que correm com a pesquisa*, partilho a imagem do mergulho, do navegar e das águas como metáfora do ato de pesquisar. Busco narrar os deslocamentos possíveis, estando em muitos momentos imersa na pesquisa, como educadora e proponente de experiências artísticas, podendo alcançar profundidades surpreendentes, e em outros momentos tentando realizar pequenos sobrevoos, que possibilitam olhar sob outro ponto de vista para poder contar a experiência. Trago a ideia das oficinas como fonte de saberes, em que o livro vira acontecimento.

– Em *Cartas à(s) mão(s)*, faço um elogio àquela que está sempre (ou quase sempre) presente nos fazeres artesanais. Como um reconhecimento ao “feito à mão”, eu rememoro o que aprendi neste tempo com elas, “as mãos” – minhas e das estudantes –, ao narrar os seus processos de criação. O que o encontro entre as mãos e os livros pode propiciar?

– No território *Encontros com a minha escrita-criação*, narro sobre o meu processo de criação, a partir de ensaios artísticos e literários, apresentando alguns livros, imagens e vídeos. Exponho como o meu fazer acontecia durante a pesquisa e as formas inventadas para me

aproximar de uma escrita, da *minha* escrita. Assim, nomeio algumas experiências: LIVRO-NUVEM e a criação no caos, Paredes que falam, Palavras nuvens, Palavras paisagens, Rasgando a escrita e O gesto de fazer vídeos. Este último desencadeando a criação de um canal no Youtube que localiza as produções em audiovisual, incluindo as leituras das cartas pelas estudantes.

– Em *Processo de criação de livros como travessia*, teço reflexões sobre os processos de criação artísticos. Questiono o *lugar* da criação, refletindo se existe realmente um ambiente e momento específico para o ato criador e arrisco dizer que toda criação é um percurso, um deslocamento e, portanto, uma travessia, um caminho que se desenha com o próprio caminhar, em que aprendemos fazer, fazendo.

– Em *Infância, criação e seus devires*, destaco como a percepção sobre infância pode estar interligada à criação, entendendo ambos como esse lugar aberto para o “devir”.

– *Cartas às professoras*: são conversas com as minhas mestras, mulheres que cruzaram o meu caminho e que foram fundamentais para este trabalho. Trago questionamentos, perguntas, reflexões e lembranças sobre questões que perpassam a pesquisa, como a docência compartilhada, nosso olhar para a infância, os fazeres que compõem o corpo todo e o fazer livro como gesto.

– *Cartas das estudantes*: são as escritas sobre os processos de criação dos livros, convites para adentrar no processo de cada uma.

Compartilho as cartas por meio de imagens, em que podemos nos aproximar das materialidades que as envolvem, como a caligrafia, a escolha das cores e a tipografia, e vídeos, em que as estudantes leem em voz alta as suas cartas, na busca para trazer a presença dessas que são mais que colaboradores, são coautoras fundamentais desta pesquisa.

– *Produções artísticas*: são atravessamentos compostos por produções minhas ou das estudantes que convidam a uma pausa, à fruição de uma imagem ou de um vídeo.

É importante deixar explícito que este trabalho, que convida às primeiras leituras, é um olhar *através*, um olhar para o que aconteceu e o que se foi desenhando na minha trajetória ao longo desses anos. Um espiar pela janela,

quando tudo está vibrando lá dentro, um deslocamento para *ver* melhor. É um olhar com atenção, com a consciência que nada é neutro.

Para o filósofo francês Didi Huberman

ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação fendida, inquieta, agitada, aberta. Todo olho traz consigo sua névoa, além das informações de que poderia num certo momento julgar-se o detentor. (2010, p. 77)

Através desse olhar, cheio de predisposições, névoas, conceitos já preestabelecidos, vou narrar como se deu e está se dando esses fazeres artesanais e saberes sobre o livro que acontecem em espaços coletivos de formação.

Com tudo isso, me pergunto: afinal, o que pede uma tese? Esta foi uma das minhas questões durante o processo, que me trouxe muitas reflexões sobre o caminho que daria para esta pesquisa. E assim, outras perguntas: O que um trabalho precisa para ser uma tese? Há uma diversidade de perfis, localidades geográficas dos colaboradores para compor a minha pesquisa? Haveria, como desejado, uma diversidade de dizeres e vozes?

Assumindo uma angústia pela responsabilidade que é fazer uma pesquisa, muitas vezes me questioneei qual a importância de narrar essa experiência. Uma narrativa que me parece ainda muito frágil.

Quando transformei a pergunta *O que pede uma tese?* para: *O que pode uma tese?*⁸, brincando com a similaridade das palavras *pede* e *pode*, a nova questão me ofertou possibilidades para inventar. A mudança da pergunta abriu caminhos para pensar, criar e inventar uma tese. Ou como diria Umberto Eco⁹, poderia *descobrir a tese*. “A tese tem algo a ver com a invenção. Uma receita às avessas: a descoberta” (FERRARA, 2019 in ECO, p. XV).

Voltei-me à pergunta inicial, aquela que levou a querer pesquisar, investigar, me deparar com a incerteza e o não-saber. O que acontece no processo de criação de livros? O que as pessoas aprendem nesse fazer? E o que eu aprendo sobre o meu fazer enquanto professora-artista-pesquisadora

⁸ “Ao lado do Umberto Eco professor, reponta aqui ou ali o pesquisador que contrasta a tese como objeto com a tese como investigação. *Como fazer uma tese* cede espaço para saber o que é uma tese.” (FERRARA, Lucrécia in ECO, 2019, p. XIV)

⁹ Umberto Eco foi escritor, filósofo, semiólogo, linguista e bibliófilo italiano que deixou muitas contribuições sobre o fazer pesquisa.

inserida nesses espaços coletivos de formação? Essas perguntas são as que me guiaram e me levaram a chegar a tantas outras que vou revelando a vocês ao longo deste percurso.

Assim, este trabalho é uma carta a você, mundo, para dizer o quanto a pesquisa é um direito de todos. Direito de se reconhecer no mundo, de estudar, de descobrir mais sobre si e sobre o seu gesto no mundo. Todos temos direito de narrar a nossa história, ampliar línguas, porque “nosso pensar e nosso dizer ganha língua no viver” (CHRISTOV, 2021, p. 02). Que este texto seja um convite ao conhecimento, como a professora Luiza Christov nos ensina:

Minha visão é a de um texto acadêmico como palavra de conexão e fluxo, texto botão: água. Texto água: que se espalha, une e toca diferentes e muitas vidas, como os oceanos. Texto botão: que conecta leitores e autores em sentidos, como abotoando nexos entre histórias saberes. Espalhar e abotoar: movimentos do texto que se pretende conhecimento, reflexão, procura do comum. (2021, p. 12 e 13)

Com a esperança de que você, mundo, merece ser bem cuidado. E nós agradecemos.

Carta às estudantes e participantes dos encontros

As estudantes e participantes dos encontros,

A vocês que me inspiram a escrever, que me convidam a pensar sobre suas escritas, que me contagiam para que eu escreva sobre suas histórias e com elas. Uma carta como resposta, retorno, agradecimento para contar o que tenho lido, vivido, aprendido, pensado junto às narrativas todas que vocês me deram, narrativas como palavras-vivas em alto-mar.

E começo pensando, olhando a minha mala-baú de cartas e me dando conta de que há cinco anos venho recebendo e colecionando esse tipo de preciosidade. Cartas sobre ditos e não ditos, sobre o que por ora estava escondido, cartas como exposições sem volta. Cartas sobre processos de criação, sobre livros e sobre a vida.

Poderia chamar de *cartas-escritas de si*, *cartas-narrativas de uma vida*, *cartas-escrevivências*¹⁰? Ou ainda *cartas-fendas*? Estas que abrem pensamentos e convidam as estudantes a voltarem a si, a descobrirem suas lacunas, ampliarem formas de ver e estar na relação com o livro e seus processos de criação?

Pensando nesse trajeto, volto ao primeiro dia de aula da disciplina “O objeto livro” do curso “O livro para a infância”, momento em que eu me inaugurei como professora de um curso de pós-graduação, 26 de abril de 2017.

Entre tantos inícios que vivi para estar ali, leio uma carta-convite às estudantes da primeira turma para convocá-las a uma proposta de criação de um objeto bem familiar a todas, o livro.

A você,
Quero fazer um convite.
Um convite à experiência. **Experiência.**
Experiência, segundo Jorge Larrosa, “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Ele diz que a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.
Larrosa cita Heidegger, que define:

“Fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em ‘fazer’ uma experiência,

¹⁰ Termo emprestado da escritora Conceição Evaristo.

isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, 'fazer' significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo". (LARROSA, 2014, p. 27)

Convido para uma **experiência de criação** de livro, do livro, com ele.

Nos permitir experimentar os materiais, caminhar seguindo escolhas e a partir do que mais nos chama atenção, vivendo o processo e o percurso.

(Carta-Convite, 2017)

Assim me pergunto: Será que minha história com as cartas começa aí, nesse momento?

Ou será que essa fascinação começou antes? Com aquela escrita ao artista e designer italiano Bruno Munari¹¹, em 2012, quando ainda não tinha entrado oficialmente para a pesquisa acadêmica, cursava uma disciplina como aluna especial¹² e nem imaginava todas as cartas que receberia?

A Bruno Munari,
Desde que descobri sua produção de livros em uma aula no MAC¹³ com as professoras Renata e Valquíria¹⁴, seus pensamentos estão muito presentes no meu estudo e na minha vida. Vivo investigando formatos de livros, materiais e como isso pode propiciar diferentes experiências e sensações nas pessoas. O que acho mais interessante é quando descobrem o mundo que pode existir dentro de um livro, e que não está somente no seu conteúdo, mas na forma de sua construção. Esse meu encantamento foi gerado por experiências que tive no contato com alguns de seus livros, como os *Pré-livros*, *Na Noite Escura* e no jogo *Più e Meno*. Descobri-o como um lugar de espaço e tempo que permite transmitir uma mensagem própria por meio da sua materialidade. Acho que venho tentando responder também a sua pergunta: "O livro como objeto, independentemente das palavras impressas, pode comunicar alguma coisa, em termos visuais e táteis?" Nessa busca, estou tendo várias experiências interessantes e conhecendo muitas pessoas que também estudam o livro como obra de arte.

(Carta ao Bruno Munari, 2012)

¹¹ Bruno Munari (1907-1998) foi um designer, artista e autor de livros para a infância que é referência de estudos para a minha pesquisa.

¹² Disciplina com Sumaya Mattar na Escola de Comunicação e Artes da USP, em 2012.

¹³ Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo.

¹⁴ Renata Sant'anna e Valquíria Prates, educadoras e pesquisadoras sobre o livro, infância e educação.

Talvez, voltando um pouco mais, lembro das cartas que trocava com um menino de outra cidade como parte de um projeto da escola quando estava na 3ª série. Recebia fotos, uma escrita em letra azul, grande e redonda, dentro de um envelope que vinha pelo correio.

E as cartas que escrevia para mim na infância? Cartas-diários com desenhos, textos, segredos que não mostrava a ninguém e que geralmente tinham o mesmo destino: eram rasgadas ao final.

Talvez tenha sido a leitura de *Queria ter ficado mais*¹⁵, um livro composto por 12 envelopes contendo cartas sobre lugares que marcaram as vidas das autoras, que me instigou a pensar no formato carta.

Muitos pensamentos nesse relembrar da minha relação com as cartas, que se torna consciente à medida que vou me dando conta do lugar que ocupam dentro da pesquisa e como parte do meu processo criativo enquanto educadora.

Voltando àquele primeiro momento da aula, vocês, queridas estudantes, se lembram que eu as convidava a criarem um livro na tentativa de que fosse um convite à “experiência”? Seria muita pretensão? Se considerarmos que a experiência não pode ser controlada, planejada ou garantir que aconteça, talvez sim. Mas, por viver tantos momentos de criação com as pessoas (em oficinas, encontros, aulas etc.), algo me dizia que nesse momento do fazer muita coisa acontecia e, sim, talvez a experiência pudesse acontecer, havia essa possibilidade.

A partir do convite, vocês se ajeitavam, mudavam de lugar, arrumavam um canto em uma outra mesa, se deslocavam fisicamente para viver a proposta. E, nesse movimento, eu comecei a notar que muita coisa acontecia ali. Eram fazeres, olhares, mãos inquietas, escritas descontroladas, concentração, angústia, muita liberdade (essa palavra eu ouvi muito, como incomodou a *liberdade* demais!), enfim, presenças inteiras, disponíveis para o devir.

E de uma semana para outra, vocês me traziam mais histórias: “Rasguei o meu livro”, “Deixei na estante pra ver todos os dias e lembrar dele”, “Aquele não mexi mais, mas fiz mais dois”. Eram histórias que iam acontecendo nesse tempo em que eu não estava presente, cada uma e cada um nas suas casas, nas suas vidas.

¹⁵ *Queria ter ficado mais*, organização de Cecília Arbolave, ilustrações de Eva Uviedo, Editora Lote 42, 2014.

Minhas perguntas foram ganhando força: como dar conta dessas histórias? Como poder estar perto do processo de criação, desse caminho que vocês iam trilhando de acordo com escolhas e caminhos únicos?

Assim, o pedido da escrita de uma carta surgiu para que pudessem narrar o que viam, sentiam e descobriam durante o seu processo de criação dos livros. Para nomear angústias, sentimentos, acontecimentos do processo, uma forma de trazer à consciência o que acontecia e aprendiam sobre o fazer livro. E, sim, nessa escrita, outras descobertas podiam acontecer, algo que não era sabido de antemão. A carta percebida também como uma linguagem de criação. Uma carta para dividir o *espanto* que é se chocar com o próprio processo criativo.

Vale destacar que o fato de estar inserida em um curso de pós-graduação foi fundamental para que a proposta virasse realidade. Como os encontros aconteciam semanalmente, era viável a troca das cartas – tanto para a entrega quanto para os meus retornos –, podia manter contato com vocês, estudantes, além de ser uma forma de “finalização de percurso”, tendo o seu lugar dentro da trajetória do coletivo.

Assim, elas foram chegando. Recebi muitas, ao todo 215 (até o momento – novembro de 2022). Vindas de longe, pelo correio, algumas frágeis, outras mais resistentes, grandes, em envelopes que mal cabiam na minha pasta. Enroladas, com fitas ou como um presente a alguém querido. Cartas em Word, PDF, mas cheias de textura. Recebi uma carta acompanhada de uma voz que lê a própria escrita. Algumas vinham com cheiro de perfume ou essência. Outras impressas ou escritas à mão em papéis artesanais, que convidam a tocar com cuidado. Recebi confidências, cartas de amor, descobri amores antigos e cheguei perto das relações familiares. Me deparei com muitos relatos de como os filhos estiveram presentes nesse processo de fazer o livro: diálogos, sugestões, ideias, uma criação conjunta. Chegaram relatos de experiências de infância, na presença de mães e avós, gestos que iam se revelando no fazer. Recebi histórias sobre como a casa virou ateliê, principalmente a partir de 2020, em que estávamos todas confinadas: toalhas sobre a mesa, papéis no chão do quarto e o quintal como inspiração para a criação. Recebi em mãos detalhes de uma porção de vidas.

No decorrer do trabalho, pensando sobre como a materialidade das cartas podem estar presentes na tese e, concomitante com a criação do canal do

Youtube, surgiu a ideia de que elas pudessem ser lidas por vocês, trazendo suas vozes, sotaques, entonações, emoções vindas de quem viveu essas escritas-experiências. Espalhadas ao longo do trabalho, convido para uma experiência sensorial com as cartas, trazendo mais presente quem me acompanhou neste percurso. Assim, cada carta será acompanhada por um link e QRCODE que irá reproduzir um vídeo que compõe a leitura em voz alta da carta e a imagem no seu original.

Quero explicitar que as escritas das cartas podem conter erros de português, ortografia, concordâncias, palavras sem terminar, frases soltas, enfim, e isso faz parte desse corpo-carta. Ao apresentá-las na tese, optamos – no plural, pois foi uma decisão conjunta – por não corrigi-las ou reescrevê-las, para manter o frescor, a caligrafia, o tremor, as rasuras e os possíveis erros que o momento convocou as estudantes a escrever. Priorizamos uma escrita viva, movente, que acontece muitas vezes como transbordamento de pensamentos e sensações.

Foi um recorte difícil, são muitas cartas que podiam ser enviadas às leitoras e leitores desta tese. E cada uma apresenta muitas possibilidades de costura, que podiam estar em diferentes momentos do texto, conectar com outras cartas, dialogar com vários assuntos. Assim, assumo uma escolha que foi se dando no percurso, talvez um pouco intuitivamente. Algumas delas se tornaram companheiras, ou seja, lembrava delas por uma frase, uma situação vivida, algo que tenha me impactado. Outra opção para compor o texto foi escolher cartas mais curtas, para não criar uma pausa mais larga e afetar o ritmo de leitura. Como restou vontade de compartilhar outras, criei nos *Anexos* uma exposição de vídeos – *Cartas para serem lidas com tempo*, para quem se sentir convidada e convidado a conhecer e ouvir outras histórias.

A partir de um pedido de cartas que fossem escritas sobre o processo de criação de um livro, acabei encontrando muito mais. Muito mais do que até posso dimensionar. Por isso, quero deixar explícito, queridas estudantes, que o que narro aqui, as cartas que escolhi expor e as narrativas que estabeleci a partir delas, é um olhar, acredito que um caminho entre tantos outros que vocês me ofertaram. Percebendo a infinitude, a imensidão de “achados”, descobertas, dizeres, quero explicitar que nem tudo foi investigado, esmiuçado e revelado, devido a profundidade desse material. Vejo cada escrita como um mar inteiro

para mergulhar, oceanos para serem navegados por uma vida. Por isso, ainda há muito a ver, ler, descobrir, aprender e adentrar.

Este trabalho é um mergulho que o doutorado me permitiu fazer e que já me possibilitou imersões profundas. Sou grata a todas, todas vocês que se permitiram viver a experiência de criar livros fazendo parte desses coletivos em que tive a oportunidade de estar. Vocês me ensinaram algo que não é palpável, que a escrita às vezes pode não dar conta de narrar. Mas saibam que vocês fazem parte desta pesquisa, e foram fundamentais para o meu percurso.

E por esse envolvimento com as cartas, neste *per-curso* em que me encontro em curso sempre, lendo e escrevendo no gerúndio¹⁶, me vejo escrevendo em formato de carta também.

Acho que foi o caminho que encontrei: lendo as cartas de vocês me senti convidada a escrever para alguém ou algo¹⁷. Porque a carta tem essa particularidade do destinatário, um destino, já pressupõe que alguém irá entrar em contato com essas palavras. E a escrita assim se dá, já na conversa com vocês, responsáveis por esta pesquisa acontecer, e vocês, que me leem agora.

¹⁶ Como a obra *Caminhando*, da artista Lygia Clark, também no gerúndio. Falo mais sobre essa proposta no texto *Processo de criação de livros como travessia*.

¹⁷ Enquanto escrevia para a qualificação, vivi um acontecimento que foi fundante para os caminhos que tomou esta pesquisa. Em uma aula da professora Ângela Castelo Branco, na Turma VII da pós “O livro para a infância”, ela provocou a turma a pensar quem poderiam ser os destinatários dessas cartas. Vale contextualizar que as estudantes já tinham experimentado a proposta da criação dos livros e escrito as cartas sobre seus processos. Ângela foi convidada pela coordenação para uma aula sobre escrita de si, educação e literatura e essa aula-atravesamento me provocou tanto que comecei a pensar como eu poderia escrever cartas para alguém ou algo, de maneira que pudesse criar em torno dessa escrita. Nesse pensar a escrita como uma criação, algo que já vinha amadurecendo, a proposta de inventar destinatários me pareceu instigante. Assim, comecei a imaginar como eu poderia viver o processo que convidava as estudantes a participar e me vi desafiada a escrever uma “Carta-Escrita de si” (que falarei mais adiante), que carrega tantas escritas, histórias das pessoas. A “Carta às estudantes” e “Carta(s) à(s) mão(s)” foram as primeiras que surgiram.



2. O que vibra lá dentro? Fotografia tirada durante proposta de criação de livros na Turma II da pós “O livro para a infância”, n’A Casa Tombada, em Perdizes, São Paulo, 2018. Fotografia de Camila Feltre. Arquivo pessoal



3. Lígia, Fabi, Suzana, Caroline, Camila, Mônica, Tati durante proposta de criação de livros. Enquanto chovia lá fora, um mundo compartilhado na mesa de madeira. Fotografia tirada durante aula na Turma VI da pós “O livro para a infância” n’A Casa Tombada, em São Paulo, 2019. Fotografia de Camila Feltre. Arquivo pessoal



4. Dia 26 de abril de 2017. Primeiro dia da disciplina “O objeto livro” na pós “O livro para a infância”, Turmas I e III. Eram tantos corpos a se movimentarem que precisamos ocupar o espaço externo d’A Casa Tombada. Fotografia de Camila Feltre. Arquivo pessoal



5. Fotografia tirada durante oficina “Diálogos com Bruno Munari: ateliê de criação de livros”, janeiro de 2020, n’A Casa Tombada, em São Paulo. Fotografia de Camila Feltre. Arquivo pessoal



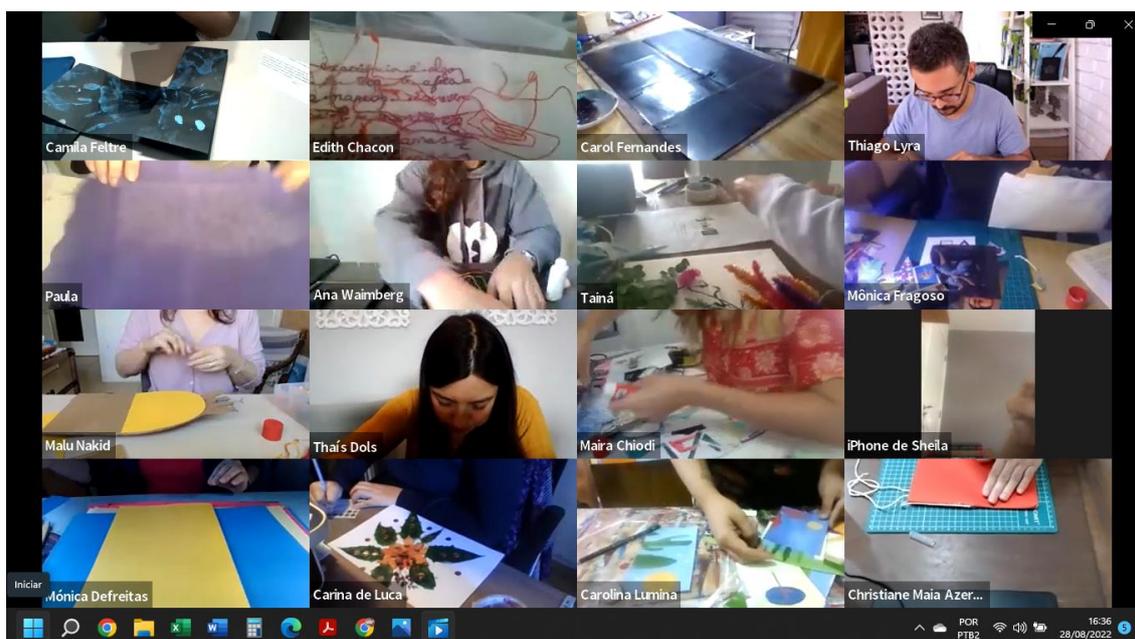
6. Momento em que as professoras participavam da proposta de criação de livros durante oficina “Mediação de leitura do livro”, na Fundação AH em Brasilândia, Mato Grosso do Sul, em julho de 2019. Fotografia de Camila Feltre. Arquivo pessoal



7. Livros e leituras na parte externa do Instituto Federal de Jacaréí. Oficina “Materialidade do livro para a infância”, em outubro de 2019. Fotografia de Camila Feltre. Arquivo pessoal



8. Na área externa na Universidade Federal do Acre (UFAC), compartilhamento dos livros produzidos durante oficina em setembro de 2019. Fotografia de Hanna Araújo. Acervo pessoal



9. É possível propor oficinas de criação de livros no formato virtual? Aula na Turma VIII da pós “O livro para a infância”, dia 14 de maio de 2022. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal



10

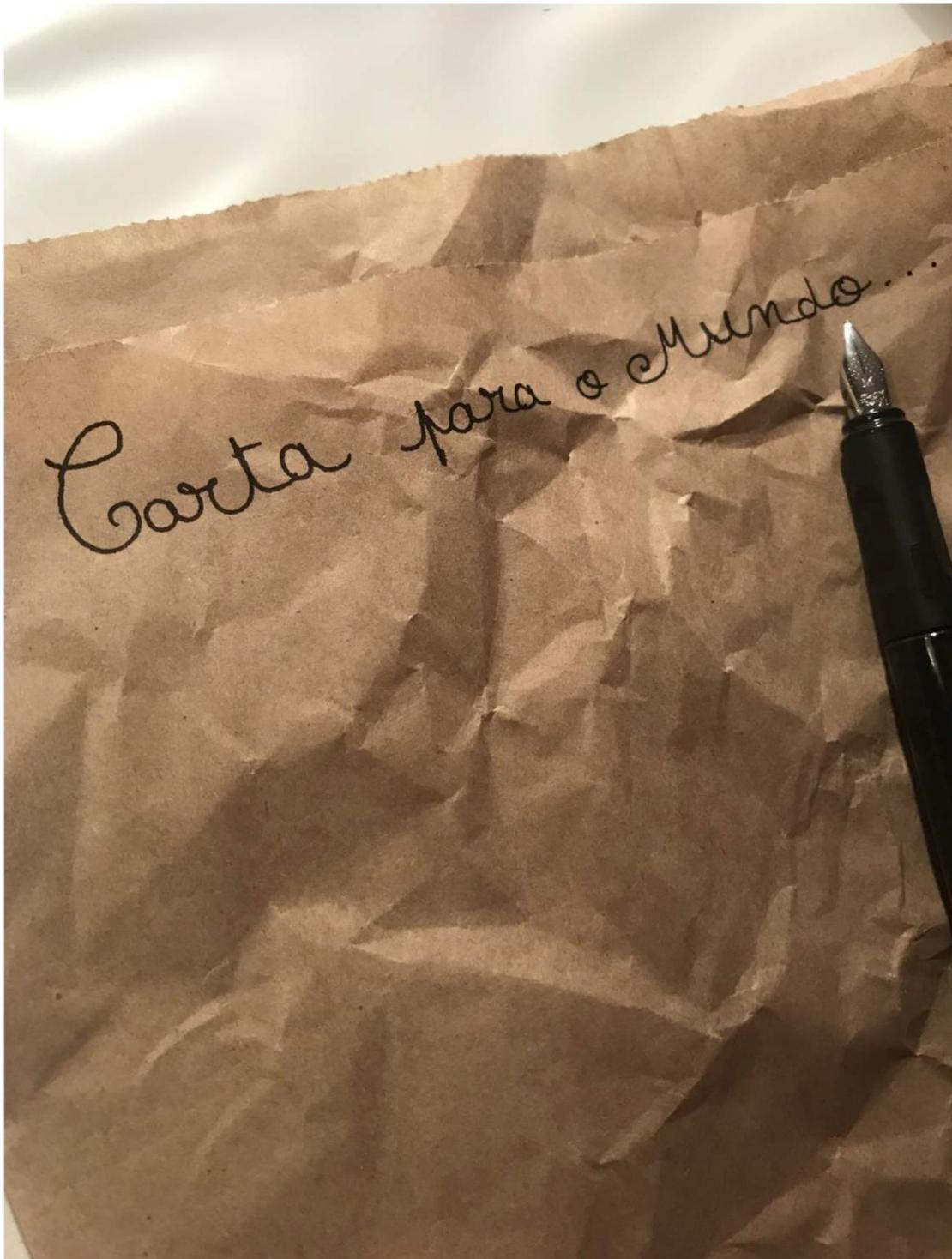
Entre

Indica lugar ou espaço intermediário
Demarca um intervalo de tempo
Assinala o que está no meio de múltiplas coisas ou pessoas
Nem uma coisa nem outra; meio-termo
Expressa reciprocidade; relação
Demonstra uma preferência; alternativa
Em companhia de
Guardado com; que se mantém com

Etimologia (origem da palavra entre). A palavra entre deriva do latim "inter", que significa a meio de.¹⁸

¹⁸ Dicionário online de português.

Carta de Ana Carvalho



Carta para o Mundo...

Sens alguns anos...

Estás amadurecido, rugoso, esburacado, vinado, mas manténs um aspeto saudável.

Substituíram-te pelo plástico. É ainda bem. O mundo agradece.

Saco?

É uma espécie de bolsa de papel, aberto em cima, geralmente com aras, para facilitar o transporte.

É tudo isto, mas na língua portuguesa poder ter vários significados. É ainda bem. O mundo agradece.

Despejar o saco?

Significa desabafar, faz bem à alma. É ainda bem. O mundo agradece.

Meter a viola no saco?

É saber calar-se no momento certo.

Meter tudo no mesmo saco?

É misturar coisas diferentes. É ainda bem. O mundo agradece.

Saco de batatas?

É uma pessoa que veste roupas largas.

Saco cama?

É um saco acolchado com fecho-zéler, onde uma pessoa se enfia para dormir no acampamento. É ainda bem. O mundo agradece.

O teu processo de construção?

Foi feito por etapas, tal como a vida, sem saber o rumo a tomar, deixando o tempo cuidar disso naturalmente.

As linhas vieram direccionar esse rumo.

As linhas entrelaçadas, perfuraram-te com carinho, como se de uma tatuagem se tratasse.

As linhas entrelaçadas da vida. É ainda bem. O mundo agradece.

É desta forma que faz sentido, entrelaçando histórias, memórias e recordações.

Apenas existia uma certeza: Saco livro de artista!
Será que pode?

Bem, no livro de artista nunca se sabe o que vamos encontrar dentro. É ainda bem. O mundo agradece.

Depois de várias ideias, situações vividas e partilhadas no coletivo, surgiu uma luz ao fundo do túnel...

Talvez pudesses servir para ajudar alguém...

A capa seria da mãe, a contracapa ficaria para o pai e no meio... no meio, um monte de linhas entrelaçadas que vão e voltam, unindo esses dois fios que mais importa... O filho.

É ainda bem.

O mundo agradece.

Querido saco, tornaste-te num livro de artista provocador de experiências sensíveis.

Tornaste-te num saco cheio...

Cheio de vazios.

É ainda bem.

O mundo agradece. ♥

Ana Carvalho

Leiria, 18 de julho de 2021

11. Carta de Ana Carvalho, estudante da Turma VII da pós-graduação "O livro para a infância". Leiria, Portugal, julho de 2021.

Leitura gravada em agosto de 2022.

<https://youtu.be/o51ob5TIpZY>



ÁGUAS QUE CORREM COM A PESQUISA

Imersa na pesquisa de doutorado, me vi com frequência pensando sobre o ato de pesquisar. Como se dá esse processo? Quais as sensações que me passam enquanto pesquisadora? Quais imagens posso trazer para mostrar um pouco desse meu processo de pensamento?

Ainda no primeiro semestre de 2019, alguns exercícios e pensamentos provocados pelas disciplinas “Seminário da Pesquisa”, ministrada pela professora Luiza Christov no Instituto de Artes da Unesp e “A Arte da Palavra e Aprendizagem Artística”, com a professora Regina Machado na Escola de Comunicações e Artes da USP, me levaram a criar diálogos entre a imagem das águas e do rio com a ação de pesquisar. Assim, começo a me ver enquanto pesquisadora que está imersa nessa relação com as águas: mergulha, nada, se afasta... Movimentos que vivo no percurso e que me apontam sempre como seguir no curso da pesquisa que flui.

Para dialogar com esses pensamentos, trago algumas referências de livros, poesias e imagens que me transportam para esse universo.

A pesquisadora e seus movimentos nas águas da pesquisa

*Uma trilha de verde, um rumor de água
Um rio que brotava da terra, escondido debaixo do asfalto*
Anita Prades

*...nessa água, que não pára, de longas beiras:
e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro – o rio*
João Guimarães Rosa

*O menino caiu dentro do rio, ‘tibum’,
ficou todo molhado de peixe...
A água dava rasiinha de meu pé*
Manoel de Barros

Iniciar uma pesquisa é como entrar em um rio. Rio que vai e vem, águas que correm. Vislumbro um lugar. Não sei se ele existe de fato ou é só miragem. Enquanto estou imersa, imagino uma terra firme, talvez bonita, cheia de árvores, plantas, frutas, pessoas, um lugar seguro e alcançado com muito esforço.

Ele existe? Como será o caminho até ele?

Eu não sei. Ninguém sabe. Cada um percorre um rio. O seu rio.

No rio, encontro momentos que nado a favor da correnteza, tudo flui. Eu me deixo levar; sinto o vento bater no rosto, o corpo é levado. Vejo a margem passando num ritmo em que ainda é possível observar suas flores, alguns bichos que pousam, umas casinhas no caminho, o aceno de mão de uma senhora que cuida do bar e diz: *vai ter peixe hoje*. O correr é tranquilo. Posso observar a paisagem afora. E o rio adentro. As cores da água se iluminam pelo sol e ofuscam a minha vista. A pesquisa, como o correr do rio, acontece em alguns momentos sem a pretensão de algo maior, vou me movimentando, vivendo o que o ambiente oferece e o que encontro pelo caminho.

E nesse caminho do “rio-rio-rio, o rio-pondo perpétuo” (ROSA, 2005, p. 81) minhas perguntas que acompanham a pesquisa tomam forma. Perguntas que me movem, perguntas-companheiras que me rondam e apontam caminhos. Responder a todas? Por enquanto, me aproximo delas sem pretensão.

As primeiras perguntas que surgem:

- O que pode surgir nos encontros de criação de livros, e a partir deles?
- Como o que se cria nesses encontros pode afetar e modificar os percursos – meu e das pessoas?
- Quais narrativas vão compor a história que eu vou contar?

Nesse percurso, chega o momento em que o vento muda de direção, as águas também. É preciso força no braço para nadar contra a correnteza. Às vezes é preciso ir no sentido mais difícil, que demanda mais trabalho. Se eu deixar, as águas me levam para onde não quero chegar. E que lugar é esse, que estou tentando desviar? Talvez onde encontre certezas. Como me manter sempre no lugar de pesquisadora que elabora perguntas e não encontra *verdades*?

É preciso força, concentração para sair do lugar e não me dispersar com o que está ao meu redor. Eu só quero olhar a paisagem e sentir que estou prosseguindo. Será que vou mesmo sair do lugar?

Penso que é preciso uma atenção ao que posso não estar vendo, ao que ainda não percebi e é preciso estar atenta. Nesse momento, as reflexões vêm fortes, constantes, tanto quanto a força que preciso para me movimentar.

E lá no fundo, outras perguntas surgem. Aquelas que são o cerne da pesquisa, e que depois de muito nadar, de ter vivido angústias e o mergulho, posso encontrá-las. São as minhas perguntas principais, que me movem nesse trajeto.

- O que acontece durante o processo de criação de livros? O que se aprende fazendo livros?
- O que aprendemos com as mãos no processo de criação de livros?
- Como essas escolhas para a criação – de materiais, formatos, tamanhos, cores, técnicas, tendo o livro como linguagem artística – acontecem?
- O que eu posso compreender sobre meu processo criativo – como professora, artista e pesquisadora – em contato com os processos criativos das estudantes e participantes?
- O que as suas escritas, por meio das cartas e relatos, trazem de conhecimento sobre processos de criação?
- O que é dedicar um momento ao fazer? E ao fazer coletivo? O que isto significa nos dias de hoje?
- Como as aulas e os encontros são espaços férteis para as criações?



12

*Nas profundezas,
O tempo é outro,
o ritmo,
a respiração,
o pulso,
a vida lá embaixo.
Deixei-me viver a beleza do que é estar imersa.
Molhei-me.*

Ser levada por um redemoinho até as profundezas das águas é como mergulhar na pesquisa, conhecer as belezas que aparecem, se deliciar, degustar, desfrutar de cada prazer que ela também lhe traz.

Depois, é preciso voltar. Passou muito tempo. Como nadar até a superfície? Seria como um retorno à realidade? Como ir ao encontro das ideias terrenas? Como voltar da experiência do que se viveu no fundo das águas e narrar? Como transformar o que vivi submersa nas águas em palavras e imagens que possam ser compartilhadas? É preciso voltar à superfície, não

como antes, estou encharcada, não sou a mesma. E o que me faz querer voltar e não ficar eternamente no fundo do rio?

Penso no princípio que me fez entrar nas águas: a pesquisa e a ética da pesquisa. A importância de contar o que há nas profundezas, o que eu vivi e estou vivendo. Será que minha experiência pode trazer algo de significativo para alguém?

Deve.

É preciso contar detalhes do que eu vi, as belezas, as descobertas, as surpresas, as frustrações, o que aprendi nesse percurso.

Tudo isso hei de contar. Contar para que alguém leia, conheça essa história e quem sabe queira também mergulhar. Ou possa achar que não é o melhor caminho. Mas é preciso narrar, “transformar a experiência em palavras” (CHRISTOV, 2012, p. 112).

O exercício de narrar a experiência é um movimento de olhar para o que vivi, refletir, analisar e confrontar com os atos. Podemos chamar esses momentos que nos deslocamos para ver sob outra perspectiva como *sobrevoos*²⁰, sair do mergulho para um olhar deslocado, não menos presente.

Assim, a narrativa é tecida nesse movimento de mergulhos e sobrevoos que o doutorado me convoca a fazer. Narrar a tese como *narrar-me*, uma *escrita de si*²¹, em que não há separação entre objeto e pesquisadora. A escrita de si é como um “desafio que nos convida a transformarmo-nos em meio à própria escrita” (MACHADO, 2004, p. 148)²².

Desafiador, não? Estaremos, então, nesse processo de narrar, experienciando a escrita e sendo assim transformados por ela?

Ao definir a experiência a ser narrada, o sujeito, de alguma forma, se vê tocado pelo que passou, mas ao passar pela experiência de si, ou seja, a experiência de narrar-se, de analisar-se, refletir-se, desconstruir-se, ele se vê transformado e aberto a novas experiências. (CHRISTOV, 2012, p. 126)

²⁰ Durante orientação com Rejane Coutinho, ela me apresentou essa imagem do sobrevoos, que passou a acompanhar os meus pensamentos sobre a pesquisa.

²¹ Escrita de si, referência ao termo que Michel Foucault traz no livro *O que é um autor?*, *um escrever narratividade de si mesmo*: “(...) ao exercício do pensamento sobre si mesmo que reactiva o que ele sabe, se faz presente um princípio, uma regra ou um exemplo, reflecte sobre eles, os assimila, e se prepara assim para enfrentar o real” (FOUCAULT, 1992, p.147).

²² Leda Machado, professora da Universidade do Espírito Santo.

E nessas divagações sobre a pesquisa e a escrita, me pergunto: como será a composição desse narrar-se? Como será o processo de escrita em que estarei presente em primeira pessoa?

Jorge Larrosa²³ traz a imagem de uma escrita aberta, uma escrita-convite, como um pensamento que está sempre a refletir-se, como “modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como escrita que dá o pensar...” (LARROSA, 2004, p. 32). É pensar na primeira pessoa, não como tema, “mas como ponto de vista, como olhar, como posição discursiva, como posição pensante” (LARROSA, 2004, p. 36).

Podemos pensar nesta *operação ensaio*, em que “pensamento, escrita e vida ensaiam, se fazem ensaio” (LARROSA, 2004, p. 32). Sem bússolas, caminhos predefinidos, o percurso acontece no ato de escrever. Buscamos uma escrita de um texto que seja “guardador e transmissor de experiências” (CHRISTOV, 2021, p. 11), que traga a vida viva do que essa pesquisadora viveu e está vivendo.

Escrever é ainda estar no rio, é nadar, é modificar o próprio rio com nossos gestos, é encontrar ondas nas palavras e deixar-nos levar por elas até lugares desconhecidos. A escrita não está segura. Há sempre um risco.

Assim, penso que narrar a experiência é dar sentido ao que vivemos, podendo nomear, contar, criar um lugar, um território onde possamos conversar, dialogar.

Ao fim de tudo, o que desejo? Pisar em terra firme, caminhar, sentir o chão seguro sob os meus pés? Será?

Deixar o rio?

Que engano o meu! Não é mais possível.

O rio sou eu.

²³ Nesse processo de pensamento, Jorge Larrosa, filósofo e professor espanhol, traz muitas contribuições no seu artigo “A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida”, publicado pela revista *Educação & Realidade*, 2004.

Convite à leitura do livro/ fruição do vídeo O rio sou eu



13. Livro em folha A2 de papel-cartão na cor preta com carimbos das partes do corpo em tinta guache azul e branca.
Produzido em janeiro de 2022.
<https://youtu.be/d-BQkxvRLDY>



As águas e o rio como metáfora da pesquisa

(...) Você viu o rio, olhou para as águas. O que elas lhe ensinam? A paciência e a perseverança. Paciência de seguir o próprio caminho de forma constante, sem nunca apressar seu curso; perseverança para ultrapassar todos os obstáculos que surgirem no caminho. Ele sabe aonde quer chegar e sabe que vai chegar, não importa o que tenha de fazer para isso. Ele sabe que o destino dele é unir-se ao grande rio Tapajós, dono de todos os rios. Temos de ser como o rio, meu neto. Temos de ter paciência e coragem. Caminhar lentamente, mas sem parar. Temos de acreditar que somos parte deste rio e que nossa vida vai se juntar a ele quando já tivermos partido desta vida. Temos de acreditar que somos apenas um fio na grande teia da vida, mas um fio importante, sem o qual a teia desmorona. Quando você estiver com esses pensamentos outra vez, venha para cá ouvir o rio.

Daniel Munduruku

Na imagem criada das *Águas que correm com a pesquisa*, trago outras palavras para compor esse pensamento: liquidez, fluxo, correr, curso. Elas representam a ideia de uma fluidez, de um movimento corrente, contínuo e transitório, que associo ao ato de pesquisar.

Essa relação da pesquisa com o percurso, travessia, que contém algo de transitório e movente, já tinha aparecido fortemente durante o mestrado, quando criei um mapa com caminhos inventados, percursos e palavras que surgiram durante a pesquisa, tendo como referência e inspiração a linha da estrada terrestre que liga Barra Bonita (minha cidade natal) a São Paulo (local

onde habito atualmente). Um trajeto que fazia frequentemente e durante muito tempo, marcando em mim o ato de percorrer e habitar fisicamente e simbolicamente esses dois territórios. Isso me convidou a pensar também sobre o que está nesse *entre*, neste *percurso* da minha pesquisa.

Para a pesquisa atual adentrei nos caminhos das águas, trazendo à tona a minha relação com o rio, que sempre foi muito presente na infância²⁴. Mudando para São Paulo, quase esqueci que o mesmo rio que passa lá (em Barra Bonita), sai daqui. O mesmo rio, mas tão diferente em muitos sentidos, principalmente na relação que temos com ele. Foi também a partir dessa inquietação que se fortaleceu o desejo de trazer a metáfora de entrar no rio com o ato de fazer pesquisa.

E com isso, mais descobertas²⁵. Pensar o rio, suas composições, afluentes, nascentes e como esses caminhos se cruzam foi me dando subsídios para pensar no próprio curso da minha vida. E nesses estudos, principalmente do livro *Da foz à nascente: o recado do rio*, de Nancy Mangabeira, me deparei com a sensação de uma busca em direção à nascente²⁶. Nancy, professora da Universidade Federal da Bahia, se envolve na comunidade dos ribeirinhos do rio São Francisco e participa da peregrinação, trazendo questões sobre a desertificação do mundo, a busca do saber, a experiência de estar em coletivo e como se dá a convivência com o outro. Com o intuito de tentar entender mais sobre os movimentos do rio, seu livro contribuiu com reflexões profundas sobre a vida e o curso que estamos traçando aqui e agora. A busca pela nascente foi algo que também me tocou profundamente. O desejo de retorno ao mais íntimo, mais verdadeiro e essencial do ser humano, é algo que me inquieta muito nos

²⁴ Em Barra Bonita, no interior paulista, o rio Tietê passa por toda a cidade e a imagem do rio que encontra o céu faz parte do meu imaginário mais antigo, muito presente nas lembranças de minha infância. Ainda hoje, quando visito a minha cidade, me surpreendo com a beleza desse encontro.

²⁵ Ao pesquisar o rio, fui descobrindo muito sobre mim e sobre a comunidade que formamos. A leitura do livro *Da foz à nascente: o recado do rio*, de Nancy Mangabeira Unger, que foi indicação da Isabela Vilela, uma estudante da pós “O livro para a infância”, foi como um divisor de águas para os pensamentos sobre a humanidade que está envolvida com os saberes do rio. O livro foi publicado primeiramente em 2003 e republicado em 2020, em um período em que se fez urgente essa leitura, dada a situação de fragilidade e crise que estávamos e ainda estamos enfrentando devido à pandemia de Covid-19.

²⁶ Tecnicamente entende-se por nascente o afloramento do lençol freático, que vai dar origem a uma fonte de água de acúmulo (represa) ou cursos de água. Também são conhecidas como minas d’água, fio d’água, olho d’água, são áreas onde ocorre o afloramento das águas subterrâneas e que dão início à formação de pequenos riachos que, por sua vez, darão origem aos rios. Disponível em: <https://www.campanhacerrado.org.br/noticias/291-afinal-o-que-sao-as-nascentes>. Acesso em: 27 ago. 2022.

últimos tempos. A relação com a minha cidade natal, distante física e emocionalmente, me traz saudosas lembranças e, ao mesmo tempo, sensações de não fazer mais parte, de desterramento, desenraizamento, uma falta de identificação. Será que, ao ler esse livro, ou mesmo ao fazer esta pesquisa, minha busca está em direção a um retorno? Encontrar um sentido para voltar, retornar, resgatar, no sentido de reviver? Será que estou em busca das minhas origens? Será mesmo essa a minha viagem? A minha travessia? Ou será a busca de todos nós? Não tenho as respostas, me encontro na travessia, no atravessamento profundo da experiência de pesquisar e me mover. Esses pensamentos e descobertas me fortalecem, me indicam direções, possibilidades de trajetos, cursos e desvios.

Pensando nesse lugar potente, onde inicia-se o curso das águas, brota vida, uma água limpa, que contém uma força motriz que a impulsiona, me veio a imagem dos encontros, aulas, oficinas, como a nascente desta pesquisa.

Os encontros de criação como fonte de saberes

Perceber esses encontros como nascente, fontes de saberes, foi revelador para minha compreensão enquanto educadora. As experiências de criança, que já mencionei, quando dava aula a outras crianças, e a satisfação e encantamento por estar com outras pessoas, me habita até hoje.

Quando mudei para São Paulo e cursei graduação em Artes Visuais, esses encontros se tornaram possíveis com minha atuação como educadora em instituições culturais. No Centro Cultural São Paulo, em 2009, aprendi, entre tantas coisas, que uma *visita* (o que hoje entendo como qualquer encontro em contexto educativo, como oficina e aula) podia ser uma *obra de arte*²⁷. Entender o encontro com as pessoas como o objetivo em si, como uma criação artística, e não se voltar ao objeto da arte como fim, me impactou e nunca mais esqueci disso. Até hoje procuro propiciar encontros com as pessoas de todas as idades, lugares e contextos que sejam como *obras de arte*, que sejam experiências artísticas.

²⁷ Fala do artista e educador Guilherme Teixeira, na época diretor do setor educativo do Centro Cultural São Paulo. A experiência no Centro Cultural foi muito importante para as escolhas que tomaria nos caminhos da arte educação.

Na Casa das Rosas atuei como educadora de 2010 a 2013, e além de realizar visitas para grupos escolares, espontâneos (aqueles que chegavam sem agendamento prévio) e elaborar a programação do público infantil, pude propor e realizar oficinas para as famílias, que faziam parte da programação “Domingo em família”. Essa atividade em específico me proporcionou uma experiência de estar com as pessoas e os livros de forma experimental, laboratorial. A Casa das Rosas, como espaço de poesia e literatura, organiza exposições e a programação de cursos e atividades como saraus, shows, eventos, com esse enfoque. Foi lá que minha paixão e pesquisa em torno do livro para a infância começou. Assim, como educadora, eu podia, a cada oficina para famílias, visita a grupos escolares e outras atividades, criar formas e estratégias de convidar as pessoas para as *experiências artísticas* que intuía.

As oficinas e o convite a fazer livros viraram a minha pesquisa: experimentava leituras com as famílias, procurava cursos para me informar mais sobre literatura infantil, criava livros junto com os participantes e, assim, ia experimentando esse ser *educadora e criadora de livros*.

As oficinas que começaram na Casa das Rosas, migraram para outros lugares da cidade de São Paulo, se constituindo a minha pesquisa de mestrado: “Experiências com livros que exploram a sua materialidade: mediações e leituras possíveis”²⁸. Neste trabalho trago discussões sobre mediação de leitura e encontros propiciados pelas oficinas, incluindo o momento que proponho a criação de livros. Assim, desde 2010 na Casa das Rosas, eu convido as pessoas a criarem livros durante encontros em contextos educativos e culturais. Isso porque fazia parte da minha proposta como educadora esse momento de fazer. Afinal, como estabelecer um vínculo entre as pessoas e os livros (um dos meus objetivos) se não pudesse propiciar esse lugar da experimentação, da criação, em que as e os participantes pudessem ser criadores e autores da própria história?

Com o tempo fui expandindo os contextos: podia estar com crianças e famílias em unidades do SESC-SP ou instituições culturais, com um grupo da terceira idade, com professores e pesquisadores em congressos ou eventos

²⁸ Realizada no Instituto de Artes da UNESP, sob orientação da professora Rejane Galvão Coutinho e finalizada em 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/132012>. Acesso em: 20 set. 2022.

acadêmicos e com turmas de pós-graduação em cursos voltados para literatura e artes visuais.

Assim, para a pesquisa do doutorado, faço um recorte de 2019 em diante, tendo a consciência de que todos os encontros foram importantes para a minha trajetória, mesmo que não apareçam mencionados diretamente.

Percebo que os encontros – oficinas, aulas, ateliês – foram acontecendo a partir de um roteiro imprevisível e itinerante. Esse caráter de itinerância sempre esteve presente no meu percurso, a começar pelo meu deslocamento físico – Barra Bonita a São Paulo –, e na pesquisa não foi diferente. Desde o mestrado busco por encontros que me desloquem fisicamente, mas que também possibilitem o deslocamento de pensamentos e de encontros com o desconhecido.

No projeto do doutorado, tinha a intenção desde o início de uma diversidade e heterogeneidade de corpos, territórios, perfis de pessoas e profissões que tivessem diferentes interesses voltados aos livros. A pergunta “O que acontece no processo de criação de livros?” poderia se ampliar se eu tivesse em diferentes contextos e com heterogeneidade de lugares e pessoas.

Porém, apesar dessa intenção, o percurso não seguiu um roteiro predeterminado. Os encontros foram propiciados por alguns caminhos que já faziam parte da minha vida profissional e outros por oportunidades que foram surgindo ao longo do processo de pesquisa.

Estes encontros, em geral, foram propiciados por:

- Encontros na instituição cultural do SESC, com ofertas de propostas de cursos e oficinas para um público específico, como crianças e famílias, interessados em geral e terceira idade,
- Aulas em cursos de pós-graduação nas instituições educacionais: A Casa Tombada, pela FACONNECT (Faculdade de Conchas) e FMU,
- Oficinas esporádicas em seminários, congressos, formação para professores ou em uma programação de algum evento cultural.

Por esses caminhos, trago os encontros como potência para o devir, ou seja, como a fonte, onde tudo brota. Como as nascentes, que são formadas por águas subterrâneas, que em um dado momento jorram suas águas para a superfície do solo e renovam o seu ciclo, percebo as oficinas como espaço tempo de acontecimentos. É nesses momentos, em que estamos em coletivo nos

espaços de formação, com parceiras e parceiros, que vemos nosso fazer ganhar sentido, histórias aflorarem, mãos começarem a criar. Como o escritor Daniel Munduruku diz:

Histórias moram dentro da gente, lá no fundo do coração. Elas ficam quietinhas num canto. Parecem um pouco com areia no fundo do rio: estão lá, bem tranquilas, e só deixam sua tranquilidade quando alguém as revolve. Aí elas se mostram. (MUNDURUKU, 2005, p. 07)

Por isso, vejo as oficinas, aulas, ou como possamos nomear esses encontros em que estamos em coletivos, como devires, em que há vida, momentos que podem aflorar essas histórias que estão muitas vezes encobertas, dentro de nós. Às vezes, são as histórias guardadas na gaveta, outras vezes em lugares mais profundos e difíceis de alcançar.

Há vida nesse *nascer* e neste momento não estamos sós. Há companhias, que compartilham suas angústias, descobertas e fazeres.

E nesses encontros de águas, de pessoas e suas mãos, movimentos acontecem. Choques, redemoinhos, ou as chamadas pororocas²⁹, que mudam radicalmente os nossos caminhos.

A minha viagem por essas águas se deu por um conjunto de acontecimentos, sem poder prevê-los de antemão. Vale dizer que a partir de 2019, quando ingressei no doutorado, o interesse por vivenciar esses encontros estava mais consciente, por isso fiquei atenta às oportunidades que surgiam.

Aconteceu, por exemplo, com a oficina no Seminário de Arte e Educação em Rio Branco, no Acre, em que enviei a proposta de oficina com a intenção de fazer parte da pesquisa. De toda forma, não podia prever como seriam os participantes e o desenrolar da oficina. Entendi que essa imprevisibilidade fazia parte do caráter, da natureza dos encontros.

As oficinas no Instituto Federal, em Jacaré (SP), e na Imersão Adélia, em Itaipava (RJ), aconteceram a convite de duas colegas que conheciam o meu trabalho e pensaram na oficina como parte de uma programação maior.

²⁹ O termo pororoca é derivado do Tupi que designa “estrondo”, corresponde a um fenômeno natural em que acontece o encontro das águas de um rio com o oceano. O fenômeno se torna mais evidente nas mudanças de fase da lua, especialmente na lua cheia e nova. O processo ocorre quando os níveis das águas oceânicas se elevam e essas invadem a foz do rio, o confronto dessas águas promove o surgimento de grandes ondas que podem atingir até 10 metros de largura e 5 de altura, podendo chegar a uma velocidade que oscila entre 30 e 35 quilômetros por hora. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/pororoca.htm>. Acesso em: 10 set. 2020.

Nesse mapa itinerante, vou traçando o caminho de acordo com o meu caminhar, vou desenhando meu deslocamento no encontro com as pessoas e seus fazeres.

É importante destacar que, para os encontros acontecerem, sempre tive o acolhimento, a mediação de uma pessoa, no caso sempre mulheres, que possibilitaram, abriram caminhos para que eu pudesse estar e realizar o meu trabalho. Foram importantes apoios e companhias na construção desse mapa, feito assim, a muitas mãos. Uma rede que se formou e que possibilitou o desenrolar desta pesquisa. Agradeço a cada uma.

Relato aqui os lugares onde fiz cada parada nesse cursar, e algumas características peculiares de cada encontro.

– A Casa Tombada – São Paulo/ Na Nuvem³⁰

A Casa Tombada – São Paulo, de tijolos aparentes, janelas grandes e assoalho de madeira, foi lugar marcante na minha trajetória. Foi onde eu me vi professora, principalmente nas aulas da pós-graduação “O livro para a infância”. O curso, que teve início em 2016 e conta com nove turmas até o momento, foi idealizado pela professora e jornalista Cristiane Rogerio, que divide grande parte das experiências vividas e relatadas nesta pesquisa³¹. Fui convidada, em 2017, para ministrar a disciplina “O objeto livro”, que compunha cinco ou seis encontros semanais dentro da proposta de um curso de dois anos. Com o tempo, a dinâmica da disciplina e do curso foi se alterando; em 2019 eu entrei para a coordenação da pós e as propostas de criação de livros se transformaram, principalmente no formato virtual, com a Turma VII, a primeira turma 100% online. As pessoas que procuram o curso, em sua grande maioria mulheres, são de diversas áreas de atuação: muitas da área de educação como professoras, mediadoras de leitura, educadoras de instituições culturais ou educativas; bibliotecárias; profissionais ligadas à produção do livro como editoras, ilustradoras, escritoras e designers; mães que estavam dispostas a aprender

³⁰ A Casa Tombada estava localizada até 2020 no bairro Perdizes, na cidade de São Paulo. Com a pandemia, os espaços de expandiram e A Casa Nuvem nasceu, possibilitando encontros na *nuvem*, virtuais. Hoje, existe uma sede em Bragança Paulista, interior de São Paulo.

³¹ Junto a Cristiane Rogerio, o curso de pós “O livro para a infância” foi idealizado com Giuliano Tierno, um dos fundadores d’A Casa e coordenador do curso “Narração artística: caminhos para contar histórias em contexto urbano”.

mais sobre o assunto motivadas pela maternidade, enfim, estudantes que formam um grupo bem heterogêneo.

N'A Casa Tombada também realizei encontros esporádicos, como a oficina “Diálogos com Bruno Munari: ateliê de criação de livros”, para interessados nas pesquisas em torno da materialidade do livro e de estudos sobre o artista. Esta oficina fazia parte da programação de férias de janeiro de 2020.

– Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) – São Paulo

No mesmo ano em que comecei na pós d'A Casa Tombada, em 2017, também fui convidada para dar aula na pós-graduação *lato sensu*, no curso “Docência na Educação Infantil”, com a disciplina “As artes e literatura no contexto infantil”. As estudantes, em sua maioria, já atuavam como professoras da educação infantil e os encontros buscavam ofertar olhares sobre a literatura infantil e as artes visuais, em diálogo com as práticas que já realizavam. No ano seguinte, a disciplina foi ofertada para o curso “Artes visuais com ênfase em educação”, reunindo pessoas de outras áreas de formação, como publicidade, marketing, artes visuais, moda, e que buscavam se formar para trabalhar com o público infantil.

– Fundação AH – Fazenda Córrego Azul – Brasilândia (MS)

A convite de Julia Archangelo Guimarães, diretora da Fundação AH, uma instituição educacional que atende filhos dos funcionários de uma fazenda em Brasilândia, fui convidada para fazer um trabalho de formação para os cinco educadores da fundação e para professores das escolas dos municípios do entorno. A proposta “Mediação de leitura do livro” aconteceu em julho de 2019 e abrangeu pesquisas e práticas para discussão sobre leituras de livros ilustrados. Em um dos dias, realizamos a proposta de criação de livros em pequenos grupos.

– Universidade Federal do Acre (UFAC) – Rio Branco (AC)

Participando do 3º Seminário de Arte e Educação, realizei a oficina “Histórias em livro: oficina de criação”, como parte da programação. Tive o intermédio dos pesquisadores e professores Hanna Araújo e Leonel Carneiro,

que organizaram o seminário. O encontro, que aconteceu em setembro de 2019, reuniu na maioria graduandos dos cursos da UFAC, como psicologia, artes cênicas e pedagogia.

– **Colégio SESI – Rio Branco (AC)**

Por conta da minha ida a Rio Branco para o Seminário na UFAC, Hanna Araújo fez a interlocução previamente com Regiana Araújo, coordenadora do SESI, que articulou uma oficina de formação para as professoras do colégio. A oficina “Convites ao livro: ler e criar” reuniu cerca de 25 professoras e aconteceu em setembro de 2019.

– **Instituto Federal de Jacareí – Jacareí (SP)**

No Instituto Federal de Jacareí, Maristela Rodrigues, professora do Instituto, intermediou minha atuação no Seminário da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT) e Semana dos Cursos com a oficina “Materialidade do livro para a infância”, em outubro de 2019. Os participantes da oficina eram os estudantes do campus e algumas professoras que se interessaram em participar da proposta.

– **Imersão Adélia – Itaipava (RJ)**

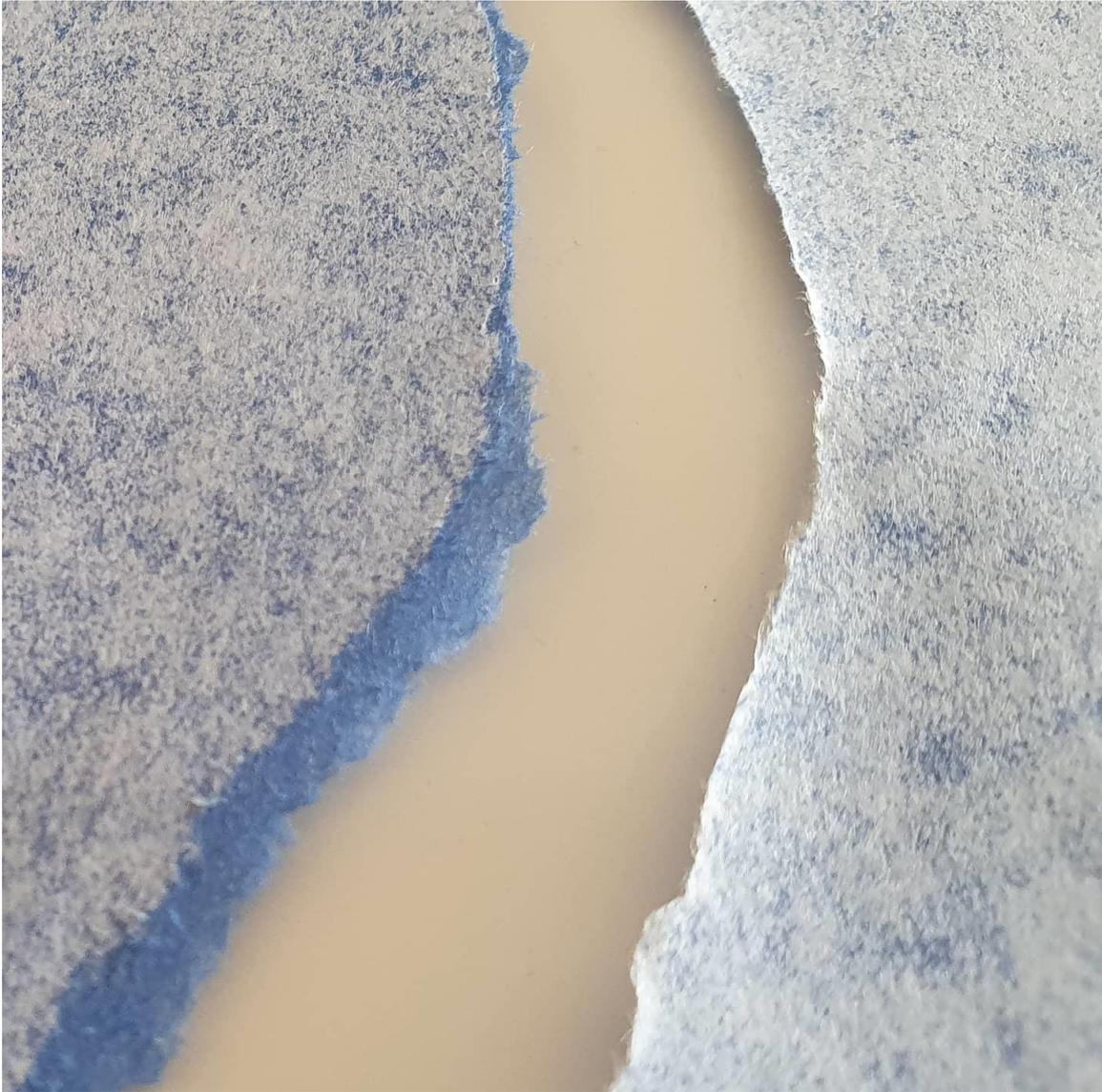
O coletivo Adélia, formado por três pesquisadoras do livro para a infância: Anna Luiza Guimarães, Rosa Walcacer e Padmini, me convidou para propor uma oficina no Imersão Adélia, como nomeiam “uma experiência de imersão na natureza e nos livros para a infância”. Com a proposta de oficina “O livro como objeto: inventando narrativas de si”, pude vivenciar um final de semana em um casarão antigo em Itaipava, com quintal e muito verde, junto de mais 11 mulheres que tinham diferentes atuações e relações com o livro para a infância. Essa oficina aconteceu em dezembro de 2019.

Essas são algumas passagens que me fortaleceram como educadora, experimentando propostas, registrando, escrevendo, vivendo, coletando experiências e histórias.

Por isso, registro esses encontros como marcantes para essa trajetória de fazer livros, em que tive a intenção maior de produzir vestígios para a pesquisa, coletar relatos, fazer fotografias e registrar em cadernos. Mas quero deixar

explícito que toda a experiência que tive junto às pessoas em torno do fazer livros foi fundamental para esta pesquisa e está presente de alguma forma.

Apresento a seguir esses vestígios, e o que pude coletar no caminho.



14

VESTÍGIOS DA PESQUISA: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Os achados da pesquisa e o que encontrei no caminho

Crio a metodologia com o caminhar, ou navegar, da pesquisa. Me identifico com a ideia inventiva da pesquisa cartográfica³², que se baseia no pensamento de que não separa sujeito e objeto, conta com os imprevistos e desvios deste percurso e lida com as subjetividades características de uma pesquisa em Arte Educação. Movida pela pergunta “Como encontrar um método de investigação que esteja em sintonia com o caráter processual da investigação?” (KASTRUP, 2015, p. 9), me inspiro em algumas de suas pistas, como “Cartografar é acompanhar processos”, tendo essa ideia de que há sempre um movimento em curso e você, como pesquisadora ou pesquisador, embarca neste mover-se.

Trago aqui um jeito de pesquisar que acompanha os fluxos dessas águas que correm. É como se, jogados ao mar, fossemos escolhendo o caminho de acordo com a paisagem que se apresenta a nós ou às necessidades desse percurso. Por isso, vou inventando encontros, jeitos de produzir e guardar os achados, de acordo com as questões que surgem, com a minha escuta e posso dizer que até com os acontecimentos que se dão no mundo e que interferem nos rumos da pesquisa. Como aconteceu com a pandemia de Covid-19 e o isolamento social, que lançou novos desafios, inquietações, necessidades, e assim um mudar de curso, um desvio ao que estava previamente desenhado.

Nessa produção de sentidos, houve um olhar de pesquisadora navegadora cartógrafa que se preocupa com os rastros desta pesquisa, produzindo vestígios durante o caminhar³³. Vestígio como “rastro, pegada, pista” (CUNHA, 2010, p.

³² O método da cartografia foi sistematizado por vários pesquisadores nas áreas da saúde, educação, cognição, clínica que trabalham com processos de produção de subjetividades. Têm como conceitos a cartografia apresentada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que trazem o princípio do rizoma. O livro *Pistas do método da cartografia*, que foi o material que acessei para esta pesquisa, é resultado de um processo de estudos entre 2005 e 2007 de professores e pesquisadores do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro que se reuniam em seminários de pesquisa cujo objetivo era a elaboração das pistas do método da cartografia.

³³ “Na maioria das vezes a escrita ‘científica’ deixa poucos rastros das inúmeras implicações que a teve” (MACHADO, 2004, p. 147). Com essa afirmação, Leila Machado convida a pensar sobre a responsabilidade da pesquisa acadêmica, de narrar o que me sucedeu, de explicar os caminhos, os percursos, as dificuldades. Um compromisso ético com a pesquisa e com os leitores deste trabalho. Imbricada nesse pensamento, conto também com as palavras de Luiza Christov: “O

675). Um olhar para o percurso e notar o que me sucedeu, afetou, e o que poderia trazer para perto neste narrar.

O que eu encontrava enquanto caminhava? O que ia coletando nesse trajeto? O que me chamava mais a atenção? O que escolhia guardar? Como encontrei formas de materializar esses acontecimentos? Como fui deixando marcas que pudessem ser olhadas depois, que guardassem memórias do que vivi? Quais palavras ficaram em mim?

Relato aqui como essa produção foi acontecendo, como alguns fazeres foram surgindo por necessidade, e como algumas ações foram movidas pelo desejo de escuta do processo, tendo consciência de que alguns passos foram dados de forma intuitiva.

Vale ressaltar que nem tudo o que produzi ou “guardei” serão investigados com a potência que poderiam ter. Olhando hoje, vejo como algumas ações foram importantes para o processo, mesmo que não apareçam tão explicitamente no trabalho, como as trocas do Grupo Focal, as conversas com alguns professores e as cartas trocadas com uma estudante.

A seguir, relato sobre o processo de produção desses vestígios.

As cartas

Para começar, trago as cartas que coletei desde 2017 como principal vestígio desta pesquisa. São escritas das e dos estudantes e participantes de aulas e oficinas em que as convido a fazerem livros e depois escreverem sobre esse processo. As cartas foram fundamentais para o nascimento desta pesquisa, se revelando como material potente para ser investigado, além de alimentarem as minhas inquietações e estudos sobre os processos de criação de livros.

A proposta de pedir que escrevessem em formato de cartas surgiu quando comecei a dar aula em cursos de pós-graduação: “O livro para a infância”, n’A Casa Tombada, e “Docência na Educação Infantil”, na FMU. Em ambas eu trazia um olhar para o livro como objeto e para a sua materialidade, pesquisa realizada

texto acadêmico é comprometido com a explicitação dos caminhos percorridos em uma experiência de conhecimento. Todos os textos permitem que se elabore reflexão e conhecimentos, mas o gênero acadêmico exercita esforço de explicitação para mostrar aos leitores como é possível uma investigação e para exibir uma escrita que convide ao conhecimento, para exibir uma escrita que favoreça a busca pela palavra comum, palavra profeta, palavra de criar juntos, de criar coletivamente os territórios de ocupação comum” (CHRISTOV, 2021, p. 12).

durante o mestrado. No desafio de transformar a pesquisa em aulas, roteiro e “avaliação”, fui inventando propostas que dialogassem com o conteúdo e a prática de fazer livros foi fundamental para isso. Nesse movimento, pensei que as cartas poderiam compor a minha disciplina como exercício final, como encerramento dos encontros, sendo uma forma de convidar as estudantes a escreverem sobre os percursos. Se o que interessava não era o resultado do livro produzido e sim o processo³⁴, pensei que uma escrita seria fundamental para as reflexões de cada estudante. Uma escrita despreziosa, em que pudessem narrar a si nesse processo de criação do livro.

A linguagem da carta sempre me atraiu pela forma, pelo tom de conversa, de diálogo com um destinatário. As cartas hoje nos remetem à lembrança de algo distante, que é quase raro: escrever com o próprio punho, colocar num envelope, ir ao correio, esperar o tempo de chegar, enfim, uma dinâmica que ficou muito distante dos nossos dias e das formas de nos comunicarmos, como o e-mail, WhatsApp etc. Assim, pensava na proposta da carta como uma ação desacostumada, um convite a uma escrita imprevisível.

Vale contar que as cartas que escrevi para a disciplina com a professora Sumaya Mattar na ECA-USP, em 2012, estimulada por uma de suas propostas, foram fundamentais para a minha compreensão da escrita da carta como potência de narrar um percurso. Foram duas cartas para Bruno Munari, artista italiano que tenho como referência sobre questões acerca da materialidade do livro. Fui motivada pelas perguntas: Se eu pudesse escrever para ele, o que eu diria? O que contaria sobre as minhas oficinas de criação de livros? O que perguntaria? E o que será que ele iria me dizer sobre tudo isso?

Acho que a experiência de escrever sobre o meu fazer me tocou, percebi a potência dessa escrita, e quando fui criar uma dinâmica para os encontros, a carta pareceu um exercício que poderia propor reflexões.

Ao longo dos anos, fui percebendo que ela foi me dando muito mais do que eu tinha previsto ali, no início de tudo. Quando Vilma Ribeiro, estudante da primeira turma da pós “O livro para a infância” me entregou ao final dos encontros três cartas: uma para mim, uma para a Vilma menina e uma para a Vilma adulta, isso me atravessou e rompeu com qualquer ideia que tinha sobre a proposta. Uma escrita que acolheu o que precisava dizer, para alguém que era

³⁴ Entre tantas incertezas, essa era uma questão importante para mim.

fundamental nesse diálogo. Essas palavras nada seriam para outras pessoas. Ela precisava conversar com aquela que tinha sido criança um dia e para quem é hoje. Ela escolheu conversar consigo mesma.

Além do *para quem* dizer e o *que* dizer, o *como* dizer importa tanto quanto. A materialidade da carta me ofertava também elementos que diziam além das palavras. O gesto da letra, a cor, o tipo de papel escolhido, o amassado, as dobras, o envelope com marcas dos dedos, o fio de barbante que envolvia tudo, o enrolado da carta que imitava um pergaminho... Tudo isso compunha o que recebia em mãos. As cartas abrigavam uma materialidade viva, gestos da mão e do corpo ao narrar.

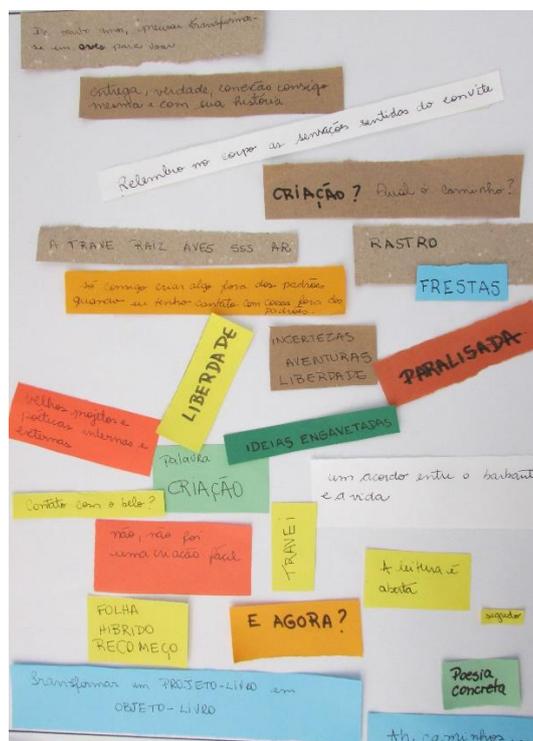
Assim, em cada carta que lia, percebia um universo de possibilidades: dizeres sobre as histórias das pessoas, palavras que traziam elementos e características sobre o processo de criação. Nesse deslumbramento com tanta matéria de vida e com as narrativas sobre os processos, comecei a reunir as cartas como um grande tesouro. Um dia elas me levariam para outros lugares. Hoje sei que o doutorado foi um deles, sendo a pesquisa uma maneira de *atracar* essas cartas, dar visibilidade a essas preciosas escritas. Talvez esta seja uma forma de responder às pessoas, uma tese como uma longa carta a todas que se permitiram escritas de si.

Nesse percurso, uma coisa que foi acontecendo foi o desejo de responder cada carta com outra carta, mesmo quando eu não era a destinatária. Pedindo permissão para ler, mesmo quando era para a avó, uma antiga professora, uma autora ou autor, a filha, ou uma amiga do colégio, eu pedia para espiar essa conversa. E escrevia. Me sentia estimulada a escrever, conversar, contar o que achei, fazer conexões com outros pensamentos. Uma maneira de prolongar a conversa, esticar um pouco mais o assunto, a aula, a reflexão. No processo de leitura das cartas e da ação de responder, eu também entrava em contato com a minha própria escrita. Tocada e afetada pelas escritas das estudantes e participantes, eu me via motivada e convidada a criar. Criar palavras. Criar envelopes. Criar formatos. Criar dizeres. Criar cartas. Criar escrita.

Esse processo também me apontou caminhos para a minha prática como professora. Sinto que a proposta foi se transformando, dependendo da turma, dos tempos, das pessoas, e do meu entendimento sobre isso tudo. Ia me

transformando também, metamorfoseando, em um tempo em que fui *me vendo* como professora.

Em uma das turmas da pós “O livro para a infância”, na Turma V, resolvi por uma devolução coletiva, uma carta única para todas as estudantes. Isso surgiu porque a experiência na pós é sempre coletiva. Em contato constante com a coordenadora Cristiane Rogerio, percebíamos a turma, a singularidade de cada uma das estudantes como parte de um grupo. O tempo em que a disciplina aconteceu em relação ao curso todo, na época com duração de dois anos, também compunha características próprias para os encontros: estávamos no final do curso, era uma turma muito unida, com laços já estabelecidos, vínculos construídos. Nas cartas, as estudantes, todas mulheres, me trouxeram uma entrega que me provocou a pensar em responder a elas de uma outra forma, diferente da que eu estava habituada³⁵. Era preciso inventar essa resposta. Já tinha percebido que esse retorno tinha muita relação com o que me ofertavam. Fiz uma colagem de suas próprias escritas, inaugurando um outro tipo de devolutiva, uma descoberta para mim nesse processo todo.



15. Página 1 de 3. Colagem a partir de fragmentos que coletei nas cartas das estudantes da Turma V da pós “O livro para a infância”, 2019. Fotografia de Camila Feltre. Arquivo pessoal

³⁵ Eu costumava responder cada escrita com uma carta feita de maneira individual e artesanal, variando tipo de papel, formato, tamanho, cor da letra.

As cartas foram aparecendo ao longo do percurso da pesquisa em vários momentos: para trazer elementos sobre os processos de criação, como inspirações para a escrita e como disparadoras do meu percurso criador. A partir de 2019, quando ingressei no doutorado e tendo a consciência de como as cartas e os materiais que reuniria dos encontros – imagens, falas, fotografias dos livros produzidos – seriam importantes para esse narrar, passei a pedir para as participantes das oficinas e cursos assinarem um termo de consentimento autorizando “o uso da imagem, do som da voz, dos registros produzidos, das cartas e das criações” na tese, alegando o viés acadêmico e as contribuições para o andamento da pesquisa. Intuí que o que eu produzisse e coletasse dos encontros – os vestígios – pudessem ser matérias vivas para os estudos. Em relação às estudantes dos cursos de pós-graduação, eu não tinha esse hábito de pedir que assinassem o termo de consentimento, talvez por entender que poderia entrar em contato mais adiante caso precisasse. Foi isso que aconteceu, depois da escolha das cartas e fotografias no trabalho, entrei em contato com cada uma para as devidas autorizações, assim como para as leituras em voz alta, ideia que surgiu mais recentemente³⁶.

Essa relação com as cartas é algo ainda presente na minha atuação como professora, tanto nas turmas da pós quanto em espaços onde encontro oportunidades para essa proposta. Um universo que sempre me possibilita novas formas de fazer, pensar, criar e exercitar o meu eu-professora-criadora-artista. Foi um pouco por esse caminho, sentindo que novas formas de narrar poderiam acontecer, que passei a coletar o que estou chamando de relatos.

Os relatos

Alguns encontros de formação, como oficinas, tinham duração de aproximadamente duas a três horas, diferente do caráter de continuidade das disciplinas da pós ou dos cursos em instituições culturais, como SESC. Isso fez com que eu repensasse a forma de pedir uma escrita sobre o processo de criação. Como não haveria um segundo encontro para que me devolvessem a carta, fui sentindo o que era possível propor para poder estar mais perto do que reverberava. Se não era possível ter um retorno de todos do grupo, eu tentava

³⁶ Termo de consentimento em Anexos.

manter contato pelo menos com uma pessoa de cada encontro. Ao final da oficina, deixava meu e-mail e WhatsApp para que pudessem me retornar e, em muitos casos, quando conhecidos ou pessoas mais próximas participavam, eu enfatizava o convite, já que recebia poucos retornos.

A partir de algumas situações, fui percebendo um certo receio de tempo para a escrita, um *deixar para depois*, que me dava a sensação de estar dando trabalho para as pessoas. Enquanto isso, outras me contavam por áudios de WhatsApp o que tinha acontecido, de forma totalmente natural. Sentiam vontade de descrever o processo, contar como acharam a solução para um material e o que fizeram depois com o livro, ou como começaram a fazer outro livro e levaram para a turma em que lecionavam. Enfim, histórias iam sendo narradas pela voz.

Tentei me despir de uma forma fechada de registro e resolvi abrir a proposta, convidando as pessoas a decidirem a melhor forma de contar. Assim, coletei escritos, pois alguns preferiram escrever, já que “poderiam elaborar melhor os pensamentos”, enquanto outros enviavam áudios de 10 minutos contando as percepções sobre o fazer. Senti que essas conversas foram calorosas e criou-se um canal próximo com algumas pessoas, principalmente ao longo de 2020, durante a pandemia, ano em que o virtual ganhou mais força.

Dessa forma, abri o convite a uma escrita que estou chamando de *relato*, que entendo como uma linguagem que não se restringe à carta.

Como ramificações das propostas, outras possibilidades se apresentavam, outras formas de me aproximar do fazer de cada pessoa iam se revelando nesse caminho. Paisagens se mostravam nesse percurso.

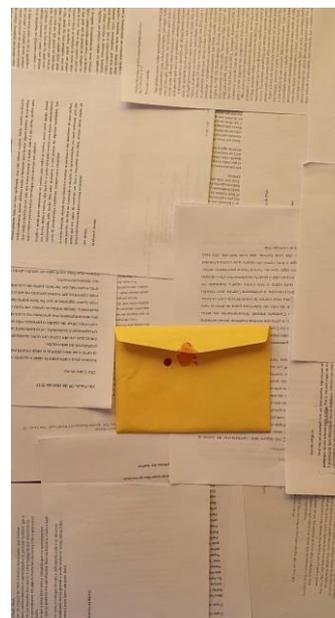
A seguir, fotografias de algumas cartas que recebi, de 2017 a 2021.



16 e 17. Cartas que recebi das estudantes da pós-graduação “O livro para a infância” e que fazem parte do meu acervo pessoal. Fotografias de Camila Feltre. Arquivo pessoal



18. Cartas que escrevi como retorno às estudantes da Turma I e III da pós-graduação “O livro para a infância”, em 2017. Fotografia de Camila Feltre. Arquivo pessoal



19 e 20. À esquerda, carta de Tamiris Maróstica da Costa, estudante da Turma V da pós-graduação “O livro para a infância”. À direita, cartas recebidas dos estudantes das turmas de pós-graduação da FMU. Em amarelo, carta de Mariana Amargós, estudante da Turma II da pós “O livro para a infância”. Fotografias de Camila Feltre. Arquivo pessoal

Cartas – Escritas trocadas

Um desses desdobramentos, de atravessamentos no meio do percurso, foi quando uma das estudantes, Liliana Pardini³⁷, depois de receber minha carta,

³⁷ Liliana Pardini, na época (2018) fazia parte da Turma II da pós “O livro para a infância”. Hoje se nomeia como fazedora de livros, tendo publicações de forma independente e em casas editoriais.

disse: “Fiquei com vontade de escrever de novo para você, responder a sua carta”.

Assim, nessa troca, nos correspondemos durante um tempo, não sei exatamente quantas cartas escrevi e recebi, nem o tempo exato. Mas essa experiência foi fundamental para a minha percepção sobre a potência da carta como linguagem. Imersa na experiência de escrever e receber cartas, percebi um outro tempo que nos convida a viver a troca e a relação com a outra pessoa. Tempo de espera da carta chegar, tempo de abrir o envelope e encarar a escrita, tempo de responder, com cuidado e atenção nas palavras grafadas à mão, tempo de poder ir para o correio, tempo do trâmite até chegar na casa da outra pessoa, tempo da espera do retorno.

Nas trocas, pude perceber uma escrita mais próxima do dia a dia, problemas que eram atravessados por situações do cotidiano, afetos, acontecimentos como a chegada do Natal e a greve dos correios.

Nesse caminhar, ouvindo histórias de livros e suas feitura, fui percebendo uma pequena comunidade de fazedores de livros³⁸, de pessoas que eu mantinha contato e sempre conversávamos sobre ideias, dúvidas, angústias e descobertas desse fazer artesanal. Pessoas que tinham partilhado a travessia comigo e que continuaram a navegar por interesse. Assim, senti a necessidade de ouvir essas vozes em diálogo, ou seja, colocar as pessoas para conversar sobre os seus processos de criação. Como eles se dão? Será que um dialoga com o outro ou são caminhos completamente diferentes? O que acontece se juntarmos algumas pessoas para conversar sobre isso?

Vozes em choque – Grupo Focal

O caminho encontrado para colocar vozes em contato se deu por meio de dois encontros, baseados nos estudos de Grupo Focal³⁹. Percebi esta

³⁸ O termo “fazedor de livro” foi trazido por Aline Abreu, que se define assim, na sua dissertação de mestrado “O texto potencial no sistema ecológico do livro ilustrado infantil: palavra-imagem-design”, realizada na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2013. Para ela, o fazedor de livros é aquele que se ocupa do “texto verbal, da narrativa visual, e do projeto gráfico do livro” (ABREU, 2013, p. 16). Hoje é muito comum ouvirmos esse termo para se referir aos artistas e criadores que veem o livro como um todo. Aline inaugura esse termo trazendo, assim, novas reflexões.

³⁹ Tive como livro de referência *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*, de Bernadete Gatti: “Segundo Powell e Single (1996, p. 449), um grupo focal ‘é um conjunto de

metodologia como uma possibilidade de aprendizado, tanto para mim, como pesquisadora na escuta do que poderiam dizer, quanto para as colaboradoras, que poderiam aprender na troca, conhecer possíveis parceiras e parceiros, se firmar mais na pequena comunidade de artesãs do livro⁴⁰.

Isso porque vivenciei algo particular durante a pesquisa. Fui convidada a participar de um Grupo Focal de uma das pesquisadoras do grupo de estudo do qual faço parte, Patrícia Marchesoni. Junto com outras educadoras e educadores, conversamos durante uma tarde inteira sobre nossas práticas educativas e artísticas e percebi o encontro como um momento de muito aprendizado. Durante o diálogo, me senti pertencente a um grupo, e particularmente não havia notado como estava solitária nesse nicho de arte-educadora atuando em instituições culturais. Poder conversar com pares que passam por experiências parecidas e saber como veem certas questões, me fez sentir parte de um grupo, de um coletivo. Esse momento foi tão enriquecedor que ainda me traz questões e, provavelmente, tenha sido um impulso para também querer proporcionar um encontro com colegas que estavam fazendo, pensando, refletindo sobre o fazer livros.

Dessa maneira, me perguntei: Quais pessoas haviam participado de oficinas, encontros ou aulas comigo ao longo de 2019 e continuou produzindo? Quais delas desejariam dialogar sobre livros e mais especificamente sobre o fazer? Assim, pensei em pessoas com quem eu mantinha algum tipo de vínculo e que poderiam se interessar em participar de um encontro como momento de aprendizado e trocas.

A minha ideia era escolher pessoas com diferentes perfis e localidades, tentando ampliar os olhares para os processos. Pensei também que seria interessante não chamar duas pessoas que tivessem participado da mesma oficina. Cheguei em quatro pessoas: duas mulheres de São Paulo (uma de Embu das Artes e outra de São José dos Campos), uma do Rio de Janeiro e um homem de Rio Branco, Acre:

– Maristela Rodrigues – de São José dos Campos (SP). Professora há 30 anos, com pesquisa em torno da formação para professores. Como

peças selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de uma experiência pessoal (GATTI, 2005, p. 7).

⁴⁰ Uso aqui *artesãos do livro* no mesmo sentido de fazedores e criadores de livros.

professora de artes, tem um trabalho de experimentação na linguagem do desenho e da fotografia. Já a conhecia do Instituto de Artes da Unesp e estivemos juntas na oficina que realizei no Instituto Federal de Jacareí, onde atua como professora.

– Líliliana Pardini – de Embu das Artes (SP). Foi estudante da pós “O livro para a infância” n’A Casa Tombada em 2018. Afirma que foi nos nossos encontros que se *inaugurou* como fazedora de livros, como costuma se definir. Continuou produzindo com muita frequência, participa de feiras de publicações independentes e publicou livros de forma independente e em casas editoriais. Foi com quem troquei as cartas ao longo de 2018 e 2019.

– Líllian Araújo – de Petrópolis (RJ). Participou de uma oficina em Itaipava, durante o evento “Imersão Adélia”. Líllian apresenta interesse nos fazeres manuais e na materialidade do livro, experimentando possibilidades de formatos e materiais.

– Thales Vasconcelos e Silva – de Rio Branco (AC). Conheci durante uma oficina que ministrei no Seminário de Arte Educação da Universidade Federal do Acre. Interessado no fazer livros para a prática como psicólogo, estava numa fase de experimentar o próprio traço e mostrar os livros que faz a amigos, colecionando *leituras*, ou seja, coletando as interpretações dos seus leitores.

Assim, cheguei aos parceiros/colaboradores para a conversa. Fizemos ao longo de 2020 dois encontros em plena pandemia. Conversamos por meio da plataforma Zoom nos dias 21 de maio e 16 de junho e pareciam estar felizes em conhecer novas pessoas. O fato de estarmos vivendo um isolamento social pode ter tornado o encontro um momento raro de troca. Ao mesmo tempo que estavam animados com a possibilidade de conversarem, surgiram alguns imprevistos, problemas pessoais por causa da fragilidade do momento. Tive muito cuidado nessa questão, para não invadir o espaço de cada uma e cada um e me certificar de que estavam bem para darmos seguimento à conversa.

Os dois encontros renderam muitas trocas. No primeiro, surgiram falas mais individuais dos processos de cada uma e cada um. Foi a partir da pergunta “Como é o processo de criação de vocês?” que trouxeram os seus percursos. Se

mostraram muito interessados em conhecer o processo do outro, em mostrar livros e trocar referências.

O segundo encontro surgiu como pedido e interesse para continuarmos. Organizei mais um encontro tentando deixar mais espontâneo, pois já se conheciam, e ao mesmo tempo trazer um pouco de inquietações, problematizando o assunto: Quais as dificuldades na criação? Vocês têm rotina? Como veem a criação dentro da vida? É trabalho, é lazer?

Ouvindo os encontros que foram gravados, e revendo as anotações, percebi que já tinha bastante material para as minhas investigações e preferi não organizar mais conversas, já que poderia produzir muito material e não dar conta de cuidar de tudo. Poderíamos continuar a conversa, mas me vi na responsabilidade de não assumir mais encontros sem o devido cuidado com o material que iria produzir.

Assim, a conversa por WhatsApp continuou, ainda trocamos dicas de títulos de livros, eventos e congressos relacionados a literatura e artes.

Vale ressaltar que o material coletado não está tão presente na tese, ou seja, as falas, os relatos de experiências e as percepções sobre o grupo foram ocupando outros lugares na pesquisa, não sendo de interesse o aprofundamento dessas conversas. Ao final da tese percebo que as trocas nos dois encontros foram fundamentais para os meus estudos sobre processos de criação e o que acontece quando se está em coletivo, envolvendo questões de reconhecimento e pertencimento.

Conversa com professores propositores de criação de livros

Outro *desvio* que aconteceu, por necessidade de outras escutas, foi agendar com professores que também tinham como proposta a criação de livros. Foram trocas mais informais, sem estrutura predeterminada. Fui nutrida pelo desejo do diálogo e só depois pude percebê-lo como parte do processo de pesquisa. Conversei com Núbia Najar, professora residente em Manaus, e com o professor Alberto Roiphe, de São Paulo, que já me acompanhou na fase do mestrado.

O primeiro encontro foi com a Núbia, que conheci em viagem a Manaus, durante o Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil, o CONFAEB.

Mediadora da minha mesa de discussão, ela contou que é professora e que propõe exercícios de criação de livros aos estudantes da graduação onde atua, na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Conta do caráter itinerante do trabalho em comunidades indígenas, se deslocando e propondo aos estudantes criarem livros a partir das histórias orais das aldeias. Fiquei encantada e trocamos contatos. A nossa conversa foi marcada bem no início da pandemia, em que não sabíamos o que fazer, pensar e esperar. Mas sentia que precisávamos conversar. Fazer a pesquisa nesse contexto foi muito importante para trazer algo concreto, real, num momento que era atravessado por tantas incertezas. Fizemos uma chamada de vídeo por WhatsApp. Ainda sem familiaridade com os aplicativos que gravavam, só registrei o encontro com anotações e percebi como foi importante poder ouvir alguém cuja prática dialogava com a minha. Na medida em que ouvia Núbia falar sobre seu trabalho, eu ficava encantada em ver toda a potência e alegria no seu narrar e ia identificando semelhanças e disparidades com o meu fazer. Enquanto a intenção da proposta, o uso dos materiais, o convite à criação e o resultado iam me dizendo sobre os processos envolvidos, eu ia me percebendo como professora, com um fazer próprio que não notava antes. Foi no contato com o fazer de Núbia que fui me notando.

Essa conversa me levou a pensar em outras professoras ou professores que também convidavam outras pessoas a criarem livros e logo veio à mente o professor Alberto Roiphe, que inclusive foi fundamental na trajetória do meu percurso. Eu cursei uma disciplina que ele ministrou na ECA-USP em 2012 e nesse espaço de aula eu pude propor aos colegas que fizessem livros. Foi um momento bem importante para o amadurecimento da minha pesquisa. Alberto também participou da minha banca de defesa do mestrado, então era alguém que conhecia o meu trabalho e poderia entender o meu interesse na conversa. A partir desse encontro, também de forma virtual, consegui me aproximar do seu trabalho como professor e da sua relação com os estudantes. Na sua fala ficaram nítidas a didática imbuída na proposta, as redes que se fazem na escola e as parcerias construídas com outros professores. Me lembro da sua voz falando de alguns estudantes, de uma situação inusitada, da exposição de livros no final de

uma proposta e da produção de um livro⁴¹. Ao lado de outros professores, me vi professora também.

Caderno de anotações

Outro material que trago aqui como vestígio vivo desses processos são os cadernos de anotações. Como diários de viagem, eles registram pensamentos, reflexões, acontecimentos, materializando algo do efêmero. Geralmente, são compostos por roteiros, planos de aula e um *como foi* depois do encontro. Escrevo sobre questões que ficaram fortes para a turma, dúvidas, o que senti do encontro, possibilidades de como poderia ter sido ou qual caminho poderia ter seguido, surpresas, novas ideias, como estava o clima da aula, enfim, reflexões sobre o encontro. Entendo o caderno de anotações como campo, como território de pouso de pensamentos e acontecimentos de um tempo presente, daquilo que considero importante para não esquecer, sabendo que algo imprevisível pode acontecer nessa escrita. Porque escrevemos também para descobrir algo que não sabemos⁴², somos pegos de surpresa com um pensamento que surge, uma frase que salta. Descobertas que se dão no próprio encontro com a escrita.

Produção de imagens

Fotografias dos encontros

Na tentativa de capturar uma cena, imagem, situação ou acontecimento, eu fotografo os encontros no momento de uma breve pausa. Geralmente, acontece quando as estudantes ou participantes estão envolvidas na criação do livro e eu posso me distanciar um pouco para olhar o espaço e tentar captar algo. A imagem de um gesto, uma mão em ação, um movimento inseguro, um encontro dos dedos com um material, um rasgar, furar, dobrar o papel. Busco

⁴¹ Tive acesso ao seu artigo: “Livros infantis sobre os bairros do Rio de Janeiro: quando o aluno de pedagogia se torna o autor”, disponível em: <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2012/10/68-78-Livros-Infantis-sobre-os-bairros-do-Rio-de-Janeiro.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

⁴² “Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo.” (LARROSA; KOHAN, 2014, p. 5)

detalhes que possam me dar pistas desse encontro e dos fazeres de um grupo de pessoas. Ao mesmo tempo, tento um olhar deslocado, de alguém que espia o acontecimento, um olhar estrangeiro para captar o não óbvio. O que consigo descobrir dessas imagens?

As fotografias dos encontros, muito mais que registros, viraram material de criação para experimentos artísticos e alguns livros que compõem este trabalho.

Fotografias dos processos de criação

Com o tempo, fui percebendo o lugar da fotografia como parte do meu processo de criação. Depois de experimentar papéis, combinações, sobreposições, senti a necessidade de registrar esses experimentos e a fotografia me pareceu ser a linguagem que, ao mesmo tempo que *guarda* esses encontros, também me mostra outras perspectivas. Desloco o meu olhar, recorto uma cena, aproximo, olho sob outro ponto de vista, e paisagens são formadas. Consigo trazer as frestas, o desenho do rasgo, a textura do papel, palavras escondidas.

Quando imprimo essas imagens, outras possibilidades se dão. Posso ampliar a cena, diminuir, recortar, sobrepor diferentes impressões, usar diferentes papéis, texturas. É um processo artesanal de experimentação a partir das imagens que vou produzindo durante a pesquisa.

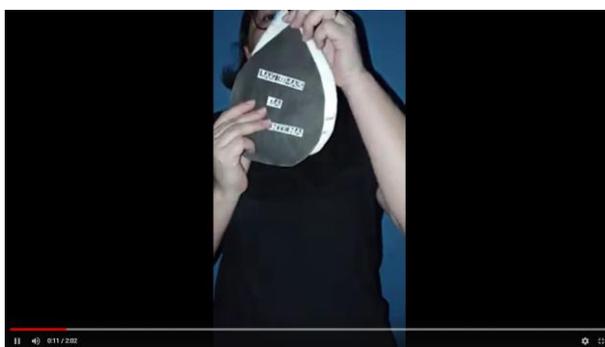
Registros dos livros produzidos

Ao longo desses anos, quando percebi a potência dos encontros e do que se produziu nesses momentos, fui pensando formas de registrá-los e organizá-los. Percebi que poder revisitar os livros produzidos pelas estudantes enquanto leio as cartas traz outras camadas de leituras. Consigo lembrar da composição artesanal e fazer uma leitura mais profunda da escrita, criando conexões com o que a estudante relatou. Assim, desde a segunda turma da pós, comecei a registrar com fotografias todos os livros produzidos, já que cada uma fica com o seu. Em raras exceções deixam comigo como material de pesquisa. Dessa forma, para tirar fotos dos livros – capa e todas as páginas na sequência – costumava usar parte do tempo do intervalo da aula ou levava para casa de uma semana a outra.

Nas oficinas, esse registro já ficava mais difícil pela duração do encontro, geralmente de duas a três horas. Tentava fotos durante o momento em que estavam produzindo e, às vezes, no final, quando pedia para fotografar de alguém que podia ficar um tempo a mais.

Com a Turma VII da pós “O livro para a infância”, que teve início em agosto de 2020 e foi totalmente online, esse processo se modificou. Foram as próprias estudantes que registraram em fotografia e/ou vídeo o livro e momentos que envolveram a criação, como algumas etapas, o espaço onde estão inseridas e a mesa com materiais, com intuito de compartilhar o processo. Isso trouxe outros olhares para essas formas de registro, posso até dizer que apresentaram um trabalho mais autoral, cheio de significados, em que experimentaram a linguagem que seria compartilhada. Colecionei vídeos que ampliavam a ideia do livro: mãos virando páginas e uma voz ao narrar a história, ambientes que começavam a compor a narrativa audiovisual, e todo um corpo a ler, como da estudante Rose Serrão. Foram muitas belezas compartilhadas.

Convite à leitura/fruição do livro Lágrimas de quarentena



21. Livro produzido pela estudante Rose Serrão, da Turma VII da pós “O livro para a infância”, em 2021.
<https://youtu.be/GBpoXR2TUKkE>





22. Livros produzidos pela Turma VI da pós “O livro para a infância”, 2019. Fotografia de Camila Feltre. Arquivo pessoal

Grupo de pesquisa sobre processos de criação

Para finalizar a composição dos *Vestígios da pesquisa*, trago uma contribuição que foi fundamental para os processos vividos e para os caminhos que foram se construindo neste percurso: os encontros com duas pesquisadoras do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação (GPIHMAE)⁴³, orientandas da professora Rejane Coutinho: Camila Lia e Patrícia Marchesoni.

A formação de um grupo de estudo sobre processos de criação surgiu da necessidade de uma troca mais íntima, mais específica sobre um assunto comum às três. Assim, decidimos por encontros, geralmente mensais, desde 2019. Começamos com leituras de textos e livros, nos aprofundando no trabalho de Cecília Almeida Salles⁴⁴, que era de nosso interesse. Com o decorrer dos encontros, outras necessidades e urgências foram desenhando os encontros. Conversar sobre a qualificação, questões burocráticas e sobre a pesquisa ganhou espaço em alguns momentos, criando um campo de apoio e troca.

Fomos desenhando nossas reuniões e nos pautando conforme nossos desejos e anseios. Durante 2020, houve um momento que estávamos envolvidas com a escrita e paramos para olhar o lugar da criação nesse processo de

⁴³ O GPIHMAE é vinculado ao PPG Artes do Instituto de Artes da Unesp com coordenação das professoras Rejane Coutinho e Rita Bredariolli.

⁴⁴ Cecília Almeida Salles pesquisa sobre processos de criação a partir da crítica genética. Professora da PUC-SP e autora dos livros *Gesto inacabado* e *Redes de criação*.

escrever. Como fruto das nossas reflexões, escrevemos um artigo⁴⁵ juntas e apresentamos alguns estudos em um dos encontros do grupo de estudos.

O que vale ressaltar aqui é como participar desse grupo se tornou fundamental para os processos de criação da minha pesquisa. Ter um lugar para compartilhar os rascunhos e experimentos artísticos estimulou o fazer e alimentou a criação. Além dos laços que formamos, conversar sobre nossas fragilidades, inseguranças e o exercício de nos ouvirmos foi solidificante no percurso. Estar nesse grupo me possibilitou uma experiência de exercitar a pesquisa em coletivo.

Esses foram alguns achados do que eu encontrei no movimento das águas em que mergulhei, fundamentais para poder narrar essa história.



23. Encontro das águas do Rio Negro e Solimões, Manaus (AM). Fotografia de Arthur Arruda, julho de 2022. Arquivo pessoal

⁴⁵ Artigo intitulado: “Como trazer para a escrita os processos criativos da pesquisa?” Publicado na *Revista Apotheke*, v. 6, n. 2, em 2020. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/18325>. Acesso em: 26 set. 2022.

Carta à Rejane⁴⁶ – Companhia nesta pesquisa-travessia

À Rejane,

Esta carta é para você, Rejane, pensando na sua companhia ao longo desses 10 anos no percurso, desde o mestrado e agora nesse cursar do doutorado.

É tanto que aprendi, e continuo a aprender, que fica difícil narrar em palavras o que sua presença significa no meu percurso. Tentarei aqui contar a você como o seu ser professora transbordou e transborda na minha atuação e percepção sobre a docência.

Ao longo desse tempo fui percebendo nas suas falas, no silêncio, no olhar, nas pausas, nos incômodos que demonstrava diante de algo, um aprender que se dava na presença, na convivência e na companhia.

Como águas que se encontram, eu aprendi muito estando ao seu lado, águas que correm lado a lado, se misturam, se fundem em alguns momentos, mas sempre respeitando o curso de cada uma. É assim que me sinto na sua companhia como orientadora de pesquisa, ou *desorientadora*, como disse em uma conversa a respeito do termo “orientação”.

Você demonstra uma confiança no nosso caminhar, e até nas dúvidas e percalços que podemos encontrar. E isso não é um caminho fácil. Há muitas regras, muitas pessoas dizendo o que fazer, ainda mais quando estamos nos referindo à educação e à pesquisa. O que mais encontramos são diretrizes, soluções, jeitos certos de se fazer. Confiar na incerteza que os estudantes apresentam, fortalecer suas perguntas, bancar essa caminhada lado a lado não é tão simples. Isso porque vivo a experiência como estudante e como professora e diversas vezes me vi enveredando mais para os caminhos da “solucionática” do que da “invencionática”, como diria minha outra mestra, Luiza Christov.

⁴⁶ Rejane Galvão Coutinho, professora do Instituto de Artes da Unesp em São Paulo, desenvolve pesquisas com foco na história do ensino de artes e na formação de arte/educadores e mediadores culturais. Foi minha orientadora durante mestrado e doutorado.

Para refletir sobre o papel da professora “desorientadora” vou recuperar a imagem da barqueira que ouvi você descrever durante conversa⁴⁷ com a educadora e contadora de histórias Giselda Perê, e que foi sua orientanda no mestrado. Você traz a imagem da barqueira, um conceito da pesquisadora suíça Marie Christine Josso, que foi quem a introduziu no contexto das histórias de vida na formação do professor, metodologia que utiliza nas suas aulas de artes no Instituto de Artes da Unesp.

Você nos apresenta:

Queria compartilhar com vocês um conceito de como eu me sinto e tem relação com o que a Giselda colocou de travessia, porque eu me sinto muito como uma barqueira. E vou usar esse conceito que é da Josso, que é uma das autoras que me introduziu no contexto das histórias de vida. Eu tive oportunidade de fazer um *workshop* quando ela esteve aqui no Brasil e isso foi muito importante. Ela, nesse *workshop*, fez uma distinção entre o professor numa perspectiva tradicional e o professor numa perspectiva mais transformadora. Ela disse que um professor numa perspectiva tradicional diante de um coletivo, de uma sala de aula, ele tem uma postura mais de instrutor. E diante dos indivíduos, das pessoas individualmente, se ele for um bom professor, ele pode ser um mentor, ou ele pode ser um mestre. Essa ideia de mentor e de mestre sempre um pouco acima, que se coloca acima do outro sujeito. Ela traz a perspectiva de uma educação transformadora, que o professor diante do coletivo, ele pode se colocar como um mediador, ele deve se colocar como um mediador. O Paulo Freire está aí a nos provocar muito com essa ideia, de um professor mediador, de que o conhecimento está no mundo, de que o conhecimento são as relações e tal.

E aí a Josso traz, dentro dessa perspectiva, que diante do outro, diante dos sujeitos, nessa perspectiva de transformação, o professor pode se transformar ou pode atuar como um *barqueiro*. E como ela trabalha com o francês ela usou a palavra *paqueur*, que a tradução em português é barqueiro. **É aquele que acompanha o outro no percurso, auxiliando nas suas passagens de uma margem a outra, seguindo o fluxo das águas do conhecimento**⁴⁸. Acho essa uma imagem muito bonita. Eu procuro me apropriar dela e procuro exercer esse papel de barqueira diante das pessoas que estão no meu entorno. (COUTINHO, 2022)

⁴⁷ Live realizada pelo grupo EGUNGUN, um subgrupo do GPIHMAE: “Corpas, Saberes e Territórios: Criando territórios para outros saberes”, com Rejane Coutinho, Rita Bredariolli, Giselda Perê e Mirella Maria e mediação de Raquel Santos. Foi realizada dia 7 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=njAFKbo1vrE>. Acesso em: 27 ago. 2022.

⁴⁸ Grifo meu.

É exatamente assim que eu me sinto em relação a sua companhia nessa viagem, nessas águas que correm com a pesquisa, com a vida. Admiro sua companhia leve e, no melhor sentido de parceria, que me possibilita chegar mais perto de ser quem eu sou, descobrir pelas minhas braçadas os meus possíveis caminhos.

Como Paulo Freire nos ensina sempre:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*⁴⁹, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996/2021, p. 24)

É nessa relação, como professora e estudante, que sou motivada a percorrer minhas travessias. Experiencio o que é a docência na relação com você, Rejane, e procuro ser a *barqueira* das pessoas que cruzam o meu caminho, nos contextos das aulas e das orientações.

E nessa relação, me vem a imagem do encontro das águas dos rios Negro e Solimões em viagem a Manaus que fiz em julho de 2022⁵⁰. Dois rios que se encontram e não se misturam. Caminham lado a lado por 6 quilômetros e só depois fundem suas águas.

Como é esse correr lado a lado? Imaginar a força das águas, o seu caminho e saber que só depois de muito tempo e espaço percorrido, suas velocidades, densidades e temperaturas permitem que se transformem em um só.

Nesse oceano de possibilidades, penso em outras águas que atravessam as minhas, criando movimentos, redemoinhos e mudando o fluxo da correnteza. São outros encontros que acontecem nesta pesquisa-travessia.

⁴⁹ Grifo do autor.

⁵⁰ O encontro das águas é um fenômeno natural facilmente visto em muitos rios da Amazônia. Os fatores para isso ocorrer na região variam desde questões geológicas, climáticas, termais ou até mesmo o tamanho ou a acidez dos rios. O mais famoso encontro das águas está localizado na frente da cidade de Manaus, entre os rios Negro e Solimões, sendo uma das principais atrações turísticas da capital amazonense. O fenômeno também ocorre em outras cidades do Brasil, como em Santarém, no Pará com o encontro das águas dos rios Tapajós e Amazonas; em Tefé, no estado do Amazonas, entre os rios Tefé e Solimões; e em Tapauá, Amazonas, o fenômeno também é visto na frente da cidade com o encontro dos rios amazônicos do Purus e Ipixuna, além de muitos outros municípios do interior da Amazônia brasileira e da Amazônia internacional, como em Iquitos, Peru, e em outras localidades da Amazônia hispânica. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Encontro_das_%C3%A1guas. Acesso em: 21 ago. 2022.

Carta à Cris⁵¹ – Uma criação em parceria

A Cris,

As mãos nuas, quando movem no mundo, não encontram apenas objetos. Encontram também outras mãos que movem. E ao encontrarem outras mãos, se reconhecem nelas.
Vilém Flusser⁵²

No correr do curso da vida, atravessamentos acontecem. Talvez sem planejar, um braço de um rio surge, uma bifurcação, movimentando as águas que já seguiam um fluxo. O que esse novo encontro me possibilita?

Aqui conto a você, Cris, sobre a nossa parceria como duas professoras que aprendem no dia a dia de um curso, habitado em uma casa e o quão intensa, fértil e desafiadora é a nossa prática na docência compartilhada.

Desse modo, esta carta vem sendo escrita e reescrita há um tempo. Acho que desde quando entrelaçamos nossos fazeres de professoras, pesquisadoras, mediadoras, e nossos desejos de estar junto às e aos estudantes, permeadas pela pesquisa e paixão em torno do livro para a infância, venho refletindo sobre a nossa parceria.

Escrever para você poderia ser tão óbvio, né?

Mas não foi.

Isso porque você estava muito perto e presente durante toda a pesquisa. Em quase todos os caminhos, você estava ali comigo, vivenciando algo com as estudantes, vendo o meu espanto diante daquilo tudo que recebíamos delas, perguntando algo que me deslocava, ou achando lindo alguma criação que eu poderia devolver a elas: em forma de carta, de colagem, de vídeo... Tudo isso

⁵¹ Cristiane Rogerio é coordenadora e criadora da pós “O livro para a infância”. Jornalista de formação, é colunista da área de literatura infantil na revista *Crescer*. Defendeu sua dissertação de mestrado “O livro para a infância: coletivos e potência para a pesquisa” em 2022 no Instituto de Artes da Unesp, em São Paulo.

⁵² “As mãos nuas, quando movem no mundo, não encontram apenas objetos. Encontram também outras mãos que movem. E ao encontrarem outras mãos, se reconhecem nelas. O gesto do encontro de mãos é inteiramente diferente do gesto do trabalho. Mas mãos munidas de instrumentos perderam a sensibilidade que permite a distinção entre mão de outrem e objeto.” (FLUSSER, 2014, p. 94)

pode parecer algo simples, corriqueiro do nosso dia a dia na pós, mas quero dizer, aqui, o quanto foi imensa essa partilha e o quanto nutriu minha trajetória.

Assim, me pergunto: Como posso narrar sobre essa experiência compartilhada? Como ela se dá? Como surge? Como se fortalece? Como nos relacionamos tendo tantas afinidades e ao mesmo tempo modos diferentes de pensar? E como tudo isso faz parte desse ser professora? Como pensamos em coletivo, nessa partilha de experiência de aula, de curso, de pesquisa, de vida?

Então quero contar, Cris, tudo o que eu aprendi e venho aprendendo com você. Você como mestra, professora, amiga e parceira. Mas, diferente das outras professoras destinatárias das cartas que mostro aqui, narro a minha experiência colada a sua, uma experiência de chão da escola, de uma casa, de um fazer diário. Quero contar como esse meu “ser professora”, que venho discutindo nesta tese, está existindo e re-existindo na sua parceria, a partir daquilo que aprendemos no dia a dia que, para mim, é a discussão mais profunda da docência. Tanto o que há de beleza quanto o que há de desafiador, em que nos deparamos constantemente com conflitos, dificuldades, contradições, perguntas e muitas dúvidas.

Assim, vou escrever a seguir um pouco do que aprendi junto com você e que consegui nomear até agora.

– A experiência de viver um curso artesanalmente – um curso feito à mão

Ouçó aqui a voz da nossa mestra Luiza Christov, nas reuniões d’A Casa Tombada, falando sobre como é criar e manter um curso de forma artesanal. A primeira vez que ouvi sobre isso achei de muita profundidade. Como poderia usar essa palavra para falar de um curso? Um curso *feito à mão*? Seria possível? Um curso que tem textura? Que é construído dia a dia, na dedicação daqueles que se empenham em manter este fazer? Era tudo que vinha à mente quando ouvi essas palavras.

E o meu fazer – dos livros –, tão próximo desse “artesanal”, descobriu na docência esse “modo” de fazer e pensar. Um universo se abriu e percebi que a criação de um livro e a de um curso não estavam tão distantes assim. Estávamos falando de um mesmo princípio, de cuidado, de um fazer que envolve respeito e dedicação.

E pensar a palavra “cuidado” me lembra de outro aprendizado.

– Cuidar de um curso – do preparo do café ao vivenciar o banquete

Se tem uma coisa que você esbanja na nossa convivência é o cuidado. Se preocupa em cuidar das relações, das pessoas, do conteúdo. Seja perguntando como o familiar de um está, ou como ficou aquele exercício proposto, ou ainda, se o material que ofertamos aos estudantes está bem legível. É um rigor que mostra o que é cuidar. Como quem cuida de uma casa, talvez, para ser sempre lugar de estar.

Você passa o café, coloca a toalha escolhida a dedo, uma flor, dispõe as cadeiras, recebe as estudantes. É o que aprendemos vivendo em uma casa. O fato de o curso ter nascido e se manter em uma casa, faz com que toda a concepção esteja enraizada nesse estar/viver em casa. Não só habitamos nela, somos seus cômodos, suas portas, janelas e rachaduras. Somos o vento que chega, a porta que fecha, o reflexo, a sombra, o cheiro de bolo feito, o sol que entra pela fresta.

E como casa não é só feita de café e bolo quente, dividimos momentos de conflitos, discussões e deslocamentos, acolhemos as divergências, os imprevistos, as dores e alegrias, amadurecendo nelas.

Mas se lembrar do que aprendi com minha avó Maria, podemos sim resolver nossos conflitos em uma mesa de café. Que ela esteja sempre pronta, com a melhor toalha, para dar lugar aos nossos desassossegos.

– Parceria na criação

Como é esse criar em parceria? O que da minha prática de fazer livros mudou quando conheci você e passei a fazer as propostas na sua companhia?

Então vou contar a primeira vez que você me deslocou. Estávamos falando ao telefone, você fazendo uma entrevista sobre a materialidade dos livros para a revista *Crescer*, na qual atua como colunista. E você me perguntou: mas então, por que falar da materialidade do livro é importante?

Foi uma pergunta muito simples, né, Cris? Mas me provocou. Porque me tirou do lugar de pesquisadora, inserida no contexto de ensino em arte, educação e literatura em que tenho isso como “condição”, ou seja, falar dos

livros e da sua materialidade já era importante em si e não me questionava mais sobre isso. Mas por que, hein?

Então, me fez perceber o quanto essa pergunta precisa me acompanhar e como ela é fundamental para a minha trajetória. Porque com ela me vem também com quem quero dialogar, o que de fato importa nesta minha pesquisa e o propósito do que estudamos.

Depois desse primeiro deslocamento, enquanto parceira de pensamento, vieram outros, impossível nomear todos, mas vieram em forma de perguntas, comentários, percepções da minha prática ou mesmo me incentivando a produzir algo.

Durante as oficinas de livros, ter alguém que vivenciava o processo com as estudantes com olhar de coordenadora, era completamente novo para mim, principalmente porque nos espaços que propunha as oficinas estava quase sempre sozinha no papel de professora. Mas a minha experiência com educação se fez com parcerias. Se eu rememorar, os lugares em que atuei como educadora, como a Casa das Rosas, Espaço de Leitura e o Projeto PIÁ⁵³, havia parceiros e parceiras que compartilhavam o processo de aprendizagem.

Assim, você como coordenadora e observadora do que acontecia nos encontros trazia informações do que percebia: alguns incômodos das e dos estudantes, sensações, enfoque para algum comentário, enfim, coisas que talvez eu não pudesse ver. Ou mesmo trazia algumas questões que me faziam pensar e, com isso, reafirmar certas decisões que antes podiam não estar tão conscientes.

Era, e é, uma criação conjunta.

E hoje vejo como a proposta de criação foi se modificando. A devolutiva das cartas foi ganhando suas singularidades a cada turma. Decisões que só poderiam se dar em parceria, com alguém que confiasse nas minhas incertezas e intuições.

Outra descoberta durante o processo foi quando percebemos que mesmo que a ou o estudante não construísse o livro, naquele tempo e espaço previsto para a proposta, poderia escrever a carta. Foi discutindo juntas que refletimos que “não criar o livro” e tudo o que isso implica é narrável, também é parte do processo. Foi vivendo os movimentos desses fazeres que fui/fomos entendendo o que era importante para a proposta que morava em um curso.

⁵³ Programa de Iniciação Artística da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

– Intimidade da aula como condição para a experiência

Convite à fruição do vídeo Intimidade



24. Escrita com carvão para desenho em papel-arroz.
Produzido em 13 de junho de 2022.
<https://youtu.be/pKCgdpqtxGo>



Esse assunto veio à tona após a experiência de troca de livros com a Turma VIII, lembra? Estávamos vivenciando com os estudantes aquele momento em que apresentam o livro produzido aos colegas. Em duplas, trocam percepções sobre o livro do outro, sem qualquer explicação sobre o que pensou na hora de fazer, quais materiais usou, a história por trás do livro. É um exercício de escuta e abertura para a primeira leitura do livro. Foi pensando e escrevendo sobre o encontro que algo saltou, algo que sempre comentamos sobre as aulas n'A Casa: a intimidade. Ficamos surpresas como a intimidade se instaurava ali, como os corpos se vinculavam de tal forma a se exporem, a revelarem partes de si. Uma turma que já convivia há quase um ano. Vemos com frequência como cada um se afeta pelo que o outro mostra nas aulas. Vamos percebendo e afirmando a intimidade como condição para a aula acontecer. Essa aula-experiência que tanto valorizamos, independentemente do nome: aula, encontro, oficina, ateliê. Aula esta que envolve processos coletivos de aprendizagens, em que revemos conceitos, deslocamos nossos lugares de saber e nos abrimos ao desconhecido.

Acima, convidei à fruição do vídeo que produzi enquanto escrevia e pensava sobre a aula. E este é o post que criamos para a página do Instagram @livroparaainfancia, em que contamos sobre o dia a dia da pós:

INTIMIDADE. Para nós, intimidade e aula são duas palavras que se entrelaçam. Intimidade, essa que se constrói com o tempo no dia a dia de uma turma que estuda, pensa, discute, cria, lê, escreve e vive junto a pesquisa sobre os processos contemporâneos do livro para a infância. Sentimos essa tal “intimidade” conquistada na aula de 11 de junho, no nosso encontro de sábado, em que convidamos os estudantes a trocarmos leituras sobre os livros que começaram a fazer em maio, na verdade, quando foram desafiados a criar algo que quisessem nomear como “livro”. Desta vez a tarefa era mostrar a produção um para o outro. Foi lindíssimo: cada um lia o (livro do) outro em uma intimidade de quem já se conhece e com confiança que se estabeleceu nesse entrelaçar do tempo. Por isso, para nós da pós “O livro para a infância”, a aula é esse lugar possível de ser quem se é. (FELTRE; ROGERIO, 2022)⁵⁴

Vou falar mais adiante sobre outras situações em que a intimidade foi condição para a experiência do encontro. Intimidade que também permite que possamos expor nossas fragilidades e não saberes. E aí, outra coisa que aprendi nessa convivência, Cris.

– O saber é frágil

Os pensamentos em torno do “saber” são frequentes quando se está em um curso de pós-graduação. Me questiono, enquanto estudante e professora, o quanto realmente estou/estamos dispostos a aprender. Vejo a frustração das estudantes quando se deparam com um saber que não tinham até então. Me refiro a um saber não como informação, algo que complemente ou agregue nossa vida. Mas penso um saber da experiência, aquele que realmente desloca, provoca-nos dor e travessias profundas.

Isso me faz ver como historicamente construímos uma ideia de saber que é forte, rígido, intocável, e como algo a ser alcançado ao longo da vida. Como se houvesse uma escada que precisaríamos chegar ao último degrau e aí, sim, estaríamos no topo do saber. Vivenciando a experiência como professora na pós, e como estudante do Instituto de Artes, chego à ideia de que esse saber idealizado não existe. Ele é construído na nossa sociedade como meta a evoluir, que valoriza uma minoria, que provavelmente teve mais acesso e oportunidades de estudo, e que exclui tantas outras narrativas. É um reflexo do que

⁵⁴ Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CewtObcljG/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 21 ago. 2022.

entendemos por Academia, com A maiúsculo, que elege quem serão as e os pesquisadores nas universidades e que não acolhe outras formas de saberes, ainda não valorizadas como tal.

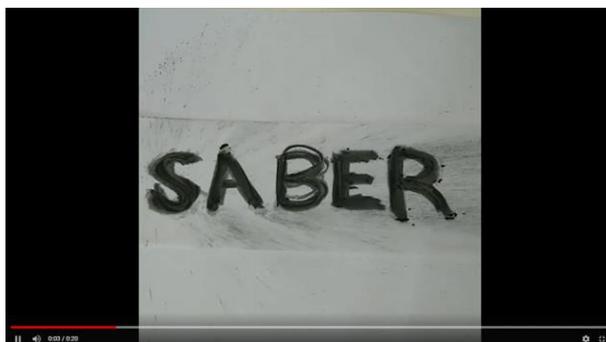
E aí muitas perguntas me vêm: Qual saber realmente importa? Por que idealizamos uma forma de saber e ao nos deparar com outros saberes, que não tínhamos conhecimento até então, nos sentimos incomodadas e incomodados?

Eu me coloco inteira nesse lugar.

Assim, Cris, vejo você também como parceira de deslocamentos. Vivendo processos com as estudantes, compartilhamos muito do “novo”, do “não sabia”, do “descobri agora”, do que estava invisibilizado, imperceptível e só pudemos nos dar conta agora, como você mesma diz. É bom ter alguém do lado que também entende que o saber é frágil e como, num sopro, tudo pode se modificar, virar poeira, ir aos pouquinhos se desmanchando e espalhar. Não sobrar nada!

Como em uma das páginas-cartões do livro *Pequena coleção de insignificâncias*, de Thiago Cohen: “Na imobilidade desabo viro poeira” (COHEN, 2019).

Convite à fruição do vídeo Saber



25. Escrita com carvão para desenho em papel-vegetal.

Produzido em 2020.

<https://youtube.com/shorts/dUIoEkw9XwM>



Me lembro de uma frase de Giuliano Tierno, contador de histórias, professor e sócio fundador d’A Casa Tombada, que escreve na sua tese: “Não saber de alguma coisa nesse sentido é abrir possibilidade de sabermos juntos alguma coisa” (TIERNO, 2016, p. 111). Acho grandioso! Dialogo também com a

frase de Daniel Mundukuru, que escreve na introdução do livro *Eu sou Macuxi e outras histórias*, de Julie Dorrico⁵⁵:

É certo que saber é bom. Ele preenche. É certo também que o vazio é melhor. Ele nos dá possibilidades. O saber só tem sentido quando ele nos esvazia de nós mesmos para dar passagem ao que não sabemos. (MUNDURUKU in MACUXI, 2019, p. 10)

Assim, sendo professoras, e assumindo esse lugar do não saber, somos artistas, criadoras, pesquisadoras, escritoras, propositoras.

A escrita da carta me convida a escrever as três palavras que me acompanham – professora, artista e pesquisadora – inúmeras vezes. O som do carvão que desliza no papel-vegetal, a mão que começa a ficar com marcas de carvão, o papel que adquire manchas do contato que uma folha provoca na outra... Tudo isso me provoca a pensar: Como nos transformamos nesses cruzamentos que a vida nos propõe? Como nos transformamos para sermos ainda mais quem somos?

Convite à fruição do vídeo Ser professora-artista-pesquisadora



26. Escrita com carvão para desenho em folhas de papel-vegetal 15 x 10,5cm.
Produzido em 26 de agosto de 2022.
<https://youtu.be/ljWB7vbZ5n8>



Em um ritmo imposto pelas mãos, o livro acontece no virar das páginas e deixa se afetar pela escrita da página seguinte. O que essas palavras repetidas vezes me trazem?

⁵⁵ Julie Dorrico, pesquisadora e escritora Macuxi, que é professora da pós “O livro para a infância”.

Manchas surgem, desenhos borrados, marcas de traços velozes, passageiros. As palavras já são outras. Vivido o movimento das mãos, elas se transformam, já estão fundidas umas nas outras.

Percebo a professora afetada pela artista, pela pesquisadora e como elas se amalgamam. Nada fica intacto, está tudo sempre em transformação. É fluido, quase líquido, como as águas que se misturam. Somos todos água, somos todos rios em um constante “mover-se”.

E a pós, as e os estudantes e a sua parceria de pensamento, pesquisa, estudo e vida foram fundamentais para semear em mim esse ser professora-pesquisadora-artista-fazedora de livros – e tantas outras que somos, ou que podemos experimentar ser.

Para finalizar esta carta, Cris, retomo a frase da epígrafe:

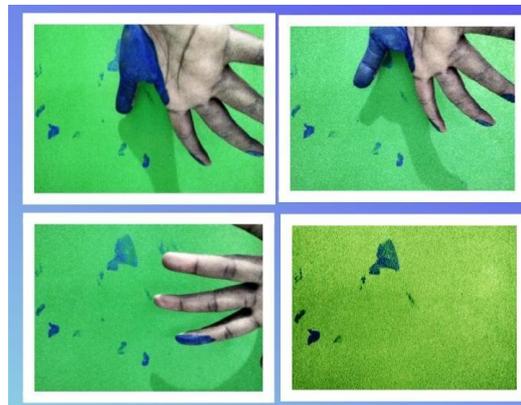
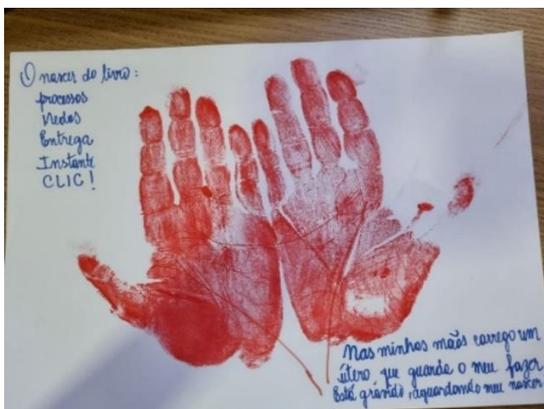
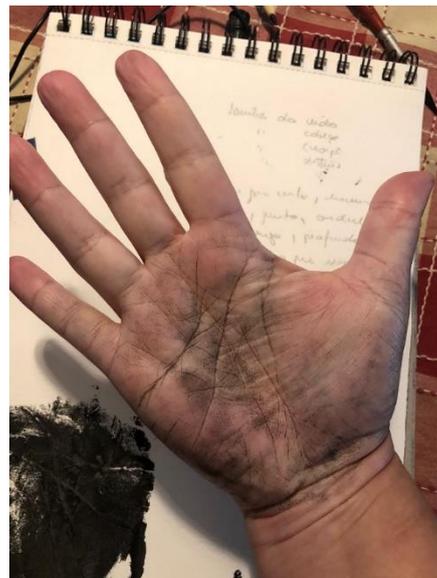
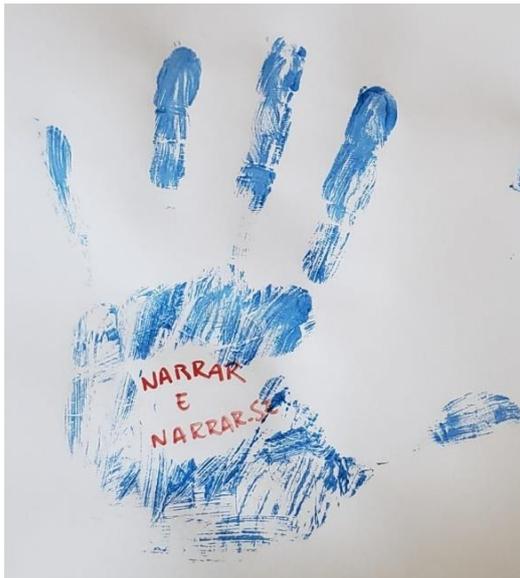
As mãos nuas, quando movem no mundo, não encontram apenas objetos. Encontram também outras mãos que movem. E ao encontrarem outras mãos, se reconhecem nelas. (FLUSSER, 2014, p. 94)

Assim, penso na parceria que acontece com mãos nuas, sem luvas, instrumentos, anéis, proteção ou algo que as escondam. Elas acontecem na intimidade de sermos o que somos, assumindo o risco, e a exposição de nossos medos, angústias, formas de ser e pensar. Por isso, não é fácil também olharmos para nós. Porque como em frases do professor e ilustrador Maurício Negro, na Turma VIII, em 22 de junho de 2022: “É nos olhos do outro que me reconheço” (informação verbal)⁵⁶, é “o olhar do outro que me provoca e dá a ver o que já está tão íntimo a mim” (informação verbal)⁵⁷. Assim, em relação, algo se torna visível a nós mesmas.

E na potência desses encontros, com outras mãos e fazeres, a vida acontece.

⁵⁶ Informação fornecida pelo professor Maurício Negro em aula “É nos olhos do outro que me reconheço”, do módulo “Modos de Ver: criação de imagens, criação de livros”, da pós-graduação “O livro para a infância”, em 22 de junho de 2022.

⁵⁷ Idem.



27, 28, 29 e 30. Imagens das produções das estudantes Flávia Itabaiana, Regiana Nunes, Núbia Dias, Danielle Ramos, da Turma VIII da pós-graduação “O livro para a infância”, a partir do exercício “Carimbos do corpo: as linhas e os nossos caminhos”, proposto em aula do sábado, dia 6 de agosto de 2022⁵⁸. Fotografias das estudantes. Acervo pessoal

Mãos que encontram outras mãos nunca mais serão as mesmas...

⁵⁸ Sobre essa experiência, ver postagem no blog d’A Casa Tombada. Disponível em: <https://acasatombada.com.br/saberes-da-casa-as-linhas-do-nosso-corpo-e-nossas-trajetorias-de-vida-por-camila-feltre/?cn-reloaded=1>. Acesso em: 12 out. 2022.



31. Oficina “É um livro? Relendo o livro como objeto”, voltada às famílias, realizada na Casa das Rosas, 9 de fevereiro de 2014. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal



32. Oficina realizada na Turma V da pós-graduação “O livro para a infância”, em 3 de abril de 2018. Adília ao meu lado e Ana Carolina recortando os mapas. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal



33. Mãos que falam. Liliana Pardini e Anna Luiza Guimarães, ambas da Turma II, que se reencontram na oficina “Diálogos com Bruno Munari: ateliê de criação de livros”, realizada n’A Casa Tombada, 23 de janeiro de 2020, em São Paulo. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal



34. Mãos que se entrelaçam nas linhas do livro produzido por Christiane Maia durante oficina na Turma VIII da pós “O livro para a infância”. Aula em formato virtual realizada em 14 de maio de 2022. Fotografia do vídeo da aula gravada



35. Conexões de um fazer junto. Turma VIII da pós “O livro para a infância” durante oficina de criação de livros em formato virtual, em 14 de maio de 2022. Fotografia “formato galeria” tirada durante a aula.

Carta de Vilma Ribeiro

120
São Paulo, 26 abril 2017

Olá Dilma,

Hoje eu queria te contar que passei por uma situação muito parecida com a que você passava na escola.

Sei que não sei algo que eu não sabia e não dominava e me lembrei exatamente como você se sentia.

Acredita que te me e adu que não foi dar conta?

mas como agora já sou mais velha, consigo fazer a mesma coisa que ia conseguir.

Eu fui como uma barata morta no meio ou tanto material e de uma proposta manual com a qual não tenho muita experiência.

Acredita que fiz de um movimento de me apressar de uma história que não era minha, peguei uma folha em branco e passei a escrever?

Quando eu estava tentando de ficar onde tinha que ficar, mas acabei me sentindo um pouco.

11
fiz um lininho lindo, chio
de se quepedado.
Falei com nós eu e você,
revolvi tudo e tudo representei;
em al gumar far, onde
eram de de de nada forma
e nos com portávamos de um
modo específico.

No revolta o tudo e
mortes de nós das nossas
far, infamie' amor, de-
quês' lute, porpender e
expianças.

No final queria que
estamos tão juntos me
acho que você e
acho que você já se parece
com já.

Na verdade é que fomos
tudo isso nos ali uma
possibilidade de vir a ser

Ah! já se me esquecendo
de te contar que pedi
para o lininho em papel de
carta.

Es se iam para exora,
eu não coloquei uma, palana,
mas deu muito com nós.

lilibra

Um abraço e um beijo com
afinidade de voc.

36. Carta de Vilma Ribeiro, estudante da Turma III da pós "O livro
para a infância".

São Paulo, abril de 2017.

Leitura gravada em agosto de 2022.

<https://youtu.be/4FO5xqyj9zE>



CARTA À(S) MÃO(S) – E o que eu aprendi sobre o fazer, fazendo esta pesquisa

À(s) mão(s),

Para começar esta carta, me inspiro em Henri Focillon, historiador da arte francês, e o seu texto “Elogio da mão”⁵⁹, que contribuiu para que olhasse para vocês, mãos, como potência, gesto e ação.

A vocês, que são pensamento, fazer, toque e sensibilidade.

A vocês, que não andam só, estão sempre em companhia uma da outra. Juntas, cruzam os dedos. Ficam frias e quentes com a temperatura dos corpos. Vocês que escrevem, desenham, digitam, cozinham, acariciam, apalpam, arranham, rasgam, mexem, tremem, param, silenciam.

A vocês, seus desejos e destinos. *Com vocês, sobre vocês e para vocês* escrevo esta carta.

E fico pensando:

À mão: dedico-te aqui tudo o que aprendi com você, mirando-te nos fazeres daqueles que estive perto e

À mão, e tudo o que poderia ser à maneira de, feito à mão⁶⁰, escrito à mão, bordado à mão.

E no encantamento pela letra *A com crase* que te acompanha, mãos, escrevo esta carta, nesses dois sentidos⁶¹.

Foi neste percurso com o fazer que eu fui pensando em você(s). Enquanto vocês iam rabiscando, escrevendo, rasgando, fotografando, criando e parando,

⁵⁹ “Elogio da mão”, de Henri Focillon, publicado inicialmente em 1934 e reeditado em 2012 pela revista *Serrote*, tradução de Samuel Titan Jr.

⁶⁰ Esta escrita foi totalmente atravessada pela descoberta e leitura do livro *Feito à mão*, de Lygia Bojunga, de 1999, Editora Agir. Nele, a autora faz um livro dedicado ao fazer à mão, trazendo histórias sobre sua relação com o artesanal e com os artesãos que conheceu ao longo da vida. Ela relata sobre a ideia de fazer um livro-do-princípio-ao-fim, um feito à mão, até o “papel onde o texto ia morar” (1999, p. 82). Nas palavras da escritora: “Eu queria falar do meu eu-artesã; e queria lembrar a marca que outros artesãos me deixaram; eu queria voltar atrás na minha vida para reencontrar o pano bordado, a terra cavada, o barro moldado, e queria juntar eles todos numa pequenininha homenagem ao feito à mão” (1999, p. 81).

⁶¹ Como fazer uma tese à mão? Uma escrita no Word pode ser considerada à mão, uma tese feita artesanalmente?

pensamentos chegavam, sorratamente. E fui percebendo como vocês tinham um lugar, ou vários, nesta pesquisa.

E a pergunta surge: seriam vocês então as principais responsáveis pela criação? Agem por conta própria nesse fazer e criar?

A mão é ação, ela cria e, por vezes, seria o caso de dizer que pensa. Em repouso, não é uma ferramenta sem alma, largada sobre a mesa ou rente ao corpo: o hábito, o instinto e a vontade de ação meditam nela, e não é preciso um longo exercício para que se adivinhe o gesto que está a ponto de fazer. (FOCILLON, 2012, p. 6)

Vocês, que marcam a passagem do tempo: calos, machucados, cicatrizes. Contêm linhas que se cruzam, que se sobrepõem e que desenham caminhos na superfície, linhas que são identidades de cada pessoa, de cada ser. Não há uma mão igual a outra, nem mesmo sendo da mesma pessoa⁶². Não há toque e gesto que possam se imitar. Cada mão tem um movimento próprio, uma dança única que é impulsionada por afetos e desejos de um corpo todo a se movimentar.

As mãos revelam a idade, a altura, o peso, a personalidade, o estado de espírito, a profissão de alguém. As impressões datilares garantem a identidade, na ponta dos dedos está representada toda a pessoa. São praticamente inexistentes os trabalhos humanos que não utilizam as mãos. A mão é a executora de labores. (ALVARES, 2015, p. 190)

E como agem em diferentes situações? Como reagem a diferentes estímulos?

Ah, como eu as vi, e persequi neste trajeto da pesquisa. Sempre fui fascinada em captar um gesto, uma mão no instante de colar, recortar, virar, tocar, mover, escrever, esperar, pensar.

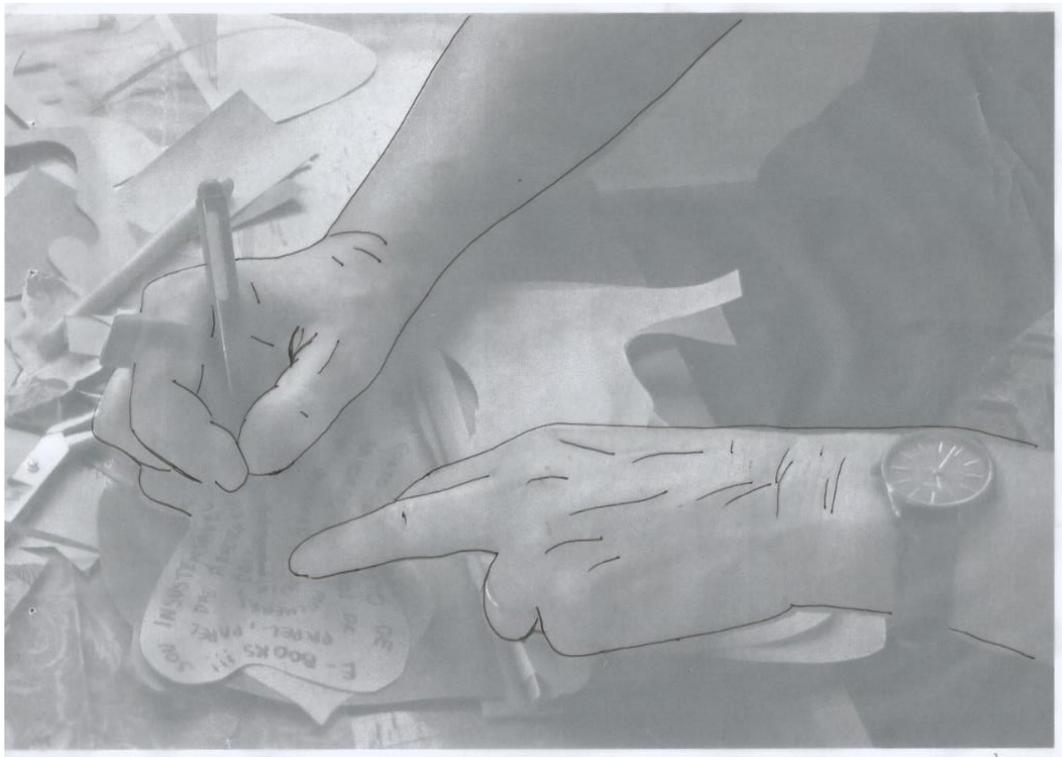
Mãos inteirinhas, expostas, desnudas.

E nesse exercício de olhar para o percurso, encontrei uma coleção de fotografias tiradas em momentos das aulas e oficinas que me convocam a perceber agora outros movimentos, gestos e encontros que as mãos podem provocar.

⁶² “Elas não são um par de gêmeas passivamente idênticas. Não se distinguem uma da outra à maneira da caçula e da primogênita ou como duas moças de dotes desiguais, uma afeita a todas as destrezas, a outra, serva embotada na monotonia prática dos trabalhos grosseiros.” (FOCILLON, 2012, p. 8)



37. Fotografia tirada durante oficina realizada na Casa das Rosas, em 2012. Essa imagem me acompanhou durante muito tempo como disparadora de reflexões e para divulgação de minhas atividades em outros espaços culturais. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal



38. Detalhe do *Livro à(s) mão(s)*. Desenho com caneta em papel-vegetal sobreposto em fotografia impressa. Vestígio da oficina no Instituto Federal de Jacaréi, em novembro de 2019. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal

O que vocês são capazes de fazer diante de uma mesa com diversos materiais? Fios, lãs, linhas, cordões, barbantes, agulhas, papéis: sulfite, *kraft*, *color plus*, camurça, vegetal, laminado, tesouras, colas, canetas, carvão, cotonetes, palitos, algodão... Enfim, numa imensidão de materiais para ver e tocar. Outros materiais se juntam a esses, trazidos pelas estudantes: folhas do jardim, retalhos de tecidos, linhas de costura, papéis de embrulho.

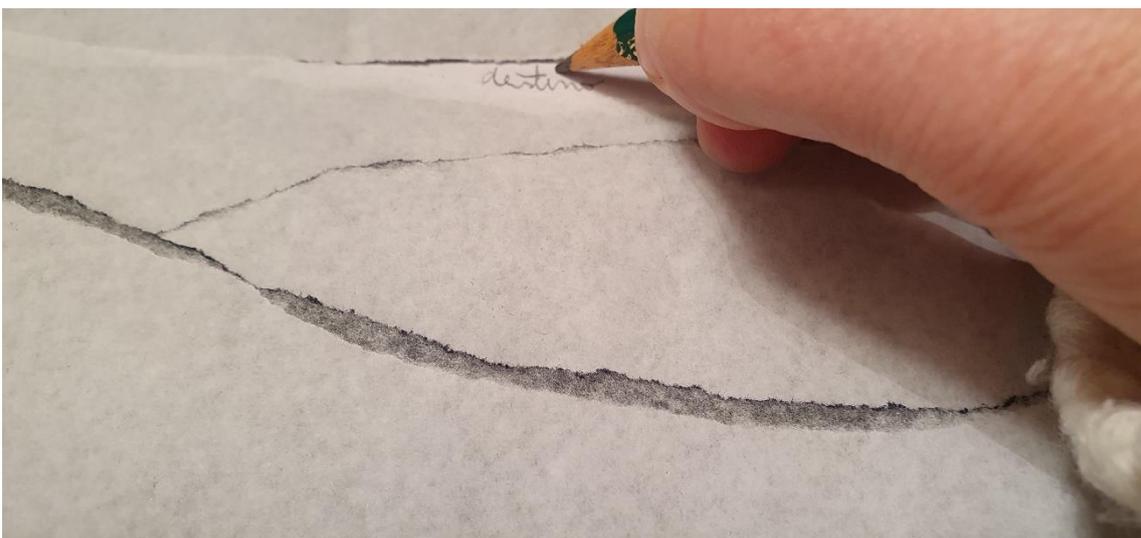
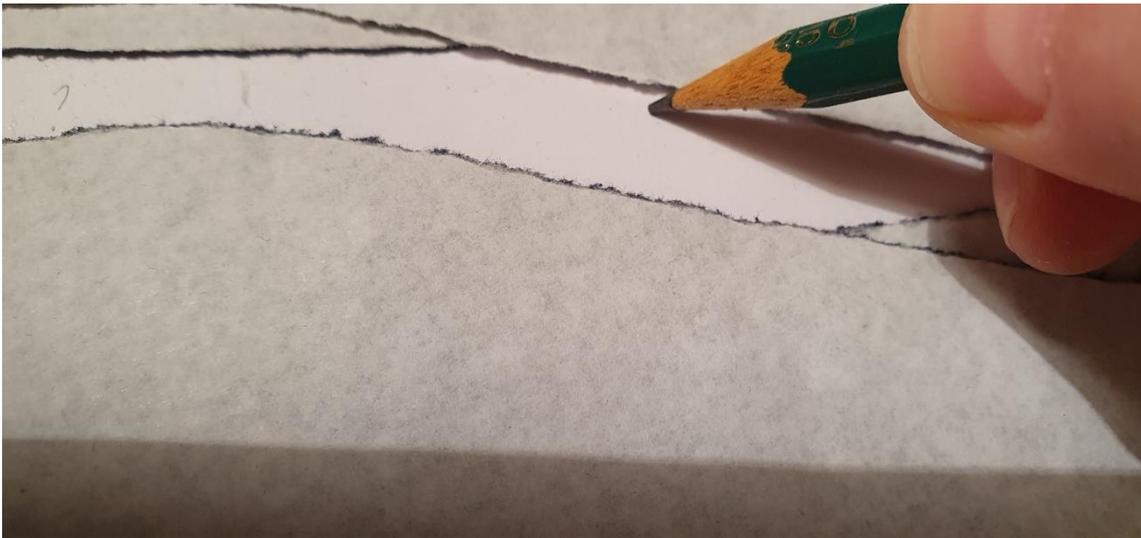
Diante dessa variedade de estímulos, materiais com diferentes temperaturas, densidades, texturas, gramaturas, volumes e pesos, o que nós fazemos com vocês? Ou o que vocês podem fazer com a gente?⁶³

Como vocês agem? Reagem aos estímulos? O que acontece nos instantes antes do toque, do movimento? O que vem antes do gesto? Um desejo, um ímpeto, uma faísca?

O que vem antes do gesto?



⁶³ “O homem fez a mão, isto é, destacou-se pouco a pouco do mundo animal, libertou-a de uma antiga e natural servidão, mas a mão também fez o homem.” (FOCILLON, 2012, p. 9)



39, 40, 41 e 42. Ensaio visual “O que vem antes do gesto”. Fotografias das mãos que escrevem em folhas de papel-camurça sobrepostos – lado avesso –, escrita à mão com lápis 6B.
Fotografias de Camila Feltre. Acervo pessoal

Por vezes, percebo mãos que se encolhem, se escondem, se desesperam no primeiro momento. Suam. Se agitam. Um gesto de não saber como começar, de se aquietar, de silenciar e de esperar. Mãos que revelam angústias de um não saber. “A primeira necessidade que senti foi do silêncio, buscado lá dentro. Parar, ralentar. O ‘que vou fazer? O que me chama?’” (PARDINI, 2018)⁶⁴.

Percebi que os caminhos podiam ser diversos: cada pessoa podia se sentir convidada e convocada por algo: um material, uma memória, um cheiro, um tema, um toque.

São vocês que chegam primeiro, para tocar algo aqui ou ali, bem sutil, sem intenção, sem pretensão. Afinal, “a mão não é a serva dócil do espírito, ela busca, dá tratos à bola, mete-se em todo tipo de aventura, tenta a sorte” (FOCILLON, 2012, p. 29). Poderíamos dizer que são até corajosas.

Os olhos acompanham esse tocar, lançam desejos apetitosos que se completam com o toque das mãos⁶⁵. E, assim, percebo mãos que começam a curiar⁶⁶. Um “ver com as mãos”⁶⁷, como traria o artista Bruno Munari. Começam a ter curiosidade de chegar perto daquela textura, sentir aquele papel, tocar aquela fita, pegar algo, trazer consigo, trazer o corpo para perto. Um tocar com as pontas dos dedos – que têm uma sensibilidade própria, uma destreza que promove uma dança dos movimentos das mãos.

As pontas dos dedos que nos lembram como o nosso corpo emite uma energia para elas. Como no relato de Ciça Fittipaldi, ilustradora, artista e professora da Universidade Federal de Goiás, sobre seu impacto na convivência com três xamãs que desenhavam enquanto visitavam São Paulo. Na entrevista, Ciça conta que depois do percurso pela cidade, pergunta a eles o que estavam desenhando e respondem: “Nada não. Só o que sai pela ponta dos meus dedos”

⁶⁴ Carta em Anexos.

⁶⁵ “A possessão do mundo exige uma espécie de faro tátil. A visão desliza pelo universo. A mão sabe que o objeto é habitado pelo peso, que é liso ou rugoso, que não está soldado ao fundo de céu ou de terra com o qual ele parece formar um só corpo. A ação da mão define o oco do espaço e o pleno das coisas que o ocupam. Superfície, volume, densidade e peso não são fenômenos ópticos. Foi entre os dedos, no oco da palma das mãos, que o homem primeiro os conheceu. O espaço, ele o mede não com o olhar, mas com a mão e com o passo. O tato preenche a natureza de forças misteriosas. Sem ele, a natureza seria semelhante às deliciosas paisagens da câmara, diáfanas, planas e quiméricas.” (FOCILLON, 2012, p. 11-12)

⁶⁶ Ato de olhar com curiosidade para alguém ou algo (Dicionário informal).

⁶⁷ *Le mani guardani*, cuja tradução pode ser *Ver com as mãos*, nome da exposição em que aconteceu o primeiro Laboratório tátil proposto por Bruno Munari, no ano de 1977, em Milão. Laboratório tátil é uma proposta artística e educativa em que o artista realizava com crianças interligada à exposição de um museu. Tinha esse caráter laboratorial, experimental.

(2018). Para a artista, isso é “sobre uma energia que se transmite para o braço, para a mão, e vira um instrumento” (2018). E completa: “Se é algo que tem que sair pela ponta dos seus dedos, eu considero isso uma lição, uma aula, uma masterclass de desenho, de arte” (2018)⁶⁸.

Assim, intuitivamente, num toque das pontas dos dedos, uma aproximação com o material e pronto, um início aconteceu. Foram vocês, mãos, pacientes e curiosas, que começaram:

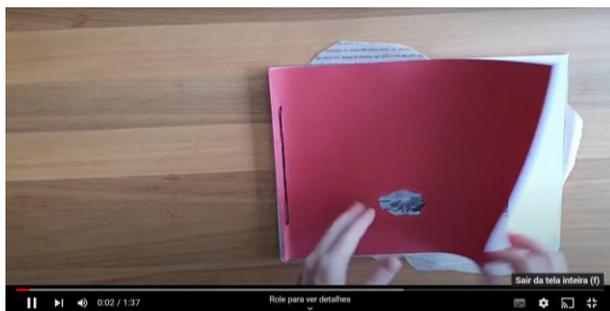
- A criar livros.
- A aceitar o convite à experiência.
- A experimentar.
- A testar material, recortar, colar, riscar, desenhar.

Tudo na ideia de criar um livro. Na ideia, já que muita coisa acontece nesse momento que se pretende, que se deseja, que se visualiza.

E nesse querer, nesse desejo de materializar algo, transpor para a matéria um pensamento, algo acontece.

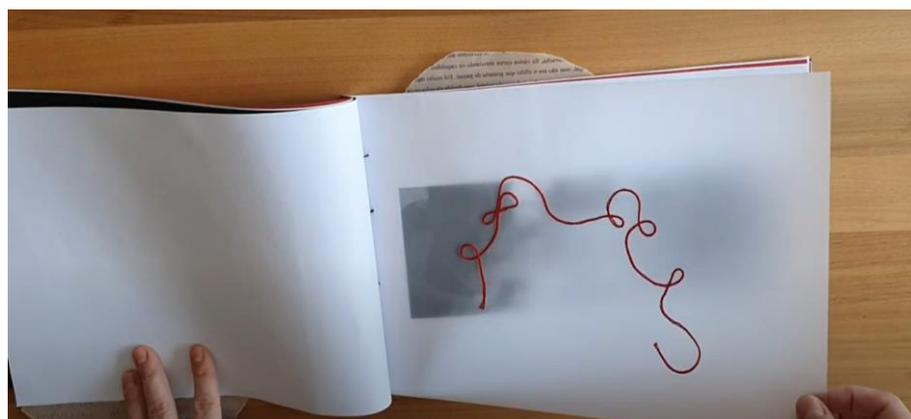
⁶⁸ Trecho da entrevista *Uma masterclass com Ciça Fittipaldi*, no Blog das Letrinhas: “Um dia, eu os levei para passear na cidade e, na volta, eles desenharam. Um deles desenhou muitas linhas verticais e linhas horizontais cruzadas. Quando perguntei o que ele estava fazendo, falou que era a floresta da cidade, e eu descobri que eram os postes. Os postes com os fios, que ele identificou como árvores. Ele excluiu totalmente a rua, os automóveis, as pessoas e os prédios e ficou só com os postes e as linhas, uma ilustração maravilhosa. Tinha uma obsessão no desenho Yanomami, a representação gráfica deles é muito simplista, mas eles preenchem praticamente todo o papel com pequenos grafismos, pequenos risquinhos que são muito energéticos. E eles tinham papéis muito grandes, todos cheios desses risquinhos, desses rabiscos. E estavam por muitas horas desenhando isso, que, para mim, não tinha muito significado. Então, com muita calma e com ajuda da Claudia [Andujar], perguntamos o que eles estavam desenhando, o que era aquilo. E foi incrível o que eles deram de resposta: ‘Nada não. Só o que sai pela ponta dos meus dedos’. Eu juro, eu só tinha visto algo parecido na arte oriental, quando encontrei os calígrafos japoneses na Universidade de Brasília, que me transmitiram um método de trabalho que tem a ver com uma concentração, mas algo sobre uma energia que se transmite para o braço, para a mão, e vira um instrumento. Se é algo que tem que sair pela ponta dos seus dedos, eu considero isso uma lição, uma aula, uma masterclass de desenho, de arte. Consegui exprimir que aquilo sai pela ponta dos meus dedos e tentei adotar isso para mim como desenhista” (2018).

Convite à leitura do livro Livro à(s) mão(s)



43. Livro produzido com fotografias impressas em branco e preto em papel sulfite, papel-cartão nas cores vermelho e preto e papel-vegetal, encadernado com linha preta. Interferências com linhas vermelhas colocadas sobre as fotografias, 2021.

https://www.youtube.com/watch?v=ziG_ZcdsFQc



44 e 45. Detalhes do *Livro à(s) mão(s)*. Duplas abertas. Fotografias de Camila Feltre. Acervo pessoal

Carta de Fernanda Ozilak

Camila,
gostei muito da disciplina - as discussões sobre o que faz um livro ser um livro, seus limites - e também da parte prática! Gostaria de ter participado das últimas aulas mas minha viagem impediu. No entanto, acho que eu estive tão presente durante o curso que aproveitei bastante! Ficou o "gostinho de quero mais", mas sinto que levei bastante da vivência contigo.

A experiência de desenvolver "algo" durante o curso, lidar com papéis e outros materiais, foi extremamente rica. Foi difícil saber a hora de parar a execução! Estava muito gostoso "brincar" de experimentar, senti muita liberdade. A "falta" de limites - quem sabe a "falta" de objetivo - digo no sentido que não tínhamos a obrigação de pro-

duzir nada "concreto" - me despertou muita curiosidade sobre o que poderíamos fazer e foi me dando mais vontade de criar!

De verdade, fazia muito tempo que eu não me divertia tanto criando. Embora durante a atividade eu não tenha conseguido produzir tanto quanto as outras meninas (durante o tempo em sala de aula que tivemos), me deu bastante ideias de como eu poderia começar - lembra que eu fiquei super cismada com a encadernação e o formato? - mas foi realmente a hora que sentei para tentar fazer que as ideias foram "brotando".

Às vezes me parece que o fazer artístico, ao menos para mim, acontece de verdade com algumas tentativas frustradas. Só depois de tentar e falhar que obtive sucesso - e devo levar isso para me acalmar no futuro, para criar.

Obrigada pela oportunidade!
Fernanda

46. Carta de Fernanda Ozilak, estudante da Turma I da Pós "O livro para a infância". São Paulo, 2017.

Leitura gravada em setembro de 2022.

<https://youtu.be/8XJkC8l41U>



Entre o pensamento e a ação – Há mesmo distinção?

O que acontece:

- Entre o que se pretende e o que acontece?
- Entre o desejo e o destino?
- Entre o querer e o fazer?
- Entre uma ideia e o objeto concretizado?
- Entre o imaterial e o material?
- Entre o ímpeto e colocar a *mão na massa*?
- Entre o impulso e a realização?
- Entre o pensar e o fazer?
- O que acontece nesse *entre*?
- Do que é composto e habitado esse *entre* um movimento e outro no gesto criativo?

Nesse caminho, pensando sobre o meu processo criativo e acompanhando as estudantes, encontrei relatos de como o processo foi diferente do que imaginavam, que a ideia que morava nas ideias ao passar para o papel desviava os planos de antes. Como se as mãos e os materiais em conjunto agissem por conta própria.

Cecília Almeida Salles, professora da PUC-SP e estudiosa sobre processos de criação, explica melhor sobre a “tendência no ato criador”, algo que não é um passo cheio de certezas.

O trabalho caminha para um maior discernimento daquilo que se quer elaborar. A tendência não apresenta já em si a solução concreta para o problema, mas indica o rumo. O processo é a explicação desta tendência. (SALLES, 1998, p. 29)

Penso em um mapa em constante construção, em que conseguimos desenhar de acordo com nosso próprio caminhar. Podemos visualizar algo, tendo a plena consciência de que a qualquer momento esse caminho poderá ser alterado. Decisões que serão inconscientes, não teremos o total controle nesse processo, como o artista francês transgressor e precursor da arte contemporânea Marcel Duchamp elucida no seu texto “O ato criador”:

No ato criador, o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de reações totalmente subjetivas. Sua luta pela realização é uma série de esforços, sofrimentos, satisfações, recusas, decisões que também não podem e não devem ser

totalmente conscientes, pelo menos no plano estético.
(DUCHAMP, 1986, p. 73)

E, continuando o seu pensamento, diz que algo nesse processo sempre escapa: “Uma relação aritmética entre o que permanece inexpressão embora intencionado, e o que é expresso não-intencionalmente” (DUCHAMP, 1986, p. 73). Entendo o processo de criação como algo sempre a descobrir e não calculável e previsível.

Fayga Ostrower, artista e professora, grande referência sobre processos de criação⁶⁹, explica sobre a presença da intuição nos processos de criação. Para ela, “a intuição caracteriza todos os processos criativos. Ao ordenar, intuímos” (2014, p. 68) e “quando se intui, intui-se de uma forma expressiva, isto é, não se trata de definir um fenômeno por meio de noções intelectuais” (2014, p. 69). É o que vemos em tantos relatos, as estudantes surpreendidas pelos rumos que a criação tomou.

Retomando a pergunta inicial do texto – o que acontece entre o pensamento e a ação? –, compartilho a imagem do vão, proposta pela artista Edith Derdyk como esse lugar do entre:

E é deste vão existente entre o que se observa e o que se absorve, entre o que se pensa e o que se fala, entre o que se imagina e o que se deseja, entre o que se lembra e o que se esquece, é neste vão instalado no espaço de tempo entre a intenção e a realização que o impulso de fazer no corpo do ser se faz. (DERDYK, 2012, p. 29)

O vão como uma fenda, brecha, buraco, rasgo, profundidade do que pode ser também um convite – nesse entre, você é convidado para entrar.

Podemos considerar então que a criação acontece nesse *entre uma coisa e outra*, nessa incerteza, nessa espera ativa de que só as mãos podem dizer e agir por nós? Nesse ímpeto, desejo, destino incerto e nebuloso? Um caminho cheio de dúvidas em que a bússola seriam nossas intenções e o fazer é o que encontramos no caminho? Há muito de mistério e de inesperado nesse trajeto, nesse fazer da criação.

⁶⁹ Fayga Ostrower foi uma das pioneiras a escrever sobre o processo de criação, publicando livros sobre o assunto como: *Criatividade e processos de criação; Universos da arte; Acasos e criação artística; A sensibilidade do intelecto*.

Diante disso, retomo a questão: O que é o pensar no fazer criativo? O fazer e o pensar estão tão desconectados, como aprendemos historicamente, quando aprendemos a separar mente e corpo? Recupero, aqui, a frase de Focillon: “As mãos como metáfora do trabalho são ‘instrumentos da criação, mas mostram-se, antes de tudo, órgãos de conhecimento’” (FOCILLON, 1983 in SALLES, 1998, p. 128).

Edith nos dá algumas possibilidades: “Mistura irresoluta que se lança em vão livre, o ato criador libera-se da mediação entre o pensamento e a ação, entre a intenção e a realização, entre o desejo e a matéria. O que fica do que escapa?” (DERDYK, 2012, p. 28).

Convite à leitura do livro/ fruição do vídeo O que fica do que escapa? – homenagem (ou carta) à Edith Derdyk



47. Livro produzido a partir de fotografia tirada durante oficina “Diálogos com Bruno Munari: ateliê de criação de livros”, em janeiro de 2020, n’A Casa Tombada. Desenho com caneta hidrocor de diferentes cores sobre papel-vegetal, 16,5 cm x 16,5 cm.

Produzido em 2021 e 2022.

<https://youtu.be/qwy9NxxDV9o>







48, 49, 50 e 51. Páginas escaneadas do livro *O que fica do que escapa – homenagem (ou carta) à Edith Derdyk*. Fotografias de Camila Feltre. Arquivo pessoal

Nesse trajeto, olhando para vocês, mãos, e seus fazeres, suas histórias, outras perguntas me acompanham:

O que é permeado no momento do ato criador? O espaço importa? A escolha dos materiais? O tempo (se está chovendo, sol, a atmosfera do local)? Como é o corpo daquele que cria? Poderíamos dizer que é um movimento das mãos, dos olhos, da cabeça e até dos pés? As mãos têm memórias? O que o encontro entre as mãos e os livros pode propiciar? Como são os livros que as mãos são capazes ou convidadas a fazer? Como as mãos leem esses livros?

Carta de Gabriela Esteves Ribeiro

Querida Vó Isabel,

Me aventurei na minha primeira conta (se eu não conta aquelas de brincadeira em papel de conta quando era criança) e não poderia ser para outra pessoa.

Estou estufando livros, que falam por imagem e texto, e que ocupam um lugar de afeto na estante de crianças e adultos.

Na jornada do curso me deparei com o desafio de também fazer um livro que eu ache importante e que ocupe um lugar nas estantes por cá, minha e de outras pessoas.

E no processo de construção desse objeto apareceu o que sempre aparece: a sua influência em quase todo trabalho artístico ou manual que eu faço.

E ela veio como sempre vem: narrateira, se mostrando aos poucos para que no final eu te enxergue ali também.

Desta vez foram as toalhinhas! Brincadeira que você me ensinou e nunca esqueci. No recorte das quadra-cintos de papel dobradura me vi vendo a gente brincando nas férias, e também observando você costurar seus petalhos e colchas, com carinho e cuidado de artista com sua obra preferida.

No decorrer do projeto eu fiz dois livros. O primeiro com recortes mais saltos de formas geométricas, em papel e tecido estampado. Não por coincidência (como eu percebi só depois do livro pronto) o formato era quadrado e a junção das páginas feita com costura.

Não consegui neste livro colocar uma narrativa textual, como de costume no meu trabalho. Vou me focar no trabalho manual e na experiência, no ato meio alatório de encontrar padrões gráficos e desenhos, mas sempre evito o texto.

O segundo livro fiz com papéis de gravura que não deram certo, mas ficaram com uma textura que achei bonita. Outra coisa, estas gravuras erradas tinham significado para mim, foi um trabalho que achei fazer! Naturalmente elas entraram neste livro. Comecei ~~desenhando~~ pensando como o primeiro, pensando no padrão gráfico que formaria com os recortes e sobreposições. Quando percebi estava dobrando o papel e fazendo as nossas toalhinhas! Juntei o livro como uma colcha de retalho, nesta hora já pensando em você.

Uma das coisas que mais falamos neste processo todo com a Camila (professora desta matéria) foi sobre o valor da experiência no fazer artístico, que transportamos para a produção do objeto livro. Objeto porque pensamos ele por diversos ângulos, ~~desenhando~~ explorando toda a potência de sua materialidade.

Tivemos o desafio de pensar estes livros a partir deste viés, de deixar o material nos mostrar o caminho. Coisa que você também me ensinou, com as toalhinhas, com os retalhos de tecido, com o pão feito em casa.

Observando você fazer seus padrões e desenhos com os tecidos de sobra, encontrando um caminho que já estava começado pelas peças de acasos.

Para os próximos projetos espero que também te encontre assim, nos detalhes cuidadosos e familiares que vão aparecendo no processo.

Gabi
junho/2017

52. Carta de Gabriela Esteves Ribeiro, estudante da Turma I da pós-graduação "O livro para a infância". São Paulo, junho de 2017.

Leitura gravada em setembro de 2022.

<https://youtu.be/WOuoJ62ooMU>



Carta de Isabela Miranda

Carta para Teodora.

Fui me permitindo experienciar os materiais no papel, primeiramente utilizei aquarela, fiz metade de uma capa dessa forma. Ah, mas antes preciso falar sobre a escolha da capa. Queria que fosse na horizontal, com orelhas bem grandes, que desse um ar de infinitude, imensidão. Como pensar no quintal de caquinhos e não expressar a grandeza que ele era para mim? Estava convicta de que, sim, seria a partir dele que contaria a minha história, até então não sabia o que falar.

Deu um trabalho danado fazer meia capa com a aquarela, a cada pausa o tom de vermelho ficava diferente no papel. Deixei-o de lado por uns dias e continuei pensando nas possibilidades. Vi que tinha uma almofada de carimbos antiga, exatamente na cor vermelha. Comprei borracha, fiz vários cortes simulando os caquinhos e carimbei toda folha, ficou legal, mas não era o efeito que gostaria de passar. Foi muito rápido. Fiquei imaginando a pessoa que preencheu todo aquele quintal, sem dúvida ela colocou caquinho por caquinho. Daí fiquei pensando nos materiais que tinha disponíveis na cor vermelha que eu pudesse fazer esse mosaico, um por um.

Peguei um Canson colorido, cortei em vários formatos e coleí um por um. Foi intenso. Uma semana inteira de entrega para o resultado. Durante o processo fui ouvindo minhas músicas, podcasts, me alimentando das coisas que já haviam ressoado em mim. O traço do livro “Fachadas” do Rafael Sica, foi utilizado como referência, de uma simplicidade e potência, mas, precisava da transparência. Lembrei de Benjamin, dos estilhaços, passado, presente e futuro, tudo conectado. Relembrei as aulas de artes da professora Marília, do ensino médio. Nos ensinou tantas coisas legais, técnicas que pude colocar em prática para traçar no papel vegetal a silhueta da casa, das pessoas. Coletei todas as fotos que eu tenho da casa, desse quintal, fui recrutando pessoas para me ajudar e selecionando fotos que me fizessem suspirar de saudade, que compõem aquele lugar. Flores, árvores, pessoas, objetos. Nessa entrega, pensei no “Espelho”, música de João Nogueira, que fala do subúrbio, de um tempo bom e do medo desse espelho se quebrar. Pensei nas mulheres, na minha ancestralidade, na Teodora bisavó e na Teodora minha filha. Voltei para os estilhaços de Benjamin e pensei que esse espelho é quebrado, cheio de caquinhos como o quintal. Como diz Manoel de Barros: “O que é feito de pedaços precisa ser amado”.

O poema de Micheline Verunschik “Matrioska”, me veio à lembrança. Durante a pesquisa, vi que havia sido musicado por Sofia Freire, imagina minha alegria?! Tinha tudo a ver com meu livro!! “Dentro de mim mora a mãe, dentro de mim mora a filha (...) em milhares se multiplica”. Tracei minha mãe grávida de mim no quarto da minha avó, enviei para ela. Emocionada, ela me contou a história por trás da foto. Disse que se inspirou em uma foto de Leila Diniz grávida na praia, que havia sido um ato audacioso na época. Naquele momento da foto, alguns anos depois de Leila, em 1987, ela também estava afrontando os familiares dentro de casa que a estavam observando de calcinha e soutien dentro de um quarto. Imagina isso?!

Depois das fotos traçadas, tive um desafio final: como fazer aquelas folhas soltas virar um livro? A agulha, os gestos das mãos, sempre foi presente entre as mulheres da família. A máquina de costura, o crochê, o tricô. Resolvi então que a linha representaria o cordão que nos umbilica, do poema de Micheline.

A sua frase, minha filha, registrada bem antes, me ajudou a completar o livro. Nas nossas conversas, explicando o porquê do seu nome, você chegou a conclusão de que quando a vovó Cléia (minha mãe) fosse velhinha, ela teria duas Teodoras (neta e avó). Rimos muito da situação e da não percepção do tempo. Como na música do Chico: “Agora eu era herói...”

E assim meu livro foi gerado.

53. Carta de Isabela Miranda, estudante da Turma VII da pós-graduação “O livro para a infância”, Rio de Janeiro, 2021.
Leitura gravada em agosto de 2022.
<https://youtu.be/jYk59wOmt0M>



Ancestralidade do gesto: as mãos têm memórias?

Com seus movimentos, vocês, mãos, trouxeram lembranças. São lembranças de outras gerações, memórias de um aprendizado com outras mãos, mais vividas, cujo tempo deixou marcas, vestígios de uma vida inteira de fazeres.

Lembranças que uma estudante da pós “O livro para a infância”, Gabriela Esteves Ribeiro, narra na sua carta sobre o processo de feitura do livro, um fazer que instaura um espaço de tempo em que suas mãos se encontram *novamente* com as mãos da *vó* Isabel, em uma carta endereçada a ela.

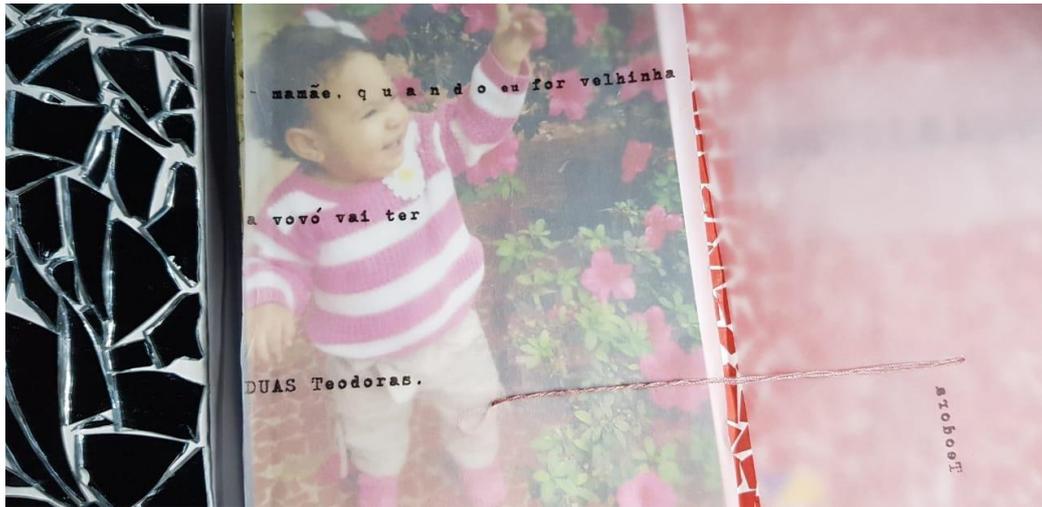
O fazer surge nesse gesto ancestral. O que a estudante aprendeu, viveu na infância com a sua avó – as toalhinhas, os retalhos e o pão feito em casa –, aparecem como gestos das mãos. O que a fez retomar essa memória? Do que é composto esse fazer? As mãos têm memórias, lembranças do que vivemos e nem temos consciência disso.

Será que quando nos colocamos dispostos ao movimento, ao gesto de criar, essas lembranças podem vir à tona?

Em outras cartas, me deparo com esses encontros. Como a da estudante de uma outra turma, Tatiana Yukie, que narra uma lembrança que possivelmente foi acordada quando suas mãos entraram em contato com materiais presentes na infância. E conclui essa sua relação com a avó ser o motivo da sua “proximidade com o toque macio das lãs, linhas e tecidos presentes em minhas produções” (YUKIE, 2019)⁷⁰.

Lembranças, memórias e fios que se entrelaçam à história da estudante Isabela Miranda, estudante da Turma VII da pós, trazendo a máquina de costura, o crochê, o tricô como fazeres presentes nas mulheres da família que surgiram nesse gesto de fazer livros.

⁷⁰ Carta em Anexos.



54 e 55. Detalhes do livro criado por Isabela Miranda, estudante da Turma VII da pós-graduação “O livro para a infância”, em 2021. Fotografias tiradas pela estudante e compartilhadas no *drive* da turma

Três histórias, três mulheres que trazem suas referências ancestrais no fazer: os retalhos de tecidos, os bordados, o crochê, o tricô e o amassar o pão. Fazeres que acompanham vocês, mãos, e me levam a pensar que foram vocês, em contato com os materiais, que avivaram e despertaram essas lembranças. A partir dessas histórias, penso como o fazer, o artesanal, conecta as mulheres dessas famílias, perpassando gerações, algo que é muito comum também em outras famílias.

Essa busca pelo fazer presente na família acompanhou a pesquisa e me convidou a olhar para a minha trajetória, a minha história e as mãos da minha família. Quais os fazeres que fazem parte das gerações que me antecederam? Essas lembranças me levaram a uma reflexão poética:

*Nessas memórias embaralhadas, nebulosas, busco por caminhos nas palmas
das minhas mãos.
Cada linha, cada traçado, tem uma trajetória.
São linhas que se cruzam, se alongam e se fundem, como ramificações de uma
árvore genealógica sempre prestes a se modificar.
O que eu descobro ao olhar de perto?
Como são as mãos da minha família?
Quais fazeres foram passados de geração para geração?
Um tio-avô e a invenção dos bonecos de madeira,
Uma avó, seus bordados e a famosa rosca de goiabada,
Outra avó e suas tardes costurando à máquina,
Um avô e os gestos de quem pode medir com as mãos a temperatura do céu,
sabendo quando ia ou não chover,
e outro que movimentava os dedos contando dinheiro e
fazendo força para cortar a cana com a enxada,
Um pai e sua precisão ao colocar placas de vidro e desenhar medidas com um lápis
vermelho,
Uma mãe, seus cadernos com letras de professora e suas conversas gesticuladas
Mãos firmes, grandes, grossas, delicadas, lisas, pequenas, vaidosas.
Sobreposições, camadas e camadas que me compõem estão presentes nos meus
gestos, nos gestos da minha família.*



56. Fotografia de escritas com sobreposição de papel-vegetal impresso – impressões das linhas das mãos a partir de carimbo com carvão. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal

Ainda me vejo nessa busca, pensando também no meu próprio fazer alinhavado com a minha história. Quando penso nas mãos das e dos mais velhos, vejo um misto de ofícios e fazeres que me compõem. Sinto que ainda há muito a desvelar. E, assim, vou reconstruindo minha memória, minha história,

dando sentido aos fazeres que me habitam hoje e tenho consciência de que tudo o que minha mão é capaz de fazer é um percurso dos fazeres daqueles que vieram antes. Bem antes.

Aprendo com Daniel Munduruku, escritor e pesquisador, que escreve na introdução do livro *Eu sou Macuxi e outras histórias*:

A memória é, certamente, a grande chave da descoberta de ser. Ela está sempre lá, pronta a nos lembrar nossa origem, nossas vertigens e outras paisagens que nos habitam. Ela é uma avó que nos faz observar a panela de barro apenas para nos lembrar quem somos e de onde viemos. Nos lembra, nos revela, nos motiva, nos provoca, nos incita. Resposta ela não dá, mas sabe atiçar curiosidade. Frutos da memória é o que somos. Ela guarda as histórias que nos dizem, falam de nós ainda que não reconhecamos. Mexe com nosso imaginário até que digamos, afirmemos, aceitemos o ser. Ela não nos permite acomodar, menos ainda ignorar a roda da existência. Circularidade que nos provoca a sermos o que sempre fomos: origem. (MUNDURUKU in DORRICO, 2019, p. 9)

Origem. Percebo como os fazeres se conectam e o que aprendemos com as mãos dos mais velhos permanecem em nós como marcas do nosso corpo, somos mais um compondo a grande teia da ancestralidade.

Sobre esse aprender com os mais velhos, a escritora Lygia Bojunga narra no livro *Feito à mão* sobre a relação com sua mãe e a caixinha de costura: “Foi bom querer imitar a minha mãe nos trabalhos manuais e aprender que a mão é um instrumento único. É bom” (BOJUNGA, 1999, p. 14).

E nesse percurso, ou busca, me dou conta que um dia minhas mãos encontraram os livros, e o convite a tantas outras mãos surgiu.

Quando as mãos encontram e fazem livros, o que acontece? Poderíamos dizer que inventam narrativas de si?



Carta de Laizane Santos de Oliveira

SÃO PAULO, 09 DE JUNHO DE 2019

À QUERIDA CAMILA.

Oi, Prô! Tô aqui pensando nos nossos encontros e na alegria que é para mim conhecer alguém que consegue encantar oferecendo liberdade. Eu agradeço a chance que nos deu de dizer com nossas palavras, até onde alcança nosso corpo, com todos os sentidos e sentimentos, sobre a materialidade do livro. Obrigada!

Quando você nos deu a tarefa de criar um livro, tive medo. Não um medo grande e paralisador, mas um medo pequeno, com cara de estranhamento. Afinal de contas, o que esse livro contaria de mim... Foi um movimento de escolha, sem saber muito que caminho trilhar, e a liberdade (de novo) que você nos deu, deixou tudo na responsabilidade de nossas mãos, nosso olhar, nosso corpo, nossos sentimentos, pensamentos. Eu esperei... Então, decidi que com papel, agulha e barbante, construiria um objeto que se comunicasse comigo, que se construísse conforme fosse construído, sem uma ideia pronta. Assim, deixei que as mãos tratassem do papel, e que o papel se impusesse às mãos, que trouxesse seus seus desafios. Dobras e recortes deram forma. Os retalhos desses recortes voltaram ao livro para unir as páginas. Eu quis sentir a resistência da agulha furando o papel e a cada furo, passava

O FIO, DESENHAVA COM A COLA E DEITAVA O BARBANTE SOBRE ELA. UM MOVIMENTO DE AGULHA, BARBANTE, COLA, PAPEL. DE FURO, DE DOBRA, DE PRESSÃO, DE ESPERAR SECAR. UM ATRAVESSAR E SER ATRAVESSADO. EU ERA LINHA, ERA PÁGINA, ERA COLA SUBERINDO O DESENHO DO PERCURSO.

QUANDO VOCÊ PASSOU VENDO OS PROCESSOS E FAZENDO PERGUNTAS, SENTI RECEIO DE NÃO SABER O QUE DIZER, DE FATO NÃO SABIA, ENTÃO FIZ UMA DESCRIÇÃO RÁPIDA DO QUE ESTAVA ACONTECENDO. SEM PORQUE, COLOQUEI UMAS FIGURAS E LEVEI PARA CASA. COLOQUEI NA ESTANTE, NUM LUGAR QUE PODIA VER AO ABRIR A PORTA. A IDEIA ERA REVER, ALTERAR, TOCAR. EU VISITAVA, MEXIA, MAS NÃO CONSEGUIA MODIFICÁ-LO. FOI ASSIM PELAS CINCO SEMANAS SEQUINTE. DEMOROU, MAS AS PALAVRAS CHEGARAM À LÍNGUA, AOS DEDOS, A LINHA. UMA CORDO ENTRE O BARBANTE E A ~~VIDA~~ VIDA. TUDO ATRAVESSADO E ATRAVESSANDO. AS IMAGENS ESTAVAM NO FIO, POR ISSO TIREI AS FIGURAS. NÃO LIGUEI PARA AS MARCAS DO LÁPIS, ESQUECI AS CRASES, SEJEI DE COLA E ACEITEI ASSIM. ERA AQUILO. MESMO. DECLAREI TUDO UMA EXPERIÊNCIA. SOU BEIJOS E GRATA! ATE BREVE! LAIZA.

58. Carta de Laizane Santos de Oliveira, estudante da Turma V da pós-graduação "O livro para a infância". São Paulo, 2019.

Leitura gravada em agosto de 2022.

<https://youtu.be/AEsZKM3pC8A>



Carta de Lígia Maria

Querida Camela,

Preferi lhe escrever uma carta. Acredito que o gênero combine mais com todos os sentimentos que experimentei durante o exercício proposto por você. Coloquei-a em uma caixinha com uma fita, as duas muito bem escolhidas com o objetivo de lembrar um pouco o caminho que eu tomei durante a construção do meu livro, processo que me fez experimentar diferentes sensações. A primeira delas foi de *medo*, do desconhecido ou, sendo mais sincera, do *desconhecer*. É complicado assumirmos que uma habilidade ainda não foi exercitada por nós ou até mesmo que ela de fato não existe em nossa história. Esse é o meu caso com tudo que envolve artes manuais. Eu tenho o costume de admirá-las à distância, com o olhar recalçado de quem acha não pertencer. Ter a coragem de participar da sua aula foi muito importante não só pelo conteúdo teórico apreendido, mas principalmente pelo exercício de criar, sem amarras ou comparações limitantes. Confesso que achei um grande prazer nisso e agora nem sei o que fazer com ele. Dúvida normal de quem desconstrói uma crença antiga. Como editora de livros, eu sempre tive uma visão da materialidade que os produtos sob os meus cuidados teriam, mas nunca pensei em torná-las realidade. Aconteceu a primeira vez na sua sala de aula. Que *surpresa* boa.

Com todas essas limitações, só o exercício de escolher os materiais que eu levaria para o dia da nossa aula foi um ato de *perseverança*. Eu primeiro pensei que não teria material algum em casa: "*Não sou dona*". Acontece que aparentemente sou. Guardo pedaços de tecidos, recordações da vida dos outros, caixinhas para esconder o nada. Com tanto em mãos, resolvi selecionar aquilo que os meus olhos aprovavam de imediato, sem muito pensar. Os escolhidos foram: uma sacola de papelão vinho da sorveteria que eu tinha frequentado na semana passada, um calendário do ano passado com retratos do Alphonse Mucha e um apoio de prato feito em crochê e enredado em uma bonita história.

Um vizinho da minha mãe, já com uma certa idade, ficou viúvo. Para não conviver com tantas memórias e viver com menos *tristeza*, ele decidiu doar alguns dos trabalhos da esposa. Ela havia passado a vida toda fazendo colchas, capas, toalhas e tudo o mais em crochê. Por mais que ele quisesse se desfazer um pouco dela, não suportava a possibilidade de reparti-la com qualquer um. A minha mãe foi a escolhida. Uma nomeação bem certa, aliás – a minha mãe é incrível –, mas o problema é que ela também é... moderna. Para tudo, de feminismo à roupa de cama. A anfitriã da casa sou eu. Feminista como a mamãe, porém trabalhada nas antiguidades. A minha casa ficou rodeada de dona Adélia, e os armários também. Achei que ela não se importaria em contribuir com a minha criação, então foi um pedacinho dela que eu usei.

Ao organizar esses três elementos na mesa percebi que o meu trabalho teria muito de *antigo*, muito do *feminino* e, por consequência, um *bom tanto de mim*. Até por isso, me fechei em um universo particular, não aceitei outros materiais e fui levada à uma construção que não foi nada planejada; apesar de, ao chegar ao fim, me passar a impressão de ter sido meticulosamente engendrada. Talvez no meu inconsciente, isso eu não nego!

Primeiro arranquei as alças da sacola, para então descobrir que já tinha uma capa, uma quarta capa e uma lombada (um bom começo para um livro). Encapei o papelão vinho com o crochê bege (uma combinação que sempre dá certo) e depois visitei os meses já passados do calendário com a esperança de encontrar a futura imagem do meu livro. Foi então que me deparei com uma típica mulher do Mucha, em pose de *surpresa* e *ironia*, e decidi escondê-la na minha obra. Escolhi a parte antes destinada à lombada, usualmente subestimada, para o esconderijo da moça. Então percebi que o jogo que eu gostaria de tramar era o da *descoberta*. Assim como ocorre em *Ismália*, cujo projeto gráfico é assinado pelo Odilon Moraes, pensei em proporcionar ao leitor os exercícios de abrir caixinhas, desenrolar fios, descobrir verdades escondidas.

Seguindo essa ideia, o livro só pode ser aberto após o desmanchar do nó dado em uma fita de cetim. Dentro dele, outro nó precisa ser desfeito e, para que o leitor descubra a imagem escondida, ele precisa suspender uma faixa vinho, composta no mesmo papel da lombada. A expressão de surpresa da mulher que ilustra a imagem pretende dar um ar um pouco irônico à essa exploração. Somente quando todo esse esquema de materialidade estava organizado, percebi que havia me esquecido do texto, algo tão precioso para mim. Na época estava lendo o livro *Um teto todo seu*, da Virginia Woolf. Foi de lá que tirei a citação que estampa o livro que não tem páginas, mas no final bem que tem uma bela mensagem para passar: as mulheres precisam cometer a ousadia de criar.

Tudo então estava perfeitamente alinhado e o que mais me deixou *intrigada* em toda a experiência é que ela não foi planejada, as partes do livro se ordenaram no acaso, sem que qualquer preparação fosse feita de minha parte. E o resultado, para minha maior *surpresa*, me *agradou*. É lógico que eu fiquei *encantada* com o fato de o livro não ter se posicionado totalmente no universo da infância. Porém, de qualquer modo, acredito que ele exija um olhar infantil para ser de fato apreciado. Todo esse exercício de criatividade despretensiosa é um grande *brinquedo* para esta editora aqui, acostumada com projetos editoriais, gráficos, orçamentários e por aí vai.

Inquietação talvez seja o sentimento final, pois minhas certezas não estão mais tão sólidas quanto antes e eu nem sei mais ao certo qual o meu maior interesse nesse universo vasto do livro ilustrado. Eu sempre achei que fosse o texto, mas agora me pego apaixonada pela materialidade, embora muitas vezes me debata com o fato de não ser uma artista manual. Será que posso ser uma mera admiradora, *estudosa*, *espã* dos belos projetos alheios?

Um grande abraço e um muito obrigada (por isso tudo),

Lígia Maria.

59. Carta de Lígia Maria, estudante da Turma VI da pós-graduação "O livro para a infância". São Paulo, 2019.
Leitura gravada em setembro de 2002.
<https://youtu.be/AhP7ohdjFhI>



Pedaços de si – os materiais e as materialidades

Ao organizar esses três elementos na mesa percebi que o meu trabalho teria muito do antigo, muito do feminino e, por consequência, um bom tanto de mim

Lígia Maria

As mãos aprendem com os objetos

Vilém Flusser

Mãos,

Vocês ainda me convidam a pensar: o que os materiais provocam quando vocês sentem suas texturas, temperaturas, densidades, pesos, volumes, quando acordam lembranças pelo cheiro, pela cor, pelo toque? Quero narrar aqui o papel que os materiais constituem na oficina e como a percepção sobre eles foi se alterando ao longo do tempo e do decorrer da pesquisa.

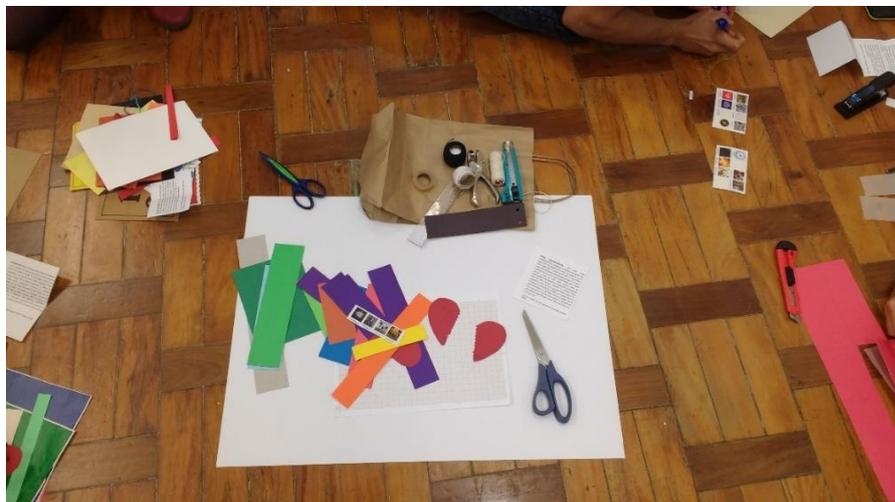
A princípio, quando iniciei com as oficinas na Casa das Rosas, o que tinha de mais acessível eram os materiais escolares, como papéis, canetinhas, tesouras, colas etc. Era o que encontrávamos geralmente disponível em um setor educativo de um centro cultural e vi como um caminho simples e quase natural propor a construção de livros a partir do que tinha em mãos. Afinal, qual outra possibilidade de fazer um livro senão com esses materiais?

Talvez de uma imensidão de outros. Foi o que descobri em uma oficina⁷¹ realizada no Programa de Iniciação Artística (PIÁ), que realizei junto com a educadora Marília Carvalho⁷², em 2016. Na impossibilidade de ofertar ou solicitar material suficiente ao programa para a oficina que realizaríamos com colegas e artistas educadores, pedimos que levassem materiais de casa. Então, nos deparamos com uma diversidade que não poderíamos prever: retalhos de tecidos, papéis de diferentes texturas, revistas antigas, mapas de viagem, fotografias, linhas variadas. Uma qualidade de texturas, cheiros e toques que

⁷¹ Sinopse da oficina “Viagem para lugares imaginários – oficina de leitura e criação de livros”: Para quais lugares o livro pode nos levar? Nesta oficina convidamos os participantes a terem uma experiência com o livro. Através da leitura das palavras, das imagens e da materialidade do livro propomos uma vivência que pode nos apresentar novos e diferentes olhares sobre ele. A oficina será dividida em três momentos: leitura coletiva de um livro, tempo para exploração e criação de livros a partir de diferentes tipos de papéis e materiais. A viagem para os lugares imaginários é um desafio que iremos propor aos participantes durante a oficina”. Título retirado do livro *Dicionário de lugares imaginários*, de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi.

⁷² Educadora, pesquisadora e professora de Artes. Trabalhamos juntas no PIÁ, no Espaço de Leitura do Parque da Água Branca e realizamos oficinas em outros espaços culturais, como A Casa Tombada.

jamais conseguiríamos “levar” para a oficina. Eram guardados, objetos afetivos, fragmentos de memória, tinham relações com as histórias das pessoas, suas trajetórias. Nada mais importante para construir um livro do que levar materiais que fossem coletados pelas próprias pessoas⁷³.



60 e 61. Oficina “Viagem para lugares imaginários”, com Marília Carvalho, na Escola EMIA, em São Paulo, como parte da semana de formação do Programa de Iniciação Artística, em 2016. Fotografias de Marília Carvalho

Assim, depois dessa experiência, passei a pedir às estudantes e participantes que, nas próximas propostas de fazer livros, levassem materiais de

⁷³ Encontrei relatório escrito após o encontro em que consta o trecho: “Outra surpresa boa para nós foi a respeito dos materiais. Como a oficina teve 11 inscitos a mais do que planejamos, pedimos aos inscitos que levassem materiais de casa: tecidos, papéis, retalhos, tesouras, fitas, lãs... Alguns eram pessoais (capa de livro antigo que gostaria de usar), um catalogo de fotos, outra pessoa trouxe um retalho de tecido que não usava mais... E percebemos que a variedade de materiais trouxe para a criação uma diversidade plástica que enriqueceu as produções, já que estamos tratando também da materialidade do livro. Além disso, o local da oficina foi muito apropriado, a sala da EMIA tinha espaço para a roda, para disposição organizada dos livros e materiais, mesas e cadeiras e ótima iluminação”.

casa, quando possível, e que passei a chamar de *pedaços de si*. Essa forma de nomear, que eu me lembro, surgiu a partir do retorno de uma das estudantes em resposta a um áudio que eu enviei no grupo de WhatsApp para uma das turmas da pós. Patrícia Cardoso, da Turma II, me ofertou essas palavras: *pedaços de si*. Não sei ao certo se eu cheguei a nomear assim, ou foi sua interpretação, mas para mim representava bem a proposta: olhar para os materiais como pedaços de nós, da nossa história, das nossas memórias, algo único e particular a cada uma e cada um.

Como sugestão de materiais, oferto alguns caminhos: mapas antigos, fotografias, bordados, sobras de tecidos, cartas, instrumentos e suportes para a construção do livro, algo para escrever, desenhar, assim como colas, grampeadores, barbante, linha, agulha, papéis de tamanhos variados etc. São ideias, sugestões de materiais que podem ou não serem utilizados durante a oficina.

Me vi diante de raridades: na sala d'A Casa Tombada, encontrei um livro que guardava plantas secas do jardim da avó de uma das estudantes que as manteve dentro do livro por anos e decidira levar na aula como material inspirador. De Itaipava, no Rio de Janeiro, chegaram retalhos de tecidos que um dia serviram de mostruário para o papel de parede que iria compor o quarto da filha de uma das participantes da oficina. Em uma mesa vi uma caixa pequenina, com coisas bem miúdas, retalhos de papeis artesanais, rústicos, fibrosos, delicados, um guardado de anos que ganhara na ocasião do nascimento da sua primeira filha, e que estava esperando um momento especial. Afetos materiais de uma vida, de várias.

Carta de Tatiana Barreto

A ideia das madeirinhas surgiu por causa da minha memória afetiva com elas. Essas madeiras pertenciam à uma sapateira que eu tinha na infância, na casa da minha mãe. Quando desmontamos, eu as guardei no intuito de fazer alguma coisa que nunca fiz. Até então. Quando foi sugerido que levássemos materiais, pensei nelas e nas

macramê. Levei, ainda sem saber o que fazer com elas.

Quando começamos a produzir, lembrei-me dos meus filhos. O mais velho, hoje com 6 anos, é muito afetivoso e amoroso com a mais nova, de 1 ano e 8 meses. Desde que ela nasceu, ele a chama de "essa pequena", com muito carinho, e sempre fala sobre as saudades que ele vai sentir quando ela crescer. Outro dia ele achou uma foto de ela bebê e chorou bastante porque ela já "cresceu". Foi uma experiência incrível vê-lo sentir tão profundamente isso, ao mesmo tempo que eu o vejo crescer a cada dia, o meu hoje "menino grande". Pensando em tudo isso, escrevi o texto. Primeiro tentei com canetinha, mas a tinta começou a se espalhar e ficou ruim. Uma colega me emprestou uma caneta da marca Bossa, da mesma cor dessa que usei.

Usei na madeira de teste muito bom. Sobre a envolta de madeira, amarrei 30 cordas que representam a idade que eu tinha quando ele nasceu. Camila me sugeriu que, com a movimentação das cordas, outras narrativas/textos

podiam ser criados/combinados.
 Já em casa, fiz uma experiência
 com outra cor (abaco) e achei
 que não deu destaque. O mais
 importante, contudo, foi a cor que
 que fiz nos ~~letras~~ letras iniciais.
 Usando ~~essa~~ ~~pequena~~ sempre
 tudo em ~~as~~ ~~as~~ minúsculas,
 diferenciar ~~o~~ tinha feito
 que parecia ~~o~~ olhei pra
 cor de ~~o~~ caneta
 que usei ~~as~~ no primei-
 ro ~~os~~ ~~tem~~ ~~pequena~~ e
 fiquei mais contente com o
 resulta ~~o~~ ~~o~~ do.
 As cole ~~com~~ ~~as~~ que
 viram, ~~essa~~ ~~pequena~~ perce-
 beram algo interessante no qual
 eu não havia pensado: elas disse-
 ram que ~~um~~ ~~as~~ as cores que
 sobem ~~essa~~ ~~pequena~~ pra que
 se revel ~~o~~ ~~o~~ a escri-
 ta as lembrou da regra de cres-
 cimento que os pais desentam
 na pare ~~o~~ ~~o~~ e que a possi-
 bilidade ~~o~~ ~~o~~ de revelar /escri-
 ver as ~~o~~ ~~o~~ frases que não
 tem seqüência imaginada, permitem
 um exercício interessante de
 descobertas e possibilidades.
 Não sei ainda ~~o~~ ~~o~~ livro que
 ago ao fim do seu processo,
 mas nessa maneira ~~o~~ ~~o~~
 (aparentemente a caneta
 também)
 Tatiana Barreto - abril/março/19

62. Carta de Tatiana Barreto, estudante da Turma VI da pós-graduação “O
 livro para a infância”. São Paulo, 2019.
 Leitura gravada em outubro de 2002.
<https://youtu.be/1qCiuOqfLHE>



Essa relação com os materiais me mostrou outras possibilidades do fazer livros. Nessa busca, nessa coleta, as mãos se empenham e se envolvem com as materialidades presentes do seu próprio espaço, da sua casa, ou do que encontra no caminho. Como algo que você procura, mas que também pode te fisgar, como aconteceu com Lícia Breim, estudante da Turma II:

Depois de uns dias enquanto observava umas crianças na escola, encontrei um material que de **novo me** fisgou, um papel colorido vazado por uma forma oval e papéis de acetato. Resolvi então experimentar esses materiais. (BREIM, 2018)⁷⁴

Nas Turmas VII e VIII, totalmente online, isso ficou muito evidente, principalmente pela relação com o espaço íntimo das casas. Malu Nakid coletou durante a semana papéis e papelões que seriam descartados de pacotes que chegavam pelo correio. Maira Chiodi achou recordações antigas e se deparou com o dilema de cortar e transformar o material: estaria preparada para isso? Thiago Lyra encontrou-se com a caligrafia da mãe, lendo seu caderno de receitas que guardava por anos. Uma outra estudante da Turma VII recuperou cartas que trocava com um vizinho, e que mantinha em segredo até então. Aurélio de Macedo, da mesma turma, vivendo o auge da pandemia e instigado a produzir a partir do que tinha em mãos, buscou no seu quintal folhas secas para compor o livro. Carina de Luca, de outra turma, também foi para fora da sua casa buscar materiais no jardim, enquanto vivíamos a oficina durante a aula.

Podem ser verdadeiros achados, surpresas para aqueles que os encontram e para nós do coletivo, que podemos nos “tombar” diante de alguns relatos. Como foi com Ana Waimberg, da Turma VIII, que encontrou o seu caderno de poemas e ilustrações da 7ª série. Para seu – e nosso – espanto, no final havia uma escrita sobre a aula com a professora de português, Edith Chacon, que agora era sua colega de turma da pós. Imagina a nossa emoção ao ver o encontro de gerações, ali, lado a lado na telinha compartilhando em aula uma história que foi traçada bem antes. Ana lê, com a voz embargada, sobre a sua escrita no caderno:

Eu nunca teria imaginado na minha vida que seria uma *poetista*, principalmente no sétimo ano, mas nada disso seria possível se a nossa professora Edith não nos entregasse uma apostila cheia de poemas divertidos. A partir daí, eu comecei a me interessar por poemas. Comecei a me empolgar e fazer

⁷⁴ Carta em Anexos.

poemas na minha própria imaginação. Enfim, eu fiz um livro de poesias e me tornei uma *poetista*. (WAIMBERG, 2022)

Memórias, histórias que alguns materiais podem trazer à tona. A partir dessas coletas cuidadosas e preciosas, os materiais já convidam as estudantes a se relacionarem com eles numa espécie de ressignificação e afeição. Se constituem o “corpo do livro” e se diferem da forma como muitas vezes nos relacionamos com materiais, em uma relação de exploração, como se fossemos usufruí-los para chegar no nosso objetivo. Quantas vezes eu mesma usei a expressão “vamos explorar o material” no intuito de experimentar, investigar, descobrir como ele se comporta e no que pode se transformar. E ao refletir sobre a palavra “explorar”, me questiono o quanto colonizador ela pode remeter e trazer uma ideia de usufruir de algo, tirar proveito⁷⁵. Hoje reflito que materiais não são explorados, são experienciados por vocês, mãos, numa relação de troca e aprendizado. O que podem me oferecer e como vou agir em relação a eles?

Cada materialidade abrange, de início, certas *possibilidades de ação* e outras tantas *impossibilidades*. Se as vemos como *limitadoras* para o curso criador, devem ser reconhecidas também como orientadoras, pois dentro das delimitações, através delas, é que surgem sugestões para se prosseguir um trabalho e mesmo para se ampliá-lo em direções novas. De fato, só na medida em que o homem admita e respeite os *determinantes da matéria* com que lida como *essência de um ser*, poderá o seu espírito criar asas e levantar voo, indagar o desconhecido. (OSTROWER, 2014, p. 32)⁷⁶

A pesquisadora Fayga Ostrower traz essa relação com os materiais, abarcando as suas possibilidades e impossibilidades de comportamentos, a partir de características que são próprias, que são inerentes à matéria. Como nos deixar envolver com o material a ponto de não querer somente transformá-lo e sim ser transformado por ele? “Ao fazer, isto é, ao seguir certos rumos a fim de configurar uma matéria, o próprio homem com isso se configura” (OSTROWER, 2014, p. 51).

Nesse olhar atento ao material, devolvemos sua importância há tanto esquecida, como afirma Tim Ingold, antropólogo e professor britânico que

⁷⁵ Lembro que foi em um dos encontros do GPIHMAE, depois de apresentar a minha pesquisa ao grupo, que um dos colegas, Felínio Freitas, me questionou sobre a palavra “explorar” ao me relacionar aos materiais. Isso foi muito revelador para mim e a partir de então passei a pensar mais sobre a relação que estabelecemos com eles e o quanto as palavras revelam coisas para nós.

⁷⁶ Grifos da autora.

escreve sobre o assunto no texto “Materiais contra materialidades” e que contribuiu para as reflexões que exponho aqui⁷⁷.

Os materiais parecem desaparecer, engolidos pelos objetos mesmos aos quais deram à luz. É por isso que comumente descrevemos materiais como “brutos”, mas nunca “cozidos” – pois no momento em que se congelam em objetos eles já desapareceram. Por conseguinte, são os próprios objetos que captam a nossa atenção, não mais os materiais de que são feitos. É como se o nosso envolvimento material só começasse quando o estuque já endureceu na fachada ou a tinta já secou na página. (INGOLD, 2015, p. 60)

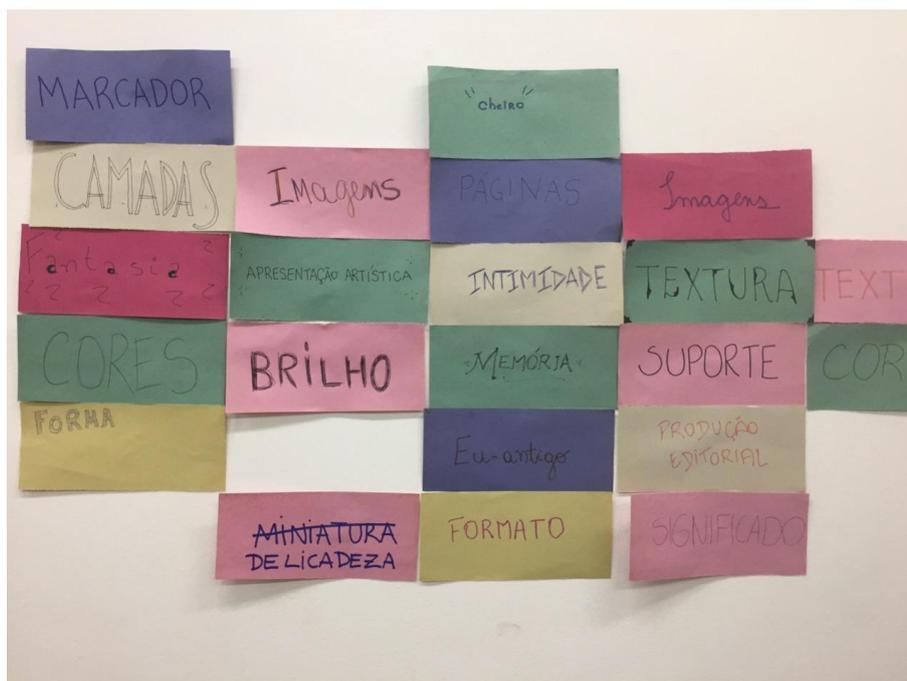
Quando vemos um objeto pronto, como um livro por exemplo, quase esquecemos dos materiais de que foram feitos. Das tintas, do papel, do tipo de instrumento, do que compõe aquela colagem, ou da história daquele barbante, se há uma renda antiga ou uma planta coletada de um quintal, se foi inspiração a partir de fotografias antigas ou uma memória recente. Assim, como devolver a atenção merecida aos materiais?

Ingold também traz essa relação com a materialidade, uma palavra presente nos meus estudos, para relatar sobre pensamentos que envolvem o livro como linguagem. Ele reflete ainda sobre o quanto a literatura, a antropologia e a arqueologia abrangem o tema da materialidade e da cultura material e nada parecem dizer sobre materiais⁷⁸.

Estaríamos nós, nas oficinas, tentando perceber os materiais como corpo-livro que carregam histórias, potências e afetos? O livro passa a ser então esse devir que nasce do encontro das mãos com os materiais?

⁷⁷ O capítulo “Materiais contra materialidade”, do livro *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*, foi fundamental para as reflexões sobre a relação que estabelecemos com os materiais e que exponho nesta tese.

⁷⁸ “Por materiais refiro-me às coisas de que as coisas são feitas, e um inventário aproximado pode começar com algo como o seguinte, tirado da lista de conteúdo do excelente livro de Henry Hodges, *Artefacts* (Artefatos): cerâmica, esmaltados; vidro e laqueados; cobre e ligas de cobre; ferro e aço; outro, prata, chumbo e mercúrio; pedra; madeira; fibras e fios; têxteis e cestas; peles e couro; galhada, osso, chifre e marfim; corantes, pigmentos e tintas; adesivos; alguns outros materiais.” (HODGES, 1964:9, p 50.) (INGOLD, 2015, p. 50)



63. Quais palavras remetem à “materialidade” do livro que trouxeram para a aula? Colagens-escritas das estudantes na parede d’A Casa Tombada como exercício proposto na pós “O livro para a infância”, 2019. Fotografia de Cristiane Rogerio

Que livros são esses que as mãos são convidadas a criar?

Convite à leitura/fruição do livro O que é um livro?



64. Livro produzido por Tatiana Yukié, estudante da Turma V da pós “O livro para a infância”, em 2019. Vídeo produzido por Camila Feltre.
https://youtu.be/fXooEi_XYck



Uma das principais perguntas durante a pesquisa de mestrado foi: É um livro? O que faz de um objeto um livro? Quais componentes ele precisa ter para ser chamado assim?

Essas reflexões foram ganhando corpo ao notar nos encontros, com frequência, questões e incômodos sobre diversos livros apresentados, como

livro-objeto, livro de artista, livro-obra, e que na maioria das vezes apresentam características diferentes do que estamos acostumados a ver em um livro, pensado como códice, feitos com papéis, formato retangular e páginas costuradas. Isso pode provocar um deslocamento, a ponto de repensarmos todo o conhecimento sobre o conceito que tínhamos de livro até então. Diante desse estranhamento e da “liberdade” imbuída na proposta de criação dos livros, possibilitando muitos formatos, tamanhos e tipos de materiais, surgem frequentemente as perguntas que revelam questionamentos sobre essa ideia de “livro sem limites”. Mas o que é então um livro? Pode tudo? Tudo é livro, agora? “Mas o que faz um aglomerado de papéis e outros materiais deixarem de ser um aglomerado para se tornarem livros? É a narrativa? Como surge uma narrativa?” (BENARD, 2019)⁷⁹.

Essas perguntas me acompanham desde muito tempo e ganham força nas discussões quando se está em coletivo.

Olho para o livro *Ací*, ouço a voz de Nathalia Freire, estudante de pedagogia e participante da oficina que aconteceu no Instituto Federal de Jacareí, e repenso nesse livro que as mãos são capazes/convidadas a criar.



65 e 66. Detalhes do livro *Ací*, de Nathalia Freire, 2019. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal

⁷⁹ Carta em Anexos.

Convite à leitura/fruição do livro Ací



67. Livro produzido por Nathalia Freire, participante da oficina “Materialidade do livro para a infância”, no Instituto Federal de Jacareí, 2019. Vídeo de Camila Feltre.

<https://youtu.be/zZNSBAk7Dtw>



Carta de Nathalia Freire

25 de outubro de 2019

Querida Camila,

Primeiramente, gostaria de te agradecer pelo encontro que me proporcionou através da oficina. Pensar no livro em toda sua materialidade, indo muito além do significado que as palavras trazem consigo, foi mágico.

De início, foi difícil pensar em algo para produzir, por isso, decidi focar na forma que o livro teria, pois acreditava que assim seria mais fácil e o restante viria conforme a dança. E veio.

Coloquei sentimento, corpo e pensamento no livro "Acírcul..". Penso comigo (e também me questiono) se é possível não colocar um pouco de nós em tudo que produzimos, pois se sim, então não seria diferente com um livro.

Através de Ací rememorei todos os nãos que meu corpo recebeu e de tudo o que ele não deveria ser. E assim como Ací, foi um processo de muitas páginas, de muitos sinônimos que levavam quase os mesmos significados, todos eles cheios de nãos. Mas em um momento, como Ací, me reconheço, me torno dona do meu ser, corpo, coração e mente e quando isso ocorre, me torno tudo aquilo que sou e estou sendo e ainda serei.

Ací é seu próprio formato e sentimento. O livro pôde contar e detalhar isso através das cores, do seu aspecto físico e das palavras.

Que eu possa, como futura pedagoga, mostrar aos/às alunxs, esse mundo de possibilidades através do livro em um todo, durante toda infância deles.

Mais uma vez te agradeço.

Com carinho,

Nathalia Freire.

68. Carta de Nathalia Freire, participante da oficina "Materialidade do livro para a infância", no Instituto Federal de Jacareí, em novembro de 2019. Leitura gravada em setembro de 2022.
https://youtu.be/-c8JcJ_OiaE



Além de nos deparar com esse relato tão potente, de perceber o livro como expressão artística do que a participante estava vivendo, temos um livro que foi gestado a partir do formato, como ela mesma diz no relato: “A forma deu origem ao livro, e o restante viria conforme a dança. E veio” (FREIRE, 2019).

Ela previu uma dança das mãos, intuía que o decorrer do processo aconteceria de escolha em escolha, sem antever. Relatos como esse me fazem pensar como alguns caminhos são traçados pelo interesse no material ou no formato do livro para abrigar sentimentos, desejos, histórias, guardados, gestos imprevistos... Eles são convites para as mãos criarem.

Assim, e se caminhamos para o campo das não definições na tentativa de deixar de ser livro para ser mais livro ainda?

Tudo o que diz respeito ao universo do livro será DNA potente para que **o livro de artista deixe de ser livro para se tornar mais livro ainda**, almejando um livro por vir de blanchot, um livro sem fim de mallarmé, um livro de todos os livros que contém todos os outros sem ser nenhum deles, tal livro de areia de borges, tal galáxia em crisântemos de haroldo de campos, uma espécie de cada célula-livro e que compõe esse corpo de pensamentos pulsantes sobre os modos de produzir e pensar livro de artista. (DERDYK, 2013, p. 15)⁸⁰

Que tal livrarmos os livros dos limites e passarmos a pensar **não o que eles são**, mas o que eles **podem ser**? Quantas possibilidades de fazeres podem se abrir?

Pensando nessas possibilidades todas que o livro pode abrigar, e se o percebemos como casas? Casas que habitam palavras, imagens, tamanhos, silêncios... Será que assim pensaríamos mais no que o livro pode habitar e menos nas definições que buscamos?

Dessa forma, olhando para os livros produzidos pelas estudantes e participantes e nos que eu vou produzindo ao longo do processo, vou aprendendo mais sobre esses livros que são gestados nos encontros, livros como acontecimentos.

⁸⁰ Grifo meu.

LIVRO-CASA: o que um livro pode abrigar?

Livro como casa da palavra. Foi assim que nomeamos os fazeres do sábado, 3 de setembro de 2022, com a Turma IX, uma turma online que se dispôs a vivenciar a oficina de criação de livros. Estávamos no terceiro encontro com a turma, e a proposta veio com certa dose de ousadia, eu sei. A conversa inicial caminhou para que escrevessem “palavras-fio”⁸¹, de forma a conectarem com o livro lido pela Cristiane Rogerio em aula⁸², com os encontros anteriores e com o que estivesse reverberando em cada uma, em cada um. Algumas destas “palavras-fio”: busca, processo, esforço, cair, travessia, atravessar, descoberta, saga, abertura, estrada, raízes e asas, perspectivas, cavar, histórias, experiência, ninho, avesso, deslocamento, utilidade e algumas frases: todo começo é precioso, dar a ver. Em seguida, ia propor a criação dos livros a partir dos materiais coletados em casa e pensei: Como dar a ver essas tantas palavras que estavam nos causando formigamentos, espantos, deslumbramentos? Vamos criar um lugar para elas, um espaço para morarem? Assim, o livro é gestado nessa comunhão de construir algo que abrigasse essa palavra tão íntima a cada uma das estudantes. Na ideia de criar um livro como “casa da palavra”, surgem as provocações: Como seriam as paredes dessa casa? Qual tamanho precisaria ter para que ela pudesse morar? Quantos cômodos teria? Quais cores? Que personagens vão habitar? E o ritmo? Uma casa feita de tijolos ou de outro material que possa passar a ideia do que esta palavra me provoca? Qual a sensação que esta casa vai ter? Qual a atmosfera, a temperatura?

Pensar o livro como casa é um convite que fiz em outros momentos, como no curso “Que coisa incrível é um livro!”, primeiras experiências de aulas online que eu e Cris realizamos no início da pandemia, em junho de 2020, e com professoras de Catanduva, interior de São Paulo, em parceria com Giuliano Tierno na proposta “Ateliê Livro-Casa: como pensar o objeto livro na sala de aula?”

Pensando sobre essa percepção do livro como casa, creio que ela foi semeada junto com Marília Carvalho, educadora e parceira de pensamentos

⁸¹ Proposta elaborada pelas coordenadoras: Cristiane Rogerio, Ananda Luz e eu. Ananda Luz é professora, pesquisadora das relações étnico-raciais. Na Turma IX, entrou para a coordenação pedagógica da pós “O livro para a infância”.

⁸² *Sam & Dave cavaram um buraco*, de Mac Barnett e Jon Klassen, Editora Salamandra, 2016.

sobre o livro, quando propusemos À Casa Tombada, lá em 2017, realizar oficinas em torno da criação de livros que tivessem íntima relação com a casa.

Chamamos esses encontros de “LIVRO-CASA: ateliê de criação de livros” e em cada um relacionávamos uma parte do livro com a estrutura de uma casa.

Assim, em um encontro relacionamos as fachadas de casas com as capas dos livros, tendo o livro *Fachadas*, do Rafael Sica, Editora Lote 42, como livro disparador de discussões. Em outro encontro, olhamos para os silêncios que habitam uma casa como os aparentes espaços vazios de um livro, expressos muitas vezes pelos brancos presentes. *Espelho*, da autora coreana Suzy Lee, e sua dupla de páginas em branco localizadas bem no centro do livro, é um dos livros que provocou a conversa desse dia.

Casa como espaço de morada, abrigo, refúgio, cafofo ou que significa C(ASAS)⁸³. Que habita desejos, anseios, angústias, narrativas adormecidas e que encontram lugar para morar. Afinal, uma casa abriga tanta coisa, não só de belezas vivemos nas casas, casas também guardam segredos, dores. “Casas abrigam, acomodam, acolhem. Casas espiam, escondem, ocultam” (FERNANDES, 2020)⁸⁴.

Vejo esse “LIVRO-CASA que habita tanta coisa” como mais perto do objeto que convido as estudantes a criarem, principalmente estando dentro de uma casa, que instiga a pensarmos constantemente o que é pesquisar e estudar em um lugar como esse. Poderíamos dizer, então, que o convite é a criação de um livro-casa da palavra, casa da imagem, das histórias, dos *pedaços de si*, da memória, da ancestralidade, dos fazeres das mãos e do corpo, livro-casa do devir?

Nesse caminho, e pensando no livro como casa, poderíamos supor que abrigam narrativas de nós? E no fazer, ao mexermos com a matéria, vamos nos relacionando no nosso íntimo mais profundo? Fayga Ostrower nos diz: “Daí se nos apresenta outro aspecto que tanto nos fascina no mistério da criação: ao fazer, isto é, ao seguir certos rumos a fim de configurar uma matéria, o próprio homem com isso se configura” (2014, p. 51).

⁸³ Palavras a partir do poema estampado no *Sousplat* que fica no café da Casa Tombada em Bragança Paulista.

⁸⁴ *Se eu fosse uma casa*, da artista Carol Fernandes, criado e publicado em 2020, pela Tuya Editorial, durante o auge da pandemia.

Será que então ao criar um livro estamos dando formas ao novo viver? E ao retomar o processo, pensando, olhando, escrevendo, podemos ir tendo a consciência do que aconteceu? Descobertas pessoais, uma reflexão sobre a trajetória, aprendizado sobre si mesmo, sobre o fazer de um livro.

Percebo também que em todo o processo de “construção” está imbuída uma “desconstrução”. Desde desconstruir uma ideia que tínhamos a princípio, lidar com um material que reagiu de forma diferente do previsto, até nas relações que estabelecemos com conceitos sobre o que é um livro, suas formas, como devem ou não serem feitos. Percebo também uma desconstrução de papéis daqueles que atuam em diferentes relações com o livro, como pude ler em carta de uma ilustradora que durante a oficina se vê diante de “ter que inventar a história” e não criar a partir de um texto ou uma história já pré-concebida, como estava acostumada⁸⁵.

Por isso vejo esse fazer livro como possibilidade de encontros, descobertas sobre nós, seja a partir de lembranças ancestrais que as mãos rememoram no gesto criador, seja no encontro com os materiais, no estar em coletivo, enfim, os caminhos são inúmeros, o fazer livro em estado de aula vira acontecimento e cria espaço para o devir.

Mãos, termino este texto com minha última provocação, já que nossa conversa foi longa, o elogio foi extenso e aprendi muito pensando sobre vocês e seus fazeres: O que nos motiva tanto a criar? E como o corpo encontra maneiras para esse fazer? Será que vocês são as únicas fazedoras nos processos de criação?

⁸⁵ Para Cecília Almeida Salles, “construir é destruir” e complementa: “A necessidade de destruição ou eliminação para que a construção seja possível é sempre lembrada como um dos instantes que provocam mais dificuldades para os criadores” (SALLES, 1998, p. 150).

Quando as mãos encontram livros criam narrativas de si?

Carta à Fabi⁸⁶ – Ao que escapa às mãos e o que eu aprendi sobre o fazer feito com o corpo todo

À Fabi,

*É quando aterramos os pés no chão que as asas
ficam prontas para voar. E voam*
Fabiana Lorenzetti

Fabi, preciso confessar uma coisa e uma carta para você me pareceu o melhor caminho para contar todas as reflexões que surgiram e o que venho aprendendo na sua convivência.

Há um tempo o “elogio” que eu tenho dedicado à(s) mão(s) vem me incomodando e algumas perguntas surgiram: e aquelas pessoas cujos fazeres não se restringem à mão? Como elas criam? Como se percebem criadoras? Como veem o fazer, nessa artesanaria que a princípio nomeamos como “manual”?

Sim, ao longo desta tese, vimos como as mãos acompanham o fazer em muitas gerações. Estão presentes nos gestos das famílias e nos fazeres ancestrais: costurar, cozinhar, bordar, desenhar... Entendo também que o fazer que pode ser materializado pelas mãos é um gesto de um corpo inteiro: um pé a se movimentar acompanhando o ritmo do desenho no papel, uma coluna que precisou ficar ereta para o corte ser mais preciso, uma cabeça que equilibra de um lado para a concentração, um olhar atento ao passar o fio na agulha, um braço que estica e dá a precisão exata do gesto. Percebo que há um corpo em unidade movido para a criação.

Mas algumas perguntas me acompanham: e aqueles corpos que não têm a mão, onde esse fazer se localiza? Como o gesto se materializa? Como esse

⁸⁶ Fabiana Lorenzetti, PCD, mãe, educadora, pesquisadora, artesã, como ela mesmo se apresenta na página do instagram @bem_guardar, um ateliê de pesquisa e produção em encadernação manual. Educadora do SESC São Carlos, a conheci em uma oficina que realizei no espaço. Depois, nossa convivência se intensificou na pós “O livro para a infância”, como estudante da Turma VI nos anos de 2019 e 2020 e, mais ainda, durante o processo do seu TCC, em que fui sua orientadora. Seu trabalho “Pensar, fazer e brincar o livro: uma proposta de experimentações de narrativas e materialidades” está disponível no link: <http://biblioteca.acasatombada.com.br/items/show/1777>. Durante a pesquisa de doutorado, conversamos sobre essas questões que trago nesta carta. Fabiana tem também a página @lab.livro, um espaço para pensar, fazer e brincar o livro, onde compartilha suas experimentações com narrativas e materialidades.

corpo age sem aquelas que são as extremidades dos nossos corpos, que tanto persegui nessa pesquisa?

A partir daí, outros questionamentos: será que isso que estou buscando é um olhar para as mãos ou o que impulsiona esse fazer? É o gesto? É o querer fazer? É o desejo? A faísca? Como nomear?

Esta conversa com você Fabi, é para apresentar as minhas reflexões e incômodos e mostrar como você contribuiu para que eu ampliasse a minha percepção sobre essas questões.

Vou contar como o seu fazer, como educadora, encadernadora, artista de livros e mãe, me possibilitou estar perto de um corpo todo que cria em sintonia, um corpo composto por uma mão e o bracinho (como você chama o lado direito).

Para apresentar você melhor, trago uma frase que abre seu TCC, uma escrita que você recuperou do seu caderno no primeiro dia de aula: “Hoje sou uma mulher buscando as partes que me compõem. Sou mãe, em fase de desmame. Sou educadora e busco me completar, me preencher de sentido, graça e gosto. Sou artesã, sou do fazer com as mãos e sem ela (LORENZETI, 2021).

E aí seguem minhas perguntas: como o fazer se comporta como um corpo único? Como esse corpo cria?

Instigada que estava, marquei uma conversa com você, lembra? Para expor todas as minhas fragilidades e aprender sobre algo que não passava pelo meu próprio corpo. Foi no dia 7 de junho de 2022, e você me deu uma aula sobre isso.

Primeiro sobre como o corpo se movimenta, que tem alguma coisa ali que impulsiona o fazer, que é a vontade de tocar os materiais, o apelo sensorial.

Porque você poderia ter uma ideia na sua cabeça e você poderia trabalhar no digital, na ideia, sei lá, mas a coisa física e material, quando você faz, é o corpo que *tá* fazendo, você quer pôr o seu corpo naquilo, você quer encostar seja a mão, ou o pé ou qual é a parte do seu corpo que vai se encostar naquilo. O seu corpo vai fundir de alguma maneira com aquele material, com aquelas ferramentas, com aquele fazer e vai transformar em alguma coisa, né? (informação verbal)⁸⁷

⁸⁷ Informação fornecida em entrevista realizada com Fabiana Lorenzetti em 7 de junho de 2022, pela plataforma Zoom.

Claro que me lembrei do artista Bruno Munari, que traz tanto nos seus estudos quanto nas suas produções uma relação sensorial com os materiais, enfatizando que a experimentação tátil com os objetos e o mundo não se dá somente pelas mãos, mas pelo corpo inteiro. Lembrei também da exposição para crianças do SESC Pinheiros⁸⁸, com espaços propositivos para as crianças vivenciarem experiências táteis com o corpo todo.

Quando você diz que o seu corpo vai fundir com o material, você traz uma relação que não explora aquilo que mexemos, tocamos, e queremos transformar, mas uma relação de parceria, de estar com algo e de ser também transformado na medida em que nos dedicamos àquilo. Nesse desejo de transformar o material, nós também nos transformamos.

Durante nossa conversa você problematizou: por que insistimos, desejamos colocar o nosso corpo nesse fazer? E contou sobre a experiência que atravessa os sentidos, como algo único que perpassa cada corpo destinado/convidado ao fazer em relação ao que encontra no caminho.

Essa coisa do corpo poder fazer, se expressar da maneira como ele é, isso vai trazer uma outra questão que é a diversidade produzida por esse corpo. Quando a gente pensa na produção de um livro, meio que pensa um padrão. Talvez o livro que a colega fez (referindo-se a uma participante de oficina que era cadeirante e tinha movimentos reduzidos nas mãos) não é um padrão, mas é um livro. Então a gente pensa um padrão dentro de um aceitável, dentro de uma coisa que a gente está acostumado, dentro de uma coisa que a gente entende que é feita com a mão, então podem vir outras ideias do que é esse objeto livro. (informação verbal)⁸⁹

Com isso, você alarga meu pensamento para compreender que a diversidade de corpos cria diversidades de produções. Como é fundamental a presença dos corpos diversos para não encaixotarmos nossos fazeres como únicos e possíveis. Você me faz pensar que as possibilidades dos fazeres são muitas e podem ser a todo momento reinventadas.

Assim, me deparo com outras perguntas, que talvez nem encontre respostas nesse momento: quais fazeres não estamos vendo? Quais fazeres este trabalho não deu conta de investigar? Quais corpos estão produzindo que eu

⁸⁸ “Proibido não tocar – Crianças em contato com a obra de Bruno Munari”, exposição de 14 julho a 23 agosto de 2009 no SESC Pinheiros, em São Paulo.

⁸⁹ Informação fornecida em entrevista realizada com Fabiana Lorenzetti em 7 de junho de 2022, pela plataforma Zoom.

não pude alcançar? Como esses trabalhos e esses corpos poderiam expandir ainda mais nossas percepções sobre os fazeres do livro?

Se todo livro aqui investigado é produzido por um corpo, quais livros-corpos, corpos-livros ainda poderiam ser apresentados? Quais poderiam encantar outras pessoas? E ensinar que não precisamos nos prender a padrões e um único jeito de ser e fazer. Se os caminhos dos fazeres são infinitos, como vimos ao longo desta tese, corpos diversos podem nos convidar a conhecer fazeres ainda mais diversos, que contribuam com outras possibilidades e maneiras de colar, cortar, dobrar, ser e viver!

Voltando ao seu TCC, encontrei essa definição de livro que dialoga muito com a percepção que estamos pensando:

Perceber o livro como esse lugar de falar e mostrar o mundo e tudo o que há nele, e até o que não há. Esse lugar que não tem limites. Se está na água é peixe, se está no céu é passarinho.

O livro é uma possibilidade que a gente tem de materializar o que está por dentro. É uma linguagem, um jeito de dizer as coisas por todos os sentidos. O livro é matéria. É pensamento pegado na mão.

E como a gente gosta de ver com as mãos, pensar com a boca e cheirar pelos ouvidos é preciso também que a gente possa se dar aos devaneios de produzir essa linguagem, de pensar, fazer e brincar o livro. Experimentar materiais, narrativas e leituras. Expandir a percepção. (LORENZETI, 2021)

Lembra do seu livro produzido na aula da pós? Tão pequeno! Durante a conversa, retomamos sobre esse dia, e você me contou que essa escolha também estava atrelada a sua história. E como você, desde a infância, buscou fazer coisas que “aparentemente” precisasse das mãos. Assim, foi ser goleira de handebol, jogou vôlei e depois de adulta foi ser encadernadora. Aí quando partimos para a oficina de criar livro, você optou por fazer um livro tão pequeno que cabia na palma da sua mão. Sobre esse gosto por coisas pequenas, você disse que faz parte da sua busca por desafios, e quanto menor, mais habilidades você precisa.

Geralmente (o que busco fazer) é uma coisa bem pequena, a coisa do minucioso, é uma coisa que não é visível talvez. [Não é] o grande, ou o que se destaca, mas tem uma grandeza que tá ali no *pitiquinho* dela, no pedacinho, uma diferença ali. (Informação verbal)⁹⁰

⁹⁰ Informação fornecida em entrevista realizada com Fabiana Lorenzetti em 7 de junho de 2022, pela plataforma Zoom.

Para mim, é isso o que você me provoca, Fabi, perceber o detalhe que faz toda a diferença. Vejo você como uma corrente fina de água, que chega suavemente, de mansinho, mas que cria ondas poderosas, capaz de provocar grandes deslocamentos. É assim que eu me sinto na sua presença.

Penso nesse fazer que é quase uma necessidade do corpo entrar em contato com a matéria livro e me vem a palavra gesto. Ou seja, quando o fazer livro vira gesto e passo a perceber a potência desse gestar.

Carta de Amma

Remetente: Eu do presente

Destinatário: Antigo eu

Antigo eu,

O processo de construção do nosso livro só podia surgir das experiências vividas naquele mês. Você já sabia. Aquelas que a gente não consegue expressar bem numa conversa. Sempre foi assim: palavras nos momentos difíceis e imagens para as emoções que não conseguimos explicar. Será só com a gente?

Apesar das dificuldades em acompanhar aqueles dias, ver o desenrolar do processo dos colegas foi bem prazeroso. Mas a gente não conseguia fazer nada por causa dos tais problemas de saúde. Não é mesmo? Eles nos impediam. E maior que eles, era o tal medo. Foi pensando nessa emoção que a gente fez aquele livro-carta. Será que é assim que surgem os livros?

O meu livro é uma carta. Olha só a coincidência de ter que fazer essa carta aqui. Era uma carta para o meu medo. Para aquele medo daquela hora. Hoje essa carta é para você, o “meu eu” daqueles dias. Queria dizer que recortar aquelas páginas, aquelas imagens e, mais, ressignificar aquelas linhas das batidas do nosso coração deu um alívio imenso. Tentar colocar as palavras nos lugares certos. Deixar o erro permanecer ali, sem se preocupar demais com a estética ou com as mil e uma ideias que o livro de artista pode ser, foi reconfortante. Porque aquela carta-livro era também sobre isso: sobre o medo de errar.

Antigo eu... tudo muda. Aqueles dias em que nada parece fazer sentido e aquela sensação de estar flutuando. Novos desafios aparecem, eu sei. Mas lembre-se: tudo vai passar.

Até mesmo essa carta.

Beijos esperançosos,

Eu do presente.

69. Carta de Amma, Mariamma Fonseca, estudante da Turma VII da pós-graduação “O livro para a infância”. Belo Horizonte, 2021.

Leitura gravada em julho de 2022.

<https://youtu.be/tgKd99kxzrkc>



Carta à Ângela⁹¹ – Escovando a palavra “gesto”

À Ângela,

Há muito eu venho conversando com você, Ângela, tanto pela nossa convivência n’A Casa Tombada quanto nos encontros em que posso te ouvir como estudante. Venho aprendendo o quanto a escrita tem de risco e como o estudar, escrever e ler estão associados.

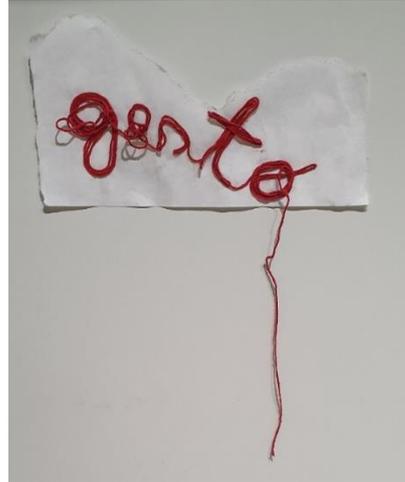
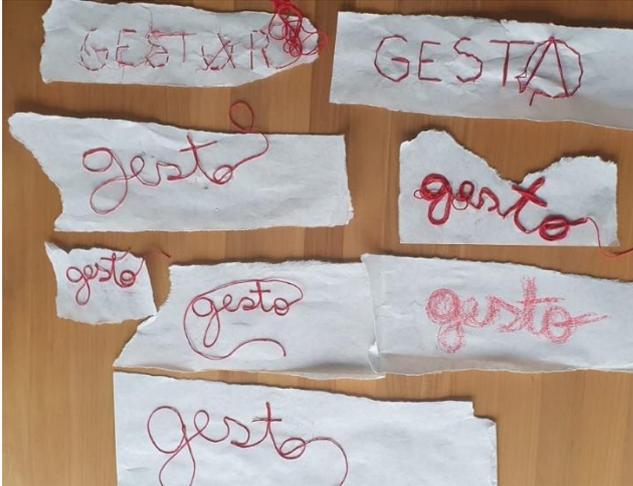
Não é à toa que te chamei como leitora para compor a banca de qualificação no doutorado e foi um encontro que... como posso dizer? Deu choque. Saiu fâisca. Incendiou. Aqueceu minha pesquisa, movimentou minhas mãos, remexeu minha mente, e uma obsessão pela palavra “gesto” surgiu.

Ao mergulhar na leitura de livros como *A beleza do gesto*⁹² e *Gestos*⁹³, que foram indicações suas, o meu fazer foi movido a escovar a palavra “gesto”, me aproximar dela, ver seus contornos e o que mais podia me dizer. Assim, experimentos surgiram. Foram escritas em giz de cera, giz pastel e carvão, desenhos em uma superfície já com cor com o dedo, com borracha, com tesoura cavando numa camada de giz a palavra, com força. Teve costura de fios vermelhos, buscando movimentos redondos quase impossíveis com a agulha que insistia em traços retos, mas que buscavam fios de uma trama complexa. Escrevi “gesto” olhando para o desenho da letra, o movimento circular do “g”, a simetria do “t”, a circularidade do “o”. Busquei desenhar a palavra com barbante, colando os fios em um papel e na tentativa de movimentos mais suaves, num gesto mais orgânico. Fios que se sobrepõem, que saltam, que desgrudam, que têm vida própria. Ao desenhar cada “palavra-gesto”, o meu gesto importava. Como seria esse gesto de escrever a palavra gesto? Suave, com força, com o movimento das mãos, do braço, de um corpo? Em pé, com atenção, cavando a palavra, cortando-a?

⁹¹ Ângela Castelo Branco é professora, poeta e arte-educadora. É fundadora, junto com Giuliano Tierno, d’A Casa Tombada – Lugar de Arte, Cultura e Educação, onde também coordena a pós-graduação *lato sensu* “Gestos de escrita como prática de risco”. Escreveu a tese “À escrita: um outro se arrisca em ti”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da Unesp para obtenção do título de Doutora em Artes.

⁹² *A beleza do gesto: uma estética das condutas*, de Jean Galard, Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

⁹³ *Gestos*, de Vilém Flusser, Annablume, 2014.



70, 71 e 72. Experimentos com a palavra gesto, barbante e linha de costura sobre papel-arroz. Fotografias de Camila Feltre. Acervo pessoal

Convite à fruição do vídeo Gesto



73. Giz pastel seco na cor laranja sobre papel-arroz. Produzido em 2022.

<https://youtu.be/xbmw1Iwric>



O movimento das mãos fazendo força no papel me faz lembrar da frase do livro *Cadernos de viagem – Rubens Matuck*: “Não há escritura nem escrita sem o corte” (JÚNIOR, 2003, p. 17)⁹⁴.

⁹⁴ “Não há escritura nem escrita sem corte. Ao escrever cortam-se as carnes da matéria, da madeira, das matrizes, do metal, do couro, do papel, assim como os rios também cortam a terra e se inscrevem sobre os seios do solo e de suas vestimentas vegetais. Se os rios já são escrituras, navegar sobre eles, com eles ou contra eles, é escritura dentro da escritura. Os rios são escritas móveis, água que corre sobre a terra, rasgando-as em meio à mata de madeira como tinta que corre sobre o papel ou pincel que corre sobre a tela, desenhando marcas de sinuosidades e

Assim, tenho a impressão de que escrever é cortar, rasgar, romper com algo que eu sei e que eu descubro no momento de “gestar a palavra”, se isso é possível. Ela nasce no instante em que a inscrevo no papel.

Foi cavando a palavra gesto que eu fui refletindo sobre a oficina de criação de livros como gesto, pensando em tudo o que a compõe.

Assim, vou conversando com você e com os autores que você me convidou a dialogar. Vilém Flusser traz o gesto como algo que tem a ver com a liberdade, que percebo muito presentes nas oficinas de criação: “(...) o que caracteriza todo gesto é a convicção subjetiva de ser ele ‘livre’, sua estrutura deve ser ‘aberta’, isto é, plástica e individualmente variável” (FLUSSER, 2014, p. 34).

Essa liberdade, que muitas vezes tanto incomoda as estudantes no início da proposta quando as convido a criarem *livres*, livros, é condição para a proposta dessa criação de livros. Isso porque é um convite ao gesto, independentemente do objeto materializado. O gesto importa, e precisa ser livre para acontecer.

Acho profunda a reflexão sobre essa dedicação ao gesto sem finalidade. “Quem bate tambor, não o faz para provocar um deus. Dedicar-se de corpo e alma ao gesto. É precisamente por isto, por tal dedicação total ao viver sua vida, que, espontaneamente, às vezes o deus aparece” (FLUSSER, 2014, p. 39).

Essa dedicação ao gesto, entendo também como entrega ao fazer, deixar-se viver o processo de criar o livro, respeitando aquilo que nos atravessa: frustração, angústia, não gostar, querer parar, retornar, enfim, sensações que surgem no processo.

Aprendo que o gesto não tem finalidade, apesar de ter um propósito, neste caso, fazer o livro. Flusser trata da importância de ter um objetivo: como o quadro é para um pintor, aqui temos o livro como motivador e “objeto mediador de diálogos e discussões” (2014, p. 69)⁹⁵.

linearidades, deixando a sombra do gesto. Quando percorrem os sulcos, deixam certas marcas e apagam outras tantas. Tanto quanto na escritura, tanto quanto nos cortes. Assim a faca, os formões, as talhadeiras e as ferramentas diversas registradas nos cadernos de Rubens Matuck recordam que ‘escrever’, do latim ‘scribere’, vem do indoeuropeu ‘sker-’, que também deu origem à palavra ‘carne’. Escrever é deixar cicatrizes, marcas de rebeldia às cicatrizes naturais do tempo.” (JÚNIOR, 2003, p. 17)

⁹⁵ “O gesto de pintar ‘tem’ o quadro por significado, por estar o quadro presente na sua forma. E ‘dá’ significado por resultar em quadro feito. O gesto ‘tem’ significado por ‘dá-lo’. O gesto de apontar é significativo, por ser ato: visa. O Sr. X ‘vive realmente’ no gesto de pintar, por ter sua vida o significado que ela própria está visando e dando. Tal significado é o quadro. Mas, olhando

Enquanto escrevo este texto, Ângela, fui atravessada por uma experiência com a Turma IX da pós “O livro para a infância”. Já relatei parte dessa experiência ao falar sobre o termo LIVRO-CASA. Estávamos no terceiro encontro da turma e Cris leu o livro *Sam & Dave cavaram um buraco*. Você conhece esse livro? Nele, dois meninos estão em busca de um diamante e se propõem a cavar um buraco para encontrá-lo. Embarcam nessa missão e em alguns momentos chegam muito perto, mas somente nós, leitores, vemos o quão perto eles chegam. Na verdade, nós e o cachorro, que lhes faz companhia durante todo o trajeto. Em um certo momento, eles cansam e param para descansar. Nessa pausa, há uma queda e eles vão parar em outro lugar, saindo do buraco. Seria o final de um ciclo? Uma linha de chegada que sinalizava o fim da missão, mesmo não encontrando o que procuravam? Mas será que não encontraram mesmo? O que buscavam afinal?

A partir da leitura e das conversas provocadas durante a aula, surgiram muitas reflexões sobre o próprio fazer livro. Pensei sobre essa ação incansável de cavar, cavar, cavar procurando algo como essa busca “ao livro” quando nos propomos a criar. Pensei nas tantas vezes que miramos algo idealizado, planejamos e o quanto essa ideia é transformada durante o percurso. Desconfio se o próprio caminho, o ato de cavar e a queda poderiam ser os possíveis tesouros que procuravam, como o objetivo em si. Pensei nos encontros das oficinas, e tudo o que cabe dentro deles.

Seria o gesto mais valioso dentro desse processo de criar livros? E olharmos para as decisões que tomamos, os caminhos percorridos, as companhias, as pausas, as conversas, o movimento de busca, o deslocamento, a desconstrução e o processo todo de descobertas... Será que percebemos esse caminho como gesto no mundo? Será?

bem: o gesto aponta além do quadro, através do quadro em direção de um futuro que ‘transcende’ o próprio gesto. Aponta análises do gesto. O quadro é significativo do gesto enquanto mediação para um diálogo de gestos.” (FLUSSER, 2014, p. 69)

Carta de Carol Fernandes

Centro da encruzilhada, sem começo, sem fim e, portanto, sem data.

Dia desses, em que me perdia em papéis e pigmentos, encontrei algumas dobras das quais podiam carregar narrativas. Encontrei a dobra, mas a narrativa que moraria nela, pirracenta, só me encontraria mais tarde. Finalmente no mais tarde, provocada pela oficina de criação de livros, nasceu o Penumbra: texto/relato de uma experiência que tive e não saberia expressá-la de outra maneira.

Quando Penumbra nadou até o meu consciente, nem nome ele tinha e tive a sensação de não conseguir segurá-lo com as mãos ou senti-lo na ponta da língua. Sabe quando ainda não nos apropriamos por completo de uma determinada linguagem, mas queremos versar sobre alguma sensação, conceito ou noção do qual ainda não temos vocabulário? Quando menina eu não compreendia a temporalidade, e ela era o maior dos mistérios que frequentavam minha mente. Os conceitos de ontem, hoje e amanhã sapateavam em minha cabeça e eu chorava por sentir, mas não conseguir localizar o tempo das coisas no meu discurso. Eu dizia: - *mãe, gostei muito do parque que fomos amanhã*. Ainda hoje consigo sentir o engasgo de tentar situar o tempo enquanto ele dissolve, como uma bolha de sabão que se estica para alcançar as nuvens.

Quando vivi o Penumbra, que ainda não era Penumbra porque não carecia de ser, não me lembro se era noite ou dia, se estava acordada aqui ou acordada lá, e dar corpo em palavras e imagens a uma vivência insólita, agora me soa impossível.

A Penumbra vivida é enorme, a penumbra expressada é minúscula, mas no fundo isso é bom, pois sinto um pouco de prazer em saber que, mesmo tentando, aquele dia que se trepava em noite será para sempre só meu. O nome surgiu a partir de pesquisas feitas para um outro trabalho literário, que sairá em breve. A palavra Penumbra, que evoca a interseção existente entre os espaços de luz e sombra, dialoga com o nosso paradoxo e com as representações de encruzilhada presentes em nós. Percebi que a narrativa/relato se assentaria de maneira significativa na dobra, que é repleta de esquinas e cruzos e assim o fiz, transformando o objeto em um livro/assentamento.

O texto já está na sua quarta versão e mingua em palavras a cada reescrita. É melhor que eu pare por aqui antes que Penumbra também se dissolva, como aquela bolha de sabão desejosa de céu. Hoje eu percebo que o trabalho só começou a nascer porque tive pouco tempo como gatilho de criação. A delimitação do tempo, durante a oficina, foi de grande importância para a tomada de decisão do tema e decidi pela experiência que retumba em mim há anos.

No processo criativo de livre expressão, este que não se compromete com o mercado editorial ou com as idealizações que criamos de nós mesmos, a limitação temporal pode ser, também, brincar com a oportunidade de abandono da nossa necessidade de performance - como

faço agora nessa carta – e na escassez das horas escolhemos a nossa repetição. Na pressa, o que nos cintila é o que não conseguimos esconder, recalcar ou o que fingimos não lembra. Na urgência das frações, o que nos salta acaba sendo, sempre, uma revelação.

Exu sempre se revela nas minhas urgências.

Laroiê!

Caracol

74. Carta de Carol Fernandes, estudante da Turma VIII da pós-graduação “O livro para a infância”. Belo Horizonte, 2022.
Leitura gravada em setembro de 2022.
<https://youtu.be/R6jq1bEEOiI>



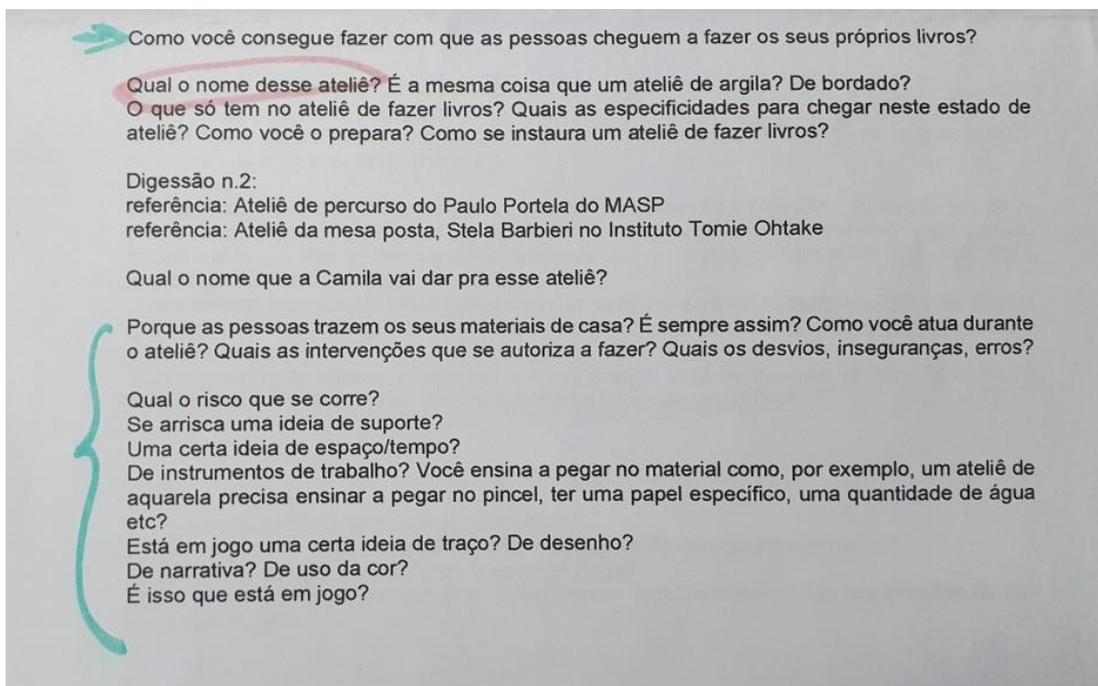
Carta à Ângela nº 2 – Quando o fazer livro é gesto

À Ângela,

Todo artista sabe, ainda, que é no gesto artístico, e somente nele, que o homem encontra a si mesmo
Vilém Flusser

Continuando a minha conversa com você, Ângela, nesta carta escrevo mais sobre o que descobri a partir da ideia do “fazer livro como gesto”.

Em uma das cartas que você me escreveu na qualificação, entre tantas perguntas que me deslocaram, destaco a endereçada à “Camila educadora”, atrelada à artista e à pesquisadora. Então, esta é uma carta como retorno, e não resposta, para prolongarmos a conversa e contar o que refleti a partir das suas palavras. Seguem aqui alguns destaques da sua carta:



Há a questão da intimidade com os materiais cotidianos? Será que tem alguma memória escolar dos materiais e das mãos que você está resignificando?

Assim como temos que desconfiar da nossa subjetividade e do nosso inconsciente, pois são também colonizados e colonizadores, podemos inferir que há uma domesticação do nosso ato criador? Somos forçados a fazer os mesmos atos diante do convite dos materiais?

Nesse seu ateliê há uma busca de desmontar um certo saber escolarizado do fazer/pensar/ livro? Um compromisso de liberdade?

Fico pensando se não seria agora, no doutorado, esse momento de verticalizar esses pensamentos de fazer-livro. As pessoas que saem dessa oficina experimentaram o quê?

Porque estou insistindo nisso, mesmo você já tendo escrito e respondido ao longo do seu texto a essas perguntas e fazendo-se tantas outras?

Vejo pessoas saindo da disciplina com você recortando, espiralando, colando, juntando, bordando, riscando, encadeando, fazendo livros, largando suas profissões anteriores. O que é que pega tanto fogo, qual é essa transmissão?

75 e 76. Imagens da carta escrita por Ângela Castelo Branco para a qualificação, abril de 2022. Fotografia de Camila Feltre, Acervo pessoal.

Foi diante destas perguntas que me vi refletindo sobre o meu fazer na proposta que chamo de “Oficina de criação de livros”. E me questiono: por que eu convido as pessoas a criarem livros? O que eu gostaria que aprendessem? Afinal, o que são esses encontros? Oficinas de arte, aulas, laboratórios, ateliês? O que é preciso para vivenciar uma experiência assim? O que as pessoas aprendem fazendo livros?

Então eu retomo a minha experiência como educadora na Casa das Rosas, entre 2010 e 2013. Desperta para o universo da literatura e dos livros, o setor educativo, do qual eu fazia parte, era responsável pela programação voltada às famílias, geralmente aos domingos – algo que foi consolidado a partir de experiências de outros museus, como Museu de Arte de São Paulo (MASP), Museu Lasar Segall, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM). Era nesse contexto que eu iria viver minhas primeiras experiências como educadora-propositora de criação de livros.

Uma das minhas questões era: como propor atividades que abordassem a potência desse objeto artístico e literário do qual eu me aproximava?

Desconfiava que no fazer, na ação de criar, cada pessoa poderia se relacionar mais intimamente com esse objeto, perceber as camadas de sentidos passando pela experiência de criador, de tornar as mãos aprendizes desse saber. Era na dúvida de como unir as páginas, na liberdade de poder escolher o tamanho ideal para sua história e na escolha das cores das páginas que melhor iriam compor essa narrativa, por exemplo, que o saber iria se consolidar.

Estava buscando o saber da experiência, como o filósofo espanhol Jorge Larrosa nos ensina: um saber que passa pelo corpo e não uma transmissão de conhecimentos a serem apreendidos pela fala e pela escuta. “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (LARROSA, 2014, p. 28). Ao encontrar os conflitos no percurso, cada um ia construindo o seu saber sobre o fazer livros.

Assim, fui vivenciando propostas com as famílias que envolviam mediações de leitura e criação de livros. Geralmente, começava com a leitura de um livro que despertasse conversas sobre a sua materialidade, design e que despertasse o olhar para o livro como objeto. Era esse o meu recorte de pesquisa, e nesse momento compartilhava algumas reflexões sobre escolhas conscientes de tamanhos, formatos, cores, ritmos, sons ao virar das páginas, enfim, despertando o olhar dos participantes.

Outro momento da proposta de oficina incluía uma leitura mais espontânea, que acontecia de forma orgânica, em que convidava as famílias a pegarem os livros e lerem nos seus tempos e ritmos. No espaço do chão da Casa das Rosas, que era de taco de madeira, corpos se esticavam para lerem mais confortáveis. Era um momento muito comovente para as famílias. Percebia relações de afeto sendo criadas pelos corpos que, juntos, no colo, ao lado, com as mãos no livro, se aproximavam para ler a história. Eu via mediadores mudando de lugar, ora um adulto lia para a criança, ora a criança lia para o adulto, outras vezes instaurava-se um silêncio e ele era o mediador mais presente nesses momentos⁹⁶.

Via “regras” e “conceitos” que tinha sobre leitura serem revistos ali, na minha frente, enquanto outros só se fortaleciam, como a leitura de mundo que Paulo Freire nos ensina: “A leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 2006, p. 11).

⁹⁶ Essas e outras reflexões estão no meu mestrado: “Experiências com livros que exploram a sua materialidade: mediações e leituras possíveis”. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. São Paulo, 2015.

Assim, “contaminados” pela experiência de ler, pegar, folhear, ver, tocar os livros, convidava as famílias a criarem um livro, o seu próprio livro. Como ele seria? Qual a história? Como seria essa capa? Qual formato?

Os materiais eram na época bem comuns aos que encontramos em papelaria, como já comentei. Mas era possível inventar: em uma das primeiras propostas que fiz, lembro que sugeri aos participantes que fizessem narrativas visuais a partir de páginas com cores diversas no tamanho 10 x 10 cm inspiradas pelo *Livro ilegível*⁹⁷ de Bruno Munari.

As pessoas começaram a me mostrar que criavam livros em oficinas de duas horas. Levavam para casa suas histórias, seus livros construídos, ideias para um próximo. Era visível como os corpos se concentravam nesse exercício desafiador. Adultos se envolviam, se entregavam, criavam os seus ou junto com as crianças. Eu observava, às vezes entrevistava, mas observava e carregava todo esse viver comigo. E levava para a próxima proposta. A cada oficina, podia repensar o espaço, os materiais, o livro que era lido, o nome da atividade.

Mais tarde, quando narrei essa experiência no mestrado, descobri que muito estava atrelado aos ensinamentos da nossa referência principal em Arte Educação, Ana Mae Barbosa, e que a Abordagem triangular do ensino da arte me inspirava na criação dessa proposta. Para Ana Mae, o conhecimento de arte passa por três ações: a contextualização, a leitura e o fazer. Estudando, descobri que o fazer não era só o colocar a mão na massa, ou seja, ao trabalhar com a contextualização e mediação de leitura também estava entrelaçando saberes ao que podemos pensar sobre o criar.

Com o ingresso na pós “O livro para a infância”, participando das aulas e trocando com estudantes e professores, fui aprendendo que estava mediando livros quando convidava as pessoas a criarem os seus, e havia muitas camadas de leitura enquanto estavam produzindo. Enfim, ampliei a minha percepção sobre essas relações envolvidas nos processos em torno do livro.

Narro essa retomada do meu percurso para tentar compreender as intenções que passavam pela educadora que aos 22 anos de idade começou a convidar as pessoas a criarem livros.

⁹⁷ O *Livro ilegível*, de 1984, é feito com páginas de cores e formatos diversos, de tamanho 10 x 10 cm, encadernado com barbante.

E essa frase de Márcia Regina Pereira de Sousa, autora da dissertação “O livro de artista como lugar tátil”, sempre me inspira:

Acredito que quando se aprende a encadernar, nunca mais se olha os livros com os mesmos olhos, assim como não se pode mais tocá-los com as mãos de antes. Ao compreender os livros por dentro, percebi que podia fazer mais do que olhar/tocar suas páginas, podia construí-las. (SOUSA, 2009, p. 17, 18)

Ampliando para “fazer” e “criar” o que Márcia Regina traz em relação à palavra “encadernar”, percebo a potência de transformação depois de uma experiência de criação de livros.

Esse pensamento torna a proposta acessível a qualquer pessoa, ou seja, não dependia de alguma atuação profissional diretamente ligada às artes, à literatura ou ao design. Qualquer pessoa poderia aprender com essa experiência.

Então, a partir das propostas de cursos e oficinas de formação para professores, editores, bibliotecários, artistas, ilustradores e qualquer pessoa interessada no livro, eu começo a perceber movimentos, reverberações. Vi professoras que ampliaram o repertório e no momento da mediação de leitura se atentam ao livro com olhar mais aguçado. Comecei a ouvir relatos de artistas, autores e ilustradores que vivenciaram as propostas e começaram a produzir livros completamente diferentes da produção que estavam habituados, trazendo outro traço, outro “assunto”, por exemplo. Vi pessoas de outras áreas de atuação e que depois da experiência mudaram o seu percurso e viraram “fazedoras de livro”. Outras que se entregaram à experiência pelo fato de ser algo desafiador e pela primeira vez se sentiram autoras. Algumas outras, ainda, reviram sua trajetória profissional trazendo a sua história para ser contada. Enfim, vivenciei e vivencio muitas histórias dos saberes que o fazer livro proporciona.

Tentando compreender melhor o que esses encontros promoveram, me questiono: o que essas histórias podem ter em comum? Como nomear a oficina de criação de livros? Que nome posso dar a ela que traga sua intenção?

Foi uma busca e tanto. Algo tão simples e que me trouxe profundas reflexões. Algo que faço há mais de 10 anos, e ainda não sei nomear.

Então fui buscar na minha trajetória formas que encontrei para essas propostas, em diferentes espaços que atuei.

Para famílias realizei as oficinas: “Ver com as mãos e tocar com os olhos”⁹⁸, “Idas e vindas: encontros entre palavras e imagens”, “Livros ambulantes”, “É um livro...? Relendo o livro como objeto”, “Criando meu livro”, “Um livro, uma história e algumas miudezas”, “Viagem para lugares imaginários” (com Marília Carvalho), “Tateando poesias” (com Lígia Carvalho), “Escrever imagem, desenhar palavra” (para pessoas com deficiência visual), “Laboratório de livros inventados”, “Livro adentro: Oficina de leitura e criação de livros”, “Captura de histórias”, “Página, paisagem” (com Ângela Castelo Branco).

Para a primeira infância, realizei a oficina “Livro-objeto: mar de afetos”, e para a terceira idade, “Narrativas inventadas”. Para professores e professoras, educadores e interessados em geral: “Ateliê Livro-Casa: como pensar o objeto livro na sala de aula?”, “O apanhador de desperdícios”, “Encontros com a materialidade do livro”, “O livro como objeto: inventando narrativas de si”, “Diálogos com Bruno Munari: ateliê de criação de livros”, “Que coisa incrível é um livro” (com Cristiane Rogerio).

Ao pensar em todas, me pergunto: o que elas têm em comum?

Para mim, fui rememorando essas experiências e vendo o que permanece como potência nos encontros. O que identifico é a liberdade do gesto, que agora entendo melhor. Que abre possibilidade aos participantes e estudantes experimentarem formatos, tamanhos, quantidades de páginas, cores, texturas, materiais, temas, assuntos... enfim, uma liberdade que incomoda a muitos, e pode parecer falta de orientação, direção. E é isso mesmo. A proposta é que cada um possa encontrar o seu caminho, a partir da sua *pesquisa*.

Para a experiência do fazer livro, fui me dando conta que diferentemente de uma oficina sobre aquarela, em que temos a quantidade da água e da tinta, ou uma de argila, em que temos o jeito certo de moldar o barro, quando se trata de fazer livros há uma liberdade do gesto. É o conflito que provoca a experiência do saber. É na busca pela “solução” de uma forma de encadernar, ou de desenhar o que eu tenho em mente, que o conhecimento se estabelece.

⁹⁸ Inspirada na exposição “Proibido não tocar – crianças em contato com a obra de Bruno Munari”, realizada no SESC Pinheiros, em São Paulo, em julho e agosto de 2009. A mostra foi dividida em quatro áreas, sendo uma delas intitulada como “Ver com as mãos tocar com os olhos”.

Não posso dar as receitas. Há de ser uma busca, é uma pesquisa de cada pessoa. Como barqueira⁹⁹ que tento ser, procuro mostrar presença nessa travessia, uma preocupação de mostrar que não estão sozinhos nesse mar de incertezas e possibilidades. Não é o incômodo ou a angústia as principais características no processo de criação, mas se surgirem, como acontece, devido ao não saber, não planejar, não ter a solução a princípio, que cada estudante possa sentir-se acolhido nessa rede de não saberes, junto a alguém que busca ser como *mestre ignorante*¹⁰⁰.

Mostrar presença, observar, intervir quando achar necessário. Fui percebendo que em toda a prática com educação eu sempre pensei nessas ações como práticas diárias da minha rotina, em qualquer contexto de aula, oficina ou nas intervenções artísticas do Coletivo BARCA¹⁰¹. Para mim, são condições, práticas que fazem parte do meu “ser professora”. Vale dizer que é um pouco difícil bancar ou manter segurança nessa posição, ainda mais referente a uma educação que cobra de nós, professoras, respostas, certezas, seguranças. Quando proponho algo que promova incerteza, conflito, pode causar muita repulsa, resistência. Trago essa ideia por experiência com adultos em diferentes contextos. Percebo que as crianças, sem querer generalizar, geralmente se mostram mais abertas às propostas, entregues ao desafio de algo que não sabem.

Me vejo como uma presença, um corpo que está envolvido na ação, que está criando quando observa e que faz escolhas quando monta a mesa do lado da janela ou pensa como orientar o preparo do espaço para a oficina em aulas online. Me percebo como criadora nas escolhas que envolvem as propostas, nos convites ao fazer livro.

Como um jogo, uma dança, tento fluir como em resposta a aqueles que estão no grupo. Uma pessoa a mais no coletivo que pode mudar o curso do encontro. Uma pergunta, uma dúvida, uma inquietação que indicam novos

⁹⁹ Me referencio ao termo barqueira em carta escrita à minha orientadora Rejane Coutinho.

¹⁰⁰ Do filósofo e professor francês Jacques Rancière. Em seu livro *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*, Rancière aborda sobre uma perspectiva de mestre que se dá em relação de igualdade de saberes com os estudantes: “Não há ignorante que não saiba uma infinidade de coisas, e é sobre este saber, sobre esta capacidade em ato que todo ensino deve se fundar” (2013, p. 11).

¹⁰¹ O Coletivo BARCA tinha como proposta realizar intervenções artísticas voltadas à primeira infância em espaços culturais como SESCOs e em escolas. Atuei juntamente com as artistas educadoras Andrea Rocha e Renata Oliveira nos anos de 2017 a 2020.

rumos para o caminhar da proposta. Por isso vejo a aula como esse momento de criação coletiva. O meu corpo sempre em relação aos outros corpos que se movimentam, buscam, pausam.

Quero lembrar também que há camadas de liberdades, ou seja, o que entendemos por liberdade não é criar livremente sem limitações.

Em algumas situações, mostrar o formato de um livro ou um modelo de dobra e corte pode ampliar a pesquisa que cada um desenvolve, e não limitar. Esse pode ser o caminho muitas vezes, mas isso não acontece sempre da mesma forma. Ou seja, poderia começar toda a oficina mostrando como uma folha sulfite com dobras e um corte pode ser um corpo de livro, mas isso varia em cada situação. Às vezes mostro só para uma pessoa, porque intuo que pode abrir alguns caminhos. Já vivi experiências de oficinas em que esse era o chamariz, o convite para criar¹⁰². Todos os participantes eram convidados a criar livros a partir de uma folha tamanho A3 com movimentos de corte e dobra. Assim, acredito que cada encontro é único e não vejo problemas em colocar limites e definir contornos em algum deles. O tempo, o espaço, a quantidade de participantes também interferem nas minhas decisões como educadora. São escolhas.

Nas aulas da pós, e nas oficinas para professores, eu privilegio que cada uma e cada um possa explorar um formato, movimentar as mãos e descobrir novas formas, inventar algumas que eu não seria capaz de ensinar ou demonstrar. Estamos todas num processo coletivo de fazer livros, as descobertas e a curiosidade atuam como condição primordial para a proposta.

A relação com os materiais é outra escolha que fui nomeando e fortalecendo dentro do processo de oficina. Já falei em *Carta à(s) mão(s)* como algumas experiências com os materiais ficam fortes e os *pedaços de si* como parte desse corpo-livro fundamentais para a criação.

¹⁰² Na oficina “Criando livros”, que realizei com Fernanda Ozilak a convite do SESC Ribeirão Preto, optamos por definir dois formatos de livros para as pessoas escolherem qual gostariam de aprender. Pensamos nessa proposta, pois a oficina fazia parte da programação da Feira de Livros de Ribeirão Preto, e o local da oficina era no meio da praça, com uma grande circulação de pessoas. Nessa dinâmica, muitas pessoas chegavam, tinham interesse em realizar a proposta, mas geralmente não tinham disponibilidade de ficar muito tempo, ou seja, não podiam ficar o tempo que dura geralmente uma oficina, de uma a duas horas. Assim, propor o formato do livro e ensinar cada família a dobrar e cortar foi uma escolha para o tipo de atividade que melhor podia ser realizada observando o local, a dinâmica e o tempo disponível das pessoas. Fernanda Ozilak é design, criadora de livros e foi estudante da Turma I da pós “O livro para a infância”. A oficina aconteceu em junho de 2019.

Fui percebendo que o gesto de fazer livros começa antes mesmo de se sentar à mesa, pensar uma narrativa. O fazer livros começa na coleta dos materiais, dando lugar a eles, não como algo a serem “explorados”, mas como potência, como o ser corpo do livro. Devolvemos a potência dos materiais, visando respeitar suas qualidades específicas, como temperaturas, densidades, comportamentos, resistências, aderência ou não a outro material.

Outra característica que vejo como fundamental nas oficinas é a intimidade que se estabelece entre os participantes nesses encontros. Já relatei sobre na *Carta à Cris*, contando como fomos entendendo a intimidade na sala de aula como condição para a experiência.

Aqui quero enfatizar o papel da intimidade e da confiança nesses espaços de criação. Nas aulas, o coletivo já se conhece, existe uma confiança entre os pares, tempo de convívio e isso fica evidente durante todo o processo. Surpreendentemente, em oficinas de poucas horas, também pude ver essa intimidade instaurada entre os participantes. E há uma intenção para que isso aconteça. Seja na escolha do livro como abertura do encontro, seja na forma como as mesas ficarão dispostas para que as pessoas compartilhem os materiais, seja na escolha dos livros que deixo como inspiração.

No entanto, percebo que a intimidade é algo a ser conquistado, ou seja, como educadora, pretendo que isso aconteça, mas tenho consciência de que não há como garantir, não é algo controlável. Há muitos fatores que contribuem ou afastam para que a intimidade seja estabelecida na aula, e uma delas é a abertura das pessoas, suas disponibilidades para o desconhecido e a confiança no grupo.

Quando acontece, vemos um coletivo que cria junto. Compartilham mais que materiais, compartilham histórias, lugares, acontecimentos, escutas e gestos. Um olhar de acolhimento para quem está ao lado e tudo muda. Como o que aconteceu no último dia da disciplina “O objeto livro”, da Turma V da pós “O livro para a infância”. Havia uma atmosfera criada no encontro, foi um momento muito comovente para mim e acredito que para as estudantes também.

Recorro ao meu caderno de anotações e um como foi após o encontro me revelam mais detalhes sobre o momento.

Instaurou-se um lugar de cumplicidade. A sala toda, o silêncio, os olhares. Estávamos no andar de cima d’A Casa Tombada. Meio

enebriados pela varanda, a noite de um lado, do outro, a mesa com toalha e café preparada com cuidado e carinho pelo Val (Valdemir – funcionário d’A Casa Tombada).

Entre o café e a noite (varanda com os dois corações bordados nas paredes da Casa), nós, em roda, pensávamos juntas o que havia acontecido ali, nas últimas seis semanas.

Risco total. Exposição, ouvir cada uma. Presença diferente, atenta.

22:30. Ninguém se movia para ir embora... como se precisássemos de tempo para amadurecer as coisas que emergiram do encontro. As palavras que foram ditas, as histórias que foram compartilhadas, as lágrimas, as emoções que afetaram, os gestos... As revelações e loucuras de cada uma. Senti o grupo fortalecido. Pena que nem todas estavam presentes. Acho que tudo contribuiu para a experiência deste dia. Até o fato de estarmos em menos.

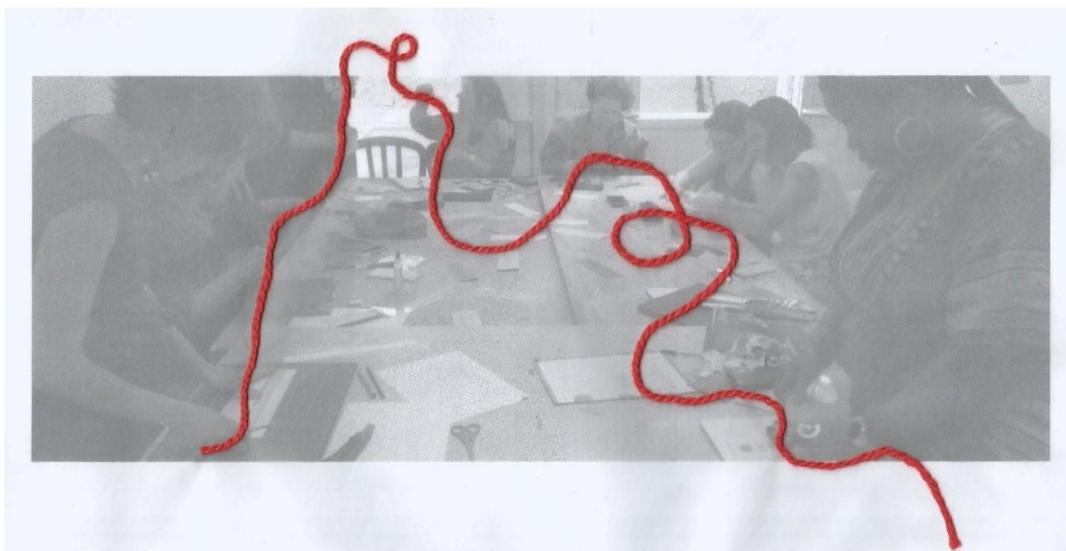
A sala. Silenciosa, chão de madeiras, cadeiras em roda, para compartilhar e não (necessariamente) escrever, anotar.

Tudo meio inconsciente que trouxe composições, características à experiência da noite. (Caderno de aula – Relato de 23 de maio de 2019)

Nesse encontro, além das estudantes compartilharem os livros produzidos (proposta da primeira aula) e seus percursos, conversamos sobre livros acessíveis para pessoas com deficiência visual e conhecemos o livro *Leila*¹⁰³, lido pela Cris, que aborda sobre violência sexual. Temas sensíveis, formas de narrar, a importância de dizer. Fendas que se abriram como espaços para falar sobre o sensível. “A quase impossibilidade do projeto... O dia depois do abraço. Como não ficar atento às características imprevisíveis, quase imponderáveis da experiência? Inominável? Só acontece o que transborda...” (Caderno de aula – Relato de 23 de maio de 2019).

E só transborda quando estamos dispostos, disponíveis, abertos, como “sujeitos da experiência”, “esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer” (LARROSA, 2014, p. 25). E, sim, “algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos” (LARROSA, 2014, p. 25). Essa disponibilidade cria espaços para histórias acordadas, gestos esquecidos, fazeres que surgem e dizeres que precisam ser narrados. Os encontros são oportunidades de, ao fazerem livros, narrarem a si.

¹⁰³ *Leila*, de Tino Freitas e Thais Beltrame, Editora Abacatte, 2019.



77. Entrelaçamentos que nascem de uma criação coletiva. Detalhe do *Livro à(s) mão(s)*. Papel-vegetal com barbante vermelho sobreposto a fotografia impressa em papel branco e preto. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal

Entendo que nesse processo de criação do livro, que envolve tudo o que falamos aqui, há um aprendizado profundo sobre nossas subjetividades, sobre aprendizados que vão além do próprio livro como objeto, mas um transbordamento de memórias, ideias e narrativas que estavam prestes a serem despertadas, a serem acordadas, a precisarem desse espaço (de aula, oficina, laboratório, ateliê ou o nome que quisermos dar) em que se estabelece intimidade e confiança – para o acontecimento livro acontecer, transbordar. Só transborda o que já estava aí.

Percebo os encontros de “fazer livros-em-estado-de aula”, como você os nomeou na sua carta a mim, como territórios férteis para encontros com seus próprios saberes. É dar a ver invisibilidades, o imponderável que se revela nos gestos de fazer livros, escrever cartas e narrar. Por isso, entendo este fazer livro como gesto de pensar, estudar, pesquisar, descobrir, criar e encontrar a si.

Para finalizar, compartilho a frase de Joana Nascimento, pesquisadora portuguesa que estuda os livros de artista no contexto da educação: “É necessário sermos amadores na construção de narrativas de nós mesmos” (NASCIMENTO, 2021, p. 6). E,

O tempo que serve o fazer de um livro é um tempo que se consagra a uma “conversa” com rastros de memórias, restos de paisagem, é um tempo de passagem que nos serve e não que se serve de nós. Espera-se também que seja um processo aberto que vai lidando com uma inquietude que não se extingue. (NASCIMENTO, 2021, p. 6)

Ao nos dispormos ao fazer livro como gesto, somos meninos e meninas carregando água na peneira, junto ao poeta Manoel de Barros.

O menino que carregava água na peneira

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e
sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.
A mãe disse que era o mesmo
que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.
O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces
de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio, do que do cheio.
Falava que vazios são maiores e até infinitos.
Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito,
porque gostava de carregar água na peneira.
Com o tempo descobriu que
escrever seria o mesmo
que carregar água na peneira.
No escrever o menino viu
que era capaz de ser noviça,
monge ou mendigo ao mesmo tempo.
O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai encher os vazios
com as suas peraltagens,
e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!
(BARROS, 2013, p. 453-454)

Carta de Carolina Cadavid

Girona, verão de 2022.

Querida Carolina,

Começamos com um fato: você não fez um livro. Eu e você sabemos que mais uma vez você não fez um livro. Na minha contagem, temos um quase-catálogo de não-livros que você não fez. Vejamos:

- Oficina de criação literário com Jordi Carrión
- Oficina de criação literária no Ateneu de Barcelona
- Oficina de criação literária de livros de viajantes
- Oficinas de criação de livros de artista - várias
- Pós-graduação Livro para infância

Por questões de elegância, não vou contar aqui todos os projetos de livros de que você participou na escola ou nas bibliotecas que frequentou ou frequenta.

Não escrever ou fazer um livro é uma tarefa que você persegue com obstinação e há tempos. Digo isso porque eu e você sabemos que esse caminho de pessoa-que-não-faz-livros-apesar-de-ler-muito é um passeio naquele tipo de bosque onde moram famílias de lobos. Quantas vezes você ouviu a pergunta: “Ah, Carolina, você que adora ler: nunca pensou em escrever um livro?”

Começou na escola. Você fazia boas redações, arriscava poemas, escrevia cartinhas. Essa “matéria-prima” foi suficiente para uma dinastia de professoras de português bem intencionadas clamarem por linhas e mais linhas suas. E ainda assim você não fez nenhum livro - apesar de continuar com as boas redações (as suas e as que você escrevia de favor para os colegas que precisavam de boas notas).

Houve uma época que o ímpeto editor tomou conta da sua família, você lembra? Sua mãe, seu pai, a tia, a prima, avó - laços de sangue que não podiam te ver com um livro nas mãos e se assanhavam para sugerir (usemos o verbo ‘sugerir’ para não causar atritos no ambiente genético - os genes, você sabe, podem ser muito sensíveis se contrariados) que você escrevesse suas próprias histórias - e as do seu primo, que te ligava no domingo à noite com um tema de redação que ele precisava entregar na segunda. Sua avó, portuguesa providente, já economizava para o

dinheiro da passagem para Estocolmo no dia do inevitável Nobel de Literatura pelo conjunto da obra. Morreu sem nunca pisar a Suécia.

Quando chegou a hora de escolher a faculdade, eu bem me lembro que você pensou sim no curso de Literatura. O curso de direito ganhou (\$\$). Foram cinco anos ouvindo que você escrevia muito bem. Saldo: escrever praticamente todos os trabalhos em grupo, fazer quatro TCCs além do seu (não divulgaremos nomes), diversos trabalhos para colegas para juntar o dinheirinho para não ter que fazer estágio e poder estudar tranquilamente e ler emprestado da biblioteca a obra completa do Kafka, do Gunther Grass, do Thomas Mann, Elias Canetti, Stefan Zweig (foram tempos alemães, veja só) e muitos livros de autores e autoras brasileiras.

Foi nessa época que você começou a trabalhar também com revisão de artigos e livros jurídicos. Regras da ABNT eram seu café da manhã. Confesse: você gosta das regras da ABNT que eu bem sei!

Foram muitas leituras literárias para compensar a falta de estilo e de imaginação dos textos jurídicos e legais. Sempre com livros nas malas de viagem de trabalho. Lembro da sua felicidade quando infiltrou uma estante de literatura na biblioteca jurídica do seu escritório. Uma rebeldia. Um respiro.

Mas voltemos ao assunto dos não-livros, tema desta carta. Mesmo depois que você deixou o Direito e veio profissionalmente para o mundo dos livros, a contagem ficou no zero. Você tem algo a dizer, Carolina, sobre esse não-fazer livros? Algo em sua defesa?

ESPAÇO PARA SUA RESPOSTA

(seja breve: não queremos que você escreva um livro justo agora)

Do prazer leitor

Sou uma leitora de livros. A leitura é para mim um existir múltiplo. É também uma meditação. Ler o livro escrito por outros e outras é um ato de intimidade profunda: me conheço quando leio. Vejo e recupero minhas sombras.

Eu não quero escrever ou fazer um livro. Minto. Eu quero fingir que quero fazer ou escrever um livro para ver se assim descubro e descendo como funciona isso de fazer livros que eu gosto de ler. Eu não-escrevo e não-faço livros - e me meto com gente que escreve e faz - para ler melhor. É mais. É diverso.

Eu leio livros - e esse é o maior ato de escrever meus próprios livros. Escrevo dentro de mim cada livro que leio.

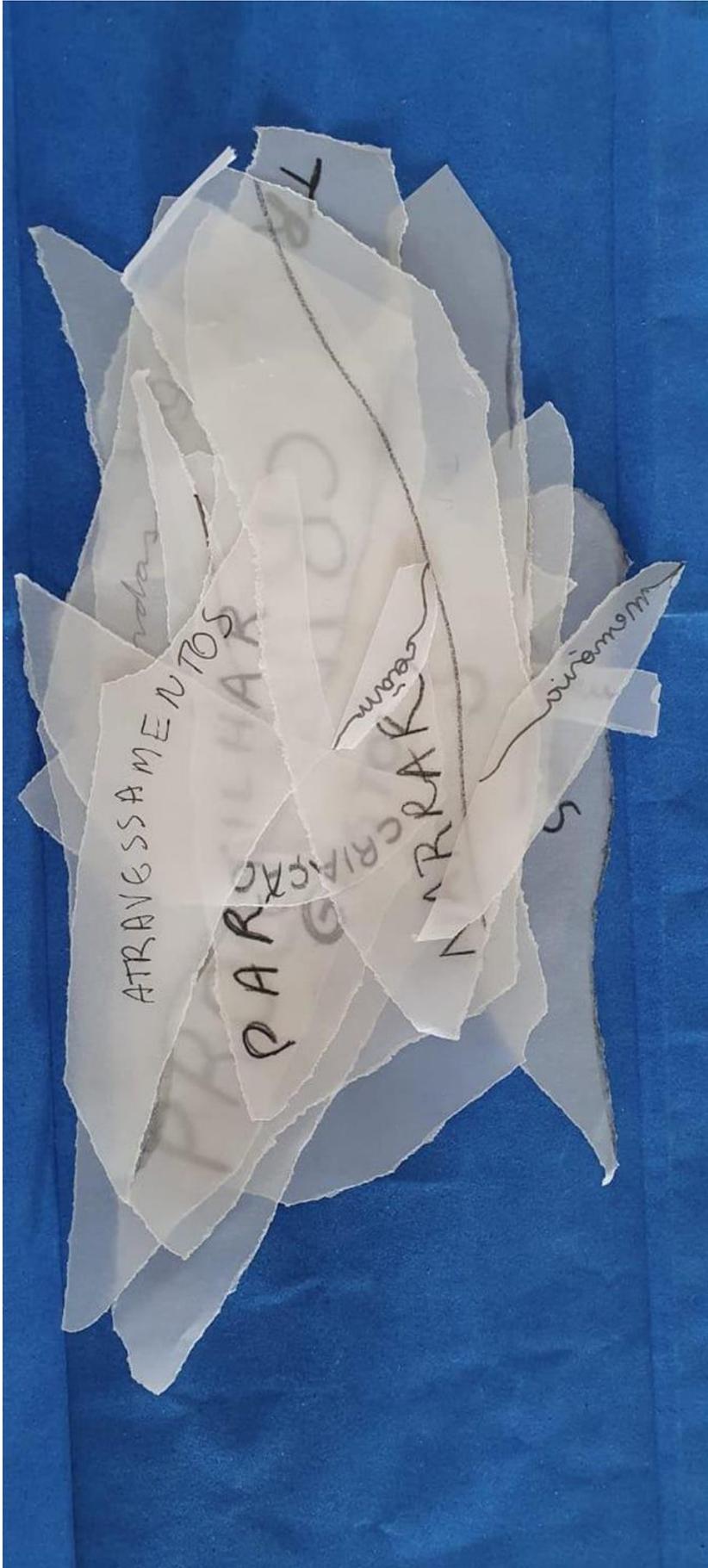
da leitora Carolina, com carinho.

78. Carta de Carolina Cadavid, estudante da Turma VIII da pós-graduação "O livro para a infância". Girona, Espanha, 2022.

Leitura gravada em setembro de 2022.

<https://youtu.be/LebV6rIWfgw>





ENCONTROS COM A MINHA ESCRITA-CRIAÇÃO

*De tanto chamares, a palavra vem
O que espera
como folha reticente ao vento
neste ano arde em campo e selva
Ângela Castelo Branco*

*Quero como poder pegar com a mão a palavra.
A palavra é objeto? E aos instantes eu lhes tiro o sumo de fruta. Tenho que
me destituir para alcançar cerne e semente de vida. O instante é semente viva.
Clarice Lispector*

As cartas sempre se apresentaram como uma surpresa para mim, um espanto, um não saber o que encontrar. Me deparei com Vilma escrevendo e conversando com ela menina, Ana Carvalho endereça ao mundo inteiro, Isabela Miranda escreve para Teodora, sua filha, Gabriela Esteves, para a avó Isabel, Carolina Cadavid, para ela mesma... Enfim, cartas-escritas que agora, retiradas do mar como garrafas que guardam um precioso segredo, se apresentam ao mundo, podem mostrar a potência e o risco que é uma escrita-experiência.

Fui me encantando e vendo a potência das cartas ao percebê-las como um gesto no sentido de descobrir o que ainda não se sabe, podendo revelar o que estava transbordando em cada uma. Assim, vejo a potência de escrever, que vai além de relatar o próprio processo, constituindo um lugar de criação.

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferentes do que vimos sendo. (LARROSA; KOHAN, 2014, p. 5)

Percebo a relação entre a escrita da carta e a criação do livro: uma expressão que se revela no fazer. Por isso, penso tanto o fazer livro como o escrever a carta como uma escrita de si, apontada no texto “O que é um autor”, de Michel Foucault: “Escrever é, pois, ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (1992, p. 150).

Assim, acompanhando todos esses processos de criação – em torno da carta e do livro –, o meu percurso enquanto artista, pesquisadora e educadora também foi se transformando. Na busca de uma escrita, ia em direção às

palavras, procurava caminhos para encontrar o meu gesto de escrita, de narrar o meu percurso. Fui olhando para alguns rastros¹⁰⁴ deixados como marcas de um caminhar, de uma escrita que se deu no momento que a mão realizou o gesto de repousar as palavras no papel, e fui compreendendo o meu percurso. Encontrei escritas que se formavam a partir de palavras latentes, moventes, ariscas, fugidias, palavras-nuvens, paisagens, que encontram o seu lugar no exato momento em que nascem, ou que repousam/cortam/grifam ou rasgam o papel. Encontrei materialidades, produções em ritmos e tempos próprios.

Assim, ao longo desta pesquisa, percebi a palavra como matéria-prima para a criação. Apareceram nas paredes, em livros, criaram paisagens, foram e são nuvens, correram junto com as águas, rasgaram e rasgam a si, criaram movimentos e ganharam outros tempos, espaços e ritmos próprios. Palavras como matérias que apresentam texturas, tonalidades, pesos, cores e temperaturas, que se transformam e expressam maneiras de dizer, compondo formas de narrar o meu percurso enquanto criadora, artista e fazedora.

A palavra está nesta escrita, que revive no momento que alguém a lê, aparece nos mapas, como guias-bússolas para possíveis destinos, e se presentifica nas experimentações plásticas, me apresentando paisagens e novos espaços que se revelam nesse processo. São palavras que compõem uma escrita que é inscrição, expressão e criação. Como nos diz Ângela Castelo Branco sobre o ato de riscar e arriscar na escrita:

E então, temos, de início, que pensar a escrita como o gesto de segurar um instrumento e incidi-lo sobre uma matéria, ação manual gerada a partir do movimento de todo o corpo para fora dele, em direção ao seu entorno, ao mundo. E logo perceberemos que essa ação em direção ao exterior não possui uma via de mão única, todo risco é também uma inscrição, aquilo que será escrito já se ins-creveu, de fora para dentro. E, por isso mesmo, na escrita, a palavra risco passa a coexistir entre correr o risco e riscar em um mesmo ato. Correr o risco de riscar, riscado pelo arriscar. (TEIXEIRA, 2018, p. 12)

Assumindo o risco que é escrever, este livro-tese se apresenta de diferentes formas: nas experimentações fotográficas, nos textos escritos em Word, nos livros e vídeos produzidos, na escolha das cartas, nas fotografias das oficinas, nas escritas das estudantes, nas suas leituras em voz alta. Me dou conta

¹⁰⁴ Para Cecília Almeida Salles, quando ela pensa em percurso, refere-se aos rastros deixados pelo artista.

que, além de uma pesquisa que acontece no coletivo, a partir de encontros e aulas que também só existem no coletivo, esta é também uma escrita coletiva. Há uma costura da escrita e das vozes das pessoas que se tornam colaboradoras e criadoras neste percurso.

Afinal, como é que se escreve?

Como é que se escreve? Quando não estou escrevendo, eu simplesmente não sei como se escreve. E se não soasse infantil e falsa a pergunta das mais sinceras, eu escolheria um amigo escritor e lhe perguntaria: como é que se escreve? Por que, realmente, como é que se escreve? Que é que se diz? E como dizer? E como é que se começa? E que é que se faz com o papel em branco nos defrontando tranquilo? Sei a resposta, por mais que intrigue, é única: escrevendo. (LISPECTOR apud DERDYK, 2012, p. 79)

Descubro mais com Cristiane Rogerio, na sua dissertação “O livro para a infância: coletivos e potência para a pesquisa”:

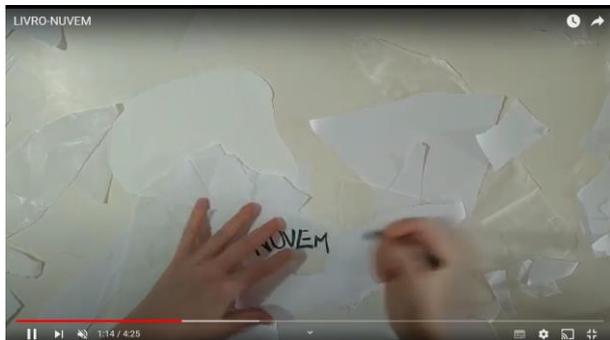
Eu nem sabia. Mas escrever sobre si é como abrir uma caixa de costura herdada da mãe: um emaranhado de linhas e histórias que não param de se embolar. Um carretel usado de tanta costura. Muitas linhas para puxar ainda. (ROGERIO, 2022, p. 25)

Dessa forma, escrevendo no gerúndio, puxando linhas desse emaranhado que se desenrola ao longo da pesquisa, narro como aconteceram os encontros com a minha escrita, como este trabalho foi sendo gestado e os caminhos que encontrei para expressar reflexões, pensamentos, questionamentos, descobertas, incômodos e não saberes. Revelam o meu processo criativo a partir de um olhar autoral para o percurso. São ensaios literários e visuais que acompanharam o meu caminho enquanto buscava a *minha* escrita.

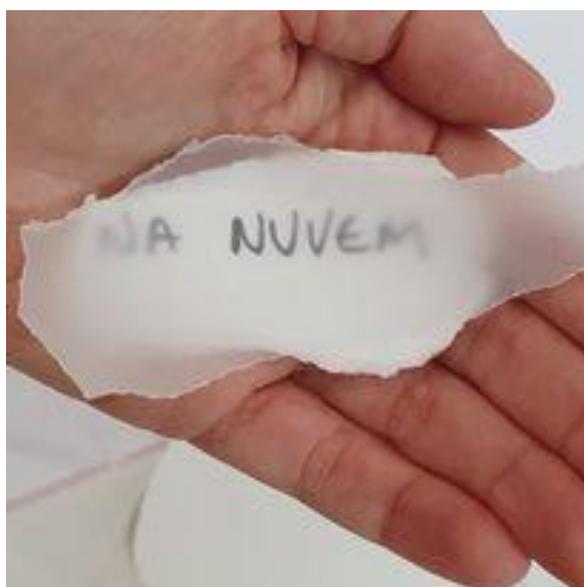
Assim, compartilho esses encontros: LIVRO-NUVEM e a criação no caos, Paredes que falam, Palavras nuvens, Palavras paisagens, Rasgando a escrita e O gesto de fazer vídeos.

LIVRO-NUVEM e a criação no caos

Convite à leitura/fruição do vídeo LIVRO-NUVEM



80. Recortes de papel de diferentes tipos como sulfite, vegetal, cartão, seda e escritas com carvão para desenho. Produzido em 2020.
https://youtu.be/EaE4_8W2DYs





81 e 82. Fotografias-vestígios da produção do *LIVRO-NUVEM*, 2020. Fotografias de Camila Feltre. Acervo pessoal

Folhas, papéis, mais papéis. Brancos, transparentes, opacos. Texturas. Gramaturas. Entre eles um tecido branco, despontado, fiapos. Folhas inteiras, para serem RASGADAS. Para virarem partes. Um recorte. Com o movimentar-se das mãos, desenhei formas nos papéis. Deixei-me levar pela “resistência” de cada tipo de material. Uma ação sem contornos. Ao acaso. Tamanhos diferentes. Formatos. Mover-se para compor. Para compor-me. Para compor-nos. Palavras que se chegam habitando aquele mar de brancura, de brancuras. Palavras que marcam, que ferem, que amassam, que registram, que sangram. TEXTURAS. MATERIALIDADES. AULA ONLINE. NUVEM?

Sobrepostas criam palavras-nuvens de possibilidades. De sobreposições. Algo que não podemos ver de longe. Só no movimento. Uma sobre a outra. Só chegamos no percurso. No percurso. No caminhar. Na travessia. O virar das mãos compõe um ritmo. Nos faz ver uma composição de palavras. Palavras que se arriscam ao dizer. Um movimento fluído, movediço, passageiro, efêmero. Como as nuvens.

Um esboço de pensamento assim sendo.

Esta pesquisa foi totalmente atravessada pela pandemia de Covid-19, que se instaurou em março de 2020, atravessou significativamente o meu olhar sobre a criação, o fazer artístico e o meu ofício de ser professora. Foi um ano de

transformação, de sofrimento, de momentos em que paramos e paralisamos sem saber o que fazer. Tudo isso afetou a pesquisa em andamento.

Me vi diante das telas impossibilitada de mostrar os livros nas mãos das estudantes, de apontar a textura dos papéis, de poder passá-los de mãos em mãos, de estar com o meu corpo presente no momento dos exercícios propostos e de preparar o ambiente para as propostas artísticas que estava habituada a realizar. Fui, aliás, fomos todos, impossibilitados de viver a presença. E com isso, crescemos na dor. Amadurecemos, semeamos novos fazeres e florescemos também. Repensei o que é o livro, o que é a docência e como criar vínculos num ambiente totalmente virtual. Revi meu papel como professora e proponente de experiências artísticas e inventamos novas formas de trabalhar, de criar e de viver¹⁰⁵.

Era possível criar no meio de tanta dor e do caos instaurado?

Era possível inventar novas formas de estar junto, mesmo sem sentir a temperatura do lugar?

Era possível criar afetos com as pessoas, sendo intermediados por uma tela?

Apesar de tudo, fui percebendo que a criação ia encontrando um lugar, nas brechas do cotidiano, entre um olhar pela janela ou para os mesmos cantos da casa. Afinal, o ser humano é movente, é mobilizado pela dificuldade e a “criatividade é inerente ao homem” (OSTROWER, 2014, p. 53).

Para o escritor Ricardo Azevedo, essa relação da criação com o caos, ou o caos como motriz para a invenção, está centrada na essência do ser humano.

Ocorre que o ser humano — é o que dizem estudiosos e antropólogos como Clifford Geertz, Marshall Sahlins, Roy Wagner, entre muitos outros — consegue, de um jeito ou de outro, adaptar-se a qualquer coisa, menos a uma: o caos. Segundo eles, a “concepção”, ou seja, a capacidade criadora é a função, a característica e o predicado mais importante do ser humano. Por meio dela, diante do incompreensível e do desconhecido (ou seja, do caos), construímos e inventamos, a

¹⁰⁵ Uso com frequência o verbo no plural me referindo a um *nós* porque, apesar da distância física do momento, nunca estive sozinha neste processo. Aprendia junto a outros educadores e educadoras, principalmente na parceria de Cristiane Rogerio, coordenadora da pós “O livro para a infância”, com quem dividi os maiores desafios. Juntas, propusemos o curso “Que coisa incrível é um livro”, nossa primeira experiência de curso online n’A Casa Tombada Nuvem, em abril de 2020, e que foi um marco nas nossas trajetórias como professoras. O próprio espaço onde trabalhamos, A Casa Tombada, se expandiu para a *nuvem*, possibilitando encontros que passaram a acontecer de modo virtual. A imagem da *nuvem*, acompanhada de reflexões sobre encontros nesse espaço imaterial, foi disparadora para os meus processos criativos.

cultura, a ciência, a política, a filosofia, a ética, as artes etc. (AZEVEDO, 2017, p. 3)

Me refiro ao caos como tudo o que vivíamos: a pandemia, as milhares de mortes por dia, a falta de contato físico com outras pessoas, a incerteza dos próximos dias, o medo, a angústia, a revolta política por crimes cometidos pelo governo federal, ao nunca vivido.

Cecília Almeida Salles, professora e pesquisadora sobre processos de criação, também aborda sobre o caos como algo que está associado a ideias de insatisfação e como contrário de uma ideia de organização.

Muitos artistas descrevem a criação como um percurso do caos ao cosmos. Um acúmulo de ideias, planos e possibilidades que vão sendo selecionados e combinados. As combinações são, por sua vez, testadas e assim opções são feitas e um objeto com organização própria vai surgindo. O objeto artístico é construído desse anseio por uma forma de organização. (SALLES, 1998, p. 33)

E assim, me questionei: como conviver com o caos, a insatisfação, a desorganização diante do momento que vivíamos? Como encará-lo como parte do nosso dia a dia? Era possível inventar algo, criar?

Nesse contexto, alguns pensadores nos mostraram formas de encarar o inesperado, o não saber, a insegurança do momento. Ailton Krenak, líder indígena e escritor, ganhou escuta no ano de 2020 compartilhando perspectivas de alguém que vive na pele a incerteza da vida e a violência cotidianamente. Nos ofereceu no momento mais difícil palavras de esperança: “Vi as diferentes manobras que os antepassados fizeram e me alimentei delas, da criatividade e da poesia que inspirou a resistência desses povos” (KRENAK, 2020, p. 28).

Ele nos traz a ideia, a imagem da queda, de estarmos caindo, despencando por conta das ações dos seres humanos no mundo. Ao mesmo tempo, nos oferta possibilidades de vida com suas palavras.

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos. (KRENAK, 2020, p. 30)

A imagem dos paraquedas coloridos me trouxe a possibilidade da reinvenção, de ser criativa nos meus novos modos de fazer. Pesquisando sobre processos de criação, também percebi como poderia ser criativa neste percurso, como alguém que está cotidianamente costurando paraquedas com as mãos, escolhendo cores, combinações, tamanhos, formatos para, quem sabe, tornar a queda menor ou menos dolorida. Trago aqui a imagem da queda para nos convidar a reelaborar este espaço, transitório, movente e cheio de perguntas e potência. “Meu trabalho inicial é o medo de cair. Depois se tornou a arte de cair. Como cair sem se machucar. Mais tarde é a arte de se manter no ar” (BOURGEOIS in DERDYK, 2012, p. 71).

Diante desses atravessamentos todos que me *rasgaram*, me desafiaram e me fizeram ver por outras perspectivas nasceu o LIVRO-NUVEM. Como um gesto de expressão diante de tanta fragilidade e de perguntas que me acompanhavam. Uma produção audiovisual que foi estimulada pelas novas formas de nos comunicar, e viver, que foram impostas. Como alcançar o outro que está atrás das telas? Como criar texturas para as aulas? Como habitar um lugar que nos mostrava ser tão impalpável? Tudo isso era possível? Essas foram as principais motivações para me reinventar.

Assim, vejo o meu caminho atravessado pelas nuvens. Uma invasão, uma tempestade. Um deslocar para olhar o céu. Uma forma de me apegar ao que não estava ao alcance, a algo que não podia tocar. A inconcretude do momento tomou conta e a imagem das nuvens representou uma forma de me relacionar com ele, trazendo, talvez, a força de algo inatingível.

Paredes que falam

Durante 2020 e metade de 2021, segundo e terceiro ano do doutorado, me propus a iniciar uma escrita. Como ela iria se dar? Recorri, primeiro, a uma prática que pude experimentar quando criança e que de algum modo me acompanha: escrever nas paredes de casa. Quando pequena, eu e minha irmã tínhamos uma parede da casa toda livre para nós: escrevíamos, colávamos figurinhas e gibis, desenhávamos. Quando pensei nessa escrita, meu primeiro pensamento foi: vou coletar tudo o que puder relacionar com a pesquisa, escrever em um pedaço de papel e colar na parede do meu escritório. Assim, aos

poucos, vou descobrindo uma escrita-colagem, uma forma de recorrer às vozes das pessoas que partilham comigo essa travessia em torno da criação.

São vozes diversas. Fui me dando conta dessa polifonia¹⁰⁶, olhando para a forma e o gesto que eu estava a escrever: escrevia em pequenos papéis coloridos, como *post-its*, palavras de autoras de livros teóricos, artigos e revistas, conversas com amigas por telefone, falas de professores e professoras durante aulas, trechos das cartas, relatos de *lives* que tratavam sobre livro e literatura (que com a pandemia aumentaram consideravelmente). Nessa colagem de vozes, tinha espaço para os poetas e as poetisas e para imagens, geralmente fotografias que de alguma forma me acompanharam no percurso de colheita. Colheita de afetos do mundo que me surpreendiam, me alimentavam e que precisavam ficar “guardados” à vista, expostos bem perto dos meus olhos, me lembrando que a pesquisa, antes de tudo, é um encontro com o espanto, com a descoberta, com suspiros e perguntas que não findam.

Por isso, essa parede, além de colorida e composta por diversos tipos de papéis, era movente, ou seja, as palavras podiam mudar de lugar, crescer, ganhar companhias, estabelecendo novos sentidos e criando outras conexões no decorrer da pesquisa.

Foi registrando a parede mensalmente, com câmera fotográfica e do celular, que fui notando as transformações que aconteciam com o tempo. Foi perceptível de um mês para outro o aumento de papéis que, com diferentes cores e tonalidades, iam preenchendo os azulejos brancos da minha parede. Depois, percebi que alguns papéis precisavam ficar juntos, já era uma aproximação por assuntos. Precisei nomear (em papel azul-escuro) e agrupar as vozes que estavam próximas, que dialogavam. Assim, cinco ou seis assuntos me indicaram caminhos para a pesquisa: grandes temas, eixos, dos quais poderia partir para escrever e narrar. Essas descobertas me indicavam uma direção, ou várias.

Imagens surgiram e ganharam um espaço, uma árvore com um buraco e crianças lendo um livro. Fiz algumas experimentações com barbantes tentando

¹⁰⁶ Pensar a importância da polifonia em um texto foi algo que amadureci ouvindo Luiza Christov nas aulas “Seminários de pesquisa” e vendo o lugar da poesia na pesquisa acadêmica, uma tentativa de desierarquização das falas e seus sujeitos. A ideia de polifonia das vozes também foi calcada nos estudos de Virginia Kastrup, quando traz essa importância para o texto acadêmico: “A polifonia do texto (Bahktin, 1990; 2003) é sempre um objetivo e também um desafio, comparando de diferentes modos. A multiplicidade de vozes, onde participantes e autores de textos teóricos entram em agenciamento coletivo de enunciação (Deleuze e Guattari, 1977), é uma delas” (KASTRUP, 2009, p. 71).

ligar uma frase a outra, um assunto ao outro. Uma trama ia sendo formada, com linhas vermelhas, alguns cruzamentos e nós.

Depois do início do ano de 2021, há quase um ano convivendo com as colagens na parede, precisei "limpar" o espaço, torná-lo habitável para a escrita que eu imaginava a partir daí. O caos parecia me incomodar. Ficou um excesso de vozes e eu precisava organizar, ou olhar para tudo, rever, reordenar para conseguir seguir. Transpus a escrita-colagem da parede para um caderno tamanho A3. Cada assunto ficou em uma ou duas duplas, nas quais coleí os papéis com fita adesiva. Ao não fixar esses papéis com cola, parece que eu ainda persistia na ideia de movimentá-los. O exercício de transformar o formato, da parede para o papel, para o caderno, foi uma tentativa de imaginar aquilo tudo como um texto, em um livro. E foi exatamente esse o próximo passo que dei em seguida: me dedicar à escrita do texto, pensando em algo mais elaborado, uma escrita para a qualificação. Hoje sei que essa escrita já tinha começado. Afinal, "como começar pelo início se as coisas acontecem antes de acontecer?" (LISPECTOR, 1998).

Trago aqui temas, palavras-territórios que surgiram nesse percurso. Quando vou descobrindo uma a uma é como se vislumbrasse novas rotas de um mapa em construção, uma nova orientação, pistas para o próximo caminhar. Associo as palavras à imagem de uma grande porção de águas, como bacias hidrográficas, territórios moventes, que de alguma forma delimitam uma área, nomeiam um lugar, apesar de apresentarem como características a fluidez e o transitório. Águas que podem se encontrar, se mesclar, se misturar¹⁰⁷.

São elas: **Pesquisa, Criação, Infância, Mãos, Livro, Aula, Referências e Suspiros.**

¹⁰⁷ No início da pesquisa, tinha como imagem essas palavras-territórios como ilhas espaçadas em uma grande porção de água. Em conversa com minha orientadora Rejane Coutinho, ela me perguntou se esses territórios que se formavam eram espaços delimitados, marcados de terra e que águas eram essas. Como essas questões me marcaram muito, fiquei um bom tempo pensando nelas. Nesse percurso, essas porções de terra-ilhas foram se transformando em águas, representando a imagem de algo que flui, que não é tão terreno, terrestre, que possui o movimento e a possibilidade de se mesclar, afinal, esses assuntos iriam se cruzar, se encontrar, se misturar. Surgiu então a imagem das bacias hidrográficas e das porções de água que, como metáforas, me revelavam mais sobre o modo de ver a pesquisa e do caminho que iria seguir. Me alimento de imagens de todos os tipos relacionadas a esse universo: fotografias da linha das águas que se formam com um olhar aéreo, imagens dos encontros das águas, dos chamados rios voadores, de linhas dos rios que são desenhados em mapas etc. São imagens que me inspiram nas experiências com as produções, principalmente com os recortes e rasgos com os papéis.

Cada palavra chama outras a combinar e a compor essa grande colagem: frases, perguntas, ideias, dúvidas, *insights*, descobertas, poesias. A seguir, relato um pouco sobre como se configurou cada uma dessas palavras-territórios.

Na palavra **Pesquisa**, trago questões e inspirações que me fazem pensar sobre o lugar de pesquisadora que habito. Encontro referências de livros como *Pistas do método da cartografia*, de Virgínia Kastrup, e da metodologia Pesquisa baseada em arte.

A palavra **Criação** foi rodeada de inspirações, frases, escritas soltas, lembretes, um trecho de uma conversa ao telefone. Em torno do tema vasto da criação, surgiram outros subgrupos: SUJEITO CRIADOR, PROCESSO CRIATIVO, CRIAÇÃO COMO COMPOSIÇÃO, CRIATIVIDADE E LIBERDADE. Percebo que *Criação* é a palavra que permeia tudo, acompanhada da palavra PROCESSO.

No alto da parede, escrevo **Infância** para dar lugar a tudo o que se refere ao conceito de infância como lugar que habita qualquer pessoa. Essa frase do fotógrafo Sebastião Salgado me acompanha:

É claro que eu tenho que trabalhar contra a luz. A minha cidade, Aimorés, tinha um sol incrível. A gente vivia na sombra. Eu sempre olhei meu pai chegando em casa na contraluz. Eu na sombra, ele vindo do sol. Numa fração de segundo, eu restituo tudo isso. (SALLES, 1998, p. 94)

Bem próximo à **Criação**, encontro **Mãos**, e junto trago: FAZER, GESTO, ANCESTRALIDADE. O que dizem essas palavras juntas? Talvez já estivessem a tecer um lugar aos fazeres manuais, o tato, o gesto, algo do ARTESANAL.

O território das **Mãos** ficou perto da **Criação**, e este como pano de fundo da palavra **LIVRO**, escrita em letras bem grandes. Mas de que livro estamos falando? Quem são as autoras e autores que me inspiram a pensar sobre os conceitos de livro?

O próximo território surgiu depois de um tempo, posso dizer que foi uma descoberta, foi avistado quando já estava navegando. Esse encontro se deu com a palavra **Aula**, que veio junto com SER PROFESSORA, ENCONTRO, OFICINA, ATELIÊ, LABORATÓRIO. Foi a descoberta sobre o meu papel no

contexto da educação, a percepção sobre como o meu ofício de ser professora perpassa toda a pesquisa. E junto de Aula, muitas outras vozes surgiram, instantaneamente: Apolline Torregrosa e a *climatosofia*, bell hooks e *a paixão e o corpo*, Daniela Moura e o *imponderável*, Luiza Christov e o *mistério*, Jocielle Lampert e o *professor-artista*, a *Aula* de Barthes, Jorge Larrosa e seu livro *Esperando não se sabe o quê*, Paulo Freire e o *ser humano consciente*, Rancière e o *mestre ignorante*. Todas e todos de alguma forma caminham juntos e são lembrados quando esta nova porção de água surgiu.

Duas outras porções de água foram inevitáveis: **Referências** e **Suspiros**. A primeira com nome de autoras e autores, livros, materiais que eu poderia buscar. E **Suspiros** abrindo lugar ao que havia de ter um lugar na parede e nesta tese. Suspiros, como o nome já diz: ação de suspender e voltar.

Olhando a composição dessa escrita-colagem, como decidi nomeá-la, percebo como a criação está presente na minha metodologia de pesquisa e, para isso, a abordagem da Pesquisa Educacional Baseada em Arte¹⁰⁸ foi fundamental para entender como esses processos estão interligados: enquanto eu criava, inventava a minha própria forma de pesquisar e escrever. Esta metodologia considera a pesquisa “um ato criativo em si e *per si*” (DIAS, 2013, p. 23).¹⁰⁹

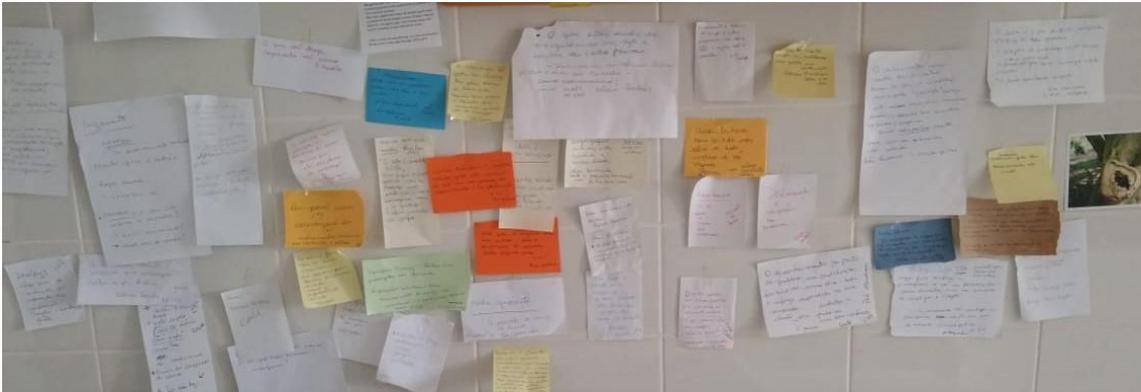
Nesse sentido, trago a colagem, a manualidade de recortar, a escolha das cores, o tamanho dos papéis, a composição ao dispô-los na parede, o traço da palavra no papel, tudo como gesto de escrever, encontros que eu fui tendo com a *minha* escrita. Assim, enquanto desenhava formas e materializava meus pensamentos, ia escrevendo. Escrevendo enquanto desenhava, recortava, colava, compunha, sobrepunha, rasgava...

¹⁰⁸ A Pesquisa Educacional Baseada em Arte (PEBA) ou Pesquisa Baseada em Arte (PBA) é uma metodologia que vem sendo desenvolvida por muitos pesquisadores nos campos da arte e da educação em que a arte é vista não somente como objeto de estudo, mas como metodologia de pesquisa. Teve como origem os “estudos de Elliot Eisner em cursos de pós-graduação na Stanford University, nos Estados Unidos, entre os anos 1970-1980. Ele buscava estudar a arte como o elemento essencial para o desenvolvimento de pesquisas” (DIAS, 2013, p. 24). “A PBA ou PEBA busca deslocar intencionalmente modos estabelecidos de se fazer pesquisa e conhecimentos em artes, ao aceitar e ressaltar categorias como incerteza, imaginação, ilusão, introspecção, visualização e dinamismo” (DIAS, 2013 p. 23).

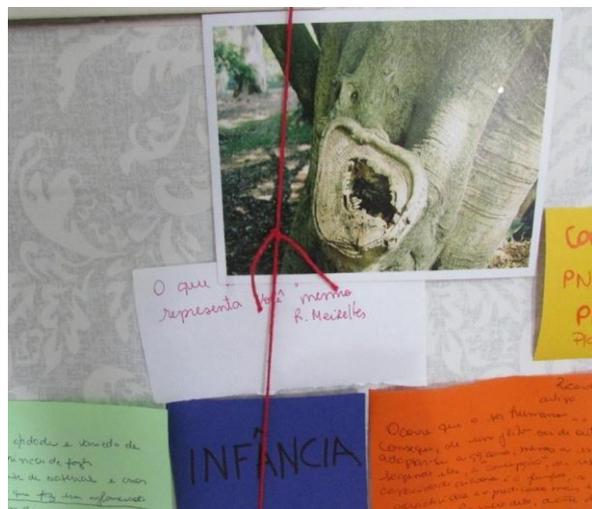
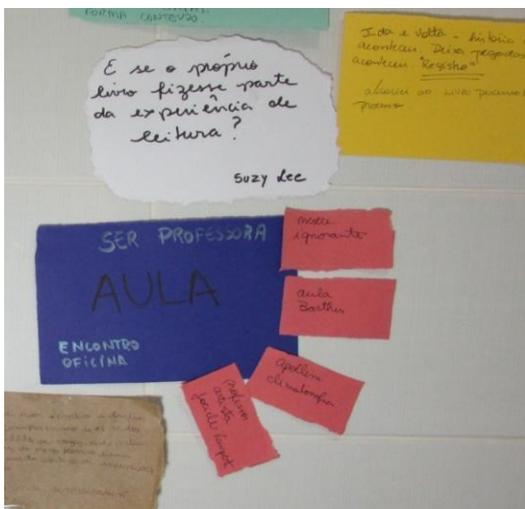
¹⁰⁹ Em diálogo com esses pensamentos, publiquei no livro *Partilhas sensíveis*, volume 2, um ensaio visual intitulado: “Das nuvens aos rasgos: criações que acompanham uma pesquisa em processo”. *Partilhas sensíveis* foi organizado pelo GPIHMAE, Grupo de Pesquisa do Instituto de Artes da Unesp, do qual faço parte.

Seriam estes, então, os rastros da escrita?

Ela foi fundamental para o continuar da caminhada: um passo depois do outro.



83, 84 e 85. Detalhes da parede com as colagens. Fotografias de Camila Feltre, tiradas de fevereiro de 2020 a janeiro de 2021. Acervo pessoal



86 e 87. Detalhes da parede. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal

Palavras nuvens

Essas criações aconteceram, talvez de uma maneira mais consciente, enquanto escrevia para a qualificação. Me deparo com a página do Word e começo um texto. Experimento uma palavra em seguida da outra. Ao mesmo tempo, ao lado do computador, um papel-vegetal me chama para desenhar palavras. Materializar palavras. Eternizar palavras. Pegar. Olhar para a palavra que está me acompanhando, que me leva a diferentes caminhos, que me abre para desvios ou trilhas nunca percorridas.

Assim, me arrisco a experimentar.

TRAVESSIA. Ela é a minha primeira, a que me instiga e me afeta. O que vem com ela? CRIAÇÃO. PROCESSO. Recorto o papel. Gosto do corte à mão, irregular, dando origem a uma forma mais orgânica, um gesto que permite o imprevisível. Lido com as resistências dos papéis. Coloco uma palavra perto da outra. Experimento um fundo azul. Em um instante, junto as duas em um encontro. Escrevo outras palavras no fundo azul. Crio uma fenda, uma brecha. A palavra no vazio. Justaponto com outra. Componho. Combino. Tiro uma foto. Olho para o recorte da imagem. Reorganizo novamente. Escrevo outras: PARTILHA, VESTÍGIO, RASTRO, ANCESTRALIDADE, GESTO, ESCRITA, PESQUISA. Todas já estavam comigo, vibrando intenções. Tento novos encontros e me surpreendo.

ANCESTRALIDADE e GESTO. ANCESTRALIDADE DO GESTO?

VESTÍGIOS DA PESQUISA?

RASTRO DA ESCRITA?

TRAVESSIA COMO CRIAÇÃO!

CRIAÇÃO E GESTO.

PESQUISA E CRIAÇÃO.

Como uma brincadeira, vou juntando, sobrepondo, experimentando uma palavra em contato com a outra e, nesse processo, encontro vislumbres de rotas para a minha travessia.

Em seguida, tento bordar uma palavra em um tecido, mas depois de experimentar, penso: para que aprisionar as palavras? Sinto que elas estão todas em movimento, uma pode compor um diálogo com outra, novos

encontros podem acontecer, novas justaposições e o pensamento pode pedir por outros movimentos. Deixo as palavras livres para serem o que têm de ser aqui e agora. Sem pressa. Fundos azuis, em papel-cartão, camurça, em tecido... Experimentos em construção.

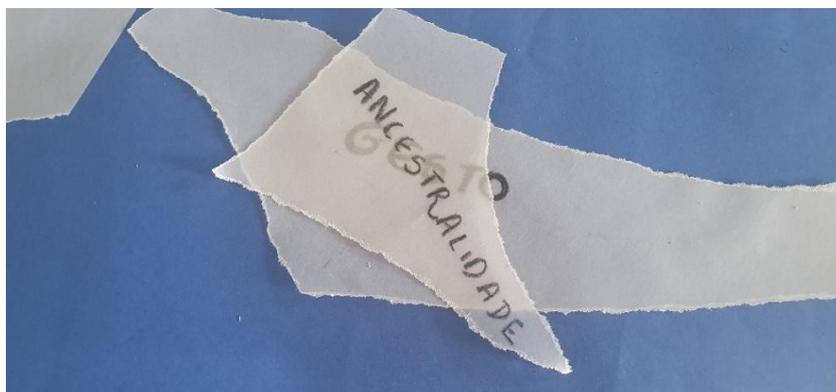
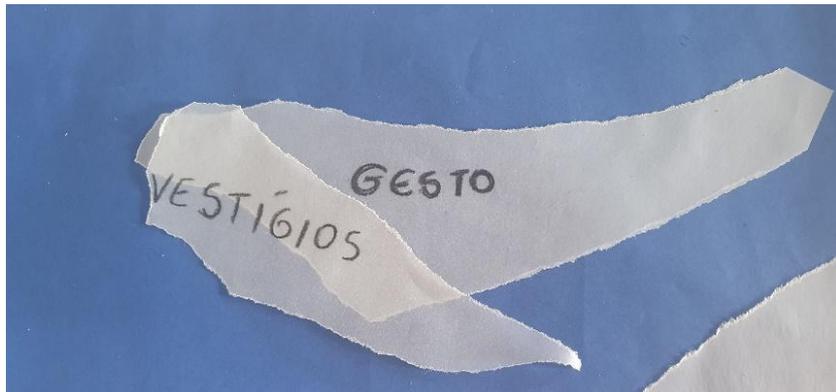
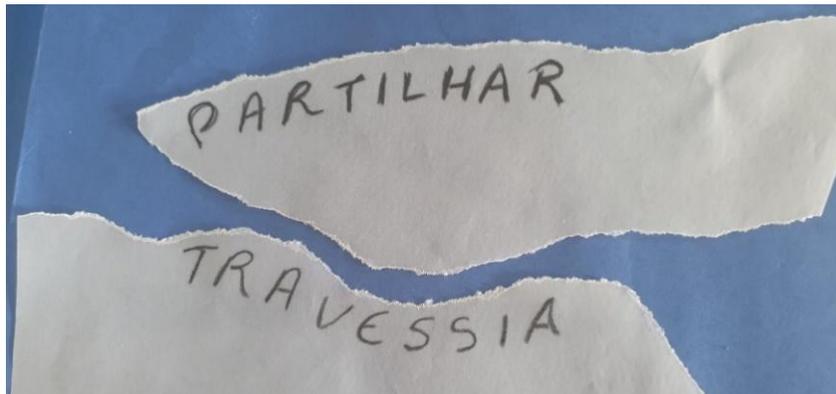
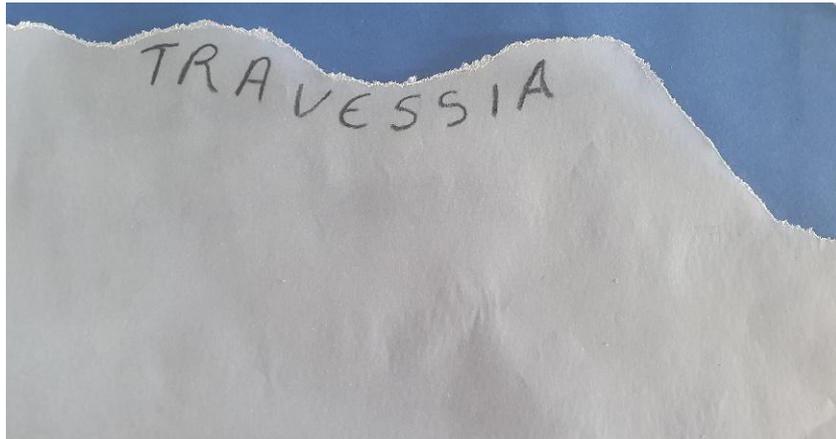
Foi a partir desse exercício, dessa brincadeira, que descubro um conjunto de palavras que parecem orientar o meu trabalho, ou melhor, como cartas que descubro nesse intenso navegar, novas pistas para continuar a travessia. Como bússolas, roteiros, caminhos ou labirintos, elas guiam meus pensamentos para poder narrar o percurso. Assuntos, temas, territórios que habito e que agora se materializam em palavras.

ANCESTRALIDADE DO GESTO e o fazer artesanal como algo inerente ao ser humano, em qualquer época e cultura. A memória das mãos, do corpo, do fazer. Questões da ancestralidade, do que herdamos dos nossos antepassados, do fazer artesanal. Outras palavras que navegam com estas, como afluentes: MEMÓRIA, MÃOS, FAZER ARTESANAL.

Com **VESTÍGIOS DA CRIAÇÃO** penso sobre o processo de criação de livros e como as cartas escritas pelas estudantes sobre o fazer livro podiam ser esses vestígios, seus dizeres sobre o percurso.

PARTILHAR A TRAVESSIA me instiga a refletir sobre a intenção que temos com a pesquisa, ou seja, como eu, enquanto pesquisadora, irei narrar esse percurso. Também me leva a pensar como a pesquisa-travessia acontece na partilha com outras pessoas, em um dado momento de tempo e espaço.

RASTRO DA ESCRITA ou **ENCONTROS COM A ESCRITA** me convidam a pensar na elaboração deste texto, uma escrita que se propõe a ser viva, movente, latente. Um pensar sobre o processo de escrita como criação, trazendo os rastros da caminhada e o que pode se dar nos encontros e desencontros desta escrita-experiência. Uma tentativa de olhar para a escrita como algo que está sempre prestes a nascer.



88, 89, 90 e 91. Experimentos com papel-vegetal e escritas em carvão para desenho sobre papel dobradura azul. Fotografias de Camila Feltre. Acervo pessoal

Palavras paisagens

Em um outro momento, outras experimentações aconteceram. Imersa no fazer mais consciente da importância do gesto e da ação das mãos, vou descobrindo o lugar do rasgo, e da investigação artística que é rasgar os papéis.

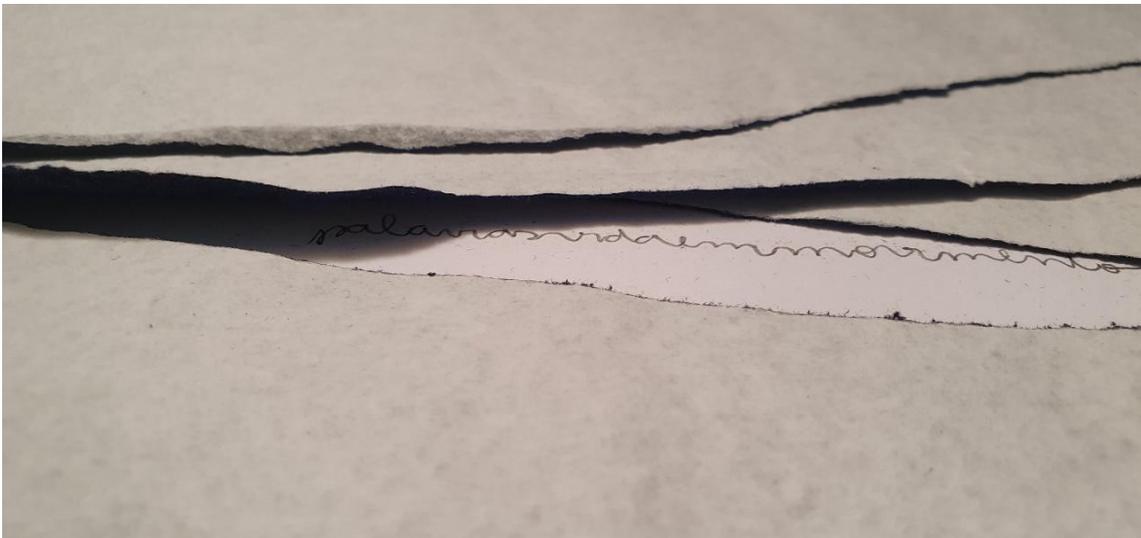
Aqui nomeio como outra composição de trabalhos, pois percebo que investigo, além da escrita no papel e suas combinações, diferentes tipos de gramaturas, texturas e tonalidades dos papéis, geralmente na cor azul. Começo a perceber o lugar da fotografia nessas criações que me levam a outros experimentos, ou seja, a linguagem fotográfica revela-se como parte do processo de criação. Experimento diferentes ângulos, aproximações e afastamentos na imagem observando as brechas, aberturas e espaços que se sobressaem. Um recorte que constrói paisagens, espaços com elevações, composições, vincos, sobreposições, sombras e texturas.

Os experimentos me convidam a olhar também para o que estava escondido na pesquisa, encoberto, que, com um gesto de rasgar, de ferir o papel, possibilita a abertura de novos espaços. “Um furo, um buraco, uma brecha para olhar o que está por trás, o que estava coberto” (MELO, s.d.)¹¹⁰. Um movimento e rompe a estrutura, a superfície, transformando-a e dando origem a outra forma, novos espaços e, com isso, novos olhares, novas descobertas, novas entradas ao que antes não se podia ver. Um processo doloroso. Rasgar é ferir.

Vale dizer que esse processo está em constante mover-se. As palavras que trago, nas imagens e no texto, são fluidas como as águas de um rio que corre. São essas palavras que nomeiam, habitam e dão forma a esse constante movimento de pensar.

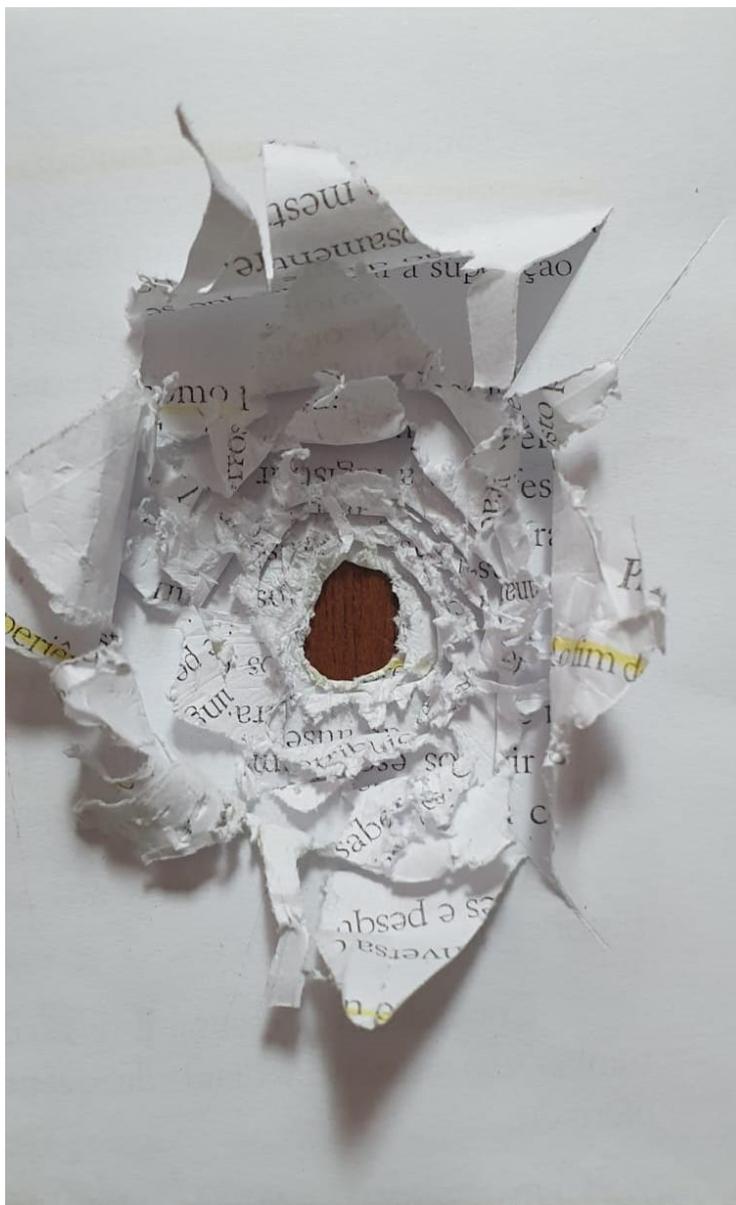
Desse modo, tendo a consciência de um tempo que acompanha a pesquisa, vou criando um mapa imaginário no qual palavras navegam, se misturam, se encontram, outras beiram o limite, à espera. Palavras que me acompanham para nomear, traçar, narrar, desenhar, criar territórios, materializar pensamentos e dar vida a esta pesquisa.

¹¹⁰ Bárbara Melo é uma artista, pesquisadora e educadora que está contribuindo muito para o meu processo criativo a partir de seu trabalho em torno dos rasgos, de livros de artista e do deslocamento pela cidade como prática artística. Disponível em: <https://cargocollective.com/barbararuas/sobre-barbara>. Acesso em: 11 ago. 2022.



92 e 93. Experimentos em fotografia com papel-vegetal, papel dobradura e papel-camurça. Escrita com carvão para desenho e lápis grafite. Fotografias de Camila Feltre. Acervo pessoal

Rasgando a escrita



94. Criação produzida durante exercício de aula do curso “Investigação rasgos”, com Bárbara Melo, n’A Casa Tombada, em agosto de 2021. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal

Antes mesmo que este texto tenha surgido, já me vi com esse interesse: preciso escrever sobre *o rasgar e o rasgar-me*. Refletir sobre como esse processo da pesquisa tem atravessado o meu pensar e o meu fazer, considerando aqui como coisas que caminham juntas.

Comecei a pensar em todo o meu processo criativo e me dei conta que essa experimentação com o rasgo começou na pandemia, com o LIVRO-NUVEM, na tentativa e desejo de materializar pensamentos, angústias, incertezas, não saberes, imprevisibilidade, medo. Olhando para o livro fui

refletindo como ele existia no gesto, na ação, um livro na presença, no instante. Não tinha costuras, não tinha uma narrativa preestabelecida. Era um livro vivo. Hoje, eu poderia mostrar essas palavras, nesse movimento, e compor esta narrativa; amanhã seriam outras histórias para contar. Um livro como algo fluido e movente como a nuvem.

Fiz um primeiro vídeo do livro, mostrando o tempo das mãos ao virar as páginas. Depois decidi fazer outro, mais longo, mostrando o processo todo, o livro sendo construído: as mãos a rasgar os papéis, a escrever, a juntar, a combinar, a agrupar, a virar, a parar.

As experimentações continuaram.

Enquanto eu me dava conta do rasgo como investigação prática, poética, plástica, ia experimentando combinações que me lembravam rios, mapas, caminhos, nuvens. Uma profusão de imagens que não tinham uma definição. Às vezes via nuvens, outras, rio, água, paisagens, e muitas vezes nem uma coisa nem outra¹¹¹.

A fotografia foi ganhando lugar nesses experimentos no intuito de retratar o movimento, o fluxo, as combinações. E, com ela, novos olhares, ângulos e perspectivas para ver as imagens.

Comecei então a pensar no rasgar como ato de abrir espaços, fendas. Mas abrir o quê? Para onde estas fendas poderiam me levar? Quais caminhos eu iria descobrir por meio dessas rachaduras, desse romper?

Ao mesmo tempo, vivi um episódio muito marcante no meu trabalho, na minha vida. Algo que após tremer dias, me senti rompida. Algo em mim tinha partido. Me senti dilacerada. Eu era outra, um rompimento longo e profundo que ainda perdura. Me sinto com o corpo em constante rasgar. A cada dia. Uma constante: romper e ver, romper e perceber, romper e não saber.

Na ocasião, o primeiro caminho que se mostrou a mim foi a costura. Como juntar essas partes que se distanciaram, que se afastaram, que separaram a superfície em partes? Percebi que o romper dava origem a algo. No momento que eu corto, rasgo, eu abro um espaço para o que antes eu não via. Mas não conseguia ver direito. E resolvi costurar. Vários movimentos para furar, passar

¹¹¹ O curso que fiz n'A Casa Tombada, "Investigação rasgos", com a artista Barbara Melo, foi fundamental nesse processo de compreender o rasgo como prática artística e, também, para experimentar outras possibilidades de materiais e instrumentos, a partir das propostas do curso.

linha e juntar as partes. Não, não ficavam totalmente unidas, havia ainda um espaço visível entre elas. Costurar foi uma tentativa de fazer algo diante do acontecimento, da fenda que se abria. Percebi que ao voltar os pontos com a agulha, o rombo ficava maior, então decidi bordar na direção adiante. Linha, agulha, um ponto, depois outro. Experimentando o movimento da agulha nessa tentativa de criar uma outra paisagem, para tentar reconstruir o que estava vendo e não estava sabendo lidar. Mas a cada gesto ainda me perguntava: o que eu posso fazer nesse momento? Bordar? Costurar? Unir? Ou então parar, silenciar?

Pausar. Foi o que eu fiz. Fiquei um bom tempo sem voltar naquele trabalho. Acho que mostrando um gesto sem volta. Não era um fim. Por isso ainda me perguntava: quais outros gestos esse trabalho ia me convidar a fazer depois de uma pausa? Cortar a linha? Cortar a costura?

Não sei se estou pronta.

Foi assim, refletindo sobre todos esses gestos e movimentos, que eu descobri um caminho, um “como seguir”. A partir das perguntas: o que eu acesso quando eu rasgo? e o que eu posso descobrir? (tem de haver algo!), que eu cheguei no VERSO, no AVESSO.

Até então, eu estava mergulhada em um território desconhecido, como se tivesse rasgado algo intacto e mergulhado na queda, no abismo, em um profundo despencar. Novas paisagens já estavam se mostrando a mim. Novos universos. Novas formas de ver o que antes eu não via.

Sim, é tudo isso. Mas é mais. Quando há a ação de rasgar, eu consigo ver o que está no avesso, ou o interior, que me traz a ideia de voltar-se para si.

Quais texturas eu encontro nesse avesso? Quais as cores? O que reflete? Será a palavra ao contrário? A sombra da escrita? O bordado mal-acabado? O que eu tento esconder, mas está aí, mais escancarado do que nunca?

É tanta coisa a descobrir.

Tudo acontece no seu tempo. É preciso coragem para esperar, e encarar, e ver, e se debruçar no mais profundo de si: o verso.

Mas o que farei diante disso?

O próprio verso me mostrou outro caminho: além do avesso, ele me apontava para a ação de versar.¹¹²

Seria capaz de versar sobre tudo isso? Fazer o verso?

E rasgar não é isso? Procurar essa fenda? Você se propõe à ação, ao ato de ferir, alargar, dilacerar, abrir espaços...

Recorro ao dicionário¹¹³ e encontro definições para a palavra rasgar:

1 Fazer rasgão ou ruptura em; fazer(-se) em pedaços ou fragmentos.

2 Deixar em pedaços ou fragmentos.

3 Dilacerar o corpo ou parte dele.

4 Causar profunda mágoa.

5 Fazer desaparecer.

6 Abrir buraco ou sulco na terra.

7 Fazer abertura; abrir.

8 Alargar um espaço.

9 Cruzar ou percorrer uma vasta extensão de água.

10 Causar ou sofrer separação ou cisão; dividir-se.

11 Surgir subitamente.

12 Executar o rasgado na viola.

13 Ficar atormentado; afligir-se.

14 Tornar-se patente ou incontestável; evidenciar-se.

Com isso, expando o significado de rasgar, para mim o rasgar é um rasgar-se. Quando você rompe algo, rompe a si mesmo nesse percurso, nessa travessia.

Se brincarmos com as letras que compõem VER O AVESSO, temos: verso, versar, ver, rever, a ver, soar, ser, ave, voar, sovar, ar, será?

E nesse percurso, pensando sobre os caminhos que o rasgar me leva, recupero uma foto do Instagram e, para minha surpresa, encontro o versar como a última palavra, já me anunciando algo ali:

¹¹² 1 Fazer o manuseio de algo, folheando, 2 Examinar cuidadosamente, 3 Abordar determinado assunto, 4 Dedicar-se ao estudo de; exercitar, praticar. *Dicionário Michaelis*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/versar/>. Acesso em: 11 ago. 2022.

¹¹³ *Dicionário Michaelis*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/rasgar>. Acesso em: 11 ago. 2022.

Rasgo, rasgar, dilacerar, abrir, abrir espaços, criar caminhos, ver o que antes não se via, desenhar, gesto, movimento, mover-se em direção à, dividir, limite. fragilidade, costurar, furar, passar, fiar, unir, desenhar, ir, voltar, respirar, caminhar, tocar, esperar, voltar, sentir, parar, ouvir, mover, ver, ler, sem saber, saber, resistir, existir, querer, caminhar, desenhar, fiar, atravessar, versar.¹¹⁴

Diante de todas essas reflexões, finalizo este texto com a pergunta: será que o caminho de ver o avesso é versar? É escrever?

Para mim, o rasgar é versar, é escrever e é criar.

O gesto de fazer vídeos

Durante esta pesquisa, principalmente na fase de qualificação, comecei a perceber como a linguagem do vídeo estava presente e ganhando corpo no trabalho. Fui me dando conta que depois da experiência com o *LIVRO-NUVEM*, outras surgiram, como *Saber* e o *Intimidade*.

Assim, enquanto eu pesquisava, lia e me indagava diante das questões, também produzia vídeos como forma de escrever.

Na fase de apresentação do trabalho para a qualificação, acabei produzindo alguns vídeos como forma de registrar o que eu não podia criar artesanalmente, tanto pela demanda de tempo quanto pelo próprio caráter da arteficialidade do que estava lidando. Os livros tinham significados mais como narrativa do meu processo de criação do que como objeto finalizado que deveria ser produzido e compartilhado em grande escala. Fui me dando conta que a cada livro produzido, eu expandia o meu pensamento e novas ideias surgiam, caminhos para um traço ou outra forma de dobrar, com desejos de modificar aquele livro a ser compartilhado. Assim, no desejo de compartilhar o trabalho com parceiros de pesquisa, para trocas que pudessem agregar, surgiu a ideia de produzir vídeos dos livros como forma de registro do que eu tinha nas mãos e para tornar o trabalho mais acessível. Em um clique, várias pessoas iam poder

¹¹⁴ Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COmE7s7noKUiVCj6P3sQzqVlmvhUUKoda1p7XAO/?igshid=MDE2OWE1N2Q=>. Acesso em: 2 out. 2022.

conhecer o meu trabalho, em diferentes lugares e contextos. Acredito que esse desejo teve forte influência do que vivemos em torno das novas formas de comunicação e diálogos no online. Com a pandemia e as trocas intensas pelo mundo virtual, essa vinculação com pessoas distantes fisicamente se tornou uma realidade muito mais presente no dia a dia. O contato com os estudantes da pós “O livro para a infância”, os amigos que moravam longe e com quem comecei a falar mais por meio do Zoom e pessoas que conheci nos cursos online formavam uma nova rede de pessoas que estavam interligadas/entrelaçadas na minha vida e se conectavam de alguma forma à pesquisa. Diante da impossibilidade de enviar exemplares físicos do trabalho e dos livros, entendi que o vídeo era um caminho para chegar a essas pessoas.

A princípio, a intenção era registrar o que eu tinha em mãos. Deixava a câmera do celular fixada em um tripé e sobre a mesa ia folheando o livro, em ritmos e tempos próprios. Nesse fazer, surgiram descobertas. Como linguagem a ser experimentada, percebi os movimentos das mãos, os sons das páginas ao virar, as decisões que tomava ao folhear os livros, as pausas e os silêncios¹¹⁵ como características e elementos presentes na linguagem. No meu entendimento, o vídeo deixava de ser registro como finalidade para algo para ser linguagem artística. Percebi o fazer vídeo como criação, como escrita-criação.

Assistindo ao vídeo produzido a partir do livro *O rio sou eu*, fui me dando conta que havia uma leitura sendo proposta, mesmo que a princípio eu não tivesse totalmente consciência disso. Esse livro, com páginas de 7,5 x 10,5 cm, formado por uma folha de cartolina na cor preta com cortes e dobras, possui diversas maneiras de folhear: abrindo, fechando, propondo leituras verticais, horizontais, de forma que o livro fique em pé, sanfonado ou folheando em formato códice. Com impressões em tinta guache nas cores azul e branca, as combinações entre as páginas são muitas. A minha ideia inicial era convidar o leitor do trabalho a manipular e ler da maneira que desejasse, descobrindo suas leituras a partir dos seus próprios movimentos das mãos e do corpo. Mas se eu não conseguisse que o livro estivesse nas mãos de cada possível leitor deste

¹¹⁵ “O gesto do manipulador do vídeo é gesto de quem manipula a linearidade do tempo.” (FLUSSER, 2014, p. 77)

trabalho, poderia criar algo que partilhasse algumas dessas possibilidades de leitura?

Assim, me pergunto: o vídeo poderia ser uma performance-livro? Um livro-vídeo? Um livro em movimento? Ou um gesto em vídeo?¹¹⁶

Compreendo que no vídeo, como expressão artística, para além do objeto a ser apresentado, temos o gesto de ler, ou de construir (como no *LIVRO-NUVEM*) o próprio livro, revelando parte do processo, que é tão presente nesta pesquisa.

“O que o livro pode oferecer como ato performativo?”¹¹⁷ Esta é uma das perguntas que inspiram o fazer vídeo e experimentar as possibilidades de movimento com as mãos e com o corpo. É a enaltação dessa relação com o objeto, que no vídeo, quando o livro é revelado, é exposto e é proposto.

Este pensamento dialoga com o trabalho *Momento vital*, da artista Vera Barcelos, de 1938, que foi reproduzido em 1979, em que a artista faz uma performance escrevendo em um caderno. Em cada página ela escreve uma palavra e, ao fim, temos:

Estou aqui presente agora olhando este texto e sentindo-me aqui, meus pés no chão, e movo-me lentamente defronte a cada folha, e meus olhos passeiam atentos as palavras que se sucedem, que se repetem e quase completam na busca de um todo que tenha um começo, um meio e um fim. (BARCELOS, 1979)¹¹⁸

O trabalho me fez pensar como a artista trouxe a ação para a obra. E ela só se deu conta que era uma performance depois de fazer o trabalho, como a pesquisadora Caroline Grohs aborda em seu TCC “Os livros de artista de Vera Chaves Barcellos”, realizado no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: “Logo após sua criação, a artista identificou o caráter fortemente performativo do trabalho, apresentando-o durante uma performance no Espaço N.O.¹¹⁹, no mesmo ano, na qual ela o lê, em voz alta, prestando atenção em seus próprios atos” (GROHS, 2014, p. 69).

¹¹⁶ *Gestos*, de Vilém Flusser, foi disparador de muitas das reflexões que compartilho neste texto.

¹¹⁷ Pergunta presente nas minhas anotações em aula de Edith Deryk na Turma VIII da pós-graduação “O livro para a infância”, dia 11 de maio de 2022.

¹¹⁸ Mais informações sobre o trabalho no site Coleção Livro de Artista. Disponível em: <https://colecaolivrodeartista.wordpress.com/2009/10/22/vera-chaves-barcellos/>. Acesso em: 17 out. 2022.

¹¹⁹ Segundo Caroline Grohs: “A sala que abrigou o Espaço N.O. foi cedida por Vera Chaves Barcellos e localizava-se no prédio da Galeria Chaves, no centro de Porto Alegre, tendo sido

Os livros são corpos, presenças e convocam a presenças, a gestos. Livros como estados de acontecimentos, que convidam a ler.

As narrativas nos livros-objetos nascem cegamente das pontas dos dedos. Algo ali existe sempre para ser desalavancado, tornando-o um tempo que flui através do folhear das páginas, tal como um rio que corre, o rio de Heráclito: nunca se lê um mesmo livro-objeto da mesma maneira. (DERDYK, 2012, p. 171)

Os vídeos poderiam ter essa potência?

Olhar os vídeos como produção de conhecimento artístico e não como registro, ou seja, como fim de tornar acessível o livro artesanal, foi um processo. Refletindo, fui percebendo que é no fazer vídeo que as decisões são tomadas, a mão age para compor a cena, num “momento vital”.

Vale dizer que o envolvimento com essa linguagem também está totalmente conectado à experiência com as e os estudantes nos cursos da pós-graduação “O livro para a infância” no formato online. Como a proposta de criação do livro migrou para o virtual, ou seja, para o espaço da “nuvem”, o momento de compartilhar a produção foi repensado. Em pastas do *drive*, ou em mural do *padlet*, as estudantes são convidadas a compartilhar fotos e vídeos de diferentes momentos do processo: ambiente do ateliê, materiais que separaram para a criação do livro, estudos e materiais de referências e o próprio livro produzido. Nesse compartilhar o livro, muitas possibilidades surgiram, que eu mesmas não podia prever. Recebi vídeos de mãos que viravam o livro, acompanhadas de uma voz que o lia, vídeo em que a estudante apresentava o livro junto da filha, que também participara do processo de criação. Descobri como os ambientes podiam compor essa atmosfera da leitura, como na produção de Adriana Peliano, da Turma VII, que apresentou o livro andando em uma floresta e que dialogava com a sua versão do Chapeuzinho Vermelho. Em outro vídeo, Camila Sabina leu sob efeito da sombra, que era fundamental para a leitura do seu livro. Como professora, tenho consciência que fui alimentada plasticamente e artisticamente por todos os vídeos que recebi, ampliando o meu olhar para essa linguagem e me motivando a criar, mesmo sem ter totalmente consciência disso.

reformada para adequar-se às diversificadas propostas de exposições, performances, instalações, cursos e demais mostras que por ali passaram” (GROHS, 2014, p. 29-30).

Não é mais “só” sobre o livro, e nunca foi, mas sim sobre as infinitas possibilidades de se relacionar com ele, e de criar.

Assim, entendo que os vídeos compartilhados ao longo deste texto fazem parte da minha pesquisa. A partir do livro, o vídeo surge como outra camada de experimentação, outro trabalho, podemos dizer, e em alguns casos é complementar.¹²⁰

Nessa caminhada, no entendimento do fazer vídeo como processo de criação que acontecia entrelaçado à pesquisa, depois da qualificação senti a necessidade de organizar melhor esse material que eu havia produzido ao longo desses quatro anos. Até estudei a ideia de um site, inspirada pelo trabalho da pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, Maruzia Dultra, que criou uma versão online da sua tese de doutorado “Vídeo-cartas (não) filosóficas: percurso de aparição de um corpoimagem”, o que chamou de Livrídeo¹²¹. Conversei com Yuri de Franco, que é designer, produtor cultural e foi estudante da pós “O livro para a infância”, e optei, até o momento, por deixar os vídeos em um canal do Youtube, no qual se encontram os vídeos compartilhados nesta tese. De certa forma, eles já ficam dispostos e entendemos que o risco do *link* expirar pode ser menor.

A partir do momento que decidi ter um “lugar” para guardar e apresentar as produções audiovisuais, novas proposições surgiram, como a leitura das

¹²⁰ “Tais gestos [referindo-se ao gesto em vídeo] serão novos, embora fossem modificações dos gestos já conhecidos. Terão semelhanças com os gestos da escultura, mas ocorrerão em nível da realidade nova. Terão semelhança com os gestos de filmar, mas seu movimento no tempo será outro. Serão parecidos com os gestos de escrever, mas transmitirão mensagem diferente e provocarão leitura diferente. Serão semelhantes ao gesto de fotografar, mas serão mais intersubjetivos. Serão, em muitos aspectos, semelhantes ao gesto do armazenamento, mas são dialógicos, não discursivos. Serão gestos de quem manipula espelhos, mas sua flexibilidade será nova. Serão gestos semelhantes aos do artista, mas visarão o conhecimento. Serão gestos de composição, mas não comporão objetos ou sons, senão eventos. Resumindo, tais gestos novos articularão uma maneira nova de estarmos no mundo. Maneira esta que se caracteriza por nova concepção de tempo e do espaço, por nova concepção dos vários níveis da realidade, por nova concepção da verdade (mais intersubjetiva e menos objetiva que a tradicional), por nova concepção da função da arte, por nova concepção da história e por nova concepção da situação humana no mundo.” (FLUSSER, 2014, p. 78-79)

¹²¹ Livrídeo, segundo a pesquisadora, é a “versão online do experimento da tese ‘Vídeo-cartas (não) filosóficas: percurso de aparição de um corpoimagem’”. “O Livrídeo é composto por vídeo-cartas endereçadas ao filósofo e professor Peter Pál Pelbart. No carimbo que acompanha os vídeos, aparece-desaparece a nossa pergunta-tese: O que pode um corpoimagem? (informações no site). Pesquisa de doutorado realizada por Maruzia Dultra sob orientação do Prof. Dr. Joaquim Viana, no período de 2015-2018, no Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC-UFBA), com bolsa Fapesp” (informações no site). Disponível em: <https://www.livrideo.online/br>. Acesso em: 11 ago. 2022.

cartas pelas estudantes que as escreveram, na tentativa de trazer mais fortemente suas presenças no trabalho.

Este texto, assim, finda meus pensamentos acerca do processo artístico que venho vivenciando durante minha pesquisa. Quero deixar evidente que como pesquisa que se propõe a tratar sobre processos de criação, também me permite compartilhar o meu processo. Livros, experimentos plásticos, fotografias, vídeos, escritas, entendo todos como “ensaios”, formas de estar no mundo, como Larrosa nos diz:

O ensaio pode ser tomado como uma linguagem da experiência, como uma linguagem que modula de um modo particular a relação entre experiência e pensamento, entre experiência e subjetividade, e entre experiência e pluralidade. (2004, p. 31)

Assim, nesse ensaiar, vou encontrando a *minha escrita-criação*.

Carta de Cristiana Gomes

Materialidades do livro - Cristiana Gomes – maio/2019

Cheguei em casa feliz. Deixei o livro sobre a mesa. Arrumei algumas coisas que ficaram fora do lugar ao sair pela manhã. Tomei um banho, pensei no jantar, deitei no sofá com o controle na mão e escolhi um filme que combinasse com as sensações vividas naquele sábado.

Quando fui dormir, as sensações permaneciam. O livro continuou sobre a mesa. Queria vê-lo cada vez que passasse por ali. Dentro de mim, um sentimento de espanto perdurava e o livro sobre a mesa confirmava minhas desconfianças. Fui eu que fiz? Sim, sim, sim. O livro existe e está vivo sobre a mesa.

Dormi. Acordei domingo com o despertador. Segui o ritual das manhãs antes das aulas. Um café engolido às pressas, uma roupa confortável, o alívio de um dia sem trânsito em São Paulo.

O livro sobre a mesa.

Eu que fiz.

O livro despedaçado.

Horácio.

O gato.

Foi ele que fez.

Marcas de unhas nas páginas, fragmentos de papel pelo chão.

O gato, com seus olhos verdes deitado ao sol, em sua eterna tranquilidade dominical.

Recolhi os restos, um por um, encarando-o com meu pior olhar.

Dessa vez, o que sobrou do livro, achei por bem guardar na gaveta.

Os dias passaram, a semana passou.

Não queria encarar o livro morto e evitei abrir a gaveta onde ele jazia.

Torto, despedaçado.

Mostrei-o aos colegas, num registro feito antes do ataque.

Ouvi suas palavras. Senti-me mais forte. Abri a gaveta.

Dei-me conta de que ainda amava meu livro. Quis dar outra chance a ele e a mim.

À noite, pensei em novas palavras. Voos, vamos, vãos, vias. O livro não estava morto.

Outros papéis, tesoura, cola. Amor. Reconstruí meu livro. Agora ele tem uma história.

O gato procura os raios de sol e quando eu passo, seus olhos tão verdes também transmitem amor. Foi você que fez? Fui eu que fiz? Nós fizemos. Vamos.

95. Carta de Cristiana Gomes, estudante da Turma VI da pós-graduação “O livro para a infância”. São Paulo, 2019. Leitura gravada em agosto de 2022.

<https://youtu.be/uypfoid7rqA>



Carta de Jaqueline Ortiz

Carta sobre a disciplina "O Objeto Livro", Prof. Camila Feltre
Livro para Infância, A Casa Tombada - Aluna: Jaqueline Renata Ortiz

São Paulo, 19 de junho de 2019

Olá Camila,

Como está você? Desculpas pelo atraso na minha entrega, espero que ainda esteja em tempo.

Estas são as primeiras palavras que escrevo desde um tempo em que veio o vazio, um vazio tão profundo que calou minha escrita e tudo se concentrou em memórias, pensamentos, lágrimas, esforço para confortar outros e sobreviver...

Nossas vidas são feitas de momentos, segundos e respirações... Alguns alegres, outros tristes, e a experiência com algo que cai em nossas mãos, seja um livro, um curso, uma conversa, será construída a partir do contexto vital encontrado. E, foi no momento da maior dor da minha vida, que me deparei com o estudo sobre as materialidades dos livros.

Na manhã de 01 de abril de 2019, meu pai fez uma cirurgia cardíaca em Piracicaba. Meio dia, o cirurgião falou várias palavras técnicas e minha leiga compreensão foi "a cirurgia foi um sucesso, seu pai está com o coração novo, mas teve uma intercorrência, agora dependerá dele e do hospital"... ??? À tarde, ele estava branco entubado deitado no leito da UTI, tristeza imensa tomou meu coração, me arrependi por tê-lo incentivado a se operar, lembrei da minha sogra por dias entubada antes de falecer, tristeza imensa tomou meu coração... O que dizer para minha mãe e irmãos? O pai está vivo, se recuperando. Na visita do dia 02, meu pai parecia um pouco melhor, o intensivista disse que ele estava melhorando, se preparando para acordar. Medo é algo que meu pai nunca demonstrou até a véspera desta cirurgia, sempre seguro de si, corajoso, solucionava qualquer situação, sempre dava um jeito para tudo, meu porto seguro, sempre pensei que se tudo desse errado na minha vida ele me ajudaria e eu nunca ficaria na rua. Medo era o que me dominava. Ele estava melhorando e eu precisava deixar todos visitá-lo, somos sete (minha mãe e seis filhos) e só podia entrar duas pessoas a cada visita, então voltei para São Paulo.

Na noite de 03 de abril, iniciamos a disciplina O Objeto Livro com o laboratório de criação. Levei vários materiais que minha filha separou, mas optei pelo mais fácil, recortar um envelope branco e vermelho da livraria A Travessa (porque gostei do A Travessa, Atravessar era minha ação) e fazer colagens dentro. Afinal, o que eu estava fazendo ali? Você chegou com seu largo sorriso e grandes olhos interessados, perguntou com toda delicadeza que mensagem eu queria transmitir e deu a sugestão de usar palavras. No desejo desesperado de acabar rapidamente aquilo, escrevi um versinho:

Atravessa
A trave é essa
Menina travessa...
Olha os sóis
Os corações são
Os corações estão
Aqui...

Lembro como se fosse hoje e choro aqui escrevendo. Será que conseguirei chegar ao final desta carta? Por tanto postergada...

Nos dias seguintes, fiquei em Piracicaba, meu pai acordou e a esperança nos renovou, a cada visita meu pai nos dava o seu melhor, sorria, conversava, dizia que sentia orgulho e amava cada um, pedia para

deixarmos sempre uma vaga da visita para minha mãe (brigaram a vida toda e agora se amavam como nunca antes). Teve alguns altos e baixos, mas a expectativa sempre era de sair da UTI e na sequência ir para casa e após alguns meses estaria melhor do que antes, viajaria e curtiria seus próximos vinte anos de vida (como prometido pelos médicos antes da cirurgia).

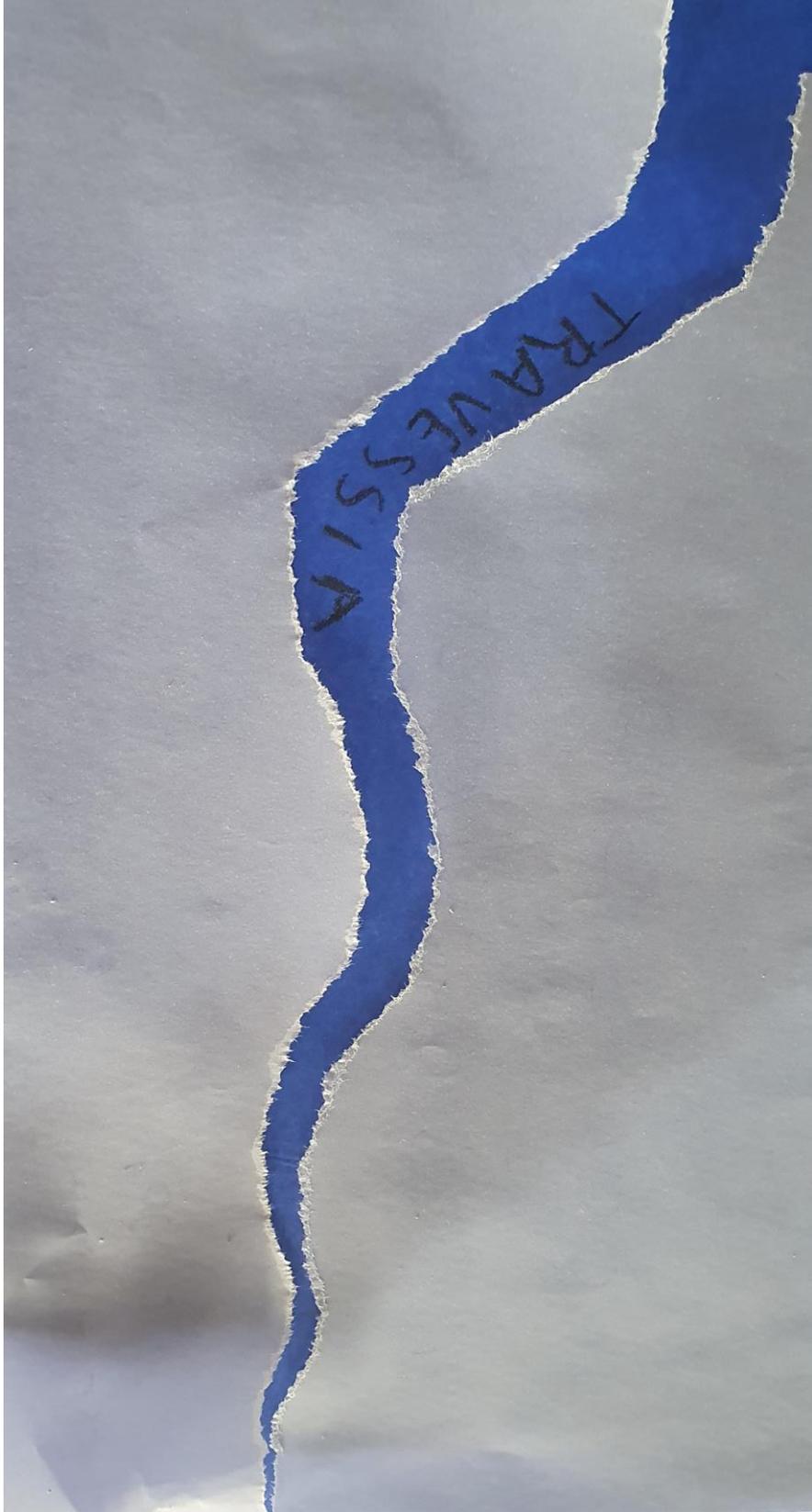
*Na noite de 10 de abril, nossa segunda aula, você trouxe poesia concreta e adorei o exercício com as palavras, as minhas foram: **FOLHA, HÍBRIDO, RECOMEÇO** (S no lugar do C porque erramos e recomeçamos). Trocamos os livros, percebi que o meu não interagiu com o outro, então imaginei vários formatos, troquei as frases, mantendo sempre a palavra *Atravessar*.*

Dia 11, 11 horas, recebo o telefonema: "Jague, o que eu faço, seu pai vai para o quarto e não consigo falar com seus irmãos". Acalmei minha mãe, falei com meus irmãos, minha irmã saiu de uma reunião e foi com minha mãe até o hospital. Todos felizes com a notícia, exceto minha mãe aflita. Almocei com minha filha, organizei as coisas e fui para estrada. Encontrei minha mãe e irmã no estacionamento do hospital. A ser colocado de forma inadequada na cama do quarto, a pressão saltou e meu pai foi levado a unidade intensiva de coração, segundo o médico para ser monitorado. Todos estavam exaustos e o médico disse que no dia seguinte ele já estaria de volta ao quarto, então fui sozinha na visita das 20h. A espera foi longa até chamarem "Tem alguma visita para Antonio Ortiz?" Sim! É meu pai! "Pediram para você subir" Ele deve estar bom e já vai para o quarto!... Entrei no elevador enorme vazio, as portas abriram para um longo corredor frio habitado por paredes. Não tem ninguém? Onde devo entrar? Será que desci no andar errado? "Venha aqui" Uma sala com mesa e cadeira "O doutor já vem conversar com você" Mas eu não vim conversar com o médico, vim ver meu pai! "Calma, o doutor já vem" O que estava acontecendo?... O cirurgião entra na sala, aperta suas mãos geladas nas minhas, olho nos seus olhos: você não vai me matar do coração né?! "Eu não tenho boas notícias" Como assim? Ele entrou no hospital bem, para ficar melhor, estava conversando hoje a tarde, você precisa fazer algo, meu pai não pode morrer, eu vim visitá-lo, eu vou visitá-lo "eu não recomendo, ele não está bem para ser visto por você" Eu vim visitar meu pai e vou! Com tamanha certeza, o médico liberou minha visita ao meu pai recém falecido, lindo como sempre, branco e gelado como nunca, inacreditável como algo me deu forças para conversar com ele, tentando acalmar seu espírito para uma boa passagem, apesar de estar chorando...

Inacreditável que nos levem pessoas tão preciosas, uma dor incalculável e a certeza de que o amor é interminável, não diminui com o tempo, só aumenta... A cada dia ele vive em mim, em todos filhos, nas nossas células, nosso sangue, nossas falas, nossos trejeitos, nas belas memórias, fotos, vídeos, áudios, nas palavras escritas em letra cursiva deitada corrida como esta... Sinto-o no ar que respiro, na brisa que me abraça, nos pássaros e nas pimentas da minha varanda, nos tomates, acerolas, caquis, limões cravo que plantou no quintal da casa, onde agora mora minha mãe, acompanhada sempre de algum filho que pensa estar cuidando dela, mas na realidade é ela quem está cuidando de nós. Minha mãe conversa com meu pai e as folhas balançam quando chama o espírito santo...

Nesta família de fé fui criada e neste momento de contato profundo com a dor e a espiritualidade, não consegui me dedicar com compromisso à disciplina "O objeto livro" e à criação do meu livro. Pensei em vários formatos, que mencionarei abaixo, mas não os construí.

*Pensei em caixas de tamanhos diferentes, uma dentro da outra, como nas Mamuskas, usando as letras da palavra *Atravessar* de dentro para fora. A caixa menor dentro de todas seria o *A* de amor, simbolizando o coração que fica dentro. *T* de trave, fazendo uma cruz de morte, seria o próximo. *R* de raiz, se libertar das raízes. Na próxima caixa viria *Aves*. Depois *sssss*, como o som de voar. E a última caixa seria *Ar*.*



PROCESSO DE CRIAÇÃO DE LIVROS COMO TRAVESSIA

O lugar da criação – A criação como lugar

Escrever este relato foi como todo o processo, um desafio, uma aventura, um desprendimento, um deixar o rio correr, um insistir em chegar a algum lugar que se persegue, que não se sabe bem qual é e que só a caminhada pode revelar.

Thelma Lobel¹²²

Durante o meu percurso como educadora, atuando em oficinas de artes e literatura, e como professora, propondo exercícios artísticos em aulas, me deparei, com frequência, com frases das participantes e estudantes: *eu não sou criativo, eu não tenho criatividade*, ou então, *eu sempre fui criativo, com criatividade e imaginação chegarei em algum lugar, conseguirei realizar algo*. O que é esse *ser criativo*? O que é essa criatividade que tanto almejamos? Algumas pessoas são mais criativas do que outras? Essas perguntas me acompanham há muito tempo.

Uma das fortes inquietações se deu em um momento específico, em 2015, quando fui fazer uma contação de história na Casa das Rosas¹²³ sobre *Alice no país das maravilhas*. Enquanto me preparava para entrar em cena, com a adrenalina a mil e olhava a multidão que se aproximava no jardim através da janela redonda do banheiro do último andar da casa, eu tive algumas divagações, reflexões que me acompanham até hoje: será que o buraco que Alice cai, quando corre atrás do coelho, é a entrada para o estado da criação? Será que, como na história de Lewis Carroll, a criação seria/estaria num *lugar* como o país das maravilhas? Será que esse é o meu papel como arte-educadora e professora: convidar as pessoas a entrarem comigo nesse universo? A caírem no buraco? Seria esta a minha intenção com as propostas artísticas e educativas em torno do livro, das artes, da literatura?

Como desdobrar desse pensamento, criei um blog no qual pretendia trazer minhas experiências artísticas com as pessoas, chamado “Na toca do coelho”¹²⁴, buscando me aproximar e narrar as práticas que desenvolvo nesses

¹²² Carta em Anexos.

¹²³ Casa das Rosas, Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, localizada em São Paulo.

¹²⁴ Na toca do coelho – sobre arte, livros, cultura e educação. Disponível em: <https://natocadocoelhosite.wordpress.com/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

espaços de formação, como oficinas, aulas, cursos, mediações de leitura, vivências artísticas etc.

Naquele momento, fez muito sentido pensar nesse lugar de criação, nessa entrada ao que podemos chamar de imaginário e criatividade.

Ao final da história da Alice, lá na Casa das Rosas, entreguei biscoitos em pequenos potinhos com escritos *coma-me* e vi crianças crescerem e diminuir em segundos.

Sim, parecia um lugar possível.

Com o caminhar desta pesquisa, refletindo sobre os processos de criação, começo a repensar se existe mesmo esse lugar onde a criação acontece. Quando falo em criação me refiro ao momento do fazer, em que nos sentimos criativos, quando estamos envolvidos com algo em que o tempo parece suspender, a concentração existe, a presença é inteira e podemos inventar, materializar algo, mesmo quando lidamos com algo imaterial, como a dança ou a música. E quando penso na palavra lugar, associo ao espaço, ambiente, cenário para que cada uma e cada um possa tornar esse momento possível, território que é constantemente afetado pelos nossos corpos¹²⁵.

Essa dúvida, se existe mesmo um lugar propício para a criação acontecer, ficou ainda mais forte nos tempos em que vivemos, em que nada parece ser das maravilhas, ou seja, o cenário ideal para o imaginário parece não ter nada em comum com a realidade que vivemos. Um país onde a poesia e a arte são desvalorizadas a cada dia¹²⁶. Se dependêssemos deste lugar, seria impossível notar singelas presenças de criatividade. Mas, mesmo assim, e apesar de tudo, a arte persistiu e resiste. Vimos com força a música, a literatura, enfim todas as artes ganharem espaço durante a pandemia. A situação trouxe a potência de que era possível sermos criativos independentemente do lugar, mesmo em um país longe de estar habitado por um chapeleiro maluco, cartas e animais falantes. A criatividade podia estar nos pequenos e grandes gestos de cada um, ampliando o meu olhar para o ato criador.

¹²⁵Segundo Stela Barbieri: “Espaço é o espaço físico e tudo o que compreende – a topografia, o clima. Lugar é o espaço habitado, o sentido que o espaço faz na vida das pessoas. O espaço ganha significado e valor em razão da presença, seja para acolhê-lo fisicamente, como seu lar, seja como lugar para o acontecimento de suas ações” (BARBIERI, 2021, p. 34).

¹²⁶ É relevante informar que esta pesquisa de doutorado foi iniciada em 2019, ano de inúmeros retrocessos políticos em nosso país em relação aos direitos à arte, à cultura e à educação e que afetam o desenrolar das minhas reflexões em torno da arte e da criação na vida das pessoas.

Assim como não se pode falar em *locus* da criatividade, toda nossa discussão mostrou a impossibilidade de se definir um lugar específico onde a criação acontece. Os momentos sensíveis que são percebidos pelo artista como possíveis encontros ou descobertas estão espalhados ao longo do processo: nas anotações das caminhadas, no encontro de “pedras” instigantes, na relação com obras de outros artistas, na leitura de um pensador, no encontro de uma solução para um problema, na correção de um erro, no acolhimento do acaso etc. (SALLES, 2006, p. 152)

Como Cecília Almeida Salles nos afirma, se a criatividade não está restrita a um lugar, e esses momentos criativos e sensíveis podem estar espalhados ao longo do processo, o que é então? Um estado? Um ato? Um instante? Ou então, uma vida inteira? Muitas perguntas ainda. Mas venho pensando na criação como caminho, trilha, travessia, percurso para chegar, mesmo que esse lugar final não exista. Ou talvez exista, só não conseguimos ver de antemão: o destino só percebemos durante a caminhada, com um passo depois do outro, em que somos transformados e transformamos o caminho. Seria como olhar para a linha do horizonte, mirar e tentar chegar até ela, mesmo sabendo que nunca vamos tocá-la de perto?

Edith Derdyk, ao trazer a linha do horizonte¹²⁷ como imagem do ato criador, amplia as formas de ver esse percurso.

Onde anunciar seu ponto de chegada? Onde iniciar seu ponto de partida? Quero alcançar e agarrar esta linha impalpável. Tal como uma lâmina incandescente, a linha de horizonte cinde as superfícies que delinea. Linha mutante que adere, modela e se impregna dos montes serrilhados, dos vales em U, das planícies descampadas, das florestas rebuscadas, dos oceanos abismais, dos desertos movediços, das cidades inventadas, das paisagens. (DERDYK, 2012, p. 11)

Assim, a caminhada até a linha do horizonte seria uma imagem possível para o processo de criação? Uma linha que miramos, mas não conseguimos alcançá-la? Acredito que tudo isso está presente nas entranhas da criação, nos desejos e nas intenções que nos movimentam para o criar.

Sabemos que nunca chegaremos até essa linha e mesmo assim nos movemos para encontrá-la. Poder ver mais de perto, olhar as paisagens, o pôr do sol sob outro ângulo, o ambiente a se modificar, é tentador e nos incita à

¹²⁷ Edith Derdyk, artista e educadora, traz essa reflexão no livro *Linha do horizonte*, Intermeios, 2012.

ação. E tudo isso não faz sentido? Afinal, o que é essa linha? “A linha de horizonte, traço inventado pela nossa visão, não existe. A quem pertence: ao céu? Ao mar, à terra?” (DERDYK, 2012, p. 12).

É o caminho que importa.

O destino, saberemos só quando chegarmos em algum lugar, ou lugares – aqui entendido como tudo que possa existir dentro e fora de cada um.

Caminhando, saberá. Andando, o indivíduo configura o seu caminhar. Cria formas, dentro de si e em redor de si. E assim como na arte o artista se procura nas formas da imagem criada, cada indivíduo se procura nas formas do seu fazer, nas formas do seu viver. Chegará ao seu destino. Encontrando, saberá o que buscou. (OSTROWER, 2014, p. 76)

Dessa forma, como nas palavras da artista Fayga Ostrower, a busca está na constante ação de nos movermos. Um caminhar no gerúndio, que me remete a outra artista brasileira e que contribuiu muito para os estudos em processos de criação, Lygia Clark. Com a proposta “Caminhando”¹²⁸, ela amplia os horizontes da arte, trazendo o espectador como participante para a obra.

Na proposição, como ela mesma chama, Lygia convida que cada um produza uma fita de Moebius e vá cortando com a tesoura. Neste ato, o participante tem que decidir que caminho seguir, se irá de um lado ou de outro. Não há como prever o gesto, é uma decisão do momento, do instante, da presença, do improvisado.

Nas palavras de Lygia:

Faça você mesmo um “Caminhando”: pegue uma dessas tirar de papel que envolvem um livro, corte-a em sua largura, torça-a e cole-a de maneira que obtenha a fita de Moebius. Em seguida tome uma tesoura, crave uma ponta na superfície e corte continuamente no sentido do comprimento. Preste atenção para não recair no corte já feito – que o que separaria a faixa em dois pedaços. Quando você tiver dado a volta na fita de Moebius, escolha entre cortar à direita e cortar à esquerda do corte já feito. Esta noção de escolha é decisiva. O único sentido dessa experiência reside no ato de fazê-la. A obra é o seu ato. À medida que se corta na faixa ela se afina e se desdobra em entrelaçamentos. No fim, o caminho é tão estreito que não se pode mais abri-lo. É o fim do atalho. (CLARK, 1980, p. 25-26)

¹²⁸ *Caminhando* é um trabalho de 1963. “‘Caminhando’ é o nome que dei à minha última proposição. Daqui em diante atribuo uma importância absoluta ao ato imanente realizado pelo participante. O ‘Caminhando’ leva todas as possibilidades que se ligam à ação em si mesma: ele permite a escolha, o imprevisível, a transformação de uma virtualidade em um empreendimento concreto” (CLARK, 1980, p. 25).

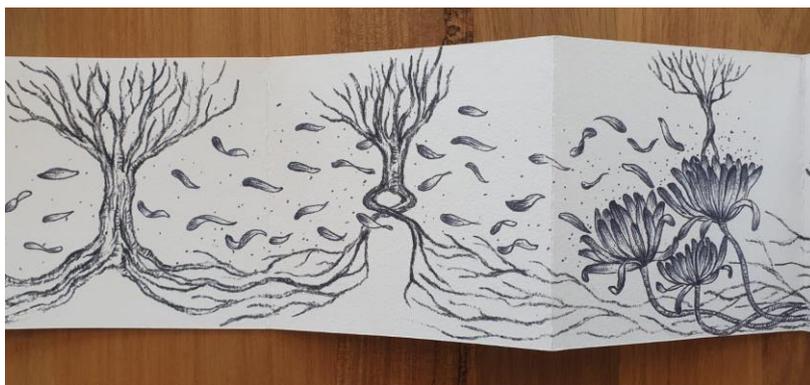
Com esta proposição artística, Lygia nos traz o valor do momento: “É no instante em que pratica o ato que o espectador percebe simultaneamente o sentido de sua própria ação” (CLARK, 1980, p. 28).

E não à toa, o trabalho traz a ação para o gerúndio: caminhando. É no fazer que você descobre o seu próprio caminho e as decisões serão tomadas no momento da ação, do gesto.

Ou como podemos ver nas imagens do livro *Caminho de volta*¹²⁹, do artista Matheus Crespo, residente em uma cidade no interior do Rio de Janeiro, ao qual vemos um personagem, um galho, que percorre o livro e se transforma nesse caminhar.



¹²⁹ O livro foi produzido de forma independente pelo artista com as técnicas de carvão, caneta esferográfica, tinta nanquim e caneta nanquim. Teve impressão de 150 exemplares.



98, 99 e 100. Detalhes do livro *Caminho de volta*, de Matheus Crespo, Ateliê Matheus Crespo, 2021. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal

Raízes que se unem, paisagens que se transformam, galhos que crescem e árvores que se metamorfoseiam com a passagem do tempo...

E se pensarmos num caminho que se faz ao caminhar? Um caminho que é traçado a cada passo que se dá e que não é possível seguir um roteiro planejado. O próprio caminho é criado com nossas pegadas, no momento que é habitado por nossos pés, ou mãos, e vão deixando marcas. E o que mais me chama atenção neste percurso é que não apenas o caminho é desenhado neste gesto, mas também aquele – sujeito que caminha – é transformado nesta ação de mover-se. (FELTRE, 2021)¹³⁰

Um ser, aqui representado por um pequeno galho que vai crescendo e se modificando enquanto caminha, com isso transformando o próprio percurso. Nós, leitores, desenhamos a leitura: podemos ir para um lado, para o outro, virar, voltar, provocados pela materialidade que o livro nos proporciona. Ler aqui pode ser sinônimo de caminhar.

Assim, nesta pesquisa, o processo de criação é percebido como a própria travessia, trajeto, percurso, deslocamento. O sujeito criador, um ser caminhante. E o lugar, um caminho que se constrói e se desenha nesse caminhar: lugar movediço, um mapa em constante mover-se.

Isso me faz lembrar o livro *Walkscape, o caminhar como prática estética*, do arquiteto italiano Francesco Careri, e o caminhar como parte da nossa trajetória, da nossa história como seres humanos.

O ato de atravessar o espaço nasce da necessidade natural de mover-se para encontrar alimento e as informações necessárias para a própria sobrevivência. Mas, uma vez satisfeitas as exigências primárias, o caminhar transformou-se numa fórmula

¹³⁰ Escrevi este texto a convite de Lillian Araújo, professora e criadora do clube de leitura “Etc. e tal”, em agosto de 2021. “Etc. e tal” é um clube de livros para adultos com enfoque em livro ilustrado, livro-objeto, *flipbook* e livro imagem (ou álbum). Descrição na página do Instagram @clubetc.etal.

simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo.
(CARERI, 2013, p. 27)

Depois, o caminhar passou a ser visto como prática estética¹³¹, uma forma de habitar o mundo e transformá-lo: atravessar e travessia.

Com tudo isso, volto a pensar em Alice, na corrida para a toca do coelho, e desconfio que o próprio despencar pode ser esse lugar da criação, o ato de cair, a própria queda em direção a algo¹³². Um lugar profundo, que pode levar a profundezas desconhecidas, um mergulho, um lugar não lugar específico, aparentemente transitório.

Assim, podemos pensar o próprio estado de se manter no ar como processo de criação? E outras perguntas que surgem: é possível “encontrar horizontes em cada buraco”?¹³³ É possível olhar para a queda como lugar, estado de atravessamento? A criação torna-se um lugar para estar, pesquisar e viver?

Atravessamentos ao fazer livros

*Atravessa
A trave é essa
Menina travessa...
Olha os sóis
Os corações são*

¹³¹ “Hoje se pode construir uma história do caminhar como forma de intervenção urbana que traz consigo os significados simbólicos do ato criativo primário: a errância como arquitetura da paisagem, entendendo-se como o termo paisagem a ação de transformação simbólica, para além de física, do espaço antrópico.” (CARERI, 2013, p. 28)

¹³² Abro um espaço para dialogar com o exercício proposto na pós “O livro para a infância”, na Turma VII. Em uma aula de sábado, “Saberes da experiência”, Cristiane e eu convidamos as estudantes a criarem algo como a toca do coelho, a pensar sobre esse espaço. Acredito que viver essa experiência com elas foi fundamental para as reflexões que descrevo, contagiada pelas imagens e conversas que suscitaram desse exercício:

“(...) E lá se foi Alice, descendo atrás do Coelho, sem jamais considerar como faria depois para sair dali. A toca seguia reta como um túnel, porém afundava de repente, tão de repente, que Alice, sem perceber, acabou mergulhando num poço profundo.

Ou o poço era realmente muito profundo, ou ela caía muito devagar, aproveitando para olhar em volta a perguntar o que haveria de acontecer em seguida. Como o fundo do poço era muito escuro, ela passou a observar com mais atenção as paredes, percebendo que estavam cheias de guarda-louças e estantes, além de alguns mapas e quadros pendurados aqui e ali (...)”, trecho de *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, tradução de Nicolau Sevchenko, ilustrações de Luiz Zerbini, Cosac Naify, 2009. E para você, quando está na toca e cai nesse poço, nesse buraco...

- 1) QUEM É O SEU COELHO?
- 2) O QUE VOCÊ VÊ QUANDO ESTÁ CAINDO?
- 3) NO QUE VOCÊ SE SEGURA?

¹³³ Inspirada na frase “Veja que horizontes você encontra em cada buraco”, do livro *Pequena coleção de insignificâncias*, Thiago Cohen e Tanto Criações, 2019.

Os corações estão
Aqui...
Jaqueline Ortiz

atravessar
pôr ao través
passar através de
cruzar
pôr adiante
intrometer-se
Priscila Ballarin e Julia Santalucia

A palavra *travessia* apareceu na minha vida com presença em 2019, durante uma das aulas da pós-graduação “O livro para a infância”. Uma das estudantes e um papel de embrulho com a palavra travessa. Ela me disse que ia fazer um livro a partir dessa palavra e que, no momento, estava vivendo algo particularmente forte: a travessia maior, passagem da vida de um familiar próximo. “Levei vários materiais que minha filha separou, mas optei pelo mais fácil, recortar um envelope branco e vermelho da livraria A Travessa (porque gostei do A Travessa, *Atravessar* era minha ação) e fazer colagens dentro” (ORTIZ, 2019).

Perceber a dimensão da palavra na vida dessa estudante foi assombroso para mim. Acompanhar o processo dela de lidar com algo tão intenso – a passagem de um ente querido que estava transitando entre a vida e a morte – me fez encontrar com a travessia de uma outra forma. Percebi a vida como uma grande travessia. Durante os cinco encontros com a turma, vivemos essa passagem, essa transitoriedade, essa dor, esse enfrentamento de lidar com um dos mais difíceis atravessamentos da vida.

De tanto Amor
Precisou Transformar-se
Em AVES
sssssssssSssssssssssssss
para voar
(ORTIZ, 2019)

Isso ficou comigo. No momento, só lembro que fiquei muito marcada com a dimensão de tudo que ela trazia, a intensidade daquilo e que eu talvez nem conseguisse alcançar. Como criar um livro que pudesse expressar toda a profundidade daquele momento? Foi algo que me atravessou.

Acordada, a palavra travessia foi aparecendo com frequência em vários momentos da pesquisa: comecei a relacionar com criação: travessia e criação. Criação e travessia. Criação como travessia...

Vários experimentos surgiram, embevecida que eu estava com essa palavra em diálogo com outras.

Essas combinações começaram a fazer sentido para mim e apontar caminhos para a pesquisa, novos rumos de pensamentos.

Intuitivamente, naquele primeiro instante, não imaginava o quanto esse envolvimento com a palavra travessia iria me atravessar. Comecei uma pesquisa em busca de escovar a palavra, como nos diz a professora Luiza Christov. Em uma brincadeira de juntar as letras que compõem travessia, o que encontro? Atravessar, através, versar, asas, teia, arte, arar, vestir, sair, ter, terra, era, trave, ar, ir, ver.

Será que elas me dizem algo?

Segundo o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, as palavras travessia e atravessar derivam da mesma origem, *través*, do latim *trasverse* (CUNHA, 2010, p. 647).

No projeto “Travessias na fronteira”¹³⁴, encontro informações que ampliam o meu pensamento:

Tra.ves.sia, ato de atravessar, se deslocar de um ponto a outro. Etimologicamente a palavra travessia origina do latim, radical - *trans* de “através, o que cruza” e - *versus* de “virar, fazer dar volta”. Assim como outras palavras do mesmo radical, travesso (criança que “vira”, se torna inquieta, bagunceira), transversal (linha “girada”, oblíqua, que cruza). Podendo inferir também que atravessar é virar do avesso, virado para fora.

A travessia depende sempre de um coletivo, ou de alguém que atravessa algum lugar, território, pensamento ou que é atravessado por outros *afectos*.

¹³⁴ Projeto Travessias na fronteira, da Universidade Federal de Pelotas, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. “O projeto de pesquisa ‘TRAVESSIAS NA LINHA DE FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY: controvérsias e mediações no espaço público de cidades-gêmeas’, tem como objetivo geral: investigar o uso do espaço público da linha de fronteira Brasil-Uruguay, definido pelas cidades-gêmeas (Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Aceguá-Aceguá, Santana do Livramento-Rivera, Barra do Quaraí-Bella Unión e Quaraí-Artigas), utilizando como metodologia a ‘cartografia urbana’; com a intenção de mapear esses fenômenos urbanos próprios da contemporaneidade e contribuir para projetos futuros de políticas públicas integradoras e leituras mais heterogêneas de regiões fronteiriças.” Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/travessias/travessias/>. Acesso em: 28 set. 2022.

Nessa definição de travessia, coletada do material de um projeto desenvolvido na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pelotas, me chama atenção a dimensão do coletivo, que me faz pensar em todas as pessoas que colaboraram para a pesquisa, as estudantes que participaram das aulas e oficinas, enfim, todas as pessoas, que direta ou indiretamente, fazem parte desse corpo coletivo e que se abriu a experienciar uma travessia. Só dessa forma a pesquisa se torna uma pesquisa-travessia.

E para minha surpresa, ao rever o caderno das aulas, entre as minhas anotações do primeiro encontro na disciplina “O objeto livro”, na pós “O livro para a infância”, releio a minha escrita e encontro ela, a travessia.

Difícil adentrar nesse espaço-tempo da criação, do afeto, do perigo. É mesmo um movimento de **travessia**. Sair de um estado e entrar em outro. Há uma transição. Um momento, que.... sei lá. Acontece. “Quando vi, já estava fazendo um livro, cortando tecidos, pegando linhas, lãs, papéis de cartas (...)”
Nesse nosso espaço e tempo criados para que a experiência tivesse lugar, as pessoas permitiram que seus corpos (quentes, confortáveis da sala familiarizada), pudessem “sair” literalmente, penetrar/adentrar/transportar/ migrar/atravessar o ambiente frio, duvido de algo desconhecido (...) (Caderno de aula – Relato de 27/04/17, durante a insônia de um dia cheio)

Assim, vemos a palavra atravessar conectada a *travessia*. Atravessar como deslocamento de um ponto a outro, percorrer, que pode ser entendido tanto em relação ao espaço físico, ou seja, pode ser de um local a outro como relatado acima (de uma sala a outra), como também interno, em que o atravessamento ocorre em nós como sujeitos. Dialogando com as palavras do filósofo espanhol Jorge Larrosa, quando se refere à origem da palavra experiência, temos:

A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. (LARROSA, 2014, p. 26- 27)

Para o autor, “a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo” (LARROSA, 2014, p. 27).

Penso a experiência como um dos fundamentos da pesquisa, em que considero os encontros artísticos e os momentos de criação de livros como possíveis experiências. “A experiência não é uma realidade, uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida” (LARROSA, 2014, p. 10). Por isso é tão difícil pensar os momentos artísticos como experiências, porque sim, não podemos prever, podemos criar possibilidades para que a experiência aconteça, mas sempre existe algo do misterioso e do impalpável, como os próprios processos de criação.

E Larrosa complementa:

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então somente então, se converte em canto. (LARROSA, 2014, p. 10)

Abro um parêntese aqui para discorrer sobre o canto trazido por Larrosa. Se pensarmos nele como forma, ou expressão da experiência, gostaria de pensar no livro criado pelas estudantes e participantes desta pesquisa como esse canto, como voz ao que sentimos e reverberamos em gestos, como materialidades que ressoam subjetividades, com seus ritmos, melodias, entonações, vibrações e tons. “E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos” (LARROSA, 2014, p. 10)¹³⁵.

Canto como o livro da Jaqueline, um livro-experiência, um sopro ao que estava vibrando, reverberando, transbordando. E assim, retomo Fayga Ostrower novamente: “Criar é tão difícil ou tão fácil como viver. E é do mesmo modo necessário” (OSTROWER, 2014, p. 166).

¹³⁵ “Em algumas ocasiões, esses cantos de experiência são cantos de protesto, de rebeldia, cantos de guerra ou de luta contra as formas dominantes de linguagem, de pensamento e de subjetividade. Outras vezes são cantos de dor, de lamento, cantos que expressam a queixa de uma vida subjugada, violentada, de uma potência de vida enjaulada, de uma possibilidade presa ou acorrentada. Outras são cantos elegíacos, fúnebres, cantos de despedida, de ausência ou de perda. E às vezes são cantos épicos, aventureiros, cantos de viajantes e de exploradores, desses que vão sempre mais além do conhecido, mais além do seguro e do garantido, ainda que não saibam muito bem aonde.” (LARROSA, 2014, p. 10)

Se expandirmos a ideia de travessia, podemos pensar nesse canto, ou nessas formas expressas de experiências, não só restrito ao ambiente da arte? De onde vêm outros cantos, outros dizeres?

Como Fayga nos diz: “O vício de considerar que a criatividade só existe nas artes, deforma toda a realidade humana” (OSTROWER, 2014, p. 39).

Desse modo, se considerarmos então a criação e a criatividade como características presentes em outros fazeres e gestos de cada um e não somente àqueles que trabalham com arte, que tipo de criação estamos falando? É possível percebermos gestos criativos expressos no dia a dia de cada pessoa?

Para Fayga,

Seja qual for a área de atuação, a criatividade se elabora em nossa capacidade de selecionar, relacionar e integrar os dados do mundo externo e interno, de transformá-los com o propósito de encaminhá-los para um sentido mais completo. [...] Ao transformarmos as matérias, agimos, fazemos. São experiências existenciais – processos de criação – que nos envolvem na globalidade, em nosso ser sensível, no ser pensante, no ser atuante. *Formar é mesmo fazer*. É experimentar. É lidar com alguma materialidade e, ao experimentá-la, é configurá-la. Sejam os meios sensoriais, abstratos ou teóricos, sempre *é preciso fazer*. Enquanto o fazer existe apenas numa intenção, ele ainda não se tornou forma. (OSTROWER, 2014, p. 69)

É o que vimos nesse percurso, o quanto cada uma e cada um ia se configurando nesse fazer, se conhecendo nesse processo.

Visto tudo isso, se pensarmos não no *lugar da criação*, mas a *criação como lugar*, e esse lugar pensado como um caminho, uma travessia, um deslocar-se, acredito que não exista um tempo exato para ele acontecer. Entendo que ele pode estar diluído em qualquer momento do dia a dia, em gestos simples, que muitas vezes nem os percebemos como atos criativos.

Foi por esse caminho que Maristela Rodrigues, artista e professora do Instituto Federal de Jacareí, a partir da sua fala durante um encontro do Grupo Focal, trouxe grande contribuição para a pesquisa.

Criação para mim não é um privilégio da arte. Eu fui inventando, sem pensar mesmo, espaços de criação quer que fosse no arranjo das plantas em casa, na disposição das hortaliças, enfim, nesses espaços de invenção que eu acho que são múltiplos na vida da gente. Quando você vai fazer a macarronada que é receita da sua avó e você se abre à experimentação de outros temperos, de outra sequência na

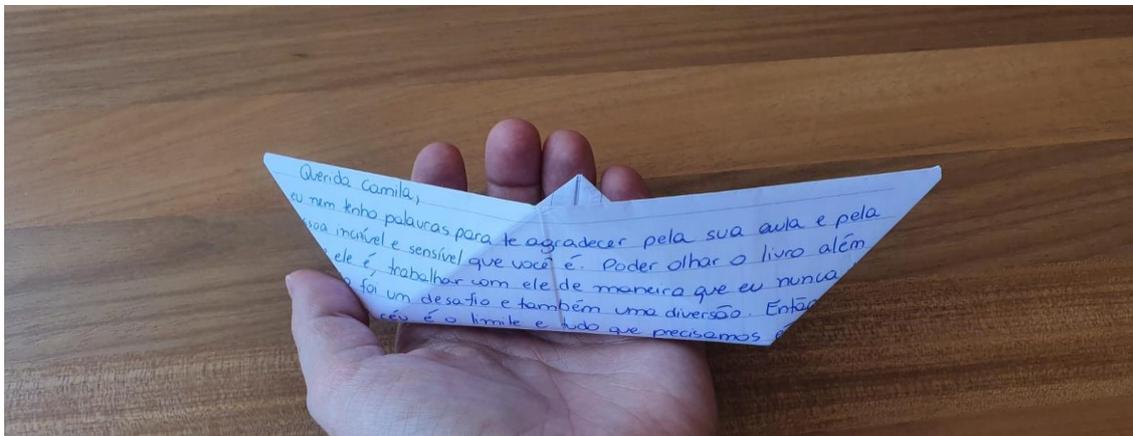
formulação da receita. [...] As coisas se abrem de diferentes formas. (informação verbal)¹³⁶

Assim, “a criatividade é inerente à condição humana” (OSTROWER, 2014, p. 53), e pode ser encontrada em diversos gestos do dia a dia.

Quero destacar aqui as professoras e professores que criam e inventam formas cotidianamente de exercer o seu ofício, que são criativas em várias escolhas que perpassam a sua rotina. Isso pode se dar na maneira que conduzem o encontro, na escolha dos materiais, na forma que pensam a sala de aula ou o espaço, na mediação que realizam com os alunos, na entonação da voz durante uma leitura, na conversa, na escuta...

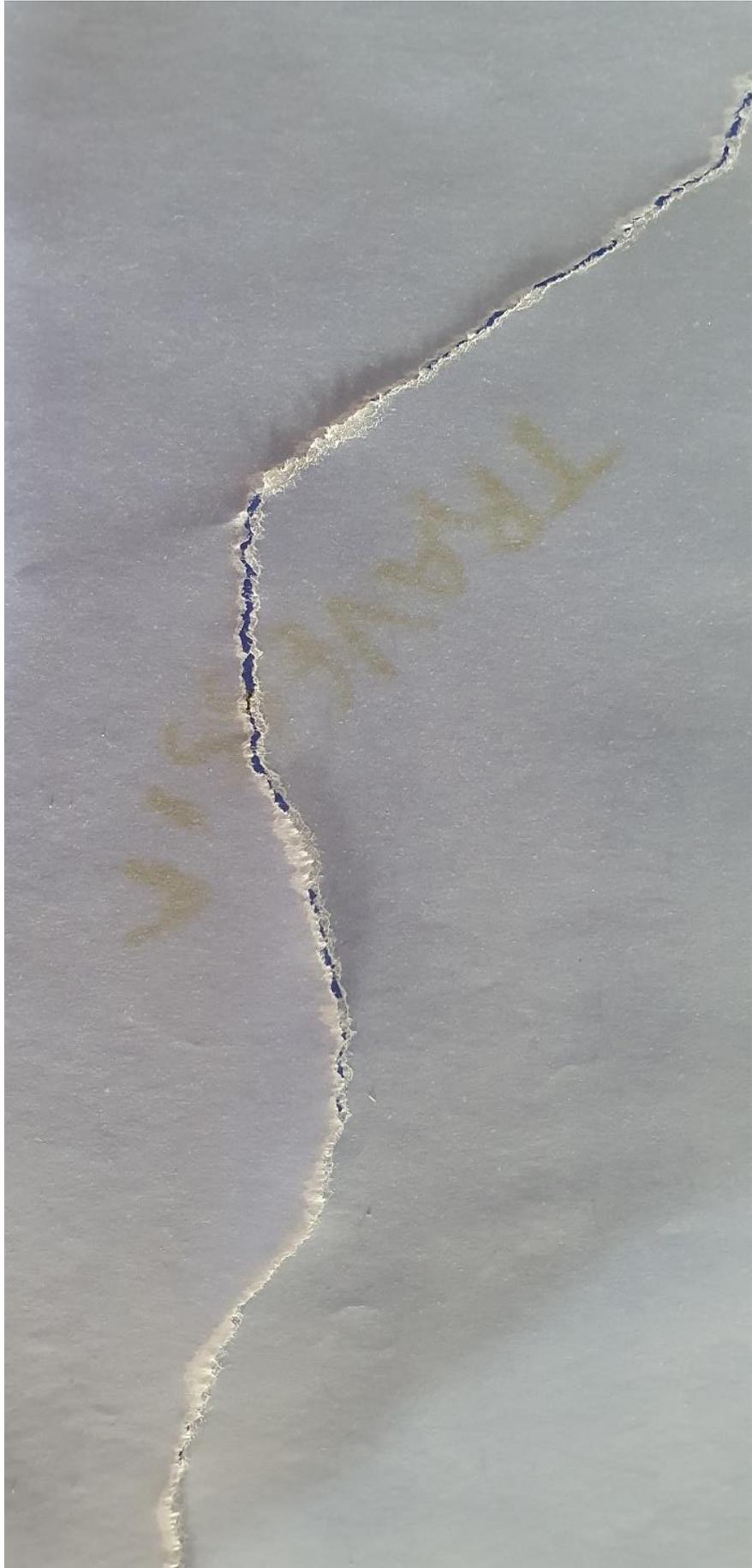
Como Edith Derdyk nos traz essa frase sobre a importância dos arte-educadores se verem como criativos: “É fundamental que o arte-educador reconheça em si a capacidade de exercer o ato criativo de forma tão natural quanto comer, dormir e sonhar” (DERDYK, 2020, p. 17).

Por tudo isso, esta pesquisa convida a olharmos a vida como criação, travessia fundante.



101. Carta escrita por Mariana Tavares, da Turma VI da pós “O livro para a infância”, 2019. Fotografia de Camila Feltre. Acervo pessoal

¹³⁶ Informação fornecida por Maristela Rodrigues no grupo focal realizado em 16 de junho de 2020.



INFÂNCIA, CRIAÇÃO E SEUS DEVIRES

Carta de Claudia Malaco

Filha,

Quando comecei a fazer esse livro foi pensando nas marcas que uma superfície poderia deixar no papel mas logo me veio em mente as marcas subjetivas que nos grava a vida...

Pensei que você vai carregar para sempre minha marca genética e eu sempre vou carregar as marcas que você vai deixando em mim a cada coisa linda que vai vivendo ao meu lado.

Vários desses momentos íntimos foram andando na rua para te levar à escola... momentos em que eu me permitia atrasar para estar mais com você e que você me fazia ver, no caminho cotidiano, as sutilezas das mudanças das passagens.

Dias de flores amarelas no chão, de sementes voadoras, de perfumes ou cheiros de combustível de ônibus... dos barulhos das motos que te assustam e que te fizeram tantas vezes grudar na minhas pernas...

Todas essas marcas que, se não nos atentarmos, não conseguimos ver beleza você me fazia enxergar...

Então quis marcar esse caminho cotidiano neste livro, olhando e gravando íntimas e íntimas belezas no papel, lembrando conversas, imprimindo na pele do livro essa memória... Memória de caminhararmos juntas!

da sua Mamã

103. Carta de Claudia Malaco, estudante da Turma IV da pós-graduação “O livro para a infância”. São Paulo, 2019.
Leitura gravada em setembro de 2022.
<https://youtu.be/68A09CQA8as>



Carta de Andreia Quaresma

São Paulo, 09 de abril de 2019

Ola! Caro Aluno

Escrevo essa carta para te dizer o quanto você foi importante para mim, o quanto suas descobertas e olhar infantil me fez aprender e me desenvolver como profissional da educação.

Sabia que um dia como um outro qualquer você chamou a minha atenção para uma pequena borboleta, uma borboleta que estava na sua imaginação e eu com meu olhar de adulto a principio não encherguei, foi quando você com todo seu encantamento me envolveu na sua ludicidade e me fez enxergar a pequena borboleta, desde então eu posso ver toda a cor e a beleza que a infância tem. Hoje quero agradecer por ter feito parte desse meu dispetar e por ter possibilitado mais caminhos em minha jornada na educação, quero também dizer que me sinto muito feliz em ter feito parte de sua vida e de alguma forma ter ajudado em seu desenvolvimento.

Espero que hoje você seja um adulto ainda encantado com a vida e que todas as suas experiências da infância tenham ajudado em suas conquistas, desejo que você passe aos seus filhos a importância que o estudo tem, desde a tenra infância.

A muito tempo atrás, fiz um livro baseado em minha experiência com você, a construção deixou marcas, marcas essas que farão parte de minha vida eternamente. Bom seria se muito mais pessoas dessa área da educação também tivessem essa possibilidade ou se deixassem embalar por momentos tão importantes.

Me despeço, mais uma vez agradecendo por tudo.

Sua eterna professora:
Andreia Quaresma

104. Carta de Andreia Quaresma, estudante da pós-graduação “Docência na educação infantil”. São Paulo, 2019. Leitura gravada em agosto de 2022.
<https://youtu.be/kq7-1LeWmL4>



Carta de Ananda Luz

Santo Antônio de Jesus, 29 de julho de 2021.

Camila,

Lembro-me de ter dito, certa vez, em algum bate-papo ou aula, que eu não fazia a pós sozinha, que a minha casa fazia junto. Nesse exercício não foi diferente, minha casa se embebeceu com a atividade que começou bem antes da proposta. Porque estamos tão imersas – nós, gente da pós – nos universos dos livros que muitas vezes não sabemos dizer onde começa e onde termina. Acredito que aqui na minha casa não é diferente das demais. Em todas as casas, os livros que discutimos, as atividades propostas, que fazemos ou não, afetam muito mais do que a pessoa que aparece no retângulo às quintas. Afeta o companheiro que faz um chá para assistirmos a aula menos cansadas depois do trabalho; a companheira que ouve porque esquecemos de colocar o fone – propositalmente, pois já usamos o dia inteirinho em reuniões ora chatas, ora até legais, mas cansativas; a criança que insiste em não dormir enquanto houver tela ligada; as mães, as avós, os pais, os avôs que ouvem nossas nossas histórias sobre as aulas, mesmo que pareçam que não. A pós trans-passa a forma geométrica que a tecnologia distante nos entrega e ganha formas mil em muitas de nós, gente que se encontra com gente de corpo e alma.

Acho que o meu livro nasceu assim! Comecei um, findéi, não gostei da encardenação que fiz e abandonei. Para sempre? Ainda não sei, mas me dei o direito de abandonar. Comecei outro, não findéi. Esse segundo porque minhas janelas me chamaram para o começar. Tenho que dar uma pausa para contar que com a mudança em plena pandemia não tive coragem de sair para comprar alguns utensílios que a casa nova necessitava. Muitos comprei pela internet, mas as cortinas não consegui. Tentei entrar nas lojas da cidade, mas toda vez estavam entupidas de pessoas. Tive medo, pânico e nunca consegui passar da porta. Mentira, teve um dia que entrei, mas o fato de algumas pessoas estarem com os narizes aparentes me deu uma falta de ar. Talvez um ataque de pânico, não sei, tem sido difícil identificar essas sensações que poderiam ser passageiras, mas fazem meses, mais que ano, são permanentes. A solução para minha janela foi o livro doado para o projeto que desenvolvía de empréstimo de livro na rua da minha casa. Era um livro muito

velho e foi retirado da mini-biblioteca. Tarsila pediu para ser seu caderno de bruxa, ela foi convocada pela escola de Hogwarts e precisava de materiais escolares. O livro logo se despaginou e ela desistiu dele. Mas as páginas soltas fomos colando nas janelas, aos poucos, numa sexta de noite, brincando, tomando vinho, suco, nós três, eu-ela-ele. Essa brincadeira durou o fim de semana, e na segunda-feira de tarde já podíamos sentar na sala sem que o Sol nos castigasse. Tudo por causa das folhas amareladas de Graciliano Ramos. As outras páginas que sobraram, algumas foram para o lixo, outras encontramos palavras, recortamos para pintar e colar, brincamos.



O outro livro que não findei são páginas de Graciliano que, ao serem rabiscadas e pintadas, comunicavam outras coisas. Algumas até poesia viraram, outras palavras para alguém-eu refletir. Esse faltou encardonar. Acho que preciso melhorar nisso. Nesse momento, já havia nascido um livro inteiro da Tarsila, sobre o não ver e os sorrisos guardados. Ela usou uma caixa de óculos velha, fez um vídeo e compartilhou com a família, está mais adianta que eu que só fiz isso hoje. Ela também inciou um outro livro não terminado que nomeou "um livro de verdades boas a serem contadas".



O meu livro, que apresento no *drive*, nasceu depois da terceira aula da Aline Abreu, quando ela falava de simetria e equilíbrio e mostrava bolinhas fora do lugar, Malevich, Rubem Valentim e Mondrian. Confidencio que as aulas dela foram bem difíceis, muitas vezes me senti perdida, e durante as aulas ia para outras dimensões. Lógico que não foi diferente nessa terceira aula, na qual nasceu o livro. Lembro-me somente dela dizendo que simetria não era equilíbrio. E na mesma hora rumei para os anos de escolas e as aulas de simetria, pensei o quanto o nosso corpo, ensinado ser simétrico, não é um equilíbrio. Relembrei daquela atividade de pintar de um lado do papel, juntar e do outro lado sair "igual". Rememorei os origamis e rumei para pensar o quanto somos corpos em desequilíbrio. Cheguei até a música da banda Eddie "Desequilíbrio" e fui ler a letra, no meio da aula, embarquei em muitas questões provocada pelo equilíbrio e simetria da Aline Abreu e do desequilibra / desequilíbrio da música que a aula findou e nem percebi... dormi e sonhei. Acordei como de costume às 5h e mergulhei nos papéis e tintas ainda espalhados pelo escritório. Assim nasceu o meu livro "(Des)Equilíbrio em Simetria", que ainda não sei se é de artista, mas essa é outra carta.

Gratidão pela experiência.

Até sábado

Ananda Luz

105. Carta de Ananda Luz, estudante da Turma VII da pós-graduação "O livro para a infância". Santo Antônio de Jesus (BA), julho de 2021.

Leitura gravada em setembro de 2022.

<https://youtu.be/Qo3mhnBexWo>



Carta à Luiza¹³⁷ – Processo de criação e as infâncias



Nesse encontro com as subjetividades, muitos nomeiam como infância a busca pelo encontro de si. Por isso, esta carta é para você, Luiza, que nos ensina tanto sobre olhar para a infância e para a pesquisa, e hoje, escrevendo e refletindo, percebo como esses pensamentos que envolvem um em outro estão conectados.

Trago aqui uma reflexão a partir do que pude aprender na pós “O livro para a infância”, ouvindo suas aulas, impactada pelo texto “O enigma da infância”, de Jorge Larrosa (e que agora ganha outros sentidos), a partir da minha experiência como arte-educadora que sempre esteve próxima às crianças e, principalmente, lendo as cartas e refletindo sobre o quanto a infância está presente, de diferentes formas, perspectivas e pontos de vista nos percursos criativos.

Por ser uma pesquisa que trata sobre processos de criação e percebendo o papel da infância como interlocutora fundamental, me pergunto: como o processo de criação está atrelado ao pensamento e ao conceito sobre infância? Como dialogam? Como o processo de criação e a infância se encontram?

A partir das escritas das cartas, percebo que a infância aparece como tema recorrente. Nas aulas da pós “O livro para a infância”, estamos pensando a todo momento sobre as infâncias que habitam os livros, ou que os livros nos convidam a olhar, como as infâncias estão representadas. Nas oficinas em que convido as pessoas a fazerem livros, trago muitos livros para a infância como inspiração, então esse é um dos fundamentos também do meu trabalho. Não só porque alguns desses livros têm a materialidade presente na narrativa – meu recorte durante muito tempo –, mas também por terem alguma profundidade que pode ser fundamental para o encontro. Ou seja, “o livro para a infância

¹³⁷ Luiza Christov é professora assistente doutora aposentada da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, onde também coordena o grupo Roda Língua. É professora n’A Casa Tombada e atua com formação de professores em diversos espaços. Organizou o livro *Narrativas de educadores: mistérios, metáforas e sentidos*, em 2012.

como mediador de encontros”, que é o que venho também aprendendo a nomear, na parceria com Cristiane Rogerio.

Encontro a infância que é rememorada nos gestos das mãos e nas lembranças do que aprendemos com os mais velhos. Encontro com situações escolares vividas na infância que provocaram incômodos, desafios, trazem sensações do que aquele tipo de material pode provocar.

Descubro que a infância é trazida como lugar de acontecimentos, como diversão, permissão para brincar, experimentar. A experiência de sentar-se no chão para recortar, colar, desenhar ou revisitar materiais que não eram mais parte do cotidiano torna-se um convite à brincadeira, algo que é associado geralmente à fase da infância. Percebo, em muitos momentos, uma entrega das estudantes, um deslocamento de seus lugares de professoras, editoras, ilustradoras que se permitiram viver a brincadeira, o não saber o que vai dar, o se desafiar. Despindo-se muitas vezes do controle, da intenção predeterminada de um objeto finalizado. E o que isso tem a ver com a infância?

Percebo que muitas professoras, principalmente das turmas que lecionei na FMU e que cursavam a pós “Docência do ensino infantil”, pensavam nas crianças com as quais trabalhavam em vários momentos do processo de criação. Ou seja, traziam elas como leitoras diretas para o livro que produziriam, pensando como poderiam tocar, manipular, quais assuntos iriam gostar de encontrar. E assim surgiram perguntas como: O que interessa de fato a uma criança? Para fazer um livro, precisamos focar nelas? O que é mesmo que uma criança quer quando abre um livro? Como chamar a atenção delas com uma história, ou uma experiência? Mas o que faria com que elas se surpreendessem? Li inquietações sobre o fazer livros para as crianças, como seres que têm características próprias, olhares e interesses sobre o mundo.

Encontrei estudantes que, em contato com a criança, descobriram um outro tempo de criação, de apreciação e fruição da vida. Andreia Quaresma trouxe na sua carta o olhar poético que seu aluno lhe ofereceu, convidando-a a olhar as sutilezas do seu cotidiano. Claudia Malaco, estudante da Turma IV, revelou na sua carta um olhar em parceria, que se dava na construção diária com a filha. Muitas estudantes se juntaram às filhas para criarem, buscando um olhar deslocado, talvez como uma pausa no cotidiano, abrindo-se para o novo, para o devir, um olhar inaugural, segundo Jorge Larrosa.

Compreendendo a infância como um outro, que nos desloca dos papéis de adultos detentores do poder e saber para alguém que vai ao encontro do desconhecido, recorro a Larrosa:

Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. (2013, p. 184)

Acho que por isso associamos os processos de criação à infância, e muitas vezes os artistas são comparados às crianças e vice-versa. Há uma liberdade de criação que a criança tem por natureza própria, quando não moldada para responder a expectativas. Esse gesto no mundo sem intenções previamente definidas é algo que caracteriza a infância. E quando nos abrimos aos processos de criação, isso surge: a abertura para o novo, para a inquietação, para o questionamento e vazio, que Larrosa nos aponta.

Muitas vezes não é um processo fácil, muitas vezes nos vemos na encruzilhada de nos permitirmos ao desconhecido ou nos enraizarmos nas certezas que aparentam trazer segurança e previsibilidade. Ir ao encontro do incerto e duvidoso é difícil, há riscos de se perder e encontrar algo que não estava nos planos. Encontros consigo mesmo, por assim dizer.

Isso tem relação com a pesquisa que tanto priorizo nos processos de criação. Percebemos nas brincadeiras das crianças o quanto estão investigando o mundo, criando, experimentando possibilidades, testando materiais... Isso tudo é pesquisa, “criar é investigar o desconhecido. A curiosidade está sempre presente” (HOLM, 2004, p. 88). Curiosidade e pesquisa caminham juntas, isso é o que eu mais aprendi com você, Luiza.

Só na espera tranquila do que não sabemos e na acolhida serena do que não temos, podemos habitar na proximidade da presença enigmática da infância e podemos nos deixar transformar pela verdade que cada nascimento traz consigo. (LARROSA, 2013, p. 196)

Findo esta carta com a pergunta: como estar diante desse novo, desse lugar de vazio, não saber? Ou como me manter sempre como apanhadora de desperdícios?

O apanhador de desperdícios

Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão
tipo água pedra sapo.
Entendo bem o sotaque das águas.
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que as dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
Sou um apanhador de desperdícios:
Amo os restos
como as boas moscas.
Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.
Porque eu não sou da informática:
eu sou da invencionática.
Só uso a palavra para compor os meus silêncios.
(BARROS, 2003, caderno IX)

Carta à Maria, minha filha – Para não encerrar

À Maria, minha filha

A você, que ainda não viu o mundo, só ouviu, sentiu por meio deste corpo que a/o abriga, o que dizer a você sobre este mundo que a espera para nascer? O que eu aprendi nesse fazer/gestar uma pesquisa, narrar uma história de vida, ou de várias, ao mesmo tempo que gestava um pequeno ser que viria ao mundo?

Um misto de encerramento de um ciclo e criando espaço e tempo para algo nascer: uma mãe, uma filha, uma família, uma casa que a espera e tudo o que eu não sei e nem posso nomear ainda.

Posso te dizer, filha, que foi um processo intenso, vivi experiências profundas com as pessoas, li suas histórias, cheguei perto das suas famílias, das suas casas, seus espaços de criação, seus fazeres, acompanhei projetos de livros que gravaram em mim narrativas que jamais vou esquecer. Hoje sinto que sou um pouco cada uma dessas linhas que foram escritas e que agora de certa forma me compõem. Como o que aprendi com Isabela Miranda na sua carta, trazendo o poeta Manoel de Barros: “O que é feito em pedaços precisa ser amado”.

E o que então buscava naquelas inúmeras e diversas cartas que recebi? Investigar sobre o processo de criação das pessoas? Compreender quais materiais e materialidades compõem um livro? Como as cartas são escritas de si que narram percursos e processos? Que um livro pode abrigar muito mais que textos, imagens, materialidades, designers, cores e texturas? E, sim, convidam a processos internos e encontros consigo mesmo, sua ancestralidade, com suas histórias, seus transbordamentos e desejos de narrar? Que livros são casas-abrigos de devires? Entender que o meu processo de criação só acontece atrelado às pessoas?

Será que buscava perceber minha pesquisa como um trabalho coletivo em que as minhas escritas, cartas, livros, enfim, todas as produções estão atreladas a um processo conjunto com a de todas as pessoas que também toparam a travessia e que, ao meu convite, permitiram-se atravessar e ser atravessadas pelo processo de criar um livro?

Acho que é tudo isso e muito mais.

Há sempre algo que não conseguimos narrar e assumo aqui também o que escapou, o que não puder ver, nomear e perceber. Há sempre algo que não conseguimos alcançar, filha. Que você também possa aprender isso na vida.

Olho para minha trajetória nesses quatro anos, e é surpreendente me ver contando essa história a você. Ao longo desse tempo, entre tantas coisas que aconteceram, pude perceber como a pós “O livro para a infância” foi fundamental para esta pesquisa. Como ao atuar em um curso de pós-graduação tive espaço para me “fortalecer” professora, pude realizar as oficinas para as turmas e propor a escrita das cartas (o que em outros espaços era muito difícil, principalmente pelo tempo de convivência com as estudantes). Pude reinventar exercícios a cada nova turma, experimentar formas de convidar as estudantes ao fazer, escrever devolutivas das cartas, aprender a propor em encontros online. Enfim, pude criar sendo artista, professora e pesquisadora. Lá também encontrei parceiras e parceiros interessados na pesquisa em torno do livro, que me acompanharam nessa jornada e se mostraram fundamentais. Percebo como A Casa Tombada e a pós foram terrenos férteis para a docência, para as investigações artísticas, para o fortalecimento da pesquisa acadêmica.

Revejo como a experiência da sua avó como professora me levou aos caminhos que percorro hoje. E me descubro em tantas outras, expandindo o ser “professora-artista-educadora” para outras possíveis, que talvez nem sei ainda nomear: “professora-artista-pesquisadora-mãe-narradora-navegadora...”.

Logo você também terá uma história para contar, fará parte de uma família, descobrirá o seu fazer, como suas mãozinhas e corpo vão querer agir neste mundo e qual será o seu gesto.

Estarei aqui, acompanhando seu percurso, criando junto, intervindo de inúmeras formas. Espero poder criarmos essa história juntas, porque a minha história, a partir de agora, será atrelada a sua.

Que você tenha coragem e prazer em descobrir tudo o que este mundo está disposto a te oferecer.

Assim, começo este livro-tese com uma carta a minha mãe e termino com uma carta a você, filha, como um ciclo que não se encerra e se abre a tantos outros.

Com amor

Agradecida pela partilha,
Camila

REFERÊNCIAS

Livros, teses e dissertações

ABREU, Aline Senra Vasconcelos de. **O texto potencial no sistema ecológico do livro ilustrado infantil: palavra-imagem-design**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013, 174f.

AGAMBEN, Giorgio. Genius in: **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALVARES, Sonia Carbonell. **Maragogipinho – as vozes do barro: práxis educativa em culturas populares**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2015.

MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar in **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Graciela Ravetti e Márcia Arbex (Orgs.). Belo Horizonte: Departamento Letras Românicas, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Poslit, 2002.

BALLARIN, Priscila; SANTALUCIA, Julia. **Travessia**. Lisboa: Edição Pequeno Atelier de Livros, 2021.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão (Orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: UNESP, 2009.

BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção: ateliê em movimento**. São Paulo: Jujuba, 2021.

BARNETT, Mac. **Sam & Dave cavaram um buraco**. Ilustração de Jon Klassen. Editora Salamandra, 2016.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo, Planeta, 2003.

BRANCO, Ângela Castelo. **Epidermias**. São Paulo: Dobra Editorial, 2012.

BOJUNGA, Lygia. **Feito à mão**. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

BOJUNGA, Lygia. **Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes**. 2 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

BOSI, Alfredo. **Os trabalhos da mão**. Ilust: Nelson Cruz. Curitiba: Positivo, 2017.

BUENO, Renata. **Autorretrato**. Texto e ilustrações de Renata Bueno. São Paulo: Elo Editoria, 2021.

CASTANHA, Marilda. **A quatro mãos**. Ilustrações da autora. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2017.

CAVALCANTI, Moema; MELO, Chico Homem de; MATSUSHITA, Raquel; MASSARO, Silvia. **Moema Cavalcanti: livre para voar**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2019, 224p.

CARERI, Francesco. **Wakscapes: o caminhar como prática estética**. Trad: Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

CARRIÓN, Ulises. **A nova arte de fazer livros**. Belo Horizonte: C/Arte, 2011.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva (Org.). **Narrativas de educadores: mistérios, metáforas e sentidos**. São Paulo: Porto de Ideias, 2012.

CLARK, Lygia. **Lygia Clark. Textos de Lygia Clark, Ferreira Gullar e Mário Pedrosa**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

COHEN, Thiago. **Pequena coleção de insignificâncias**. Projeto gráfico e ilustrações de TANTO Criações Compartilhadas. Salvador: Associação Conexões Criativas, 2019.

CRESPO, Matheus. **Caminho de volta**. Campos dos Goytacazes: Livro independente, 2021.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 3 ed. São Paulo: Panda Educação, 2020.

DERDYK, Edith. **Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

DERDYK, Edith. **Linha de horizonte: por uma poética do ato criador**. 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

DERDYK, Edith. **Linha de costura**. São Paulo: Iluminuras, 1997.

DERDYK, Edith. **Cifrado**. São Paulo: Edições A, 2014.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

DORRICO, Julie. **Eu sou Macuxi e outras histórias**. Nova Lima: Caos & Letras, 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. Trad: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.

DUCHAMP, Marcel. O ato criador. In: BATTCOCK, Gregory (Org.). **A nova arte**. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 71-74.

DULTRA, Maruzia de Almeida. **Vídeo-cartas (não) filosóficas: percurso de aparição de um corpoimagem**. Tese (Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. 586 f.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Trad: Gilson Cesar de Souza. 27 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FELTRE, Camila. **É um livro...? Mediações e leituras possíveis**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

FELTRE, Camila. **Experiências com livros que exploram a sua materialidade: mediações e leituras possíveis**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, 2015.

FERNANDES, Carol. **Se eu fosse uma casa**. Belo Horizonte: Tuya Edições, 2020.

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2014.

FOCILLON, Henri. **Elogio da mão (livro eletrônico)**. Tradução de Samuel Titan Jr. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2012.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 47 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 68 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GALARD, Jean. **A beleza do gesto: uma estética das condutas**. Tradução de Mary Amazonas Leite de Barros. 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber, 2005.

GREGORINI, Natalia Regina. **Uma história sobre o tempo – o processo de criação do livro ilustrado Madalena**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2020.

GROHS, Caroline. **Os livros de artista de Vera Chaves Barcellos**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. Petrópolis: Vozes, 2019.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.** Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduard; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2015. 207p.

KIRNER, Janice. **Imensidade.** São Carlos/São Paulo: Baleia Edições, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** Companhia das Letras, 2020.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância in **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. 208p.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor.** Tradução Cristina Antunes. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos.** Tradução Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2016.

LEE, Suzy. **A trilogia da margem: o livro-imagem segundo Suzy Lee.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LEE, Suzy. **Espelho.** São Paulo: Cosac Naify, 2009.

LEONEL, Priscila de Medeiros Pereira. **MUSEU DOS AFETOS: Uma cerâmica que afeta, cura e conecta à ancestralidade.** Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2021. 367 f.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva.** Rocco Digital, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LINDEN, Sophie Van Der. **Para ler o livro ilustrado.** Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LORENZETI, Fabiana. **Pensar, fazer e brincar o livro: uma proposta de experimentações de narrativas e materialidades.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização O livro para a infância) – A Casa Tombada,

polo Faconnect, São Paulo, 2021. Disponível em:
<http://biblioteca.acasatombada.com.br/items/show/1777>. Acesso em: 26 set.
2022.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MARTINS, Isabel Minhós. **As mãos e os livros**. Ilust: Madalena Matoso. Carcavelos: Planeta Tangerina, 2019.

MATUCK, Rubens. **Cadernos de viagem**. 1 ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2003.

MECKE, K. R. **A imagem da literatura na física**. Gazeta de Física, Lisboa, v. 27, n. 4, p. 4-14, out. 2004.

MELOT, Michel. **Livro**,. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. **Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da (minha memória)**. Ilustrações de Rogério Borges. São Paulo: Studio Nobel, 2005.

MORAES, Odilon. O livro como objeto e a literatura infantil. In: DERDYK, Edith. **Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas**. São Paulo: Editora Senac, 2013.

MORAES, Odilon; HANNING, Rona; PARAGUASSU, Mauricio. **Traço e prosa**. Cosac Naify, 2012.

MUNARI, Bruno. **Das coisas nascem coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MUNARI, Bruno. **A arte como ofício**. Castelo Branco (Portugal): Presença, 1987.

MUNARI, Bruno. **Fantasia**. Tradução José Jacinto Correia Serra. Lisboa: Edições 70, 2018. São Paulo: Presença, 1981.

MUNARI, Bruno. **I laboratori tattili**. Mantova: Editora Corraini, 2011.

NOVAES, Bruno. **Escola de faz-de-conta**. São Paulo: Ed. do Autor, 2021.

OLIVEIRA, Gabriela Araujo Ferraz. **O design na construção do livro: a coleção particular da editora Cosac Naify**. Dissertação (Mestrado) – Programa de pós-graduação em design, Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

OSSES, Patricia Andrea Soto. **Entre o livro e o lugar**. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- PIVETTI, Michaella. **A fantasia, o design e a literatura para a infância**. São Paulo: Limiar, 2019.
- PRADES, Anita. **Fio de rio**. São Paulo: Editora Livre Conteúdo, 2018.
- PRADES, Anita Novaes. **Trajetórias de um fio de rio: Narrar por imagens no contexto do livro ilustrado**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2019.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **O rio**. Ilustração Camila Carrossine. 2 ed. São Paulo: Global, 2019.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Tradução de Lílían do Valle. 3 ed. 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 192p.
- RIBEIRO, Djamila. **Catas para minha avó**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.
- [ROGERIO] CARVALHO, Cristiane Rogerio. **O livro para a infância: coletivos e potência para a pesquisa**. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, 2022.
- ROSA, João Guimarães. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: Annablume, 1998.
- SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação: construção da obra de arte**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.
- SALLES, Cecília Almeida. **Processos de criação em grupo: diálogos**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.
- SENNET, Richard. **O artífice**. Trad: Clóvis Marques. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- SILVEIRA, Paulo Antônio. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

SILVEIRA, Paulo Antônio. **As existências da narrativa no livro de artista.** Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

SOUSA, Márcia Regina Pereira de. **O livro de artista como lugar tátil.** Dissertação (Mestrado) – Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

TEIXEIRA, Ângela Castelo Branco. **À escrita: um outro se arrisca em ti.** Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2018.

TEIXEIRA, Valquíria Prates Pereira. **Como fazer junto: a arte e a educação na mediação cultural.** Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2019. 194 f.

SICA, Rafael. **Fachadas.** São Paulo: Lote 42, 2017

SIQUEIRA, Giuliano Tierno de. **O narrador: considerações sobre a arte de contar histórias na cidade.** Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2016.

UMBERTO, Eco. **Como se faz uma tese.** Trad: Gilson Cesar de Souza. São Paulo: Perspectiva, 2019.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente: o recado do rio.** 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2020. 203 p.

WASHINGTON, Claudia Teresinha. **Rasgo: a arte de engendrar espaço.** 2019. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019. 221f.

Artigos em periódicos

AZEVEDO, Ricardo. Sobre ficção e utopia. **Revista Rascunho**, ed. 203, mar. 2017. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/2016-Ficc%CC%A7a%CC%83o-utopia-e-literatura.pdf>. Acesso em: 13 set 2021.

CADÔR, Amir Brito. O signo infantil em livros de artista. **PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG** [S.l.], p. 59-72, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15430>. Acesso em: 23 ago. 2022.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. Escrita de si e texto acadêmico: potência e cuidados no convite ao conhecimento, 2021, **IX Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica** – CIPA – Universidade de Brasília. Brasília, 2021.

DERDYK, Edith. A narrativa nos livros de artista: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro. In: **PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 164 - 173, mai. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15439>. Acesso em: 30 mar. 2019.

DERDYK, Edith. O espaço da criação e a criação do espaço. **Revista Emília**, setembro 2021. Disponível em: <https://emilia.org.br/o-espaco-da-criacao-e-a-criacao-do-espaco/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

FELTRE, Camila, ROGERIO, Cristiane. Livros, infâncias e materialidades: uma reflexão sobre mediação de leitura. **Revista Manuscrita**, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.fflch.usp.br/manuscrita/article/view/3215/2708>. Acesso em: 31 mar. 2020.

FELTRE, Camila; ROGERIO, Cristiane. Quem, o quê, onde, como, quando e por quê? Reflexões sobre memórias de leitura no percurso do formador. **Anais do V Congresso Internacional de Literatura infantil e juvenil do CELLIJ**, Presidente Prudente, 2020. Disponível em: <http://plataformapesquisas.acasatombada.com.br/omeka/items/show/1723>. Acesso em: 23 ago. 2022.

FELTRE, Camila. Materialidade do livro como convite à criação. **Revista InterFACES**, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/37521>. Acesso em: 23 ago. 2022.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31, Número 1, Janeiro/Abril 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2021.

HOLM, Anna Marie. A energia criativa natural. Tradução Olivia Mendonça da Motta Vieira. In: **Pro-Posições**. Campinas, SP: UNICAMP, Faculdade de Educação v. 15, n. 1 (jan./abr. 2004), p. 83.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**. Rio Grande do Sul: 29, 27-43, jan./jun. 2004.

LIA, Camila S.; FELTRE, Camila.; QUILICI, Patrícia M. Como trazer para a escrita os processos criativos da pesquisa?. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 6, n. 2, 2020. DOI: 10.5965/24471267622020131. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/18325>. Acesso em: 26 set. 2022.

MACHADO, Leila Domingues. O desafio ético da escrita. *Psicologia & Sociedade*. **Porto Alegre**: vol. 16, n. 1, p. 146-150. Abr. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822004000100012>. Acesso em: 20. jul. 2019.

NASCIMENTO, Joana. Pedra-papel-água, os livros de artista como lugares de encontro. **JORNAL: If its walks like a duck and it talks like a duck ist's a duck**, Caldas da Rainha, Portugal, Edição 1, p. 3-7, 2021. Disponível em <https://www.msdm.org.uk/wp-content/uploads/2022/02/jornal-1-its-a-duck.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

PLAZA, JULIO. Arte e interatividade: autor-obra-recepção. In: **ARS (São Paulo)**, São Paulo, v. 1, n. 2, dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-53202003000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 nov. 2022.

QUILICI, Patricia Marchesoni. Processos de Criação, Cognição e Arte/Educação. **Rebento**, São Paulo, n. 11, p. 385-406, dezembro 2019.

ROIPHE, Alberto. Livros infantis sobre os bairros do Rio de Janeiro: Quando o aluno de pedagogia se torna o autor. **Revista Práticas de Linguagem**, Juiz de Jora. v. 2, n. 1, p. 68-78, jan./ jun. 2012. Disponível em: <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2012/10/68-78-Livros-Infantis-sobre-os-bairros-do-Rio-de-Janeiro.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

Sites

COLEÇÃO LIVRO DE ARTISTA. Vera Barcelos. Disponível em: <https://colecaolivrodeartista.wordpress.com/2009/10/22/vera-chaves-barcellos/>. Acesso em: 17 out. 2022.

CARGO COLLECTIVE. Bárbara Ruas. Disponível em: <https://cargocollective.com/barbararuas/livro-de-artista>. Acesso em: 7 abr. 2021.

CATUNDA, LEDA. **De onde vêm as ideias**. Site da artista, 2017. Disponível em: http://www.ledacatunda.com.br/portu/depo2a.asp?flg_Lingua=1&cod_Depoiamento=47. Acesso em: 23 ago. 2022.

ENTRE. In: **DICIO**, Dicionário Online de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/entre/>. Acesso em: 24 mar. 2022.

RASGAR. In: **Dicionário Michaelis**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/rasgar>. Acesso em: 11 ago. 2022.

Uma masterclass com Cica Fittipaldi. **Blog da Letrinhas**. Abr. 2018.

Disponível em:

<https://www.blogdaletrinhas.com.br/conteudos/visualizar/Uma-masterclass-com-Cica-Fittipaldi>. Acesso em: 23 ago. 2022.

VERSAR. *In*: **Dicionário Michaelis**. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/versar/>. Acesso em: 11 ago. 2022.

Documentários

COM A PALAVRA, ARNALDO ANTUNES. Marcelo Machado, Giovanna Amano. São Paulo: Fabio Dellore, 2018. Doc. Netflix.

IMPRESSÃO MINHA. Daniel Salaroli, Gabriela Leite, João Rabello. São Paulo: Peripécia Filmes, 2018. Doc.

ANEXOS

Anexo 1: Pessoas que me fazem companhia na pesquisa

Autoras das cartas que estão no decorrer do texto

Amma. Mariamma Fonseca, nasceu em Eunápolis (BA) e mora em Belo Horizonte (MG). É formada em jornalismo e artes visuais e especialista na pós-graduação “O livro para a infância”, d’A Casa Tombada. Idealizou o site Lady’s Comics (2010), sobre mulheres e quadrinhos, e desde 2009 coordena uma gibiteca em sua cidade natal. É ganhadora do prêmio Jabuti 2021 na categoria Juvenil com o livro *Amigas que se encontraram na história* (Editora Seguinte) em parceria com Angélica Kalil, com quem também realizou a história em quadrinhos *Bertha Lutz e a carta da ONU* (Editora Veneta). Ainda em 2022 recebeu o selo FNLIJ de altamente recomendável com o livro ilustrado *Será?* (Editora Milcaramiolas) e foi curadora do Festival Internacional de Quadrinhos de Belo Horizonte (FIQ). É mãe da Iara e atualmente atua como ilustradora freelancer.

Ana Carvalho, 41 anos, portuguesa, mãe, esposa, educadora de infância, bibliotecária e especialista na pós-graduação “O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação”, d’A Casa Tombada.

Ananda Luz, pedagoga, doutoranda em Difusão do Conhecimento (DMMDC/PPGDC), na qual pesquisa infância. Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER-UFSB). Coordena a especialização “O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação” n’A Casa Tombada. Tem atuação profissional na Educação Básica como docente, coordenadora e formadora de professores. Em todas as áreas de atuação vem desenvolvendo pesquisas e práticas que promovem o debate sobre infância, educação antirracista e literatura infantil negra e que tematize a história e cultura africana e afro-brasileira.

Andreia Quaresma, coordenadora de um Centro de educação infantil (CEI) na cidade de São Paulo, espaço em que atua há 10 anos. Professora desde 2012 e como agente transformadora se prepara todos os dias para aprender sempre, tanto com os professores que acompanho como com as crianças, futuro da nação.

Carolina Cadavid, leitora, livreira, viajante, nasceu em São Paulo e atualmente mora em Girona. Idealizadora do Canto da Sabiá, um clube de leitura infantil em português para famílias brasileiras e multiculturais que vivem na Europa.

Carol Fernandes, nasceu em 1987 em Belo Horizonte (MG), cidade onde mora e trabalha como autora e ilustradora de livros ilustrados para crianças de todas as idades. Conheceu a literatura infantil durante sua graduação em Pedagogia, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e descobriu seus próprios textos e imagens. Cria utilizando técnicas em aquarela, acrílica, guache, colagem e digital. Escreveu e ilustrou os livros *Coração do mar* (2019, Crivo Editorial), o fanzine *Mulheres que guardo em mim* (publicação independente) e o livro ilustrado *Se eu fosse uma CASA* (2020, Tuya Edições), financiado coletivamente e reconhecido com o Sele Seleção Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio 2021. Além dos trabalhos autorais, também ilustra em parceria com outros autores(as) e editoras.

Claudia Malaco é artista-educadora bacharel pela ECA-USP, cenógrafa e aderecista pelo Espaço Cenográfico de J.C. Serroni e cursou a pós-graduação “O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação”, d’A Casa Tombada. É interessada pelo objeto livro como um espaço íntimo e simbólico de criação e conexão com o outro.

Cristiana Gomes, formada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da USP. Trabalha na área de Educação Infantil há 30 anos e, desde 2005, como professora no Colégio Santa Cruz, em São Paulo. É especialista na pós-graduação “O livro para a infância” d’A Casa Tombada e pesquisa os livros ilustrados no contexto contemporâneo. Em 2017, publicou *O silêncio de Alice*, pela Editora Autêntica e, em 2020, *O pai da mamãe*, em parceria com Odilon Moraes, pela Editora Caixote, ambos voltados para o público infantil.

Fernanda Ozilak é ilustradora e designer formada em Design pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e especialista na pós-graduação “O livro para a infância” d’A Casa Tombada. Desde a faculdade, se interessa pelo objeto livro e suas possibilidades. Oferece oficinas para crianças, famílias e adultos interessados no universo do livro ilustrado e sua materialidade.

Gabriela Esteves Ribeiro é ilustradora e designer formada pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e especialista pela pós-graduação “O livro para a infância”, n’A Casa Tombada. Trabalhou como designer gráfica no SESC Itaquera de 2015 a 2019. Seu trabalho como ilustradora explora, entre outras coisas, elementos construtivos e narrativos no livro-objeto.

Isabela Miranda é educadora, especialista em Educação Infantil pela PUC-Rio e em Educação Psicomotora pelo Colégio Pedro II. A paixão pelos livros a levou a cursar a pós-graduação “O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação”, pela A Casa Tombada.

Jaqueline Renata Ortiz, nascida em Piracicaba, fez de São Paulo seu lar. Graduada em Administração pela USP com pós em “O livro para a infância”, pela A Casa Tombada. Eterna estudante, aprendiz das poesias das vidas, apaixonada pelas miudezas, na busca da leveza e delicadeza nas relações atentas.

Laizane Santos de Oliveira, de São Paulo, cursou magistério no antigo CEFAM, e Pedagogia, se tornando professora. No caminho, encontrou A Casa Tombada e se formou especialista nas pós-graduações: “A vez e a voz das crianças”, “O livro para a infância” e “Coordenação pedagógica”, sendo a última em parceria com a Casa Diálogos. É integrante do Coletivo A vez e a voz das crianças; pesquisadora das crianças e infâncias.

Lígia Maria Marques Silva, pós-graduada em “O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação”, pela A Casa Tombada, é formada em jornalismo pela Fundação Cásper Líbero. Há doze anos, atua como editora de livros, com foco especial em educação e didáticos. Atualmente, também se aventura a criar os próprios textos.

Nathalia Freire, 26 anos, pedagoga em formação pelo IFSP Jacareí. Defensora de uma educação crítica e emancipadora para toda e qualquer pessoa. Na luta por vida digna e justa, indo contra as formas de opressão, preconceito e discriminação por meio do ensino. Apreciadora da infância e educação integral.

Tatiana Barreto, bacharel em Fotografia pelo Centro Universitário SENAC e fotografa eventos e famílias há 18 anos. Tem pós-graduação em Docência no Ensino Superior e em Literatura para a Infância e é professora de fotografia desde 2008. É bordadeira, colagista, escritora e mãe de dois.

Vilma Ribeiro, 54 anos, mora em São Paulo. Paulista de nascimento e alagoana de coração. É pedagoga, psicóloga clínica, especialista em Literatura para a Infância e escritora, atua como pesquisadora no grupo de Filosofia e Espiritualidade em Saúde da

UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo). *Nós quatro eu e ela nós sem ela* (2019) é seu primeiro livro de contos e memórias. *O dia em que não morri* é seu romance de estreia.

Anexo 2: Cartas para serem lidas com tempo

Carta de Aurélio de Macedo, estudante da Turma VII da pós-graduação “O livro para a infância”. Cabreúva (SP), 2021.
Leitura gravada em outubro de 2022.
<https://youtu.be/M6HMsolcgo4>



Carta de Isabelle Benard, estudante da Turma IV da pós-graduação “O livro para a infância”. São Paulo, 2019.
Leitura gravada em setembro de 2022.
<https://youtu.be/4dmVGspYP1A>



Carta de Lícia Breim, estudante da Turma II da pós-graduação “O livro para a infância”. São Paulo, 2019.
Leitura gravada em agosto de 2022.
<https://youtu.be/Ppf1au2x4U4>



Carta de Liliana Pardini, estudante da Turma II da pós-graduação “O livro para a infância”. Embu das Artes (SP), 2019.
Leitura gravada em outubro de 2022.
<https://youtu.be/ew4JxbGkUxY>



Carta de Maira Chiodi, estudante da Turma VIII da pós-graduação “O livro para a infância”. Belo Horizonte, 2022.
Leitura gravada em setembro de 2022
<https://youtu.be/tbLmb42exSo>



Carta de Tatiana Yukie, estudante da Turma V da pós-graduação “O livro para a infância”. São Paulo, 2019.
Leitura gravada em agosto de 2022.
<https://youtu.be/lqKRAfPCdYQ>



Relato de Thelma Lobel, participante da oficina “Diálogos com Bruno Munari: ateliê de criação de livros”, em janeiro de 2020, n’A Casa Tombada, São Paulo.
Leitura gravada em setembro de 2022.
<https://youtu.be/PPC3RZIWUEs>



Anexo 3: Índice de imagens

Fotografias a partir de composições, sobreposições e investigações sobre o rasgo



1. Palavras-nuvens escritas em papel-vegetal sobrepostas em papel dobradura azul. Escritas com carvão para desenho. Fotografia. 2021. Acervo Pessoal. N.p



10. Rasgo em papel dobradura azul – avesso. Escrita com carvão para desenho. Fotografia. 2021. Acervo pessoal. Pág. 36



12. Caracol Espiral. Exercício feito durante disciplina “Arte da palavra e aprendizagem artística”, com a professora Regina Machado, na ECA-USP, 2019. Cartolina branca pintada com guache em tons de azul. Escrita em caneta preta. 2019. Acervo pessoal. Pág. 44



14. O que encontrei no caminho. Rasgo em papel dobradura azul. Fotografia. 2021. Acervo pessoal. Pág. 56



57. As linhas das mãos e os caminhos que se encontram. Experimento com pastel seco sobre a mão. Fotografia. 2022. Acervo pessoal. Pág. 118



79. Palavras-encontros. Palavras escritas em papel-vegetal. Fotografia. 2021. Acervo pessoal. Pág. 165



97. Palavra escrita em papel-dobradura comondo com papel-vegetal rasgado. Fotografia. 2021. Acervo pessoal. Pág. 198



102. Palavra escrita em papel-dobradura com sobreposição de papel-vegetal rasgado. Fotografia. 2021. Acervo pessoal. Pág. 212

Anexo 4: Termos de consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, portador(a) de cédula de identidade nº _____, CPF nº _____ autorizo a utilização do material: imagem da carta produzida durante o curso/oficina _____ na/ no _____ e voz (áudio gravado que constitui leitura da carta) para a pesquisa de doutorado realizada pela pesquisadora Camila Feltre. Ambos ficarão disponíveis em formato aberto e público na tese - que será anexada no repositório da UNESP - e em formato online (em construção) que visa facilitar a circulação e armazenamento do material.

Autorizo também outras produções artísticas que porventura surgirem a partir desses materiais (imagem da carta e áudio), como vídeos, criações de imagens, etc, e que poderão também ficar disponíveis em formato aberto e público.

Este material irá contribuir para a pesquisa de doutorado da pesquisadora Camila Feltre intitulada “Processo de criação de livros como espaço de formação” (título provisório), realizada na área de Arte Educação, linha de pesquisa *Processos Artísticos, Experiências Educacionais e Mediação Cultural* no Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP/São Paulo sob orientação da Prof^ª Dr^ª Rejane Galvão Coutinho.

O projeto de pesquisa busca investigar os processos de criação de livros das e dos estudantes e participantes de cursos e oficinas em que a pesquisadora atua como educadora, trazendo reflexões nos campos da Arte e da Educação. Este projeto tem a intenção de contribuir para a prática de professores, educadores, formadores, artistas e aqueles que estão envolvidos com o livro, literatura, artes em geral e educação, pois busca compreender como podem acontecer os processos formativos a partir de experiências de criação e escrita sobre o fazer artístico.

O uso dos materiais tem unicamente viés acadêmico e contribuirá para as análises e reflexões da pesquisa. Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração.

_____, _____ de _____ de 2022

Local e data

Assinatura

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: PROCESSO DE CRIAÇÃO DE LIVROS COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO

Pesquisadora Responsável: Camila Feltre, doutoranda em Artes Educação no Instituto de Artes da UNESP/São Paulo sob orientação da Prof^a Rejane Galvão Coutinho.

Documentos de identificação da pesquisadora: ----

Contatos: ----

O(a) Sr.(^a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima intitulado, de responsabilidade da pesquisadora Camila Feltre, orientanda da Prof^a Dr^a Rejane Galvão Coutinho na área de Artes e Educação, linha de pesquisa *Processos Artísticos, Experiências Educacionais e Mediação Cultural* no Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP/São Paulo.

O projeto de pesquisa busca investigar processos de criação de livros desenvolvidos durante encontros de formação e cursos em que atuo como educadora. O livro será abordado pelo viés artístico como espaço de experimentação e que contém materialidade específica ao ato da criação, considerando suas características que são próprias como: imagem, palavra, diagramação, dobras, formatos, ritmos, encadernação e acabamento gráfico. Esta pesquisa tem como público professores, educadores, mediadores, pesquisadores, ilustradores, bibliotecários e interessados no livro em geral e será realizada em parceria com espaços de educação formal e não-formal.

O processo de criação será investigado por meio de observações, anotações em diário de campo, registros fotográficos e em audiovisual, além de cartas escritas pelos participantes sobre o processo de criação do livro como metodologia de pesquisa, avaliação e registro.

O uso da imagem, do som da voz, dos registros produzidos, das cartas e das criações dos participantes tem unicamente viés acadêmico e contribuirão para as análises e reflexões da pesquisa.

Com o intuito de proteger os entrevistados de todo e qualquer risco ou danos à dimensão psíquica, moral e intelectual a partir de sua participação, serão tomados os devidos cuidados: 1. Esclarecendo aos participantes sobre o viés educativo da pesquisa, 2. Esclarecendo toda e qualquer dúvida dos participantes, em qualquer momento da pesquisa; 3. Garantindo que a qualquer momento, o(a) participante (a) pode desistir de participar da pesquisa, sem nada a perder; 4. Entregando ao entrevistado, uma cópia desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido caso solicitado; 5. Tomando outras medidas eventualmente necessárias.

Este projeto tem a intenção de contribuir para as práticas de professores, educadores, formadores e aqueles que estão envolvidos com ensino e aprendizagem em arte, processos de criação e espaços de formação em torno do livro, da leitura e sua materialidade.

Nome do(a) colaborador(a): _____

Email: _____

Cidade: _____ Profissão: _____

Idade _____ Documento de identificação: _____

Eu, declaro ter sido informado(a) e concordo em participar em participar como voluntário(a) do projeto de pesquisa acima descrito. Autorizo também o uso da imagem e som de voz devidamente obtidos durante a oficina ou curso e os registros obtidos como anotações, cartas, fotos de produções dos livros ou qualquer produção que envolva o trabalho para fins acadêmicos, de forma voluntária.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do colaborador(a) e data

cartas - lendas

Cartas

medeiras de livros

pagos a mo

Cartas escritas de si

Formação

professora artista pesquisadora

travessia / formações

Política

encontros

exita - experiência

comunidade

9 maio

LIVRO - CHSA

Matrizes e Materialidades

le dações de si

pesquisa - história

travessia

gesta / gestar